

**A Circulação de Idéias Urbanísticas
no Meio Profissional e Acadêmico
e sua Influência nas Obras de
Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima**

Marcos Zanetti London

**Orientador:
Vera Regina Tângari**

**Dissertação de Mestrado
UFRJ
FAU/ProArq**

2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
MESTRADO NA ÁREA DE TEORIA E PROJETO
LINHA DE PESQUISA: DESENHO DA PAISAGEM E DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

A CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS URBANÍSTICAS NO MEIO
PROFISSIONAL E ACADÊMICO E SUA INFLUÊNCIA NAS OBRAS
DE DONAT ALFRED AGACHE E ATTÍLIO CORRÊA LIMA

Autor:

Marcos Zanetti London

Orientador:

Vera Regina Tângari

Professor Doutor

Professor Adjunto – FAU/UFRJ

Dissertação apresentada como requisito prévio para a obtenção do grau de Mestre

Rio de Janeiro
2002

**A CIRCULAÇÃO DE IDÉIAS URBANÍSTICAS NO MEIO
PROFISSIONAL E ACADÊMICO E SUA INFLUÊNCIA NAS OBRAS
DE DONAT ALFRED AGACHE E ATTÍLIO CORRÊA LIMA**

MARCOS ZANETTI LONDON

Dissertação submetida ao corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Professor Doutor Vera Regina Tângari – orientador – FAU/UFRJ

Professor Doutor Marlice Nazareth Soares de Azevedo – EAU/UFF

Professor Doutor Sílvio Soares Macedo – FAU/USP

LONDON, Marcos Zanetti.

A Circulação de Idéias Urbanísticas no Meio Profissional e Acadêmico e sua Influência nas Obras de Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima / Marcos Zanetti London. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2002.

Bibliografia

x, 194p. il.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAU.

1. Urbanismo 2. Circulação de idéias 3. Comparação – Agache / Atílio 4. Dissertação de Mestrado – UFRJ/FAU. I. Título

AGRADECIMENTOS

Elaborar uma dissertação como esta exige muita pesquisa e bastante reflexão individual. Concretizá-la, no entanto, não seria possível sem a colaboração de todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para sua realização. A estas pessoas gostaria de agradecer sua ajuda.

À Professora Vera Tângari, orientadora completa, colega competente e grande amiga.

Ao Professor Vicente Del Rio, que, mesmo distante, continuou a ajudar.

Ao Professor Paulo Afonso Rheinganz, pelo apoio.

À Professora Margareth da Silva Pereira, por sua disponibilidade e pelo acesso a material bibliográfico essencial para o trabalho.

Aos professores Sílvio Macedo e Cristiane Duarte, pelas sugestões e críticas acerca de meu Memorial de Qualificação.

A Sônia Mattos, por compartilhar toda sua experiência profissional no trato da cidade.

A Luiz Valverde, por transmitir, com boa vontade, seus conhecimentos sobre Niterói.

A todos os professores e amigos que emprestaram livros, revistas, artigos e plantas para que eu pudesse escaneá-los em casa, por vezes tendo que controlar o ciúme por se tratar de material raro.

Aos colegas, equipe docente e funcionários do PROARQ, em especial a Maria da Guia e Dionísio, que estiveram presentes nesses dois anos de trabalho.

A Adriana Caúla, amiga de todas as horas, por todas as dicas.

A Renata Galleazzo e Mário Magalhães, amigos que não se cansavam em responder minhas dúvidas e consultas sobre a edição de imagens e a qualidade gráfica do trabalho.

A Edney Dalforne por tantas fotografias.

A João Teixeira de Mello e Rachele Pirrone, pela revisão das traduções para o Francês e o Italiano.

Ao apoio de minha família, sempre.

Este trabalho contou com o auxílio da CAPES, através da concessão de bolsa de mestrado.

RESUMO

LONDON, Marcos Zanetti. **A Circulação de Idéias Urbanísticas no Meio Profissional e Acadêmico e sua Influência nas Obras de Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima.**

Orientador: Vera Regina Tângari. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2002. Diss.

Este trabalho discute a circulação sistemática de influências culturais no tocante ao desenvolvimento de idéias urbanísticas, no ocidente, desde meados do séc. XIX ao início do séc. XX. A pesquisa iniciou-se por embasar o conceito e o processo de circulação e transferências culturais, enfocando o tema do urbanismo como disciplina acadêmica e prática profissional. A partir do estudo dos principais urbanistas e pensadores que se destacaram como formuladores de idéias e executores de planos e projetos, foram focadas as trajetórias de Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima. Essa escolha deteve-se no desdobramento dos planos elaborados respectivamente para o Rio de Janeiro e Niterói. Como resultado, obteve-se um estudo comparativo dessas duas obras, ilustrando as influências observadas, o rebatimento das idéias – concretizadas nos planos – e o legado urbanístico deixado como herança e patrimônio cultural brasileiro.

ABSTRACT

LONDON, Marcos Zanetti. **The Circulation of Urban Thoughts in the Academic and Professional Milieu and its Influence on the Works of Donat Alfred Agache and Atílio Corrêa Lima.**

Tutor: Vera Regina Tângari. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2002. Diss.

This dissertation discusses the systematic circulation of cultural influences concerning the development of urban thoughts, from the middle of the nineteenth century to the beginning of the twentieth century in Western World. The research began by building the concept and the process of cultural circulation and transferences, focusing on urbanism as an academic discipline and professional practice. Starting from the study of the main urban planners and writers who stood out as founders of ideas and authors of plans and projects, the courses of Donat Alfred Agache and Atílio Corrêa Lima have been highlighted. This choice lingered itself on the development of the plans made to Rio de Janeiro and Niterói. As the result, a comparative analysis of both projects has been held, enlightening the influences observed, the reflection of the ideas – made real in the plans – and the urban legacy left as inheritance and Brazilian cultural patrimony.

RÉSUMÉ

LONDON, Marcos Zanetti. **La Circulation d'Idées Urbanistiques dans le Milieu Professionnel et Académique et son Influence dans les Ouvrages de Donat Alfred Agache et Atílio Corrêa Lima.**

Directrice de thèse: Vera Regina Tângari. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2002. Diss.

Ce mémoire traite de la circulation systématique d'influences culturelles, plus particulièrement du développement de la pensée urbanistique dans le monde occidental du milieu du dix-neuvième siècle au début du vingtième siècle. Ayant commencé par l'élaboration du concept et du processus de circulation et de transmissions culturelles, la recherche s'est axée sur l'urbanisme comme discipline académique et pratique professionnelle. L'étude des principaux urbanistes et penseurs, reconnus par leur conception d'idées et exécution de plans et projets, nous a amené à mettre en évidence le parcours de Donat Alfred Agache et d'Atílio Corrêa Lima. Ceux-ci ont développé respectivement des plans faits pour Rio de Janeiro et Niterói. Ainsi, une analyse comparative des deux projets a été établie, exposant les influences observées, la réflexion des idées – matérialisées dans les plans – et l'héritage urbanistique laissé comme legs et patrimoine culturel brésilien.

RIASSUNTO

LONDON, Marcos Zanetti. **La Circolazione di Idee Urbanistiche nell'Ambiente Professionale e Accademico e la sua Influenza sui Lavori di Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima.**

Orientatrice: Vera Regina Tângari. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2002. Diss.

Questo lavoro discute la circolazione sistematica di influenze culturali riferenti allo sviluppo di idee urbanistiche nell'occidente, dalla metà del secolo XIX all'inizio del secolo XX. La ricerca si è iniziata per imbastire il concetto e il processo di circolazione e trasferenze culturali, focalizzando il tema dell'urbanismo come disciplina accademica e pratica professionale. A partire dallo studio dei principali urbanisti e pensatori che si sono distaccati come formatori di idee e esecutori di piani e progetti, sono stati focalizzati le traiettorie di Donat Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima. Questa scelta si è soffermata nello sdoppiamento dei piani elaborati rispettivamente per Rio de Janeiro e Niterói. Per risultato si è ottenuto uno studio comparativo di questi due valori illustrando le influenze osservate, il ribattimento delle idee – concretizzate nei piani – e il legato urbanistico lasciato come eredità e patrimonio culturale brasiliano.

SIGLAS

AGCRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

BTHVP – Bibliothèque des Travaux Historiques de la Ville de Paris

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

CIDE – Centro de Informações e Dados Estatísticos

CLSS – Collège Libre des Sciences Sociales

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

EBA – École des Beaux-Arts

ENBA – Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

ETUB – Escritório Técnico da Universidade do Brasil

EHEU – École des Hautes Études Urbaines

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

FNM – Fábrica Nacional de Motores

GPR – Grand Prix de Rome

IAPI – Instituto de Aposentadorias dos Industriários

IBA – Instituto Brasileiro de Arquitetos

IPP – Instituto Pereira Passos

IUUP – Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris

PDF – Prefeitura do Distrito Federal

ProArq – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (FAU/UFRJ)

SCA – Sociedade Central de Arquitetos

SHUR – Section d'Hygiène Urbaine et Rural

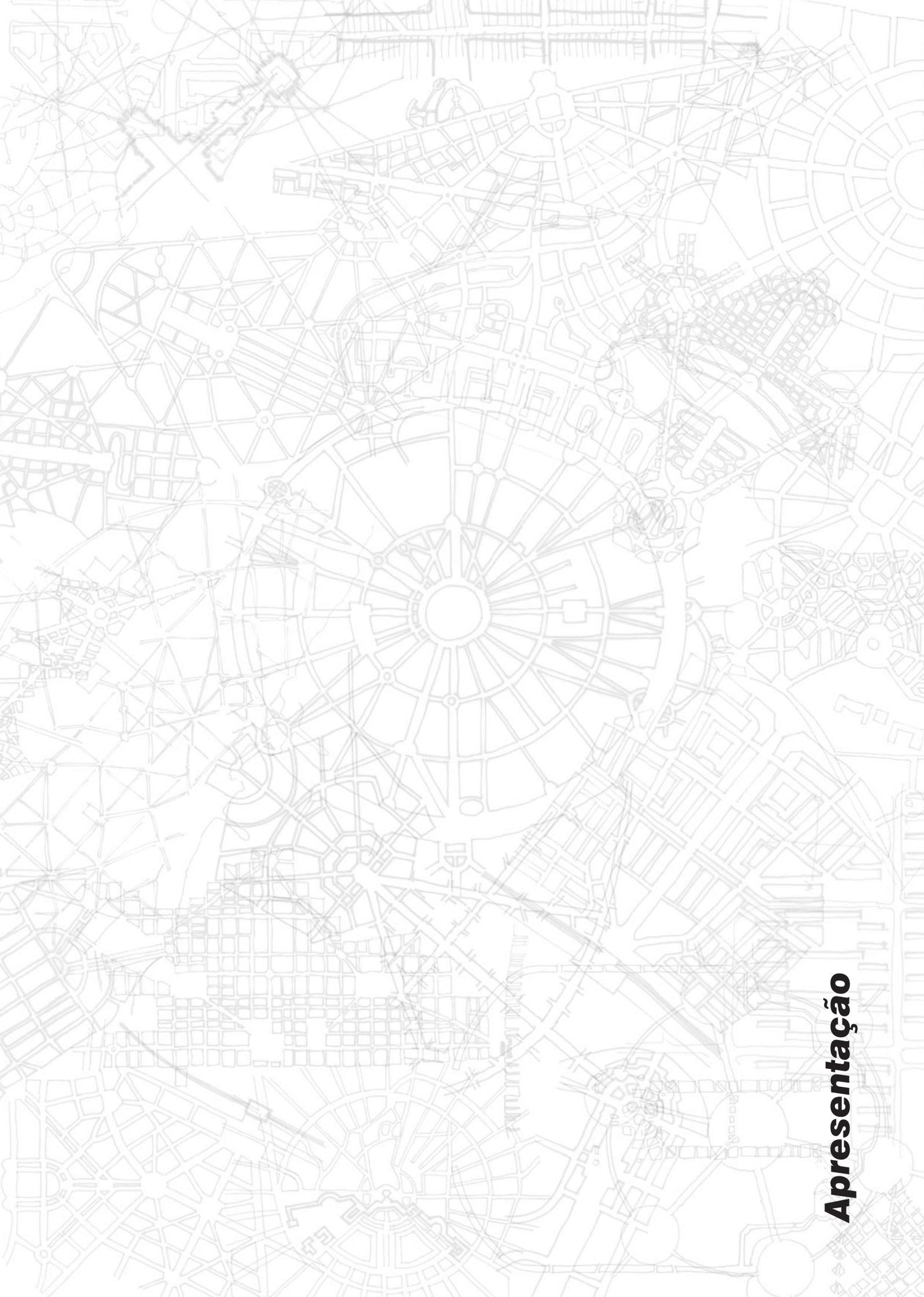
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Capítulo	página
<i>Frontispício</i>	i
<i>Folha de aprovação</i>	ii
<i>Ficha catalográfica</i>	iii
<i>Agradecimentos</i>	iv
<i>Resumo</i>	v
<i>Siglas</i>	vii
<i>Sumário</i>	viii
APRESENTAÇÃO	01
1. BASE CONCEITUAL E METODOLÓGICA	10
1.1. Introduzindo questões	11
1.2. Transferências culturais e modelos urbanísticos	13
1.3. O método utilizado	15
1.4. Os estudos de caso	17
1.4.1. O Plano Agache para o Rio de Janeiro	17
1.4.2. A Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima para Niterói	18
2. OS PRINCIPAIS PENSADORES DO URBANISMO OCIDENTAL	
1850-1930	20
2.1. A importância do <i>Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris</i>	21
2.1.1. Origens do instituto	21
2.1.2. As disciplinas e seus professores	23
2.1.3. Os alunos e sua formação	26
2.1.4. As teses do <i>IUUP</i>	27
2.1.5. A biblioteca do <i>IUUP</i>	28
2.2. Os principais pensadores do urbanismo ocidental (1850-1930) e suas idéias	30
2.3. Esquemas conceituais	37
2.3.1. Zonas funcionais e sub-centros	37
2.3.2. Crescimento em estrela e eixos visuais	38
2.3.3. Sistema de circulação e traçado viário	39
2.3.4. Portal da cidade	40
2.3.5. Sistemas de áreas livres	41
2.3.6. Visão pluridisciplinar	42

Capítulo	página
3. AS TRAJETÓRIAS DE ALFRED AGACHE E ATTÍLIO CORRÊA LIMA	43
3.1. Cronologia	44
3.1.1. Considerações acerca da circulação de idéias	54
3.2. Principais trabalhos realizados	60
3.2.1. Donat Alfred Agache	61
3.2.2. Attílio Corrêa Lima	62
3.3. Transferências culturais observadas nas obras de Donat Alfred Agache e Attílio Corrêa Lima	63
 4. ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PLANO AGACHE PARA O RIO DE JANEIRO E A TESE-PROJETO DE ATTÍLIO CORRÊA LIMA PARA NITERÓI	86
4.1. Análise conceitual e metodológica	87
4.1.1. Arquitetura e ciência social na visão de Alfred Agache	87
4.1.2. Da classificação de cidades à monografia urbana	89
4.1.3. O urbanismo como sociologia aplicada	92
4.1.4. A verificação do método nos estudos de caso analisados	93
4.2. Análise formal e funcional	100
4.2.1. Zoneamento	100
a. Bairros comerciais	103
b. Bairro industrial	106
c. Bairros residenciais	107
d. Bairros suburbanos	113
e. Espaços livres	113
f. Cidades-satélite	116
4.2.2. Os sub-centros	118
a. Centro cívico	118
b. Centro comercial	122
c. Centro universitário	124
4.2.3. Circulação e traçado viário	125
4.2.4. Patrimônio arquitetônico	132
4.2.5. Saneamento	141

Capítulo	página
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
5.1. Agache x Attílio	145
5.2. Formação acadêmica x Prática profissional	146
5.3. Projeto x Realidade	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS	170
ANEXO	



Apresentação

APRESENTAÇÃO

A realização deste trabalho é resultado de uma antiga curiosidade que me intrigava desde os tempos do curso de graduação. À época, chamava-me a atenção o fato das cidades do Rio de Janeiro e Niterói terem uma série de características semelhantes no tocante à maneira pela qual se estruturavam suas malhas urbanas, semelhanças perceptíveis mesmo a olhos desavisados.

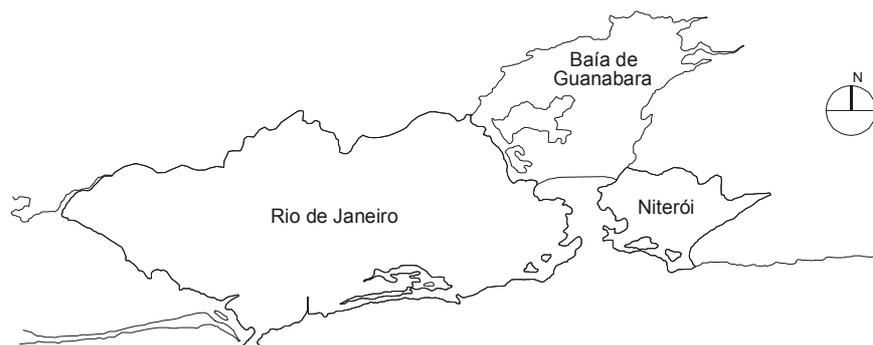


Fig. 1: Mapa dos municípios do Rio de Janeiro e Niterói

Após minha formatura comecei a atuar no mercado de trabalho com projetos de desenho urbano no Rio de Janeiro e Niterói, e quando ingressei no curso de Mestrado apresentei um plano de pesquisa que abordava o tema da apropriação física do terreno nas duas cidades, traçando um paralelo entre ambas. Estava implícita a idéia de que o Rio funcionava como modelo a ser seguido por diversas cidades brasileiras, e Niterói – dada a proximidade geográfica, semelhança de topografia, simultaneidade no desenvolvimento (embora Niterói tenha tido uma evolução mais lenta) –, seria, talvez, a cidade que mais se imbuíu de tais influências, como por exemplo,

a. nos planos e traçados urbanísticos



Fig. 2: Planta do bairro de Icaraí, Niterói

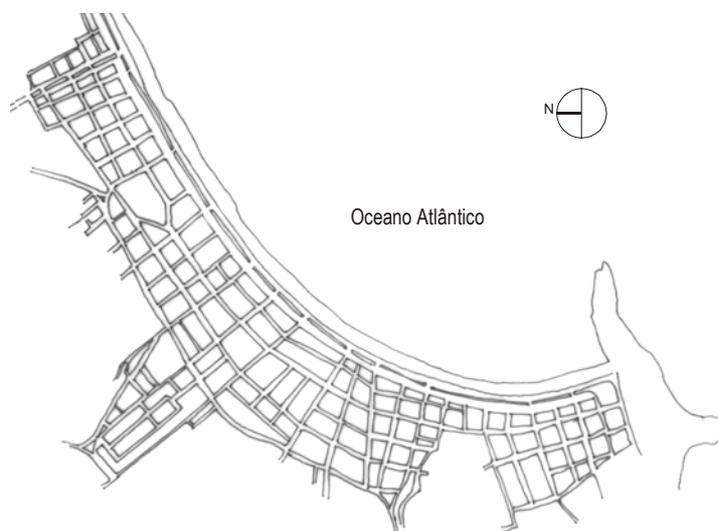


Fig. 3: Planta do bairro de Copacabana, RJ



Fig. 4: Santa Teresa, Niterói



traçado



Fig. 5: Santa Teresa, RJ

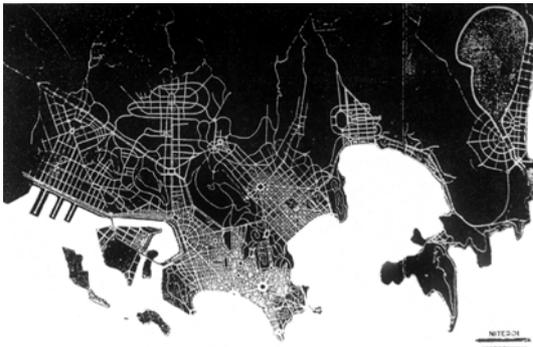


Fig. 6: Tese-Projeto de Atílio C. Lima, Niterói, 1930



projetos



Fig. 7: Plano Agache, RJ, 1930

b. nos assentamentos residenciais



Fig. 8: Ocupação de encostas, S Francisco, Niterói



classe alta

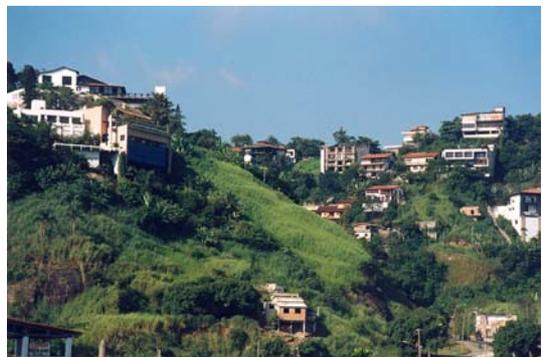


Fig. 9: Ocupação de encostas, Barra da Tijuca, RJ



Fig. 10: Favela do Cavalão, Icaraí, Niterói



classe baixa



Fig. 11: Favela da Rocinha, São Conrado, RJ



Fig. 12: Condomínio residencial, Pendotiba, Niterói

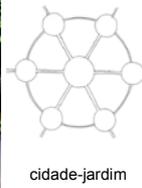


Fig. 13: Condomínio residencial, S Conrado, RJ

c. no desenho de espaços livres



Fig. 14: Campo de São Bento, Icaraí, Niterói



Fig. 15: Campo de Santana, Centro, RJ

d. nas volumetrias edificadas



Fig. 16: Praia de Icaraí, Niterói

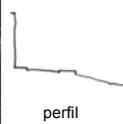


Fig. 17: Praia de Copacabana, RJ



Fig. 18: Ciclovia de Icaraí, Niterói



Fig. 19: Ciclovia de Copacabana, RJ



Fig. 20: R. Cel. Moreira César, Icaraí, Niterói



Fig. 21: Av. N. Sra. de Copacabana, RJ



Fig. 22: Niterói Shopping Centre, Centro, Niterói

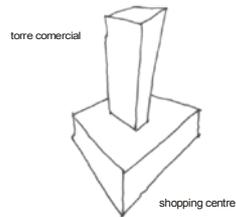


Fig. 23: Rio Sul Shopping Centre, Botafogo, RJ



Fig. 24: R. Joaquim Távora, Icaraí, Niterói

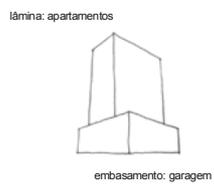


Fig. 25: R. S Clemente, Botafogo, RJ



Fig. 26: Av. Amaral Peixoto, Centro, Niterói

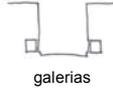


Fig. 27: Av. Presidente Vargas, Centro, RJ



Fig. 28: Rodoviária, Centro, Niterói

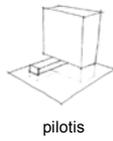


Fig. 29: Palácio Gustavo Capanema, Centro, RJ



Fig. 30: Campus da UFF, Gragoatá, Niterói

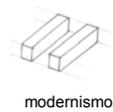


Fig. 31: Campus da UFRJ, Ilha do Fundão, RJ



Fig. 32: Estr. F. da Cruz Nunes, Pendotiba, Niterói

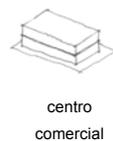


Fig. 33: Av. das Américas, Barra da Tijuca, RJ



Fig. 34: Av. Visc. do Rio Branco, Gragoatá, Niterói

pós-
modernismo



Fig. 35: Av. Presidente Vargas, Centro, RJ



Fig. 36: R. Cel. Gomes Machado, Centro, Niterói

comércio
popular nos
sobrados do
centro antigo
da cidade



Fig. 37: R. Buenos Aires, Centro, RJ

No desenvolvimento da idéia inicial, deparei-me com o primeiro problema: a vastidão do tema. Foram selecionados três estudos de caso dos quinze iniciais. Por último, acabei optando por um par de projetos, um para cada cidade, a fim de poder me aprofundar em seu estudo. Ambos haviam sido feitos no mesmo período, durante os anos de 1927 a 1930. O primeiro, executado por Alfred Agache – arquiteto francês detentor de um sólido arcabouço teórico – para a cidade do Rio de Janeiro; o outro, elaborado por Atílio Corrêa Lima para a cidade vizinha.

A essa altura da pesquisa, já havia percebido que não se tratava de simples influência do Rio para Niterói, e que muitas decisões se davam concomitantemente em ambas as cidades, ou até mesmo anteriormente em Niterói. Comecei, então, a buscar um novo termo para descrever o que de fato ocorria, e surgiu, a princípio, a noção de *circulação de idéias*.

Iniciei o estudo da Tese-Projeto de Atílio para Niterói, e para isso não poderia deixar de pesquisar o *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*, onde Atílio havia elaborado o projeto. Aqui percebi a importância dos pensadores do urbanismo então em voga – Howard, Unwin, Sitte, Stübben, Burnham, Berlage, Griffin, Garnier, entre outros –, que teriam forjado a atuação profissional tanto dos professores do instituto francês como de seus discípulos.

Neste momento se inseriu uma nova abordagem ao tema escolhido, o estudo do papel da formação intelectual e seu rebatimento na atividade projetual, como forma de interferência cultural direta.

Para a consolidação dessa abordagem, finalmente, decidi realizar de modo sistemático a análise comparativa dos planos de Agache para o Rio de Janeiro e de Atílio para Niterói.

Este trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos:

BASE CONCEITUAL E METODOLÓGICA

Neste capítulo está explícito o quadro teórico-conceitual que embasa as discussões apresentadas ao longo da dissertação. São apresentados os conceitos de *transferência cultural* – com a confrontação entre alguns autores, que se utilizaram deste e de outros termos correlatos para descrever processos de apropriação de idéias no campo do urbanismo – e de *modelos*, sendo descrito como modelos urbanísticos exógenos foram aplicados no caso brasileiro.

São também feitas a organização e descrição dos principais métodos utilizados para a elaboração da dissertação, assim como a apresentação dos dois estudos de caso: o Plano Agache para o Rio de Janeiro e a Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima para Niterói.

OS PRINCIPAIS PENSADORES DO URBANISMO OCIDENTAL 1850-1930

Este capítulo aborda o *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*, onde Atílio fez seu curso de Doutorado, desenvolvendo sua Tese-Projeto sobre a cidade de Niterói. O Instituto merece um estudo mais aprofundado para se verificar quais foram os principais pensadores, doutrinas, teorias e práticas que forjaram o Atílio urbanista.

Exponho as origens do instituto e as circunstâncias em que a escola foi criada. São relacionados os conteúdos das disciplinas do curso oferecido pelo instituto e seguido por Atílio nos anos 1927/1930, e enumerados os principais professores.

Descrevo os principais pensadores do urbanismo da segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX e suas principais obras e projetos. Entre eles, Joseph Stübben, Ebenezer Howard,

Daniel Burnham, Walter Griffin, Eugène Hénard e Tony Garnier. No Brasil, principalmente Armando de Godoy, Prestes Maia e Saturnino de Brito.

Assim são destacados os mais importantes ensinamentos que Attílio recebeu e que iriam nortear sua vida profissional futura.

AS TRAJETÓRIAS DE DONAT ALFRED AGACHE E ATTÍLIO CORRÊA LIMA

Neste capítulo é elaborado o estudo da vida e obra dos dois arquitetos autores dos projetos, objetos centrais da dissertação. Inicialmente, é feito um levantamento dos dados biográficos e sua contextualização com o panorama cultural da época; em seguida descrevo a atuação profissional de ambos, com o elenco dos principais trabalhos executados e sua relação com a Tese-Projeto de Attílio e o Plano Agache para o Rio de Janeiro.

Na última parte, faço considerações sobre como seus projetos se inserem no processo de circulação de idéias entre os principais pensadores do urbanismo estudados no capítulo anterior.

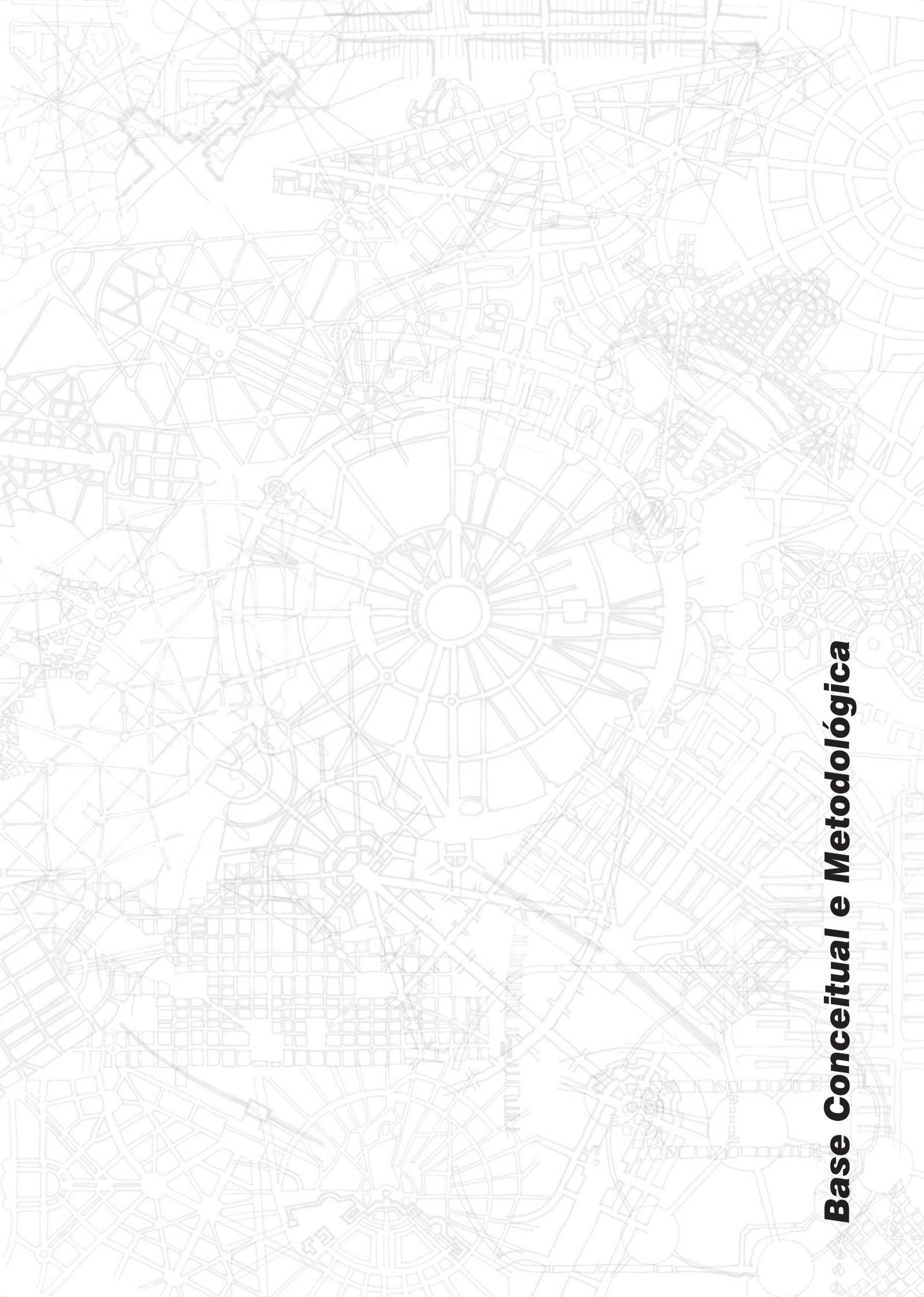
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PLANO AGACHE PARA O RIO DE JANEIRO E A TESE-PROJETO DE ATTÍLIO CORRÊA LIMA PARA NITERÓI

Este é o corpo central da dissertação, onde trato especificamente dos dois projetos escolhidos como estudo de caso. Nele é estabelecida uma série de análises que me permitem esquadrihá-los e determinar paralelos, fortalecendo a idéia de circulação de idéias urbanísticas.

As análises feitas levaram em conta aspectos metodológico-conceituais, funcionais e formais, abordando questões como traçado, quadras, gabarito, espaços livres e vegetação, relação com a topografia local, articulação com a malha existente, sistema de transportes, infraestrutura urbana e hierarquização dos elementos morfológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São expostas as considerações finais acerca da circulação de idéias, a herança dos planos na atualidade e exeqüibilidade e utopia nos projetos urbanos.



Base Conceitual e Metodológica

1. BASE CONCEITUAL E METODOLÓGICA

1.1. INTRODUZINDO QUESTÕES

Este trabalho discute a historicidade das teorias urbanísticas e seu rebatimento sobre o desenho da paisagem urbana. Enfoca a relação existente entre os diversos pensadores da arquitetura e da cidade ocidentais, entre o final do século XIX e início do século XX, demonstrando de que forma o ininterrupto debate e circulação de idéias se desdobrou em transferências e formalização de modelos urbanísticos e arquitetônicos.

A dissertação aborda esse ir e vir do pensamento e prática urbanísticos, tendo como estudo de caso as cidades vizinhas de Niterói e Rio de Janeiro. Diversos autores estudam esta relação, demonstrando como as duas cidades apresentaram formas semelhantes de apropriação de seus territórios.¹

De modo geral, as cidades se desenvolvem no tempo e no espaço, constituindo seu tecido urbano em acordo com condicionantes topográficos peculiares e ideários físico-espaciais característicos de cada época. Esse processo traz como resultado a produção de cidades compostas por diversos padrões de assentamento físico-espaciais, mais ou menos integrados numa única estrutura. Em minha dissertação, optei por estudar o todo através de suas partes, objetivando a definição e a comparação dos padrões mais comuns encontrados nas duas cidades no período histórico escolhido, realizando uma análise comparativa segundo critérios de qualificação da paisagem.

Meus estudos se concentram em dois planos urbanísticos: O Plano Agache para o Rio de Janeiro e a Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima para a cidade de Niterói, elaborados concomitantemente no período de 1927 a 1930.

¹Rio e Niterói são cidades espelhadas, filhas da Guanabara que as gerou juntas para destinos interligados. ROCHA-PEIXOTO, 1997, p. 221.

Na margem oriental da baía, as condições topográficas se rebatem e uma cidade-irmã é fundada (...). A sua evolução foi muito mais lenta do que a do Rio de Janeiro, mas sob sua influência, tendo ela como seu espelho e modelo. AZEVEDO, 1997, p. 20.

(...), certos setores da capital carioca tem traçados semelhantes aos de Niterói; nesta cidade igualmente, o relevo, ainda que menos rigoroso, determinou geralmente as formas de sua ocupação. Constata-se que nas duas cidades, os centros de atividades se encontram nas proximidades da estreita entrada da baía. As classes sociais elevadas, nas duas cidades, instalaram-se na costa, ao sul, ou nos vales e encostas de suas respectivas zonas setentrionais. As zonas industriais são paralelas, nas margens pantanosas do interior da baía, enquanto que as classes populares fixaram-se nos subúrbios da zona norte, onde se encontram igualmente os estabelecimentos industriais. GEIGER, 1961, p. 312, apud AZEVEDO, 1997.

Para discutir os princípios que nortearam esses planos, analisei o papel da formação dos pensadores da cidade nas doutrinas urbanísticas, seu reflexo na prática projetual e o rebatimento teórico na concretização do desenho da paisagem construída. Para tal, julguei importante destacar o *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*, onde Atílio desenvolveu sua Tese-projeto para Niterói.

No Brasil, durante o período histórico analisado, pode-se observar que nos processos de atuação sobre o espaço urbano (planos, leis, projetos, reformas) por parte de uma dezena de profissionais envolvidos por todo o país, foi possível detectar várias adaptações na concretização desses projetos, provocadas por fatores diversos: a falta de um conhecimento cabal das novas propostas por parte das elites intelectuais e administrativas; as delongas na aplicação dos planos, mercê das controvérsias de poder e de interesses econômicos; e as inevitáveis modificações decorrentes das condições físicas e políticas locais.

Como exemplo das adaptações acima citadas, os dois planos estudados não foram colocados em prática tal como planejados. Entretanto, acabaram por se constituir em marcos do urbanismo brasileiro por terem estimulado a discussão dos problemas da cidade. Sua influência deve ser medida mais pelo efeito de discursar sobre os problemas urbanos e as soluções pensadas à época do que pela realização do que foi proposto.

Para explicitar o que considero o processo de influência cultural no tocante às teorias e pensamentos urbanísticos, pano de fundo dos dois planos analisados, foi criado um gráfico conceitual relacionando os dois processos de formalização mais importantes: transferências culturais e modelos urbanísticos.

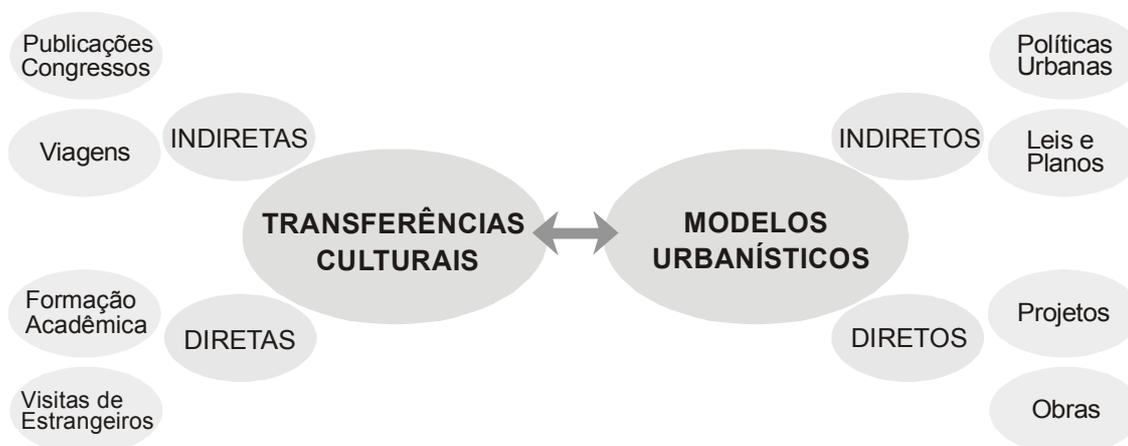


Fig. 38: Arcabouço conceitual.

1.2. TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS E MODELOS URBANÍSTICOS

Segundo o Dicionário Aurélio², **transferência** é sinônimo de *passagem, troca, substituição*. Ao usar este termo, não me refiro a processos passivos de cópia ou repetição de modelos, mas sim a circulação, troca, intercâmbio, seja no âmbito conceitual ou da prática arquitetônica e urbanística.

Trindade³, em seu artigo sobre as políticas urbanas brasileiras, utilizou o termo *apropriação de modelos de intervenção urbanística*.⁴ Muito menos ligado a categorias como *influência* ou *transplante*, e muito mais à noção de *condições de possibilidade*, o termo passa a fazer parte do conceito de *recepção de modelos*, que engloba as idéias de introdução, difusão e apropriação.⁵

Ribeiro⁶ deu sua contribuição a este debate, ao comentar em artigo o processo de transferências:

*Cada elemento emprestado foi inicialmente mobilizado dentro da lógica dos atores singulares de cada país. Não se tratou, portanto, de se trabalhar em termos de “influências, cópias ou imposições dos reformadores franceses sobre seus homólogos brasileiros”. Cada elemento emprestado muda de sentido quando atravessa o Atlântico, uma vez que entra como argumento e torna-se instrumento no debate e enfrentamentos nacionais.*⁷

Em minha dissertação, demonstro como esses planos se inserem num quadro de contínua circulação de idéias no meio acadêmico e profissional. Essa dinâmica envolveu a edição de diversas revistas – entre elas a Revista do Clube de Engenharia, publicada a partir de fins do século XIX –, livros, conferências e congressos, que expressavam as preocupações com a cidade e se rebateram na elaboração de projetos, nas obras

² FERREIRA, 1994, p. 1718.

³ Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

⁴ TRINDADE, 2000.

⁵ SALGUEIRO, H. A. Revisando Haussmann. Os Limites da Comparação. A Cidade, a Arquitetura e os Espaços Verdes (o Caso de Belo Horizonte). REVISTA USP, nº 26, jun/ago, 1995.

⁶ Professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁷ RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz. Transferências, Empréstimos e Traduções na Formação do Urbanismo Brasileiro, in RIBEIRO, 1996, p. 18.

empreendidas e nos decretos editados para regular as construções e o crescimento da cidade.⁸

No Rio de Janeiro, bem como em São Paulo, surgiu uma militância intelectual com o intuito de divulgar a nova ciência do urbanismo e sua importância para os destinos do país. Foram promovidas palestras de rádio, em entidades profissionais e civis, além de publicações frequentes de artigos nos jornais de grande circulação. Armando de Godoy, Luiz de Anhaia Mello e Victor da Silva Freire foram alguns dos principais autores.

Além de publicações e congressos, profissionais brasileiros em viagem ao exterior entravam também em contato com as experiências de outros países no âmbito do urbanismo. Francisco Pereira Passos – que vivenciou as intervenções de Haussmann durante sua estada em Paris como adido diplomático entre 1857 e 1860 – é um dos exemplos mais marcantes desse grupo.

Outra forma de transferência se deu através de profissionais brasileiros que foram realizar sua formação em urbanismo no exterior, destacando-se Atílio Corrêa Lima indo estudar no *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* em 1927, e a própria visita de estrangeiros propondo soluções, elaborando planos e estudos, como Alfred Agache, Le Corbusier e Doxiadis.

O final do século XIX trouxe ao Brasil uma tendência à modernização dos costumes⁹ que foi acompanhada pela transformação do ambiente urbano. Em várias cidades empreenderam-se projetos visando à solução de problemas técnicos e embelezamento dos espaços pela utilização de modelos exógenos.

Entre tais modelos podem ser citados o projeto do Barão Haussmann para a remodelação da cidade de Paris; a Cidade Jardim, idealizada por Ebenezer Howard em seu livro de 1898 que começou a se concretizar em 1903 com o plano de Letchworth, Inglaterra; e a Cidade Industrial, de Tony Garnier.

⁸ Essa contínua circulação de idéias a que me refiro está ilustrada na Linha do Tempo, Capítulo 3.

⁹ Para um estudo sistemático dos hábitos e costumes da elite carioca, que reproduzia *de maneira acrítica ideais e valores ingleses e franceses*, ver NEEDELL, 1993.

Antes dos modelos ingleses e franceses, no entanto, o Brasil já construía suas cidades imbuído da experiência lusitana de implantação de núcleos urbanos. Teixeira¹⁰ apontou a identidade existente entre as características morfológicas dos traçados urbanos no Brasil e em Portugal, chegando mesmo à subversão do conceito de influência:

Não é apenas o Brasil que recebe e é influenciado pela cultura urbana portuguesa: é a própria cultura urbana portuguesa que tem grande parte da sua história fora do seu território europeu. Grande parte dos desenvolvimentos urbanísticos portugueses ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII tiveram lugar no Brasil. Neste sentido, a história urbana portuguesa e brasileira são indissociáveis, sendo necessário o seu estudo conjunto para a sua compreensão.¹¹

1.3. O MÉTODO DE TRABALHO UTILIZADO

Para compor o quadro teórico e histórico das referências dos modelos, realizei um levantamento desses documentos junto aos órgãos públicos, arquivos e bibliotecas, além de acervos particulares. A investigação foi direcionada para o campo das personagens que atuaram na construção de modelos, suas composições sociais específicas e as lógicas internas que as conduziram a exportar/importar saberes e práticas. Este estudo é essencial, pois se trata de um meio metodologicamente controlado para passar de uma descrição empírica das influências ao exame das *traduções* que se opera no curso do processo, de transferência de um campo nacional a outro.

Ao entrar especificamente nos estudos de caso, detive-me inicialmente na formação intelectual de Agache e Atílio. Foram pesquisados os arquivos do *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*¹², tentando-se identificar as linhas de pensamento mais importantes e dissecando as disciplinas e principais professores. Para tal foi necessário estudar as origens do instituto no *Musée Social de Paris* e analisar a importância da *Société Française des Urbanistes*, da qual Agache era vice-presidente quando chegou ao Rio, em 1927.

¹⁰ Coordenador científico do curso de Mestrado em Desenho Urbano do ISCTE.

¹¹ TEIXEIRA, 1996.

¹² Este estudo só foi possível graças à gentil colaboração da Prof^a. Dra. Margareth da Silva Pereira, que cedeu diversas publicações sobre o *IUUP*, o *Musée Social* e demais instituições a eles relacionadas.

Além da importância do *IUUP*, foram destacados os principais pensadores do urbanismo e da arquitetura ocidental no período anterior à execução dos planos para o Rio de Janeiro e Niterói. Através da elaboração de um quadro-síntese com os mais importantes trabalhos realizados, foram extraídos suas características mais relevantes e seus princípios compositivos, com o objetivo de estabelecer relações entre esses pensadores e Agache e Atílio.

Como desdobramento dessas etapas iniciais, foi elaborado um estudo sobre a vida e a obra de Agache e Atílio, com especial atenção à maneira como sua formação teórica se rebateu na prática profissional. Para ilustrar o contexto de atuação dessas personagens, seus dados biográficos e atividade profissional foram levantados e postos lado a lado com o que acontecia no panorama cultural de então. Esses dados foram apresentados de maneira cronológica – em forma de linha do tempo – que se estende de 1875 a 1959, datas de nascimento e morte de Alfred Agache.

Em seguida, dois quadros-síntese com os principais projetos urbanísticos de Agache e Atílio foram elaborados, e suas relações com os planos para Rio de Janeiro e Niterói foram buscadas.

No corpo central da dissertação, encontra-se a análise comparativa dos planos elaborados para o Rio de Janeiro e Niterói, que inclui: 1. estudos sobre a abordagem sociológica que ambos utilizaram para a elaboração dos planos; 2. os conceitos urbanísticos utilizados; 3. os aspectos funcionais, como o zoneamento proposto para ambas as cidades; e 4. o estudo formal, balizado por critérios como dimensões dos lotes, quadras, ruas e áreas livres, hierarquização desses elementos, traçado, gabarito, articulação com a malha existente e relação com a topografia local.

Nas considerações finais, busco as heranças deixadas por Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima para as cidades objeto de seus planos e para o Brasil, tanto do ponto de vista físico, quanto do patrimônio cultural. Saliento o que realmente chegou a se concretizar dos projetos com sua comparação com as bases cartográficas atuais coletadas nos órgãos municipais (CIDE – Centro de Informações e Dados Estatísticos – e IPP – Instituto de Urbanismo Pereira Passos).

1.4. OS ESTUDOS DE CASO

1.4.1. O Plano Agache para o Rio de Janeiro

Em 1927 o arquiteto francês Donat Alfred Agache foi convidado pelo então prefeito do Distrito Federal, Antônio Prado Junior, a realizar um ciclo de conferências, realizadas no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O prefeito confiou-lhe, a seguir, a preparação de um projeto global de urbanismo para a cidade, que ficou pronto em 1930.

A equipe técnica produziu um retrato da cidade e o comparava à cidade ideal, que seria obtida através de suas proposições. O plano abordava profundamente as principais questões da cidade e colocava nas mudanças físicas a possibilidade de se atingir mudanças sociais. Voltava-se especialmente para aspectos ligados à estética, ao saneamento e à circulação viária, abordando, à distância, o tema habitação. Seu principal instrumento de intervenção era o zoneamento, numa tentativa de impor uma ordem à cidade, visando evitar o caos que se estabeleceria caso seu crescimento fosse deixado à livre iniciativa.

Foi apresentada a comparação da aglomeração urbana a um organismo vivo. Representava a cidade primeiro como um corpo organizado que compreendia um conjunto de sistemas funcionais: o *circulatório* (o complexo viário e os transportes, sendo o centro da cidade o coração urbano), o *respiratório* (os espaços livres), o *nervoso* (distribuição de eletricidade), o *digestivo* (esgotos etc.). Ao se desenvolver, esse *corpo* sofreria *crises de crescimento*. Diante das crises do sistema urbano, ou seja, das *doenças* do corpo, o urbanista deveria assumir um papel *clínico*, uma vez que esse organismo deveria ser *cuidado, mantido, reparado*.

O Plano de Remodelação dava grande importância aos espaços livres, que *não podem mais ser considerados como um luxo, mas como um elemento indispensável ao desenvolvimento são da cidade e a própria vida dos habitantes*.¹³

O plano foi entregue nos últimos meses da administração Prado Junior, que o havia encomendado, ano em que foram depostos o presidente e o prefeito nomeado. A maioria de suas propostas não chegou a ser implementada, pois posteriormente, após a

¹³ AGACHE, 1930, p. 203.

Revolução de 1930, foi instituída uma Comissão Municipal para avaliá-lo, que concluiu pela alteração de várias dessas propostas. No período posterior a sua entrega, o plano iria, contudo, inspirar vários decretos e projetos urbanísticos.

1.4.2. A Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima para Niterói

No mesmo ano em que Agache chegava ao Rio, o recém-formado arquiteto Atílio Corrêa Lima embarcava para Paris após ter sido premiado com a grande Medalha de Ouro e conquistado o Prêmio de Viagem à Europa, concedido pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Nessa cidade fez o curso de urbanismo no *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*, sendo-lhe conferido o respectivo diploma em 1930. Sua tese de conclusão de curso *Plan d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil*, sob orientação de Henri Prost, nos confere um documento rico em conceitos e proposições.

Os princípios urbanísticos preconizados dificilmente se adaptariam ao traçado urbano existente em Niterói. Mas a liberdade permitida pela elaboração de uma tese possibilitou especulações sobre a reestruturação da cidade, segundo cânones teóricos em debate na Europa durante a década de 20. Tais preceitos e esquemas eram os mesmos que estavam sendo aplicados por Agache no plano do Rio.

É interessante notar como o mesmo arcabouço teórico se rebateu nas propostas de Agache e Atílio para as cidades do Rio e Niterói feitas concomitantemente. Ambos os planos foram elaborados no período de 1927 a 1930.

Em primeiro lugar Atílio – assim como Agache – fez um levantamento das condições da cidade, começando pelo capítulo *A Terra*, onde enumerava as principais características de Niterói e a situava geograficamente em relação à capital do país e ao Estado do Rio de Janeiro. No capítulo seguinte, *O Homem*, foram fornecidos dados sobre o crescimento populacional no final da década de 20 e dados de saúde pública. O terceiro capítulo era dedicado à cidade, descrevendo suas origens e evolução.

Na segunda parte do trabalho, o autor enunciava suas propostas baseado na convicção de que Niterói era uma expansão do Rio, e defendia a implantação de um sistema de

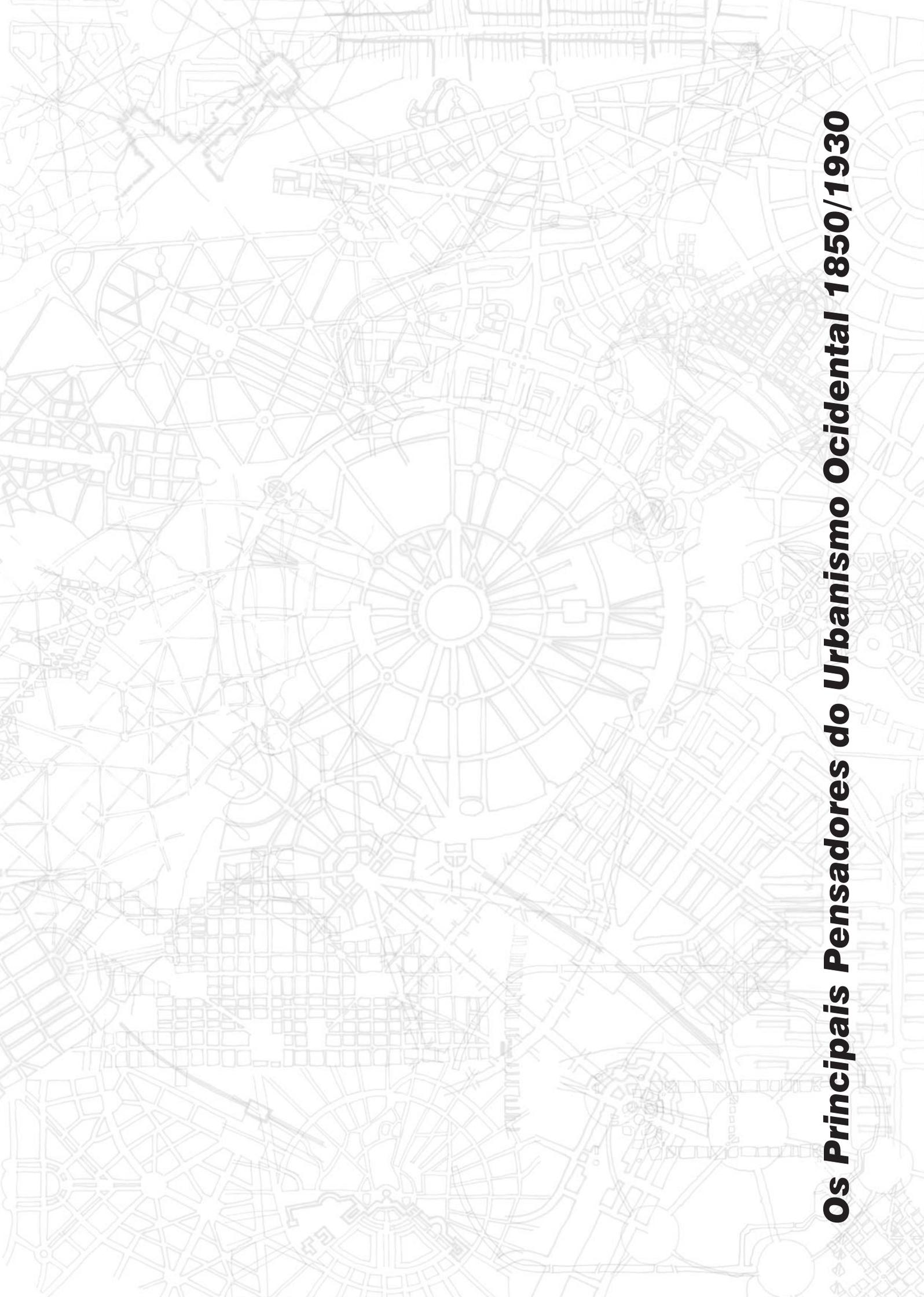
transportes contínuo entre as cidades. A partir daí definiu um *traçado geral* para Niterói, com a incorporação do projeto do porto¹⁴ – cujas obras já estavam em andamento –, a indicação de novos aterros e a criação de um centro de irradiação, em terrenos recuperados com o arrasamento de quatro morros.

Na tese de Atílio, o território municipal foi dividido em quatro zonas: comercial, industrial, habitacional e rural, com legislação de parcelamento, uso e ocupação do solo, gabaritos, orientação solar, afastamento e benefícios fiscais. Chegava mesmo a propor Piratininga como cidade-jardim balneária, com traçado em semicírculos combinados com o tradicional xadrez. Aí se referia aos princípios de Howard, mais precisamente à cidade-jardim de Letchworth. Para o sistema viário, o autor propunha a utilização de três meios de transporte: metrô, bondes e ônibus, que atingiriam toda a cidade.

Assim como Agache, Atílio definia uma área industrial, a construção de uma cidade operária e de um centro universitário, além do tratamento das favelas.

A tese-projeto, sem maiores compromissos com sua viabilidade, trouxe sugestões que seriam incorporadas posteriormente à cidade. De qualquer forma, o trabalho foi um prenúncio do Plano de Goiânia, realizado pelo arquiteto em 1934.

¹⁴ Em 1924 foi lançada a pedra fundamental das obras do Porto de Niterói, projeto de uma comissão de engenheiros que consistia no arrasamento de morros e aterro da Enseada de São Lourenço, abertura de vias, construção de novos prédios públicos e loteamento de terrenos com características de cidade-jardim.



Os Principais Pensadores do Urbanismo Ocidental 1850/1930

2. OS PRINCIPAIS PENSADORES DO URBANISMO OCIDENTAL 1850-1930

2.1. A IMPORTÂNCIA DO *INSTITUT D'URBANISME DE L'UNIVERSITE DE PARIS*

Em março de 1919, o Senado e a Câmara dos Deputados franceses adotaram uma lei – conhecida como Lei Cornudet¹ – que obrigava cidades com mais de dez mil habitantes a ter um projeto de remodelação, extensão e embelezamento.² Sob esta lei, foram realizados planos que instituíram uma prática decisiva para o desenvolvimento da urbanística francesa. O trabalho determinado pela lei orientou-se para a reconstrução dos estragos da guerra, organização do crescimento e renovação dos centros urbanos, controlando as transformações e dando forma às cidades. Através desses planos e numa visão integrada, eram coordenadas questões de naturezas diversas: da infra-estrutura e arruamentos à habitação e equipamentos, com um forte sentido estético do ordenamento urbano. Para a elaboração de tais projetos, cada prefeitura deveria criar uma comissão departamental de remodelação e extensão.

Essa demanda por novos profissionais ligados às prefeituras fez pressão para que se forjasse uma escola como meio de validação de promoções internas dos agentes administrativos. Assim, as prefeituras passariam a recrutar seu pessoal entre os portadores do certificado dessa escola.

2.1.1. Origens do instituto

O *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris (IUUP)* teve sua origem na *École des Hautes Études Urbaines (EHEU)*, fundada em setembro de 1919, portanto apenas seis meses depois de promulgada a Lei Cornudet. Esta escola representa, segundo BAUDOUI (1997), a primeira experiência de ensino de urbanismo na França.³

¹ Ver anexo.

² Outros países europeus já haviam criado legislações semelhantes, como Suécia, 1874; Holanda, 1901; Prússia, 1904; e Inglaterra, 1909. UNDERWOOD, 1991, p. 136.

³ UNDERWOOD considera que o primeiro curso formal de urbanismo na França já havia começado em 1914, no CLSS, onde Agache lecionava numa cadeira de Sociologia desde 1905. UNDERWOOD, 1991, p. 135.

A vocação primeira da *EHEU* era constituir uma ciência do urbanismo, cujo ensino na escola privilegiava a integração de saberes cognitivos e práticos em nome do princípio da pluridisciplinaridade.

No primeiro programa de curso constavam as seguintes disciplinas:

- Evolução das Cidades;
- Arte Urbana;
- Organização Administrativa da Vida Urbana;
- Organização Social da Vida Urbana;
- Organização Comparada da Vida Urbana no Exterior (Inglaterra, EUA e Alemanha);
- Curso Comparado de Organização Social das Cidades;
- Ensino Especial de Arte Urbana;
- Ensino Especial Relativo ao Plano de Remodelação da Aglomeração Parisiense, ministrada por todos os professores em conjunto;

O curso era completado por conferências – em número aproximado de vinte. Durava dois anos e cada período letivo tinha dez meses. Uma distinção formal foi estabelecida entre a formação geral – cuja estrutura era constituída pelas disciplinas gerais acima citadas e o sistema de conferências de um lado – e a formação complementar, de outro – o ensino especial relativo ao plano de remodelação da aglomeração parisiense –, que visava o pessoal da administração municipal. Como os mesmos professores participavam de ambas as formações, pode-se dizer que havia na *EHEU* uma estruturação profissional em duas velocidades: de um lado a urgência conjuntural que requeria uma formação rápida – em dez sessões – do pessoal administrativo da *Préfecture de la Seine*⁴, que poderia ser levado a trabalhar na direção do plano de extensão; e de outro um ensino mais conseqüente, concebido como geral e pedagogicamente progressivo, podendo ser adquirido ao longo de dois anos.

Assim elaborada, esta primeira grade de ensino de 1919 aparece extremamente coerente do ponto de vista de sua constituição. Uma profunda unidade definia a equipe de professores, ao mesmo tempo homogênea no que se refere ao posicionamento teórico, e representativa, em termos do meio intelectual no qual se elaborou a primeira reflexão teórica e prática sobre a remodelação das cidades no começo do século na França.

⁴ Antigo departamento da bacia parisiense. A lei de 10 de julho de 1964 a dividiu em quatro novos departamentos: Hauts de Seine, Paris, Seine-Saint-Denis e Val-de-Marne. ROBERT, 1990, p. 1645.

Em 1924, a *EHEU* foi integrada à Universidade de Paris, sendo chamada a partir de então de *Institut d'Urbanisme (IUUP)*. Este fato se inseria num processo mais amplo de reforma do ensino superior francês, onde as instituições de ensino criadas pelos municípios deveriam ser vinculadas a universidades. Esta integração, no entanto, não trouxe grandes mudanças ao ensino na escola.

O *IUUP* teve papel preponderante pelo debate teórico, realização de planos e pela irradiação internacional. Exportou saber e formação e os seus urbanistas trabalharam na organização de muitas cidades pelo mundo, conferindo-lhes determinada homogeneidade cultural, técnica e distributiva, ainda hoje reconhecível.

Apesar da realização de inúmeros planos na França, entre os quais o *Plan d'Aménagement de la Région Parisienne*, executado nos anos 30 sob a direção de Henri Prost⁵ e notável pela dimensão e métodos, seria nas colônias francesas e no estrangeiro que se encontrariam as mais interessantes realizações da escola francesa.

2.1.2. As disciplinas e seus professores

Basicamente, as matérias estudadas no instituto eram História, Arquitetura, Higienismo, Direito Administrativo, *Arte Urbana* e Economia Política e Social.

Dentre o quadro de professores do instituto, pode-se destacar:

Marcel Pöete, que ministrava a disciplina *Evolução das Cidades*. Segundo Lamas, Pöete encontra-se na base do ensino de investigação urbana na França.⁶

A partir de 1903, Pöete desenvolveu intensa atividade pedagógica e de investigação, criando os fundamentos de uma análise histórica e morfológica das cidades. No mesmo ano, instituiu o *Cours d'Introduction à l'Histoire de Paris*. A partir de 1906, trabalhou na *Bibliothèque des Travaux Historiques de la Ville de Paris (BTHVP)*. Fez parte da *Section d'Hygiène Urbaine et Rurale (SHUR)*⁷, criada em 1908 no *Musée Social*, ligada a

⁵ Orientador da Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima no instituto.

⁶ LAMAS, 2000, p. 270.

⁷ Na *SHUR* foram apresentadas as primeiras proposições urbanísticas francesas. Grande parte dos professores do *IUUP* era filiada a *Section*. Entre eles, pode-se citar Forestier, Hénard, Gréber, Jaussely, Prost

questões econômicas, sociais e higienistas. Em 1911 participou da fundação da *Société Française des Architectes Urbanistes*⁸ e, em 1919, da criação da *EHEU*.

Seu método decorria do estudo das cidades existentes, devendo o urbanismo se fundamentar no profundo conhecimento da história urbana e na evolução da cidade. Pöete foi o urbanista no sentido do estudioso global da cidade, praticando a pluridisciplinaridade do conhecimento do objeto urbano. Sua obra iria, contudo, cair no esquecimento com os teóricos do movimento moderno.

Léon Jaussely, que lecionava a disciplina *Arte Urbana*. Arquiteto *Grand Prix de Rome*, membro da *SHUR* desde 1914, se tornou o presidente da *SFAU*. Havia estudado com Marcel Pöete na *BTHVP*, onde fez o curso sobre a história da capital.

Em 1927, Jaussely foi substituído por uma estrutura colegial, contando com três professores: Henri Prost – convidado pelo General Liautey para projetar as capitais regionais do Marrocos⁹, então colônia francesa, e dirigir uma equipe de técnicos de 1913 a 1923 –, que se reservava à tecnicidade do plano e da construção das cidades; Jacques Gréber – experiente urbanista com muitos trabalhos realizados, tais como o Plano Urbanístico de Marselha, o Plano da Filadélfia¹⁰ e os planos de Otawa e Montreal –, que ficou com a arquitetura da paisagem e a estética; e Louis Bonnier, que se ocupava do ensino teórico geral. Jaussely continuou, entretanto, a figurar entre os professores de maneira a poder se encarregar de conferências eventuais.



Fig. 39: Plano de Barcelona, Léon Jaussely, 1904.



Fig. 40: Rue de Rivoli, Paris. Louis Bonnier, 1934-38.

– orientador de Attílio –, Risler, Auburtin – que fez diversos trabalhos com Agache – e Benoît Lévy. COHEN, 1997.

⁸ A *SFAU*, formada a partir da *SHUR*, foi uma das primeiras, senão a primeira, associação profissional de urbanistas no mundo, e demonstra o interesse que na época o urbanismo despertava como ciência e prática profissional. *Ibid.*

⁹ Ver quadro-síntese I, prancha 4, neste capítulo.

¹⁰ Ver quadro-síntese I, prancha 5, neste capítulo.

Gaston Jèze, que professorava a disciplina *Organização Administrativa da Vida Urbana*. Professor de Direito na Universidade de Paris e da *École des Hautes Études Sociales*, debruçava-se sobre o funcionamento administrativo francês. Complementando seu curso, Henri Sellier palestrava sobre a organização dos grandes serviços públicos, e Joseph-Barthélemy – também professor de Direito na Universidade de Paris – sobre a organização das capitais.

Edouard Fuster, que ministrava a disciplina *Organização Social da Vida Urbana*. Professor do *Collège de France*, constituía um dos pivôs da SHUR desde sua fundação. Correspondente do *Musée Social* na Alemanha desde 1903, ele desenvolveu seus conhecimentos acerca da legislação social trabalhista, perseguindo a missão de vulgarizar e difundir seus resultados práticos na França.

Desiré Pasquet, que lecionava a disciplina *Organização Comparada da Vida Urbana no Exterior*.

Paul Juillerat, que ministrava conferências sobre *Higiene da Habitação*, tinha já uma longa carreira de higienista na *Préfecture de la Seine*. Membro da SHUR, foi um dos responsáveis pelo estabelecimento da primeira rede sanitária da capital.



Fig. 41: Plano de Remodelação de Paris, Henri Prost, 1934.

Georges Bechmann, encarregado das conferências sobre a *Arte do Engenheiro Municipal*, era uma figura célebre do movimento sanitaria. Engenheiro politécnico de pontes e barragens, presidente da *Société de Médecine Publique et de Génie Sanitaire*, ele professava o curso de hidráulica agrícola e urbana na *École des Ponts et Chaussées*. Foi também vice-presidente da SHUR e presidente da *Union Urbaniste pour l'Établissement des Plans de Ville* para a aplicação da Lei Cornudet.

Willian Oualid, que ministrava conferências sobre *Municipalismo*, era professor de economia política na Faculdade de Dijon. Homem de esquerda, pertencia ao meio intelectual reformista do início do século. No pós-guerra, tornou-se chefe do serviço de

mão-de-obra estrangeira do Ministério do Trabalho. Membro da *SHUR*, prosseguiu com suas reflexões sobre a imigração, a estatística e o financiamento do urbanismo.

Segundo Oualid,

*O urbanismo manifesta cada vez mais a complexidade de seus fundamentos. Concebido como a ciência da vida dos homens nas aglomerações citadinas, ou como uma disciplina, uma arte aplicada, destinado utilitariamente a assegurar o máximo de bem-estar aos indivíduos amontoados nas cidades grandes, (...) provoca uma infinidade de problemas de ordem social, econômica, financeira, administrativa ou estética.*¹¹

Para resolver estes problemas, Oualid militava em favor do aumento do poder público, aliando prevenção, educação cívica e repressão.

Como se pode perceber, a *Préfecture de la Seine* e a Universidade de Paris constituíam o território de exercício profissional dos professores do *IUUP*. Além disso, a formação intelectual do *Musée Social* e da *École des Hautes Études Sociales* conservou sua preponderância no recrutamento de profissionais de ensino do instituto.

2.1.3. Os alunos e sua formação

A criação da *EHEU* correspondia, inicialmente, à formação do pessoal administrativo dos municípios da região parisiense. Nos quatro primeiros anos de existência, a escola recebeu somente alunos franceses; e apenas em 1923 o primeiro contingente de alunos estrangeiros chegou à escola. Nos anos subseqüentes, o número de estrangeiros continuou aumentando, se estabilizando em torno de 50%. Essa mudança nos anos 1923/24 serviu como argumento suplementar em favor da integração da *EHEU* à universidade de Paris.

Todos os continentes estavam representados, com exceção da Oceania. Dos estudantes estrangeiros, 38% vinham de outros países europeus, notadamente dos países do Leste; 8% provinham da África – em função da importância do império colonial francês naquele

¹¹ Prefácio de William Oualid para o livro de J. Cazenavette, *Extension des Villes et Lotissements, Projets Régionaux d'Urbanisme*, Paris, Sirey, 1936, *apud* BAUDOUI, 1988, p. 39-40, (tradução do autor).

continente –; 44% da Ásia; e 10% do Continente Americano, sendo a maioria da América do Sul.

Percebe-se claramente uma sub-representação dos países industrializados. A importância dos trabalhos e a maturidade do pensamento reformista urbano desenvolvido nesses países desde o fim do séc. XIX explicaria a fraca presença de alunos desses países no *IUUP*, que poderiam encontrar em seus próprios países um ensino de urbanismo adaptado a suas realidades locais. Ao contrário, os países com forte participação no instituto assinalavam um estado de pobreza em matéria de ciências sociais aplicadas à cidade. Para estes países, a aquisição da cultura francesa do estudo das cidades representou, na década de 20, um enriquecimento intelectual fundamental.

Com relação à formação profissional dos alunos do instituto, cerca de 50% eram funcionários públicos, assalariados e profissionais liberais. Os outros eram estudantes vindos das universidades, em sua maioria de disciplinas conexas ao urbanismo, como Arquitetura e Belas Artes.

2.1.4. As teses do *IUUP*

Ao observar os títulos das teses apresentadas no *IUUP*, percebe-se uma extraordinária diversidade de temas e ângulos de abordagem. Apesar dos alunos gozarem de plena liberdade para escolher o tema de estudo, a análise desses trabalhos mostra que eles eram determinados por um conjunto de regras que os inseria no molho cultural definido pelo instituto.

A tese de urbanismo no instituto, apesar de sua pretensão científica, não se apresentava como um trabalho estritamente universitário, inscrevendo-se, em primeiro lugar, na bagagem cultural de cada aluno. Em outros termos, o aluno determinava o território físico de suas investigações em função de sua trajetória pessoal; o que levava, em muitos casos, a se criar urbanistas especialistas em problemas urbanos locais.

Com dezenove teses orientadas durante a primeira década do instituto, Marcel Pöete se tornou o professor mais procurado pelos alunos. Os outros professores orientavam

trabalhos de maneira mais episódica, tendo Henri Prost orientado mais dois alunos além de Atílio.

Quanto à estruturação das teses, de certa forma apresentavam as mesmas normas. Do ponto de vista metodológico, elas se dividiam em três partes:

- Inicialmente eram desenvolvidas as idéias gerais sobre o tema escolhido. O material histórico observado ao longo das investigações era reunido; algumas citações literárias e teóricas apresentadas, baseando-se em escritos de autores diversos, muitos deles professores do próprio *IUUP*, como Marcel Pöete, Louis Bonnier e Henri Sellier, além de Ebenezer Howard, Camillo Sitte e Raymond Unwin.
- A segunda parte era geralmente mais sólida, se apoiando freqüentemente num bom estudo estatístico obtido ao longo do curso e numa exploração consciente e rigorosa de documentos administrativos. A comparação das legislações francesa e estrangeira parecia realmente constituir um exercício obrigatório de análise.
- Por último, a reflexão era levada ao terreno das soluções dos problemas levantados. Esta terceira parte evidenciava, de maneira geral, a dificuldade de se obter o ajuste entre conhecimentos gerais e soluções concretas.

2.1.5. A biblioteca do *IUUP*

O *IUUP*, cujo caráter pioneiro parecia procurar uma legitimidade profissional do urbanismo, ainda não possuía os meios de defini-lo em termos de campo e competência científicas. Esta ausência de reflexão, ou mesmo a impossibilidade teórica para se definir o que seria o urbanismo, mostra-se particularmente flagrante quando se analisa o capital cultural da biblioteca do instituto, cuja política de compra de livros não era clara.

Desde suas origens – janeiro de 1921 – a biblioteca se identificava pela reunião desordenada de obras técnicas, quer seja de construção, saneamento, transporte, iluminação pública ou higienismo, de obras as mais diversas sobre a Inglaterra e os Estados Unidos, além de diferentes manuais de ensino em voga nas escolas de engenharia. Essa predominância de livros técnicos traduz o elo do ensino do urbanismo à tradição higienista e salubrista do fim do século anterior.

Aos poucos, a biblioteca foi se enriquecendo e ganhou um perfil mais completo. Outros campos de conhecimento foram incorporados, tais como: economia política e social, produção da habitação popular, reforma e higiene social, gestão municipal, diversidade de serviços públicos, construção e materiais, remodelação e planejamento. Dentre as novas obras adquiridas podem ser destacadas as dos autores Raymond Unwin, Joseph Stübben, Patrick Geddes, Bruno Taut e Le Corbusier.¹²

¹² De acordo com entrevista de Paul Henri Dufournet – arquiteto urbanista, ex-aluno do IUUP – apesar da presença de obras de Le Corbusier na biblioteca da escola, a arquitetura funcionalista constituía um tema indigno, a ponto de jamais ser evocado por qualquer dos professores. BAUDOUI, *op cit.* p. 195.

2.2. OS PRINCIPAIS PENSADORES DO URBANISMO OCIDENTAL (1850-1930) E SUAS IDÉIAS

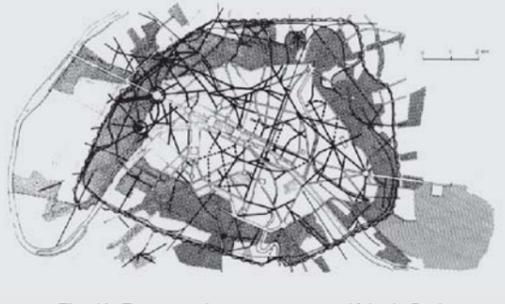
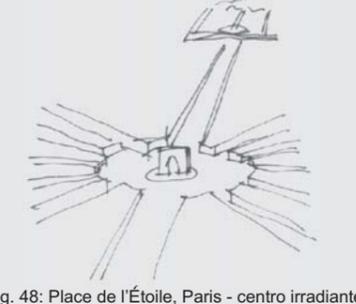
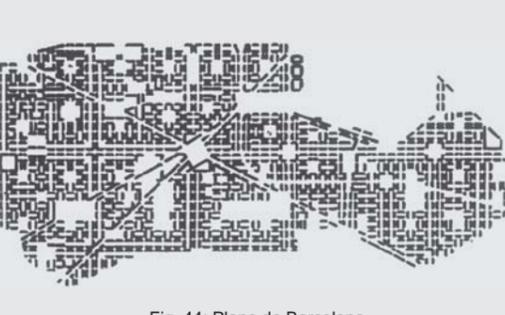
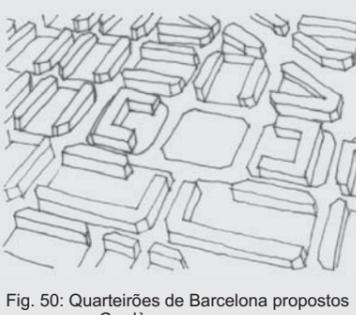
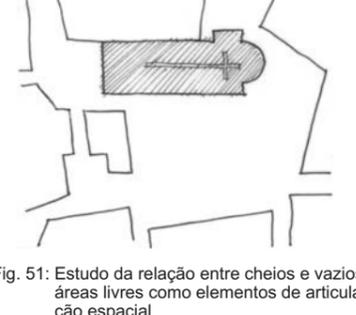
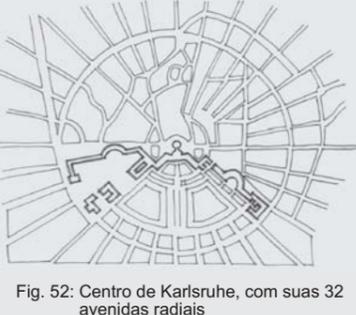
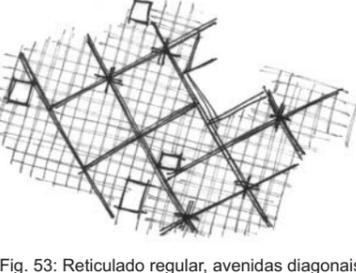
Para se traçar um panorama do pensamento urbanístico à época em que o Plano Agache e a Tese-Projeto de Attilio foram desenvolvidos, foi elaborado um quadro-síntese comparativo com as principais personagens que atuaram na segunda metade do século XIX até as três primeiras décadas do século XX. A tabela se estende até a década de 1850, pois neste período o urbanismo se consolidou como disciplina científica.

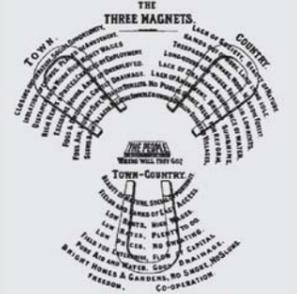
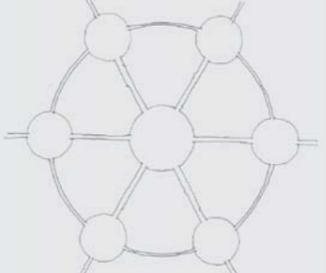
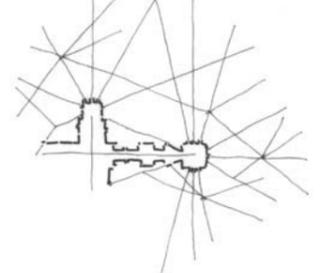
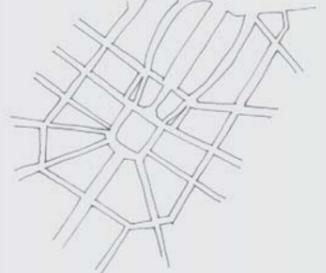
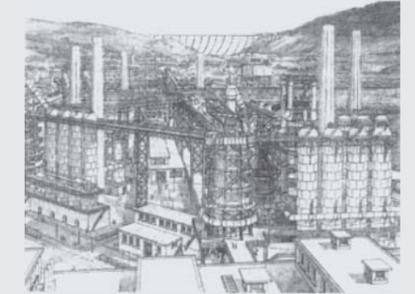
Aqui se destacaram as escolas francesa, inglesa e norte-americana, com profissionais de engenharia e arquitetura em sua grande maioria. Dos arquitetos citados, quase todos têm uma formação em Belas Artes, sendo que praticamente a metade se formou na *École de Beaux Arts de Paris*. Dentre eles, vários foram *Grand Prix de Rome* e professores do *IUUP*, que mereceu destaque especial neste capítulo.

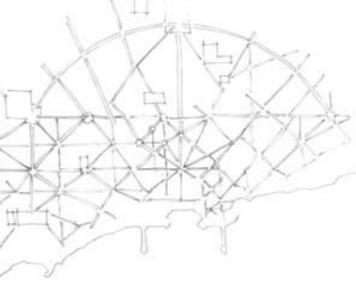
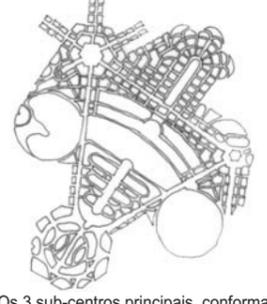
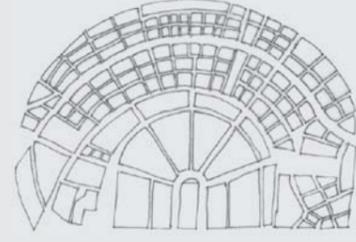
Na tabela elaborada, foram relacionados os formadores de uma cultura urbanística que ora apresentam muitos pontos em comum, ora têm idéias antagônicas. Para cada um deles foi selecionado, como exemplo, um projeto ou obra escrita que tenha representado uma contribuição do profissional ao urbanismo como disciplina. Além disso, as características mais marcantes foram destacadas e outros projetos elaborados foram listados como complementares à informação. Há sempre uma ilustração da obra mais importante e um esquema esboçando graficamente seus princípios de concepção. Um relato biográfico acompanha cada autor, relacionados de forma cronológica.

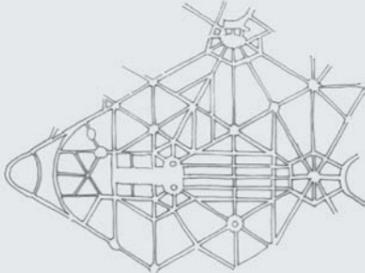
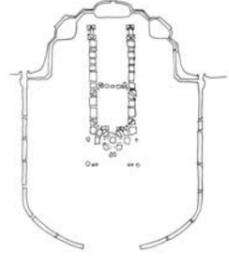
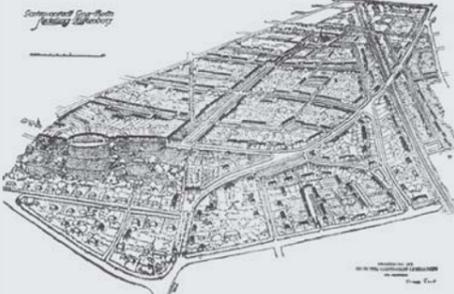
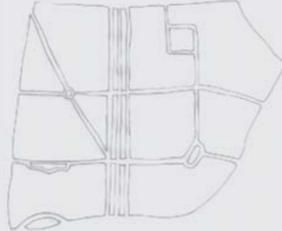
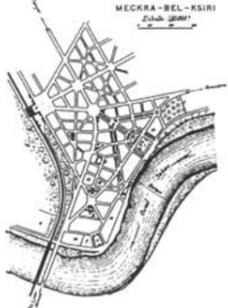
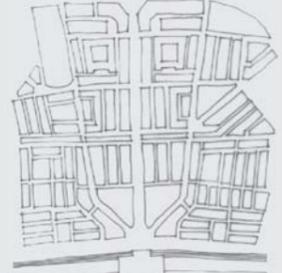
A diagramação da tabela foi feita da seguinte forma:

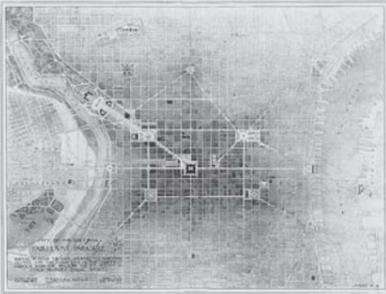
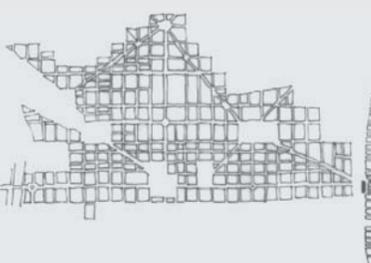
ANO DA OBRA	AUTOR DA OBRA	RELATO BIOGRÁFICO	TÍTULO DA OBRA	ILUSTRAÇÃO DA OBRA	OUTRAS REALIZAÇÕES DO MESMO AUTOR	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA OBRA ANALISADA	ESQUEMA GRÁFICO DOS PRINCÍPIOS DE COMPOSIÇÃO
-------------	---------------	-------------------	----------------	--------------------	-----------------------------------	--	--

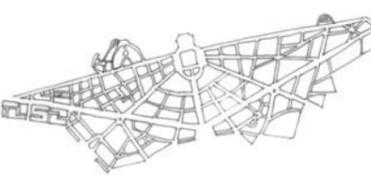
1853	Barão Georges Eugène Haussmann	(1809-1891) Prefeito do Departamento da <i>Seine</i> , Paris, nomeado por Napoleão III no período de 1853-70. Rodeou-se de um corpo de assessores, todos engenheiros formados pela <i>École de Ponts et Chaussées</i>	Reformas em Paris, França			<ul style="list-style-type: none"> Conjunto monumental de largos e extensos boulevares em perspectiva, com fachadas uniformes Isolamento e valorização dos grandes edifícios e monumentos Estrutura axial e focal; Saneamento físico e social Criação de largas áreas públicas abertas, formando um sistema integrado Complexo da <i>Étoile</i>: principal distribuidor de tráfego criado 	
1857	Técnicos da prefeitura	Técnicos da prefeitura	Plano de Extensão de Viena, Áustria. Urbanização da Ringstrasse			<ul style="list-style-type: none"> Valorização da natureza e dos parques como elementos de qualificação da cidade Respeito pela configuração original da cidade e a importância atribuída ao seu <i>coração</i> Esquema geométrico e radiocêntrico do novo traçado Harmonia das diferentes funções: áreas verdes, residências e edifícios públicos Interesse pelo desenho urbano - <i>town design</i> 	
1859	Ildefonso Cerdà	(1815-1876) Engenheiro de estradas, barragens e canais da Escola de Madrid Inventor do termo <i>urbanización</i>	Projeto de Expansão de Barcelona, Espanha		"Teoría General de la Urbanización" publicado em 1867, completava o plano, onde Cerdà expunha sua metodologia, pensamento urbanístico e preocupações sociológicas.	<ul style="list-style-type: none"> Malha regular, retangular, edifícios com gabarito constante, dispostos livremente no interior da quadricula Extensas áreas verdes 1º urbanista a coordenar aspectos espaciais e físicos com preocupações funcionais, sociológicas e econômicas Tratou, pela primeira vez, a cidade como um organismo complexo e integrado de diversos sistemas Grelha ortogonal, com quarteirões quadrados Avenidas diagonais que confluíam numa grande praça 	
1889	Camillo Sitte	(1843-1903) Arquiteto austríaco, diretor da Escola Imperial e Real das Artes Industriais de Viena	<i>A Construção da Cidade Segundo seus Princípios Artísticos</i>		Plano de Extensão de Olmütz, Áustria, 1895.	<ul style="list-style-type: none"> Conceito de <i>clausura</i> Maior integração geomorfológica e paisagística Desprezo pelo zoneamento e infra-estrutura Cinturão verde para a cidade Grande influência para as cidades-jardim, segundo Choay Áreas livres como elementos de articulação espacial Domínio da pequena escala, mas certa incapacidade de visualizar a cidade globalmente 	
1893	Joseph Stübben	(1845-1936) Arquiteto alemão de maior prestígio de 1880 até a I Guerra Mundial. Chefe do Depto. de Planejamento em Aachen e Colônia. Envolveu-se em mais de 30 projetos de cidades na Alemanha e exterior.	Plano de Karlsruhe, Alemanha		<i>Der Städtebau, Handbuch der Architektur</i> Livro de enorme sucesso publicado em 1893, traduzido e reeditado em diversos países. Plano de Extensão da Cidade de Colônia, Alemanha, 1880.	<ul style="list-style-type: none"> Concepção do sistema viário com 4 tipos de vias: radiais, perimetrais, diagonais e <i>bystreets</i> Conjugação do urbanismo com a arquitetura, abordando a estética e a técnica de construção dos edifícios Núcleo irradiante Regularidade da quadricula Pretensões gigantescas para uma comunidade com poucos recursos Conjugação de ruas retas e curvilíneas 	
1897	Comissão chefiada por Aarão Leal de Carvalho Reis	(1853-1936) Engenheiro geógrafo e civil pela Escola Politécnica Atuou em diversas áreas da Engenharia. Ocupou importantes cargos no serviço público, foi político e professor.	Plano de Belo Horizonte		Serviços de eletricidade da Estrada-de-ferro D. Pedro II, 1888-95 Implantação de uma comunidade-modelo em Vassouras, RJ, 1889-95 Autor de extensa bibliografia	<ul style="list-style-type: none"> Largas avenidas diagonais, regularização das quadras Sistema de áreas livres Boulevard circundante - denominado Av. do Contorno - com desenho orgânico bastante flexível Separação de duas malhas viárias: a 1ª distando 120m, e a 2ª distando 700m, com rotação de 45° Nos pontos de interseção das duas malhas: implantação de edifícios monumentais e praças públicas 	

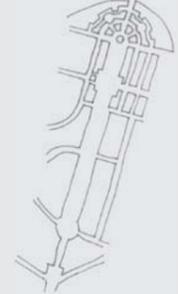
<p>1898</p>	<p>Ebenezer Howard</p>	<p>(1850-1928) Militante do Movimento Socialista Inglês, autodi-data</p>	<p><i>Garden Cities of Tomorrow</i></p>	 <p>Fig. 54: Diagrama n° 1: Os Três Ímãs</p>	<p>Fundação da <i>Garden Cities Association</i> em 1899</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espírito comunitário • Cidades-satélite • Cinturão verde • Praça central com os principais edifícios públicos agrupados • Sistema radial 	 <p>Fig. 60: Concepção de crescimento das cidades-satélite</p>
<p>1901</p>	<p>Frederick Law Olmstead Jr Daniel Hudson Burnham Charles Follen McKim</p>	<p>(1870-1957) Arquiteto da paisagem Fundador do <i>National Park Service</i> (1846-1912) Arquiteto sem formação acadêmica (1847-1909) Arquiteto pela <i>EBA</i>, Paris</p>	<p>Plano Mac-Millan para Washington, EUA</p>	 <p>Fig. 55: Plano da Comissão McMillan</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Movimento <i>City Beautiful</i> • Sistema de áreas livres: parques, jardins, <i>parkways</i> • Largas avenidas em diagonal • Sub-centros • Concepção clássica do espaço, ditada pela <i>École des Beaux-Arts</i> de Paris • Baixa densidade • Determinação da volumetria dos edifícios 	 <p>Fig. 61: Alinhamento das fachadas no eixo monumental, diagonais</p>
<p>1903</p>	<p>Raymond Unwin com Barry Parker</p>	<p>(1863-1940) Arquiteto inglês Professor da Universidade de Birmingham, onde lecionava a disciplina <i>Town Planning</i> (1867-1947) Arquiteto inglês, cunhado e sócio de Unwin</p>	<p>Cidade-jardim de Letchworth, Hertfordshire, Inglaterra</p>	 <p>Fig. 56: Planta parcial de Letchworth</p>	<p><i>Town Planning in Practice</i>, verdadeiro tratado de desenho urbano, publicado em 1909 Hampstead Garden Suburb, Londres, 1905 Jardim América, São Paulo - Brasil, 1919</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estação de trem como <i>Portal da Cidade</i> • Importância do centro como ponto focal da cidade: centro cívico, com prédios públicos concentrados • Centros secundários: Comércio, Educação, Artes, colocados nos pontos de maior afluência das vias principais • Edificações como conjunto único - controle do espaço público resultante; Regulamentação para construções • Grande valor dado à cidade existente • Cinturão verde 	 <p>Fig. 62: Praça central de Letchworth, com suas vias irradiantes</p>
<p>1903</p>	<p>Francisco Pereira Passos</p>	<p>(1836-1913) Prefeito do Rio de Janeiro entre 1903/6 Adido em Paris entre 1857/60, estudou na <i>École de Ponts e Chaussées</i> e presenciou obras de Haussmann</p>	<p>Reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro</p>	 <p>Fig. 57: Traçado das ruas abertas ou alargadas segundo o plano de 1903</p>	<p>Projeto e construção de diversas ferrovias no país Projetos de prédios públicos na Corte</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de eixos viários, uniformização das fachadas • Implantação de parques públicos (sistema de áreas livres) e de infra-estrutura urbana, com reforma do porto • Expulsão das classes pobres do centro da cidade • Saneamento físico e social • Regulamentação do uso do espaço urbano através de um rígido código de posturas • Intervenções localizadas e pontuais, orientadas pelos princípios do higienismo e da ciência positivista 	 <p>Fig. 63: Projeto de alargamento de rua, com demolição dos sobrados</p>
<p>1904</p>	<p>Tony Garnier</p>	<p>(1869-1948) Arquiteto francês, estudou na <i>EBA</i> de Lyon e Paris <i>Grand Prix de Rome</i> em 1899 Arquiteto-chefe da cidade de Lyon</p>	<p><i>Cité Industrielle</i>, exposta pela primeira vez em Paris em 1904, publicada em 1917</p>	 <p>Fig. 58: Perspectiva aérea do conjunto da cidade industrial</p>	<p>Desenvolveu uma série de projetos públicos em Lyon, como o matadouro, 1906; o hospital, 1909; e um novo bairro residencial: <i>Estados Unidos</i>, 1924 <i>Grands Travaux de la Ville de Lyon</i>, 1920</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Separação das funções urbanas na cidade (zoneamento) • Exaltação dos espaços verdes, grandes boulevares axiais • Relação direta com o entorno; Crescimento em estrela • Assentamento habitacional sobre reticulados retangulares • Tipologia variada e abrangente de moradias • Grande espaço destinado aos edifícios públicos no centro • Ausência de muros divisórios, permitindo que os pedestres atravessassem toda a cidade em qualquer sentido 	 <p>Fig. 64: Reticulado retangular com vias diagonais</p>
<p>1906</p>	<p>Eugène Hénard</p>	<p>(1849-1923) Arquiteto e urbanista visionário francês 1º presidente da <i>Société Française des Urbanistes</i>, "pai do urbanismo francês"</p>	<p><i>Études sur les Transformations de Paris</i>, série de proposições publicadas entre 1903/9</p>	 <p>Fig. 59: Vista da proposta para praça rotatória com grandes boulevares</p>	<p>Planos para Berlim, Londres e Moscou Projeto da Avenida Alexandre III, em Paris</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grande preocupação com o sistema de circulação • Praça Rotatória, famosa <i>fórmula de Hénard</i> • Invenção da passagem de vias férreas em níveis distintos • Vias radiais e perimetrais • Hierarquização do sistema viário, com divisão da circulação em 6 categorias, com tipos de vias públicas apropriadas a cada uma delas • Sistema de espaços livres 	 <p>Fig. 65: Sistema de circulação proposto</p>

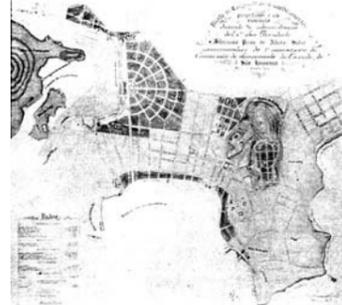
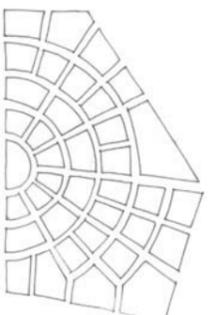
1907	Emilio Belloni	Técnico italiano especializado em transportes	<i>Il Corso d'Italia</i> em Milão	 <p>Fig. 66: Perspectiva d'Il Corso d'Italia, vista do Domo</p>	Entre 1906 e 1937, Belloni publica uma série de modestos projetos que tratavam de redes de estradas-de-ferro, bondes e ruas em Milão	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grande preocupação com o sistema de transportes ▪ Cidade linear concebida a partir de uma via retilínea ▪ Boulevard monumental, criando grande eixo visual, que termina em praça em torno da qual estão localizados importantes edifícios públicos ▪ Vias diagonais ▪ Praça rotatória ▪ Visão regional de planejamento 	 <p>Fig. 72: Avenida monumental, praça rotatória, avenidas diagonais</p>
1909	Daniel Hudson Burnham e Edward Benett	(1846-1912) Arquiteto-urbanista Supervisor de construção da Exposição Mundial de Columbia, Chicago, em 1893 (1874-1954) Arquiteto-assistente. Formado pela EBA, Paris	Plano de Chicago, EUA	 <p>Fig. 67: Plano de Chicago, EUA</p>	Planos urbanísticos para as cidades de Cleveland e San Francisco (EUA) e Manila (Filipinas), 1905 Planos para as cidades de Ottawa, 1915; Minneapolis e Denver, 1917	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Movimento <i>City Beautiful</i> ▪ Monumentalidade ▪ Integração da paisagem natural à paisagem urbana ▪ Diferenciação do centro comercial e centro cívico ▪ Grandes eixos de perspectivas, <i>Portal da Cidade</i> ▪ Suntuosidade arquitetônica ▪ Vias radiais, perimetrais e diagonais ▪ Sistema de espaços livres; Zoneamento ▪ Estrutura clássica <i>Beaux-Arts</i> do plano 	 <p>Fig. 73: Avenidas diagonais, radiais e perimetrais</p>
1910	Francisco Saturnino Rodrigues de Brito	(1864-1929) Engenheiro civil Participou da Comissão Construtora de Belo Horizonte com Aarão Reis Elaborou e executou planos de saneamento para dezenas de cidades no país	Projeto Sanitário da Cidade de Santos, SP	 <p>Fig. 68: Planta da cidade de Santos, SP</p>	<i>Tracé Sanitaire des Villes</i> , livro publicado em 1916 Projeto Sanitário para a cidade de Campos, RJ (1899)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Harmonia completa entre todos os elementos urbanos ▪ Fragmentação racional dos terrenos ▪ Ocupação higiênica, estética e econômica dos lotes e logradouros públicos; Avenidas em Y ▪ Condenação aos planos parciais ▪ Obediência aos interesses da coletividade ▪ Atendimento aos 3 <i>tráfegos</i>: circulação de pedestres, de veículos e de infra-estrutura urbana ▪ Hierarquia viária - funcional e físico-espacial 	 <p>Fig. 74: Avenidas em Y, eixos visuais</p>
1912	Walter Burley Griffin	(1876-1937) Arquiteto-paisagista pela Universidade de Illinois, EUA	Plano de Canberra, Austrália. Primeiro lugar no Concurso Internacional para a Nova Capital Federal	 <p>Fig. 69: Plano de Canberra, Austrália</p>	W. H. Emery House, Illinois, 1903 Adolph Miller House, Illinois, 1909 Stinson Memorial Library, Illinois, 1912 Joshua Melson House, Iowa, 1912	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Crescimento em estrela; Zoneamento ▪ Sub-centros conectados por relações baseadas em triângulos equiláteros (centros político, comercial e militar) ▪ Grandes eixos visuais terminando em praças monumentais; sistema de áreas livres ▪ Rótulas e superposição de malhas distintas ▪ Ruptura com a rigidez <i>Beaux-Arts</i> ▪ Vias radiais e perimetrais ▪ Traçado extremamente formal, mas adaptado à topografia 	 <p>Fig. 75: Os 3 sub-centros principais, conformando triângulo equilátero</p>
1912	Eliel Gottlieb Saarinen	(1873-1950) Arquiteto-urbanista finlandês. Estudou Arquitetura e Pintura em Helsinki Em 1923, se mudou para os EUA, onde viveu e trabalhou até sua morte. Presidente da <i>Cranbrook Academy of Art</i> , EUA	Plano de Canberra, Austrália. Segundo lugar no Concurso Internacional para a Nova Capital Federal	 <p>Fig. 70: Perspectiva do plano para Canberra, Austrália</p>	Plano de Extensão de Haia, 1908 Plano de Munkkiniemi-Haaga, 1915 Plano de Helsinki, 1918 Concursos para Budapeste e Tallinn (Estônia), 1913	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Traçado curvilíneo ▪ Sistema estelar, com vias radiais e perimetrais ▪ Sistema de espaços livres ▪ Sub-centros ▪ Zoneamento ▪ Praça do Parlamento em semi-círculo ▪ Avenidas monumentais, formando eixos visuais ▪ Regularização de tipologias edilícias ▪ <i>Portal da Cidade</i> 	 <p>Fig. 76: Um dos sub-centros, com traçado curvilíneo e radiocêntrico</p>
1913	Marcel Pöete	(1866-1950) Historiador de Paris, um dos principais teóricos da escola parisiense. Ministrou <i>História das Cidades</i> no <i>IUUP</i> e na <i>Bibliothèque de la Ville de Paris</i> . Fundador da <i>SFU</i>	Anteprojeto de Extensão de Paris, elaborado pela Comissão de Extensão de Paris, da qual Pöete fazia parte	 <p>Fig. 71: Anteprojeto do Plano de Extensão de Paris</p>	<i>Bibliothèque de la Ville de Paris</i> , 1903 Instituto de História, Geografia e Economia Urbanas, 1916 <i>EHEU/IUUP</i> , 1919 <i>Une Vie de Cité</i> , livro publicado em 1924	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pesquisa sociológica e observação científica ▪ “Urbanismo é, ao mesmo tempo, ciência e arte, pois, ainda que precise do arquiteto e do engenheiro, fundamenta-se em dados propriamente científicos, que procedem de disciplinas diversas - Economia, Geografia, História e outras”. ▪ “A cidade é um ser sempre vivo, cujo passado temos de estudar”. 	

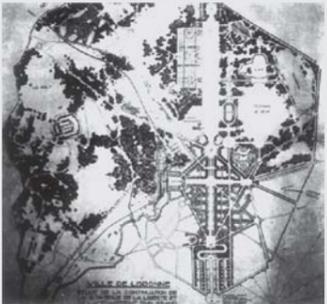
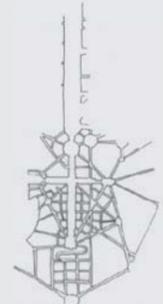
1913	Sir Edwin Lutyens	(1869-1944) Arquiteto inglês	Plano de Nova Dehli, Índia	 <p>Fig. 77: Plano de Nova Dehli, Índia</p>	Cidade-Jardim de Port Sunlight, Inglaterra, 1888 Hampstead Garden Suburb, Inglaterra, 1905, onde foi nomeado consultor para as praças centrais	<ul style="list-style-type: none"> • Grandes eixos monumentais • Focagem dos monumentos • Estreita relação entre a arquitetura e o desenho urbano • Vias diagonais, radiais e perimetrais • Sub-centros • Sistema de áreas livres • Estação de trem como <i>Portal da Cidade</i> 	 <p>Fig. 83: Eixo monumental, avenidas diagonais, traçado radiocêntrico</p>
1913	Hendrik Christian Andersen Ernest Hébrard	(1872-1940) Escultor Arquiteto <i>Grand Prix de Rome</i>	<i>A Cidade Mundial, Capital da Paz e do Pensamento</i> , a ser construída em Paris, Roma, Istambul, Haia, Berna ou Neuchâtel	 <p>Fig. 78: Perspectiva aérea da <i>Cidade Mundial</i></p>	Planos para as cidades de Phnom Penh Guyaquil, 1910 Salônica, 1918 Dalat Hanói, 1921 Hai Phong e Saigon	<ul style="list-style-type: none"> • Grande eixo de simetria rigoroso • Centro monumental, sede de diferentes instituições internacionais • Sistema de áreas livres • Vias radiais e perimetrais • Zoneamento; Determinação da volumetria dos edifícios • <i>Portal da Cidade</i> • Sub-centros • Praça rotatória 	 <p>Fig. 84: Simetria rigorosa, avenidas diagonais, sub-centros</p>
1913	Bruno Taut	(1880-1938) Arquiteto alemão sem formação acadêmica Em 1921, tornou-se arquiteto da cidade de Magdeburg, Alemanha	Cidade-Jardim de Falkenberg, Alemanha	 <p>Fig. 79: Perspectiva do projeto de Falkenberg</p>	<i>A Dissolução da Cidade</i> , publicado em 1920 Conjuntos residenciais de baixo custo a partir de 1923 Modelo de um povoado agrícola de forma circular, subdividido radialmente	<ul style="list-style-type: none"> • Traçado curvilíneo; Zoneamento • Eixo principal fartamente arborizado • O desenho favorece a mistura social • Alia os recursos da paisagem com os elementos da tradição; Sistema de áreas livres • Hierarquização do sistema viário • Definição da volumetria das construções • Valorização da arquitetura vernacular • Compreensão da importância do sítio 	 <p>Fig. 85: Eixo principal, via diagonal, sistema de áreas livres</p>
1914	Léon Henri Prost	(1874-1959) Arquiteto parisiense, estudou na EBA de Paris <i>Grand-Prix de Rome</i> , 1902 Professor do EHEU/IUUP, foi orientador de Atílio em sua tese de Doutorado Trabalhou no Marrocos por 10 anos, desde 1913	Plano de Meckra-bel-Ksiri, Marrocos	 <p>Fig. 80: Plano de Meckra-bel-Ksiri</p>	Anvers, França, 1910 Planos de Fes, Rabat, Kenitra, Meknes, Petit-Jean e Casablanca, Marrocos, 1914/1923 Plan d'Aménagement de la Région Parisienne, 1934 Istambul, Turquia, 1935	<ul style="list-style-type: none"> • Grandes eixos visuais com perspectivas monumentais • Sub-centros especializados • Sistema de áreas livres • Avenidas diagonais, radiais e perimetrais • Praças rotatórias e em semi-círculo • Estação ferroviária como <i>Portal da Cidade</i> • Zoneamento; Legislação reguladora • Respeito pela cidade existente • Hierarquização do sistema viário 	 <p>Fig. 86: <i>Portal da Cidade</i>; avenidas diagonais; sub-centros</p>
1915	Hendrik Petrus Berlage	(1856-1934) Arquiteto holandês Estudou no Instituto de Tecnologia de Zurique Recebeu a <i>British Royal Gold Medal</i> em 1932	Plano de Ampliação de Amsterdã-Sul, Holanda	 <p>Fig. 81: Plano de Amsterdã-Sul</p>	Plano de Remodelação de Haia, 1908	<ul style="list-style-type: none"> • Largas avenidas vastamente arborizadas • Edifícios residenciais com 4 andares no alinhamento com fachadas neutras, como no projeto de Haussmann • Pátio interno ajardinado; Sistema de áreas livres • Tratamento especial dado à praça em frente à estação de trens - conceito de <i>Portal da Cidade</i> • Avenidas diagonais, radiais, perimetrais, em Y • Aspecto cênico, maciço • Integração da habitação popular, arquitetura e urbanismo 	 <p>Fig. 87: Estação de trem como <i>Portal da Cidade</i>; avenidas em Y</p>
1915	Patrick Geddes	(1854-1932) Biólogo escocês, estudou, sempre do ponto de vista evolucionista, as transformações das comunidades humanas Em 1903, co-fundador da <i>Sociological Society</i>	<i>Cities in Evolution</i>	 <p>Fig. 82: Ilustração de seu livro</p>	<i>City Development</i> , publicado em 1904	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de conceitos urbanísticos que se tornaram clássicos, como <i>conurbação</i> • Grande influência nas cidades-jardim, segundo Choay 	

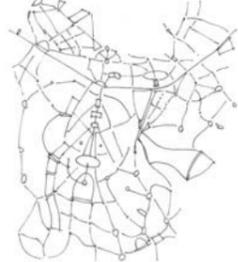
1919	Jacques Gréber	(1882-1962) Arquiteto-urbanista francês, formado pela EBA de Paris em 1909 Professor do EHEU/IUUP, onde ministrava a disciplina <i>Arquitetura da Paisagem</i>	Plano de Filadélfia, EUA	 <p>Fig. 88: Plano de Filadélfia</p>	Plano de Ottawa, 1930 Plano de Marseille, 1933 Plano de Montreal <i>L'Architecture aux États-Unis</i> , livro publicado em 1920	<ul style="list-style-type: none"> • Grandes eixos visuais com elementos focais ao fundo • Zoneamento • <i>Portal da Cidade</i> • Sistema de áreas livres • Avenidas diagonais • Conciliação do traçado urbano com as regras urbanas da economia • Sub-centros • Aglomeração de prédios importantes ao redor de praças 	 <p>Fig. 94: Traçado regular com diagonais e sistema de áreas livres</p>
------	----------------	--	--------------------------	--	--	--	--

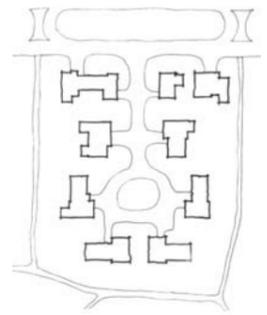
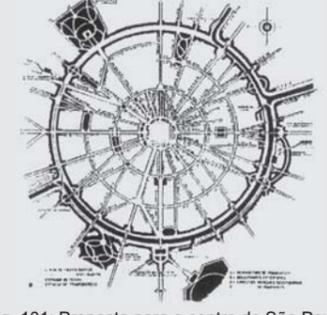
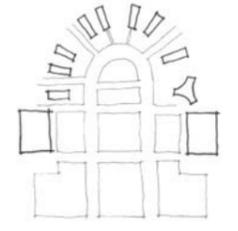
1919	De Rutté Brassompierre Sirvin Payret-Dortail		Plano da Cidade-Jardim da Grande Paris, França	 <p>Fig. 89: Plano da Cidade-Jardim da Grande Paris</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Grandes eixos visuais com elementos focais ao fundo • Sistema de áreas livres • Avenidas diagonais • Sub-centros • Praça principal em semi-círculo • Crescimento estelar • Traçado simétrico, radiocêntrico 	 <p>Fig. 95: Traçado simétrico, radiocêntrico</p>
------	---	--	--	---	--	---	--

1920	Louis de Soissons	(1890-1962) Arquiteto	Welwyn Garden City, Hertfordshire, Inglaterra	 <p>Fig. 90: Planta de Welwyn</p>	<i>Town Planning in Practice at Welwyn Garden City</i> , publicado em 1927	<ul style="list-style-type: none"> • Ajuste do desenho viário ao sítio urbano com sensibilidade • Traçado curvilíneo • Grande eixo visual, terminando em praça semi-circular • Respeito à cidade existente (caminhos, construções, arvoredos) • Arquitetura de grande homogeneidade, sem monotonia • Centro comercial e centro cívico distintos; Zoneamento • Ligação de todos os elementos urbanos através de um paisagismo muito bem disposto 	 <p>Fig. 96: Eixo principal, terminando em praça semi-circular</p>
------	-------------------	--------------------------	---	---	--	--	---

1924	Comissão Constructora do Porto de Niterói e Saneamento da Enseada de São Lourenço	Comissão de engenheiros de diversas especialidades	Construção do Porto de Niterói e Saneamento da Enseada de São Lourenço, RJ	 <p>Fig. 91: Plano do Porto de Niterói e obras anexas</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Concentração de grandes edifícios públicos ao redor de uma praça semi-circular • Sistema de vias radiais e perimetrais • Abertura de largo boulevard extensamente arborizado • Disposição de praça junto à estação de trem, para a recepção dos viajantes - conceito de <i>Portal da Cidade</i> • Estabelecimento de uma <i>vila-jardim</i>, loteamento destinado a operários com traçado curvilíneo, amplamente arborizado e espaços verdes no interior das quadras 	 <p>Fig. 97: Traçado radiocêntrico</p>
------	---	--	--	--	--	--	---

1925	Jean Claude Nicolas Forestier	(1861-1930) Engenheiro politécnico da Escola Florestal de Nancy Participou do debate cultural e profissional francês sobre os métodos de transformação da cidade através de suas publicações, projetos e obras construídas	Plano de Expansão do Norte de Lisboa, Portugal	 <p>Fig. 92: Plano de Expansão do Norte de Lisboa</p>	Jardins privados e parques públicos em Portugal, Espanha, França e Marrocos. Planos de Extensão e Embelezamento de Buenos Aires, 1924 e Havana, 1926. <i>Grandes Villes et Systèmes de Parcs</i> , 1905	<ul style="list-style-type: none"> • Grandes eixos visuais com elementos focais ao fundo • Sistema de áreas livres • Vias diagonais e radiais • Sub-centros • Estação de trem como <i>Portal da Cidade</i> 	 <p>Fig. 98: Eixo principal e vias diagonais</p>
------	-------------------------------	---	--	--	---	---	---

1925	Léon Jaussely	(1875-1933) Arquiteto francês formado pela EBA de Paris <i>Grand-Prix de Rome</i> , 1903 Professor da EHEU/IUUP, com o curso <i>Arte Urbana</i> Presidente da <i>Société Française des Urbanistes</i>	Plano de Ancara, Turquia	 <p>Fig. 93: Plano de Ancara</p>	Plano de Extensão de Barcelona, 1904 Plano de Ordenamento da Região Parisiense, 1934	<ul style="list-style-type: none"> • Sub-centros • Eixos grandiosos com perspectivas • Sistema de áreas livres • Traçado curvilíneo • Zoneamento • Avenidas diagonais • Praças rotatórias • Estação de trem como <i>Portal da Cidade</i> 	 <p>Fig. 99: Traçado curvilíneo com sistema de áreas livres</p>
------	---------------	--	--------------------------	---	---	--	--

1927	Armando Augusto de Godoy	(1876-1944) 1º engenheiro no RJ a falar de <i>Urbanismo</i> , tornando-se nome de referência nacional. Atualizado com a cultura urbanística da época. Elo entre os urbanistas brasileiros e a produção urbanística estrangeira	Um dos principais articuladores da vinda de Agache para elaborar o plano da cidade		Comissão do Plano da Cidade do RJ, 1931 Intervenções realizadas no Rio de Janeiro <i>A Urbs e seus Problemas</i> , coletânea de artigos e conferências, 1943 Revisão do Plano de Goiânia, 1936	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Introdução de dimensões mínimas para os lotes ▪ Sistema de parques, jardins e <i>play-grounds</i> ▪ Meios de transporte confortáveis ▪ Estudo profundo do passado ▪ Quadra ventilada em seu interior ▪ Solução racional para a Habitação; Zonemanento ▪ Atenção ao lado econômico da questão urbana ▪ Divulgador e propagandista do Urbanismo, da idéia de um plano para o Rio de Janeiro, e defensor do Plano Agache 	
1928	Clarence Stein Henry Wright	(1882-1975) Arquiteto pela EBA, Paris Em 1956 ganhou a AIA's <i>Gold Medal</i> por seus serviços (1876-1936) Arquiteto pela Universidade de Penn. Professor na Universidade de Columbia	Radburn, New Jersey, EUA	 <p>Fig. 100: Planta de Radburn</p>	Sunnyside Gardens, Queens, NY, EUA, 1924 <i>Culture of Cities</i> , publicado em 1938	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Superquadras ▪ Traçado viário curvilíneo ▪ Sistema de parques internos limitados pelos fundos dos terrenos, que se comunicam por toda a cidade, onde apenas os pedestres podem se locomover, promovendo, assim, a separação de veículos e pedestres ▪ Casas com frentes para jardins privados e fundos para ruas de acesso em <i>cul-de-sac</i> 	 <p>Fig. 105: Separação entre veículos e pedestres</p>
1930	Francisco Prestes Maia	(1896-1965) Engenheiro-civil, funcionário de carreira da Prefeitura de São Paulo Foi prefeito de SP nomeado por Getúlio Vargas no período de 1937-45. Novamente eleito por voto direto de 1961-64	Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo	 <p>Fig. 101: Proposta para o centro de São Paulo</p>	Plano Regional de Santos, SP, 1947	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistema viário de avenidas radiais e perimetrais ▪ Tráfego de alta velocidade e sem interrupções ▪ Sistema de áreas livres ▪ Praça do Anhangabaú como <i>sala de visitas</i>, <i>portal da urb</i> ▪ Consideração da cidade existente ▪ Espaços públicos e conjuntos arquitetônicos formados por edifícios monumentais ▪ Legislação reguladora: zoneamento, gabaritos, loteamentos, arruamentos 	 <p>Fig. 106: Sistema radiocêntrico, com vias radiais e perimetrais</p>
1930	Hans Poelzig	(1884-1948) Arquiteto alemão	Concurso para a Remodelação da Praça da República, Berlim, Alemanha	 <p>Fig. 102: Perspectiva aérea da Praça da República</p>	Grosse Schauspielhaus, Berlim, Alemanha, 1919 Cenários para o filme "O Golem", de Paul Wegener, 1920	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grande praça semi-circular no fim de eixo de perspectiva ▪ Aglomeração de edifícios importantes ao redor de praça principal ▪ Vias radiais e perimetrais 	 <p>Fig. 107: Conjunto de edifícios dispostos radialmente em praça semi-circular</p>
1930	Atílio Corrêa Lima	(1901-1943) Arquiteto pela ENBA / RJ Um dos primeiros brasileiros a se especializar em urbanismo, no <i>IUUP</i>	<i>Avant Projet d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil</i> , tese-projeto no <i>IUUP</i>	 <p>Fig. 103: Capa do trabalho de Atílio, publicado em 1932</p>	Plano de Goiânia-GO, 1933 Plano de Remodelação do Recife-PE, 1936 Conjunto Residencial para o IAPI, SP, 1938 Plano da Cidade Operária de Volta Redonda-RJ, 1941	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avenidas monumentais fartamente arborizadas, diagonais, praça rotatória; Diferenciação dos perfis de vias ▪ Sistema de áreas verdes, cidade-jardim em Piratininga ▪ Sub-centros especializados (cívico, comercial e cultural) ▪ Crescimento estelar, visão regional de planejamento ▪ Legislação reguladora: zoneamento, gabaritos, loteamentos, arruamentos ▪ Conjunto de edifícios públicos em praça: <i>Portal da Cidade</i> ▪ Sem maiores preocupações com a exequibilidade 	 <p>Fig. 108: Centro cívico com avenidas radiais e praça rotatória</p>
1930	Donat Alfred Agache	(1875 -1959) Arquiteto francês formado pela EBA de Paris Presidente da <i>Société Française des Urbanistes</i> quando chegou ao Brasil, em 1927	Plano de Extensão, Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro	 <p>Fig. 104: Planta de zoneamento da cidade</p>	3º lugar no Concurso Internacional para Canberra, 1912 Plano de Dunkerque, França, 1922 Expansão da Região Oeste de Lisboa, 1935 Interlagos, SP, 1945	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Legislação reguladora: zoneamento, gabaritos, loteamentos, arruamentos ▪ Sistema de áreas verdes; Saneamento ▪ Sub-centros especializados; Crescimento estelar ▪ Avenidas monumentais fartamente arborizadas ▪ Bairros-jardim na Ilha do Governador, Paquetá e Leblon ▪ Conjunto de edifícios públicos formando o <i>Portal do Brasil</i> ▪ Integração da natureza com desenho urbano e arquitetura 	 <p>Fig. 109: Bairro-Jardim do Leblon, traçado curvilíneo, <i>culs-de-sac</i></p>

2.3. ESQUEMAS CONCEITUAIS

Ao observar o quadro, pode-se perceber uma certa constância de princípios ordenadores que unem os diversos projetos analisados.

2.3.1. Zonas funcionais e sub-centros

As primeiras tentativas de zoneamento foram feitas na Alemanha e surgiram com o crescimento, em grande escala, dos meios de transporte mecanizados – metrô, bonde, ônibus – que haviam permitido às cidades expandir consideravelmente sua superfície. Esse processo teve como consequência a redução da densidade populacional – com exceção do centro, essencialmente comercial – e a acentuação das especificidades dos bairros. Em 1891, o prefeito de Frankfurt conseguiu adotar um plano de ocupação do solo (*abgestufte Bauordnungen*) que dividia a cidade em novos bairros, em zonas com funções próprias e regulamento específico.

Por volta de 1900, a expressão *Zonung* (zoneamento) começou a ser empregada para caracterizar esse sistema, que se difundiu no exterior e passou a constituir, desde 1914, o fundamento do urbanismo europeu e mundial.

A definição de zonas com funções específicas dentro das cidades está presente em quase todos os projetos analisados no quadro-síntese I. A estruturação da malha urbana em sub-centros especializados – centros administrativo, comercial, educacional, recreativo, entre outros – espelha esta tendência. No projeto vencedor do Concurso Internacional para a Capital Federal da Austrália, Canberra, de autoria de Walter Burley Griffin, por exemplo, o desenho é estruturado segundo um triângulo equilátero, em que cada vértice se localiza em uma elevação natural do terreno e onde se concentram, respectivamente, as



Fig. 110: Plano de Canberra, Walter Burley Griffin, 1912.

atividades políticas, comerciais e militares.¹³ Nos projetos de Unwin, Soissons, Gréber, Jaussely, Burnham, Saarinen, Lutyens, Atílio e Agache, pode-se também encontrar a utilização de centros secundários – centro cívico, centro comercial, centro universitário, centro militar, centro cultural, centro esportivo.

Nesses centros secundários, defendidos por Unwin em seu livro de 1909¹⁴, se aglomeram conjuntos arquitetônicos ao redor de grandes espaços abertos, que deveriam ser colocados nos pontos de afluência das principais vias de circulação. Segundo o autor, edifícios públicos dispersos pela cidade não produzem efeito algum, ao contrário de prédios agrupados, que se valorizam mutuamente. Este conceito já podia ser apreciado na descrição de centro público de Ebenezer Howard:

...No núcleo [da cidade] há um espaço circular de aproximadamente 2,2 ha, disposto como um belo e bem irrigado jardim e, ao seu redor, cada um em terreno próprio, estão os edifícios públicos – a sede da municipalidade, as principais salas para concertos e conferências, o teatro, a biblioteca, o museu, a galeria de arte e o hospital.¹⁵

2.3.2. Crescimento em estrela e eixos visuais

A idéia desenvolvida por Howard em seu livro *Garden Cities of Tomorrow*,¹⁶ a de crescimento da cidade em estrela, permite criar espaços livres no interior da mancha urbana, evitando assim o desenvolvimento das cidades numa sucessão de anéis concêntricos, e aparece nos projetos para as cidades-jardim de Letchworth, Welwyn e Radburn, esta última dos arquitetos Clarence Stein e Henry Wright em New Jersey, EUA; em Canberra, projetada por Walter Griffin, na cidade industrial de Tony Garnier, no Plano Agache para o Rio de Janeiro e na Tese-Projeto de Atílio para Niterói,

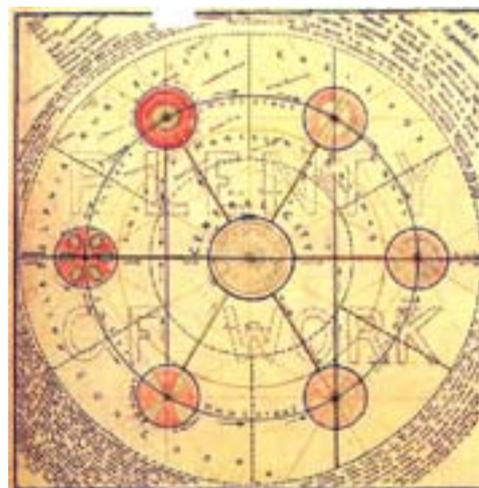


Fig. 111: Primeira versão do esquema de princípios do crescimento das cidades de Howard, ca 1888.

¹³ BACON, 1978, p. 309.

¹⁴ UNWIN, 1981.

¹⁵ HOWARD, 1996, p. 115.

¹⁶ *Ibid.*

entre outros projetos.

Os grandes eixos visuais terminando em praças monumentais e as avenidas diagonais são outras constantes na quase totalidade dos projetos analisados. Assim como o isolamento e a valorização dos monumentos e edifícios mais importantes.



Fig. 112: Plano parcial de Filadélfia, Jacques Gréber, 1919.

2.3.3. Sistema de circulação e traçado viário

O sistema de circulação era outra grande preocupação dos pensadores da época, aprofundada pelo advento do automóvel como transporte individual. Entre 1903 e 1909 Eugène Hénard, arquiteto e urbanista visionário francês, publicou seus *Études sur les Transformations de Paris* em fascículos¹⁷, com uma série de proposições, dentre as quais a concepção de vias perimetrais formando anéis concêntricos. Conjugadas a um sistema de vias radiais, tal rede contribuiria para descongestionar a área central de Paris. Este conceito se apresenta também nos projetos para Nova Dehli de Lutyens, a *Cidade Mundial*, de Ernest Hébrard e Hendrik Andersen, nas cidades desenvolvidas por Henri Prost para Marrocos, no Plano de Daniel Burnham e Edward Bennett para Chicago, nos três projetos finalistas do Concurso Internacional para a Capital Federal da Austrália – do norte-americano Walter Griffin, do finlandês Eliel Saarinen e do francês Alfred Agache –, nos projetos de Jean-Claude Forestier, Jacques Gréber e Prestes Maia, para citar alguns exemplos.

Nesse contexto ganhou importância a proposição de Hénard, em 1906, relativa ao desenvolvimento de praças rotatórias, com fluxo ininterrupto concentrando o tráfego de

¹⁷ HÉNARD, 1982.

diversas avenidas radiais.¹⁸ Belloni, Griffin, Jaussely, Prestes Maia e Atílio foram alguns dos que usaram esta tipologia em seus projetos de traçado viário.



Fig. 113: Anel viário (em amarelo) do Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo, Prestes Maia, 1930.



Fig. 114: Conjunto Praça da Sé – Praça da Estrela. Prestes Maia, 1930. Praça rotatória em frente ao Palácio de Governo.

2.3.4. Portal da cidade

Raymond Unwin, em seu livro de 1909¹⁹, fez uma analogia entre as portas das cidades antigas e as estações das estradas-de-ferro. Segundo ele, a estação é um dos pontos focais das vias de comunicação, sendo por ela que a maior parte das pessoas chega ou sai das cidades. Dessa forma, deveria haver um grande espaço aberto para recepcionar os viajantes, uma praça que desse amplitude à entrada principal da cidade. Tal conceito pode ser também encontrado em Letchworth, do próprio Unwin e seu sócio Barry Parker; no Plano de Meckra-bel-Ksiri, de Henri Prost no Marrocos; no traçado de Lutyens para Nova Dehli; no Plano de Ampliação de Amsterdã Sul, de Hendrik Berlag; no Plano de Jacques Gréber para Filadélfia; na cidade-jardim de Welwyn, de Soissons; no projeto de



Fig. 115: Praça Monumental da Entrada do Brasil (vista diurna), Alfred Agache, 1930.

¹⁸ UNWIN, *op. cit.* p. 279-285.

¹⁹ *Ibid.*

construção do porto de Niterói; no Plano de Jaussely para Ancara, Turquia; e nos Planos de Atílio e Agache para Niterói e Rio de Janeiro, respectivamente.

2.3.5. Sistema de áreas livres

Outro importante conceito presente em quase todos os projetos listados é o sistema de áreas livres. Em Bath, os ingleses inventaram o parque urbano paisagístico em fins do século XVIII. Na década de 1830, Nash e Repton chegaram a sua forma acabada, mas se tratava ainda de realizações privadas. A criação sistemática de espaços verdes públicos nas cidades européias aconteceu na segunda metade do século XIX, consequência direta da Revolução Industrial e de seu impacto sobre a urbanização e os fluxos demográficos.

Assim, desde o fim da década de 1850, dois modelos de espaços verdes urbanos foram elaborados, na Inglaterra e na França. O modelo inglês se fundamentava numa simulação do campo, onde fragmentos pitorescos eram incorporados à cidade. Em Paris, Haussmann criou um modelo mais complexo, inserido numa abordagem global, que consistia numa hierarquia de tipos diversos de *espaces verdoyants* – expressão de Haussmann²⁰ –, distribuídos de maneira homogênea por toda a cidade: bosques periurbanos, parques intraurbanos, praças, jardins abertos ao público e, enfim, a arborização de todas as ruas. Esses dois modelos foram difundidos na Europa, onde cada país os combinou e interpretou a sua maneira.

Os espaços públicos respondiam a uma exigência de higiene e de moralização das classes trabalhadoras. O saneamento físico e social está presente nesses projetos listados, desde as reformas efetuadas por Haussmann em Paris às propostas dos planos de Agache e Atílio para Rio e Niterói.



Fig. 116: Anteprojeto de Avenidas e Parques de Buenos Aires, Jean Claude Forestier, 1924.

²⁰ CHOAY, 1994, p. 62.

2.3.6. Visão pluridisciplinar

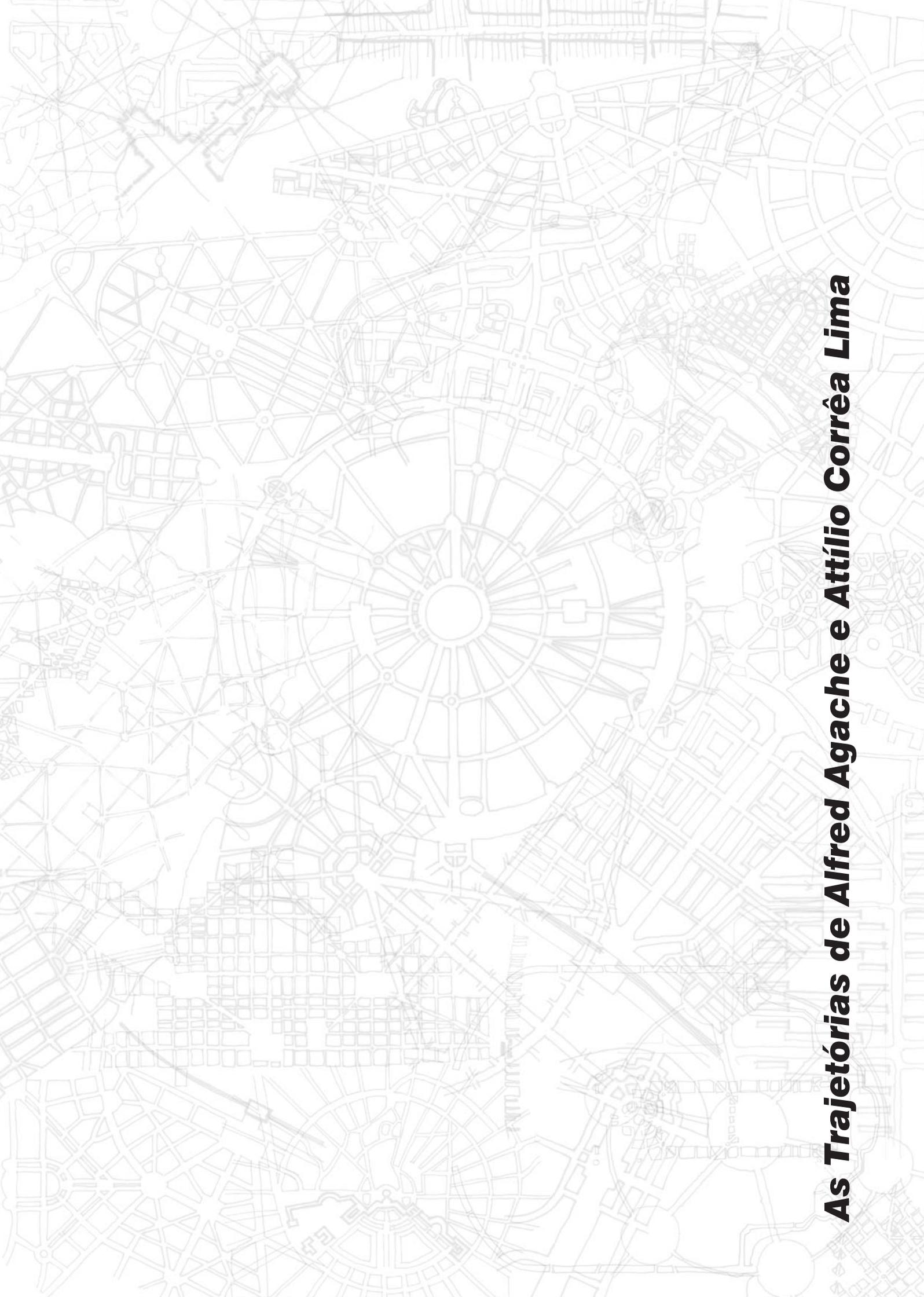
Desde o início da segunda metade do século XIX, começa-se a tratar a cidade como um organismo complexo e integrado de diversos sistemas. Com esta nova abordagem para o problema urbano, criou-se a necessidade de pluridisciplinaridade. O *IUUP* ilustra este enfoque, tendo professores de diversas especialidades – de economistas a historiadores, de arquitetos a advogados. Esta nova forma de se encarar o projeto urbano fica evidenciada na metodologia utilizada e nos resultados obtidos. A preocupação e o respeito com a cidade existente, por exemplo, demonstra esta mudança de comportamento. Louis de Soissons, ao elaborar o plano para Welwyn, teve o cuidado de considerar caminhos, construções e arvoredos preexistentes.²¹ Prestes Maia, em São Paulo, optou por não criar um sistema viário inteiramente novo e *ideal*, preferindo adaptar o que se apresentava.²² Agache e Atílio, antes de começarem a elaborar seus projetos, desenvolveram minuciosa pesquisa e diagnóstico da situação encontrada.

Para levar a cabo esta série de melhoramentos que deveriam ser postos em prática e se obter cidades menos caóticas, foi preciso lançar mão de uma legislação que regulamentasse o uso do espaço urbano através de um extenso código de posturas. Assim, ao lado dos projetos globais para a cidade como um todo, havia sempre um conjunto de regras que tentava assegurar o bem-estar da coletividade em detrimento de interesses particulares. Nos projetos analisados neste capítulo, esta regulamentação está sempre presente.

Com este capítulo, não se tencionou elaborar uma antologia urbanística, mas formar um quadro do pensamento sobre o urbanismo no período anterior à execução dos projetos de Atílio e Agache. A maneira como os preceitos apresentados no quadro-síntese I foram incorporados nas obras desses dois profissionais é analisado no capítulo 3.

²¹ MILLER, 1994, p. 180.

²² ACKEL, 1996, p. 72.



As Trajetórias de Alfred Agache e Atílio Corrêa Lima

3. AS TRAJETÓRIAS DE ALFRED AGACHE E ATTÍLIO CORRÊA LIMA

Antes de começar a análise comparativa entre o Plano Agache para o Rio de Janeiro e a Tese-Projeto de Attílio para Niterói – a realizar-se no capítulo 4 – foi elaborado um estudo acerca do conjunto da obra dos dois arquitetos. Seu objetivo é contextualizar os dois planos tanto no panorama cultural da época, inserindo-os no movimento mundial de circulação de idéias, quanto no conjunto de realizações dos próprios autores, Agache e Attílio.

3.1. CRONOLOGIA

Inicialmente, foi montada uma linha do tempo que correlaciona o percurso de ambos com os demais planos e projetos elaborados, os livros, revistas e outras publicações editadas, movimentos artísticos e fatos políticos ou históricos que marcaram sua época. Nela, estão assinalados os congressos urbanísticos, as viagens e encontros entre personagens importantes, a promulgação de leis e regulamentos, a criação das principais instituições que colaboraram para erigir a cultura e a prática urbanísticas, enfim, os eventos mais marcantes do período, que estabeleceram a dinâmica de circulação de idéias.

A cronologia foi dividida em seis segmentos temáticos, que percorrem o período analisado paralelamente. São eles: *Política e História*, *Cultura e Arquitetura*, *Publicações*, *Projetos*, *Alfred Agache e Corrêa Lima*. Graficamente, esses segmentos foram dispostos em faixas horizontais, nas cores branca e cinza, intercaladas. A marcação dos anos se faz numa linha central. Cada página ilustra uma década, sendo a parte superior referente aos cinco primeiros anos, e a inferior aos cinco anos ulteriores. Cada ano é formado por uma coluna virtual, que ocupa um décimo da página.

O conteúdo de cada segmento está resumido a seguir:

Política e História: Os principais fatos políticos e históricos foram colocados lado a lado e referenciados aos demais acontecimentos. Por exemplo, a seqüência de prefeitos eleitos ou nomeados no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e suas principais atuações no âmbito das obras urbanas.

Cultura e Arquitetura: Os mais importantes congressos de arquitetura e urbanismo, instituições de classe e movimentos artísticos estão aqui reunidos, além das principais

obras arquitetônicas da cidade, em sua maioria de autoria dos professores de Atílio e outros arquitetos formados na ENBA. Muitos desses edifícios, construídos até 1930, estão assinalados nas plantas do Plano Agache como marcos da arquitetura carioca. Daqueles construídos posteriormente ao plano, vários tiveram influência direta de Agache em sua concepção.

Publicações: Os livros, revistas, artigos e outras publicações editadas, que ajudaram a forjar a cultura e a produção arquitetônico-urbanística do período.

Projetos: Os planos e projetos urbanísticos, a promulgação de leis e decretos, os concursos internacionais de projetos e idéias ao redor do mundo.

Alfred Agache: O percurso da personagem, sua formação acadêmica, principais trabalhos, obras escritas, atividades docentes, participação em congressos etc.

Corrêa Lima: idem a Alfred Agache.



1875 1876 1877 1878 1879

POLÍTICA E HISTÓRIA



• Fig. 117: Colégio Amaro Cavalcanti, Catete, de Francisco Bethencourt



• Fig. 118: Hospital São Francisco, Av. Pres. Vargas (antigo Canal do Mangue)

ARQUITETURA

PUBLICAÇÕES

PROJETOS



• Fig. 119: Término das reformas de Glaziou nos jardins da Boa Vista

ALFRED AGACHE

CORRÊA LIMA

• 1º Plano de intervenções para o RJ, pela Comissão de Melhoramentos da Cidade; orientado para o saneamento básico da população de baixa renda. Várias dessas propostas foram realizadas por Passos em seu mandato (1903/06)

• Nasceu na cidade de Tours, França, em 24 de fevereiro

POLÍTICA E HISTÓRIA

• Fundação do *Clube de Engenharia*, no Rio de Janeiro, local de encontro desses profissionais. Exercia importante papel na articulação com o poder público

Fig. 121:



- Ilha Fiscal, por Adolfo del Vecchio
- Criação da revista *La Réforme Sociale*, por Frédéric Le Play



• Fig. 122: Antiga Fábrica Confiança, Rua Maxwell, Vila Isabel



• Fig. 120: Plano de Colônia, Alemanha, por Joseph Stübben

PUBLICAÇÕES

PROJETOS

ALFRED AGACHE

CORRÊA LIMA

1880 1881 1882 1883 1884
1885 1886 1887 1888 1889

POLÍTICA E HISTÓRIA

CULTURA

• Henri de Tourville forjou o instrumento de classificação de fatos sociais, que unificava os 3 procedimentos da ciência social experimental: observação metódica, comparação e classificação; método utilizado mais tarde por Agache



• Fig. 123: Real Gabinete Português de Leitura, Rua Luís de Camões, Centro, por Frederico José Bianco



• Fig. 124: Igreja da Imaculada Conceição, Praia de Botafogo, por Padre Clavelin



• Fig. 126: Fábrica de Tecidos Bangu, Rua Fonseca, Bangu, por De Morgan Snell

• *La Science Sociale est-elle une Science?*, por Henri de Tourville

• Fundação da *Revista do Clube de Engenharia*

• Camillo Sitte publicou *Der Städtebau Nach Seinen Künstlerischen Grundsätzen*, onde chamava a atenção para a dimensão estética da cidade, considerando-a uma obra de arte

PUBLICAÇÕES

PROJETOS

ALFRED AGACHE

CORRÊA LIMA



• Fig. 125: Port Sunlight, Inglaterra, por Edwin Lutyens

• Barata Ribeiro eleito prefeito do Distrito Federal

• Henrique Valadares eleito prefeito do Distrito Federal
• Eclósão da Revolta da Armada, que, rechaçada por Niterói, transformou a cidade numa praça de guerra

• Transferência da capital do Estado do Rio de Janeiro de Niterói para Petrópolis



• **Fig. 127:** Tribunal Regional Eleitoral, Rua Primeiro de Março, por Luís Schreiner

• Fundação do *Institut International de Sociologie*, órgão ao qual Agache iria se ligar mais tarde

• Fundação do *Musée Social de Paris*, cuja doutrina básica se inspirava no pensamento de Le Play. Do *Musée* e de sua *Séction d'Hygiène Urbaine et Rural* seria criada a *EHEU/IUUP*

• *Histoire de l'Architecture*, de autoria do engenheiro Auguste Choisy, que contribuiu para a formação da geração de arquitetos de Agache ao propor uma abordagem pluridisciplinar da Arquitetura

• *Der Städtebau - Handbuch der Architektur*, por Joseph Stübben. Livro de enorme sucesso, foi traduzido e reeditado em diversos países

• O prefeito de Frankfurt, Franz Adickes, conseguiu elaborar um plano de ocupação do solo - *abgestufte Bauordnungen* - que dividia a cidade em zonas com funções e regulamentos particulares

• Criação da *Société Internationale de Science Sociale*, organização da qual Agache se tornou membro a partir de 1905. Seu objetivo era promover o estudo científico dos fenômenos sociais através da observação metódica

1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899

• Francisco Furkim Werneck eleito prefeito do Distrito Federal

• Ubaldino do Amaral eleito prefeito do Distrito Federal

• Faria Alvim eleito prefeito do Distrito Federal

• Fundação do *Collège Libre des Sciences Sociales*, cujo objetivo era organizar em Paris o ensino das ciências sociais para melhorar a vida humana. Agache tornou-se seu professor a partir de 1905, assim que se diplomou



• **Fig. 131:** Corpo de Bombeiros, na Praça da República, por Francisco Aguiar

• Fundação da *Garden City Association* na Inglaterra, por Ebenezer Howard
• Tony Garnier ganhou o *Grand Prix de Rome*

• Ebenezer Howard publicou *To-morrow - a Peaceful Path to Real Reform*

Fig. 128:



• Plano de Olmütz, Áustria, por Sitte

Fig. 129:



• Projeto de um Novo Arrabalde em Vitória/ES, por Saturnino de Brito

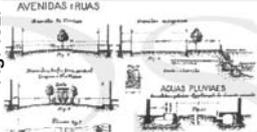
• Foi admitido na *École des Beaux-Arts de Paris* no ateliê de Victor Laloux, em julho

Fig. 130:



• Plano de Belo Horizonte, por Aarão Reis

Fig. 132:



• Projeto Sanitário para Campos/RJ, por Saturnino de Brito

POLÍ

- Arrasamento do Morro do Senado, no centro do Rio. O material proveniente do desmonte foi utilizado para o aterro do porto
- I Conferência da *Garden City Association*, em Bournville, Inglaterra, com 300 participantes

- Vitória de Rodrigues Alves nas eleições presidenciais
- II Conferência da *Garden City Association*, em Port Sunlight - cidade modelo da Lever Brothers Soap Co., com mais de mil participantes

- Pereira Passos assumiu a prefeitura e iniciou reformas urbanas
- Oswaldo Cruz organizou campanha de saneamento para combater a febre amarela no Rio
- Niterói reassumiu a condição de capital do Estado do RJ

- Pereira Passos inaugurou os PAS - projetos de alinhamento - na prefeitura do Distrito Federal

- Começou-se a empregar o termo *Zonung* na Alemanha
- Eugène Hénard participou da preparação da Exposição Universal de Paris, trabalho pelo qual ganhou a *Médaille d'Or*

- Na Holanda a legislação passou a exigir que todas as cidades com mais de 10.000 habitantes tivessem um plano de zoneamento

- Fundação da *Deutsche Gartenstadtgesellschaft* - associação alemã de cidades-jardim, por um grupo de intelectuais berlinenses
- Henri Prost ganhou o *Grand Prix de Rome*

- Criação da *Association Française des Cités-jardins*, por Georges Benoît-Lévy, que recebeu do *Musée Social* uma subvenção para estudar cidades-jardim inglesas
- Criação da *Bibliothèque de la Ville de Paris*, por Marcel Pöete

- I Congresso de Cidades-Jardim na Inglaterra. A França foi representada por André Lichtenberger, diretor adjunto do *Musée Social*
- A Prússia editou lei semelhante à da Holanda, exigindo planos de zoneamento para grandes cidades

- Exposição Universal em Paris

- Raymond Unwin manifestou seu interesse pela arquitetura social no opúsculo chamado *Cottage Plans and Common Sense*
- Reedição do livro de Howard, com novo título: *Garden Cities of Tomorrow*

- Hénard começou a publicar seus *Études sur les Transformations de Paris*, até 1909
- *Cours d'Introduction à l'Histoire de Paris*, por Marcel Pöete, que viria a ser professor no *IUUP*

- *City Development*, por Patrick Geddes
- *La Cité Jardin*, por Georges Benoît-Lévy, membro do *Musée Social*
- Lançamento da Revista alemã *Der Städtebau*, primeira revista de urbanismo no mundo

- *City Development*, por Patrick Geddes
- *La Cité Jardin*, por Georges Benoît-Lévy, membro do *Musée Social*
- Lançamento da Revista alemã *Der Städtebau*, primeira revista de urbanismo no mundo



• Fig. 133: Plano da Comissão McMullan para Washington, EUA



• Fig. 134: Amsterdã-Sul, Berlage



• Fig. 135: Cidade-Jardim de Letchworth, Inglaterra, projetada por Raymond Unwin e Barry Parker



• Fig. 136: Garnier expôs sua *Cité Industrielle* em Paris

- A partir desse ano, o estudante de Arquitetura começou a publicar seus trabalhos de observação social na Revista *La Science Sociale*

- Publicou *La Housing Question à Londres*, um estudo de habitação popular na capital inglesa
- Tornou-se membro do *Musée Social*

- Agache ganhou seu primeiro concurso internacional para a crítica da capital da Austrália, Canberra

- Visitou a Exposição de Saint Louis, EUA, liderando a missão do *Musée Social*

- Nasceu em Roma a 08 de abril, filho do escultor José Octávio Corrêa Lima e de Rosália Marzia Benfaremo.
- Foi registrado no Consulado Brasileiro

1900 1901 1902 1903 1904 1905 1906 1907 1908 1909

- Início das demolições de edifícios no centro do Rio de Janeiro
- Promulgada lei que tornava obrigatória a vacinação contra a varíola no Rio de Janeiro
- Eclôsão da Revolta da Vacina
- Inauguração da Avenida Central

- Vitória de Afonso Pena nas eleições presidenciais
- Francisco de Sousa Aguiar assumiu a prefeitura do DF

- Exposição Nacional Agrícola, Industrial, Pastoril e de Artes Liberais na Praia Vermelha, Urca, com plano urbano do engenheiro Sampaio Correia

- Morte de Afonso Pena e posse de seu vice na presidência, Nilo Peçanha
- Inocêncio Serzedelo Correia assumiu a prefeitura do Distrito Federal



• Fig. 137: Fachada da ENBA, projeto de Morales de los Rios

- Vila Operária na Av. Salvador de Sá, o 1º PA de Pereira Passos
- Estação das Barcas, Praça XV
- Jardins Suspensos do Valongo, Rua Camerino, Centro
- Antiga Casa de Amortização, Av. Central, por Gabriel Junqueira



• Fig. 141: Armazéns do Cais do Porto do RJ, de F. Bicalho

- Inauguração do novo prédio da ENBA, de Morales de los Rios
- Fundação da *Section d'Hygiène Urbaine et Rural du Musée Social*, em Paris, onde foram apresentadas as 1ºs proposições urbanísticas francesas do século XX



• Fig. 144: Inauguração do Teatro Municipal, Projeto Áquila, de Francisco de Oliveira Passos

- *Das Englische Haus*, por Hermann Muthesius. Sério estudo da arquitetura doméstica inglesa, incluindo o trabalho de Unwin e Parker

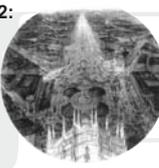


• Fig. 138: *Grandes Villes et Systèmes de Parcs*

- Fig. 139: Eugène Hénard propôs, em seus *Études*, o *Carrefour à Giration des Grands Boulevards*



- Fig. 142: *Il Corso d'Italia*, Milão, por Emilio Belloni



- Fig. 143: Plano de Extensão de Haia, Holanda, por Hendrik P. Berlage

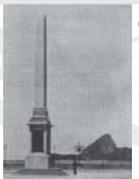


- Fig. 145: *Town Planning in Practice*, por Raymond Unwin: o primeiro tratamento sério das teorias de Sitte em Inglês



- Hampstead Garden Suburb, Londres, de Barry Parker e Raymond Unwin, com Edwin Lutyns como consultor
- Planos de Extensão de Cleveland, EUA, e Manilla, Filipinas, de Daniel Burnham e Edward Benett

- Fig. 140: Obelisco comemorativo da inauguração da Av. Central



- Fig. 142: *Il Corso d'Italia*, Milão, por Emilio Belloni

- Fig. 143: Plano de Extensão de Haia, Holanda, por Hendrik P. Berlage

- Plano de Chicago, EUA, por Daniel Burnham e Edward Benett
- Forest Hills Gardens, Nova Iorque, EUA, por Frederick Law Olmstead Jr.
- Plano de Saneamento do Recife, por Saturnino de Brito

- Após diplomar-se na EBA em fevereiro, tornou-se membro da *Société de Science Sociale*, que pretendia renovar a obra científica de Le Play e construir uma ciência social fundada na observação e investigação monográfica

- Tornou-se membro da *Section de Missions du Musée Social*, cujos estudos de campo se inspiravam nas técnicas de observação de Frédéric Le Play. Suas pesquisas estavam profundamente ligadas à formação da *SHUR*

- Iniciou sua participação na *Revue Internationale de Sociologie*

- Tornou-se membro da *SHUR* do *Musée Social*

- Chegou ao Brasil com os pais, então com 5 anos de idade
- Matriculou-se no Colégio Anglo-Brasileiro, onde fez os cursos primário e secundário

- Retornou com seus pais à Europa, pois José Octávio estava concluindo o busto do Alm. Barroso, que precisava ser fundido na França. Esta escultura encontra-se atualmente na Praça Paris, centro do Rio, projeto de Agache

- Vitória de Hermes da Fonseca nas eleições presidenciais
- Bento Manuel Ribeiro Carneiro assumiu a prefeitura do Distrito Federal
- Inauguração das obras do porto do Rio de Janeiro

• A Av. Central passou a se chamar Av. Rio Branco em homenagem ao Barão do Rio Branco, falecido nesse ano

- Sancelou Braz derrotou Rui Barbosa nas eleições presidenciais
- Rivadávia Correia assumiu a prefeitura do Distrito Federal
- Eclósão na Europa da I Guerra Mundial

- I Congresso Mundial de Urbanismo, organizado pelo *Royal Institute of British Architects*. Estavam presentes P. Geddes, L. Bonnier, E. Howard e R. Unwin
- Inaugurada a Biblioteca Nacional, Cinelândia, por Hector Pépin

- Fundação da *Société Française des Espaces Libres*
- Berlage visitou Chicago, onde pode ver o plano de Burnham, que o influenciou ao revisar seu plano de ampliação para Amsterdã-Sul em 1915

- Jules Siegfried, presidente do *Musée Social*, propôs ao congresso francês uma lei relativa aos planos de extensão e remodelação

- Henri Prost foi convidado pelo governo do general Liautey para projetar as capitais regionais do Marrocos e dirigir uma equipe de técnicos até 1923

- A *Société Française des Architectes Urbanistes* tornou-se oficial em 12 de março
- Stübben ministrou palestra sobre a construção de cidades na França e Alemanha no *Musée Social*, a convite de Agache

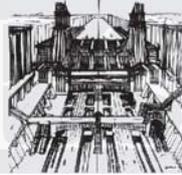
- *Les Espaces Libres dans les Grandes Villes e Les Cités Jardins*, por Georges Benoît-Lévy
- Pela 1ª vez, apareceu na França a palavra *urbanisme*, em artigo de Paul Clerget no *Bulletin de la Société Géographique de Neuf-Chatel*

- Ernst May traduziu *Town Planning in Practice*, de Unwin, para o Alemão
- Otto Wagner publicou *Die Grossstadt*, que ilustrava suas considerações sobre Viena. Nele propunha um sistema de vias radiais

- *Nothing Gained by Overcrowding*, panfleto por Raymond Unwin
- *Les Plans d'Aménagement et d'Extension de Villes*, por Georges Risler, membro da **SHUR**

- *Cités Jardins et Villes Futures*, por Alfred Agache

- **Fig. 146:** Manifesto futurista, por Antonio Sant'Elia e Filippo Marinetti



- Plano de Anvers, França, por Henri Prost
- Plano de Saneamento de Santos, por Saturnino de Brito
- Plano Geral de Melhoramentos em parte da cidade de Salvador, por Jeronymo Teixeira Lima

- Plano de Hellerau, perto de Dresden, única cidade-jardim alemã que resultou de uma experiência cooperativa, por Fischer e Muthesius

- Concurso de Canberra, Austrália, ganho por Walter Griffin
- Plano do subúrbio-jardim de Marienberg, Áustria, por Sitte
- Vale do Anhangabaú, de Joseph Antoine Bouvard, arquiteto francês convidado pela prefeitura

- Plano de Tallinn, Estônia, por Eliel Saarinen
- Cidade-Jardim de Falkenberg, Alemanha, por Bruno Taut
- Plano de Nova Dehli, Índia, por Edwin Lutyens
- *A Cidade Mundial*, por Hébrard

- Elaborou, em colaboração com Henri Prost e sob a direção de Eugène Hénard, a proposta do *Musée Social* de reformas urbanas em Paris

- Publicou *La Cité Jardin* no Congresso de Roubaix
- Fundou a *Société Française des Architectes Urbanistes*, com M. Auburtin, E. Hébrard, L. Jausse, H. Prost, J. C. N. Forestier, M. Pöete, T. Garnier e E. Redont

- Ganhou o Concurso para o Plano de Remodelação de Dunkerque, França, um dos primeiros concursos de urbanismo no país
- Ficou em terceiro lugar no Concurso Internacional de Canberra, Austrália

- Fez uma comunicação sobre cidades-jardim na exposição relativa à cidade moderna de Nancy
- Apresentou seu plano para Canberra aos colegas da **SHUR** do *Musée Social*

- Publicou *La Grande Ville, Étude d'Urbanisme - Les Documents du Progrès*, onde estabeleceu paralelo entre cidade e corpo humano
- Escreveu o artigo *Une Science Nouvelle: l'Urbanisme*, no diário *L'Excelsior*, de 13 de março

- Passou esse ano na França, estudando

- Retornou ao Rio de Janeiro

1910
1915

1911
1916

1912
1917

1913
1918

1914
1919

- Antônio Azevedo Sodré assumiu a prefeitura do Distrito Federal

- Amaro Cavalcanti assumiu a prefeitura do Distrito Federal
- O Brasil entrou na guerra em resposta ao torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães

- Vitória de Rodrigues Alves nas eleições presidenciais
- A gripe espanhola assolou RJ, SP e outras regiões do país
- Rodrigues Alves adoeceu antes de tomar posse. Delfim Moreira, seu vice, foi empossado

- Vitória de Epitácio Pessoa nas eleições presidenciais, derrotando Rui Barbosa
- André Paulo de Frontin assumiu a prefeitura do Distrito Federal
- Conclusão do conjunto de edifícios da Pça. da República, Niterói

- O Visconde Cornudet apresentou ao congresso francês um projeto de lei sobre os planos de extensão, basicamente o mesmo proposto por Jules Siegfried em 1912

- Criação do *Institut d'Histoire, de Géographie et d'Économie Urbaines de la Ville de Paris*, por Marcel Pöete

- Fundação do Centro Carioca, semelhante ao *Musée Social* de Paris
- Exposição de Anita Malfati em São Paulo
- Projeto do Copacabana Palace, Av. Atlântica, por Joseph Gire

- Lei Cornudet, em 14 de março
- Fundação da **EHEU**, em setembro, por M. Pöete, L. Bonnier, L. Jausse, J. Forestier; com apoio do *Musée Social* e da cidade de Paris. O 1º presidente foi o prefeito de *La Seine*

- *Cities in Evolution*, por Patrick Geddes
- *Vom Französischen Städtebau*, por Joseph Stübben

- *Tracé Sanitaire des Villes*, por Saturnino de Brito
- *La Législation et la Réglementation des Plans d'Aménagement et d'Extension des Villes*, por Raoul de Clermont, membro da **SHUR**, do *Musée Social*

- *Cité Industrielle*, por Tony Garnier
- *La Cité de Demain dans les Régions Dévastées*, por Jean Marcel Auburtin e Henri Blanchard, membros do *Musée Social*

- *New Towns after the War*, por Frederick J. Osborn, que sugeria ao governo inglês incorporar a política de *New Towns* no desenvolvimento de casas populares no pós-guerra

- Criação da Revista *La Vie Urbaine*, que contava com colaboradores membros da **SHUR**, tais como A. Agache, L. Bonnier, J. Forestier, M. Pöete, H. Prost, G. Risler e M. Auburtin

- Revisão do Plano de Ampliação de Amsterdã-Sul, Holanda, por Hendrik Petrus Berlage
- Plano de Extensão de Ottawa, Canadá, por Edward Benett
- Plano de Mukkiniemi-Haaga, Finlândia, por Eliel Saarinen

- Plano de Fes, por Henri Prost

Fig. 147:



- Planos de Extensão para Denver e Minneapolis, EUA, por Edward Benett
- Plano diretor de Rabat, Marrocos, por Henri Prost, orientador de Attilio de 1927 a 1930

- Plano de Helsinki, Finlândia, por Eliel Saarinen
- Plano de Salonica, por Ernest Hébrard
- Ante-projeto do Plano de Lille, França, por Pierre Lemoine

- Jardim América, SP, por Barry Parker e Raymond Unwin
- Plano de Filadélfia, EUA, por Jacques Gréber, do **IUUP**
- Plano da Cidade-Jardim da Grande Paris, por De Rutté

- Publicou *Comment Reconstruire nos Cités Détruites? Notions d'Urbanisme s'appliquant aux Villes, Bourgs et Villages*, com Auburtin e Redont, um verdadeiro tratado de urbanismo, com a formulação teórica completa da **SFU**

- *Les Grandes Villes Modernes et leurs Avenir*, texto escrito na ocasião da *Exposition de la Cité Reconstituée*, Paris
- *Boucherie Modèle ECO*, modelo de arquitetura social com propósitos higiênicos e morais

- Publicou *La Construction Moderne*

- Tornou-se secretário geral adjunto da **SHUR** do *Musée Social*
- Publicou seu estudo *La Crise du Logement à Paris* no jornal sindical *L'Information Ouvrière et Sociale*

- Organizou, em Paris, a primeira *Interallied Town Planning Conference*, que adotou o princípio da enquête científica antes de se começar a elaborar o plano das cidades

- Matriculou-se como *aluno-livre* na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

- Carlos César de Oliveira Sam-
paio assumiu a PDF

- Vitória de Artur Bernardes nas eleições presidenciais
- Alaor Prata assumiu a PDF
- Revolta do Forte de Copacabana deu início a ciclo de levantes

- Promulgação de lei modificando a Lei Cornudet em Paris (cujo texto foi considerado insuficiente pelos membros da **SHUR** do *Musée Social*)

- I Congresso Pan-Americano de Arquitetura, em Montevideo, Uruguai

- Fundação do Instituto Brasileiro de Arquitetos, IBA, pelos profissionais Morales de los Rios, Ângelo Bruhns, Archimedes Memória, Gastão Bahiana, José Cortez, entre outros; e da Sociedade Central de Arquitetos, SCA



- **Fig. 148:** Realização da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo

- II Congresso Pan-Americano de Arquitetos
- Gregori Warchavchik e Lasar Segall chegaram ao Brasil
- Stein e Wright se encontraram com Howard e Unwin na Inglaterra

- Integração da *École des Hautes Études, EHEU*, à Universidade de Paris, que passou a se denominar *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, IUUP*

- *L'Architecture aux États-Unis*, por Jacques Gréber, do **IUUP**
- *Grands Travaux de la Ville de Lyon*, por Tony Garnier
- Início da edição da *Revista Brasileira de Engenharia*

- Início da publicação da revista *Arquitetura no Brasil*
- *La Solution de la Crise du Logement par une Nouvelle Politique Foncière*, por Alfred Agache

- *Histoire de la Législation et de la Réglementation des Plans d'Aménagements*, por Raoul de Clermont, membro da **SHUR** do *Musée Social*

- *A Expansão da Capital Paulista e o seu Programa de Urbanização*, um dos muitos artigos escritos por Victor da Silva Freire na *Revista Municipal de Engenharia*

- Léon Jaussely traduziu *Town Planning in Practice*, de Unwin, para o Francês, livro que teve grande penetração na *SFU* e serviu como grande referencial teórico no **IUUP**
- *Une Vie de Cité*, por M. Pöete

- *Welwyn Garden City*, em Hertfordshire, Inglaterra, por Louis de Soissons
- Jacques Gréber ganhou o primeiro prêmio no Concurso para o Plano de Extensão de Lille, França

- Os engenheiros Cortez e Bruhns elaboraram projeto para a área do Castelo e utilizaram a idéia de Portal do Brasil

- Desmorte do Morro do Castelo
- Exposição Internacional para a Comemoração do Centenário da Independência
- Loteamento do bairro da Urca



- **Fig. 150:** Projeto para o Porto de Niterói, Comissão de Engenheiros

- Consagrou esse ano a uma vasta pesquisa de campo sobre as condições da reconstrução das cidades nos territórios devastados pela guerra
- Plano de Reims, França



- **Fig. 149:** Plano de Dunkerque, França

- Publicação de *Comment on Fait un Plan de Ville. Les Étapes d'une Étude Urbaniste*

- Ingressou no curso superior da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

- José Octávio Corrêa Lima, pai de Atílio, terminou as esculturas para o interior do Palácio Pedro Ernesto, na Cinelândia

1920 1921 1922 1923 1924

1925 1926 1927 1928 1929

- Edição do *Regulamento para Construções, Reconstruções, Acréscimos e Modificações de Prédios no Distrito Federal*, que adotou, pela 1ª vez, o instrumento de zoneamento na cidade do Rio. Godoy era um dos autores

- Vitória de Washington Luís nas eleições presidenciais
- Antônio Prado Jr foi nomeado prefeito do Distrito Federal

- Criação da *Ligue Urbaine* (Prost, Pöete, Forestier) em defesa da beleza e da salubridade de Paris, através da denúncia do desaparecimento dos espaços verdes

- *Crack* da Bolsa de Nova Iorque

- Fusão do IBA e do SCA, criando o ICA - Instituto Central de Arquitetos
- **Fig. 151:** *Exposition Internationale des Arts Décoratifs*, Paris



- Victor Brecheret realizou sua 1ª exposição individual em São Paulo
- Tarsila do Amaral realizou sua 1ª exposição individual em Paris

- III Congresso Pan-Americano de Arquitetos
- José Octávio Corrêa Lima, diretor da ENBA. Executou o Monumento à República, na Praça da República, Niterói, centro cívico da então capital do Estado

- Cândido Portinari ganhou o *Prêmio Viagem à Europa*
- Congresso de Urbanismo de Paris, cuja temática se relacionava com os estudos de Atílio, que participou como ouvinte
- I CIAM, La Sarraz, Suíça



- **Fig. 154:** Ponte Calabouço-Gragoatá, Cortez & Bruhns
- II CIAM, Frankfurt, Alemanha

- *A Questão Social das Pequenas Habitações no Rio*, por Armando de Godoy
- Gregori Warchavchik lançou manifesto sobre arquitetura moderna

- *Necessidade de um Plano de Remodelação para o Rio de Janeiro*, por Armando de Godoy
- *Introduction à l'Urbanisme*, por Marcel Pöete, professor fundador do **IUUP**

- *Uma Nova Fase para o Rio de Janeiro*, por Armando de Godoy

- Antônio Pitanga escreveu artigo na *Revista da Semana: O Plágio no Urbanismo do Sr. Agache*, onde o acusava de ter copiado a idéia de *Portal do Brasil*
- Oswald de Andrade lançou o *Manifesto Antropofágico*

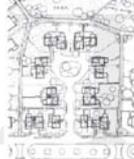
- *A Cidade, Problema de Governo*, por Luiz Anhaia Mello

- Plano de Ancara, Turquia, por Léon Jaussely, do **IUUP**
- Plano de Extensão do Norte de Lisboa, por Forestier, da **SHUR**
- *Plan Voisin*, Paris, por Le Corbusier e Pierre Jeanneret
- Plano de Creil, por A. Agache



- Plano de Havana, Cuba. Forestier

- Plano de Remodelação do Bairro de Sto. Antônio, Recife, do engº. Domingos Ferreira
- Plano de Remodelação de *Côte Varoise*, por Henri Prost
- *Siedlung Berlin-Britz*, por Bruno Taut e Martin Wagner



- **Fig. 153:** *Cul-de-sac*, Radburn, New Jersey, EUA, por Clarence Stein e Henry Wright



- **Fig. 155:** Edifício viaduto, Rio. Le Corbusier em sua 1ª viagem ao Brasil

- Participou da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes* em Paris, onde apresentou sua *Maison-de-Tous*, uma casa *moral* para a coletividade, para operários se divertirem e se educarem

- Início da articulação em torno da contratação de Agache para a elaboração do plano da cidade
- Tornou-se membro do comitê da *Revista Le Maître d'Oeuvre*
- *Plano de Poitiers, França*

- Chegou ao Rio em 25.06, contratado por Prado Jr para proferir algumas palestras. Foi a Recife e Belo Horizonte realizar conferências. Visitou São Paulo. De volta ao Rio, convocou sua equipe para trabalhar em seu escritório

- Apresentou um esboço do plano à PDF, o que permitiu o início de pequenas obras no Centro, entre elas, a Praça Paris
- Acusado de plágio por Cortez e Bruhns

- Submeteu sucessivamente seus trabalhos sobre o Rio à **SHUR** do *Musée Social*, desde 1928 a 1930

- Diplomou-se engenheiro-arquiteto pela ENBA
- 2º lugar no concurso Público para Ajardinamento da Ponta do Calabouço, RJ
- Membro da Diretoria de Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro

- 1º lugar no Concurso da ENBA, ganhando o *Prêmio Viagem à Europa*, com estágio e aperfeiçoamento profissional em Paris

- Trabalhou no escritório carioca de Agache, com Reidy e outros
- Mudou-se para a França com Olga, sua esposa
- Após uma viagem de reconhecimento por alguns países, ingressou no **IUUP**

- Entrou em contato com os mais importantes professores do **IUUP**, como Marcel Pöete, Henri Prost - que viria a ser seu orientador - Jacques Gréber, Louis Bonnier, entre outros

- Trabalhou no escritório de Agache, em Paris, na elaboração dos estudos preliminares do Plano do Rio. Em muito colaborou, tendo vivido desde a infância na cidade alvo do projeto

• Revolução de 30, desmontando a República Velha. Subida de Getúlio Vargas ao poder

- Adolfo Bergamini nomeado interventor do Distrito Federal
- Godoy presidente da Comissão de Sindicância do Plano Agache

• Pedro Ernesto assumiu a Prefeitura do Distrito Federal

- Criação da Universidade de São Paulo

• Pedro Ernesto assumiu a Prefeitura do Distrito Federal

- Eleições para a Assembléia Nacional Constituinte
- Hitler chanceler na Alemanha nazista

- Congresso eleito Getúlio Vargas presidente da República
- Pedro Ernesto destituiu a Comissão do Plano e o arquivou oficialmente
- Promulgada a Constituição de 1934

- IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, RJ. Prestes Maia e Agache apresentaram seus planos
- III CIAM, Bruxelas, Bélgica
- Lucio Costa convidado por Gustavo Capanema para assumir direção da ENBA

- Warchavchik e Reidy na ENBA
- Demissão de Lucio Costa em 18.09; greve geral dos alunos em seu apoio. Archimedes Memória, conservador, o substituiu.
- *Salão Revolucionário*, organizado por Lucio Costa no RJ

Fig. 156:



- Vila Operária da Gamboa, RJ, de Lucio Costa e Warchavchik

- IV CIAM, Atenas, Grécia
- Frank Lloyd Wright visitou, no Rio de Janeiro, exposição de Arquitetura Tropical reunindo trabalhos de Lucio Costa, Warchavchik, Reidy e Marcelo Roberto

- Criação da Universidade de São Paulo

- Lucio Costa publicou *Razões da Nova Arquitetura*
- Ernst May, diretor do Serviço de Construção Municipal de Frankfurt, criou a *Revista Das Neue Frankfurt*, que iria influenciar Atílio em seu projeto para o IAPI

- *O Plano de Remodelação da Cidade do Rio de Janeiro*, por Armando de Godoy
- Criação da *Revista Municipal de Engenharia*, editada pela PDF para divulgar as intervenções na cidade, onde se discute o Plano Agache

- A Universidade de Paris custeou a impressão da Tese de Atílio, que não podia receber o prêmio em dinheiro concedido pela instituição. A tese também foi publicada na revista oficial do corpo docente do *IUUP*, nºs 8 e 9

- *Urbanismo e suas Normas para Organização de Planos*, por Luiz Anhaia Mello, no Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo

- *Sugestões sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas e Terrenos Marginais*, por Augusto de Godoy na Revista Municipal de Engenharia
- Criação da Revista de Arquitetura RJ

- Plano de Otawa - Canadá, por Jacques Gréber, do *IUUP*
- Plano de Avenidas para São Paulo, por Prestes Maia
- Plano *Obus* para Argélia, por Le Corbusier

- Zózimo Barroso do Amaral publicou sua proposta para a construção de um bairro-jardim às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, destinado à população de alta renda

Fig. 157:



- Plano de Remodelação do Recife, do engº Nestor de Figueiredo

- Plano de Marseille, França, por Jacques Gréber, professor do *IUUP*

- *Plan d'Aménagement de la Région Parisienne*, por Henri Prost - urbanista-chefe da cidade de Paris desde 1932
- Heraldo Damasceno propôs a ligação direta entre Rio e Niterói através de uma ponte

- Agache apresentou a maquete do Plano do Rio, sendo condenada por vários arquitetos por ter adotado soluções simplistas
- Logo em seguida retornou a Paris, onde terminou o projeto e o publicou no fim do ano

- Enviou uma carta ao prefeito Adolfo Bergamini gentilmente solicitando a quantia que o DF ainda não lhe havia pago pela confecção do plano

- Fez série de importantes conferências entre 1922-32 no *Collège Libre des Sciences Sociales*
- Tornou-se membro do comitê da revista *Urbanisme*
- Abriu um escritório de urbanismo no Rio de Janeiro

- Escreveu um artigo para a *Revista Municipal de Engenharia* tratando do Plano de Remodelação do Rio de forma sintética

- Foi convidado a participar do Plano de Remodelação da Grande Istambul, Turquia, organizado pela municipalidade

- Em agosto, nasceu o filho Bruno
- Concluiu o curso no *IUUP*, defendendo a tese em dezembro
- Frequentou o curso do *Institut de Technique Sanitaire du Conservatoire des Arts et Métiers de Paris*

- Em fevereiro, a tese foi exposta no *Salon d'Architecture de Paris*.
- Atílio convidado a assumir a Cátedra de *Urbanismo e Arquitetura Paisagística* na ENBA. Após a demissão de Lucio, Atílio foi tolerado, talvez por ser filho do ex-diretor

Fig. 158:



- Detalhe da capa da Tese-Projeto

- Pedro Ludovico - interventor federal de Goiás nomeado por Vargas - convidou Atílio para elaborar o Plano Urbanístico de Goiânia, onde residiu por 1 ano e meio, interrompendo suas atividades docentes

- Membro do Conselho Nacional de Belas Artes, nomeado pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema
- Construção dos três 1ºs edifícios públicos de Goiânia - Palácio do Governo, Prefeitura e Hotel

1935

- Decretado o estado de sítio por Getúlio Vargas
- Pedro Ernesto Batista foi eleito prefeito do Distrito Federal

1936

- Cônego Olímpio de Melo interventor interino da prefeitura do Distrito Federal

1937

- Golpe do Estado Novo
- Decreto 6000, denominado *Código de Obras do Distrito Federal*, estabelecia novo zoneamento de forma ainda mais detalhada, principalmente nos bairros centrais

1938

- Fundação da revista *Urbanismo e Viação*
- *Introdução ao Estudo do Problema dos Espaços Livres no Rio de Janeiro*, por José Saboya Ribeiro, na Revista Municipal de Engenharia

1939

- Eclosão da II Guerra Mundial

- Min. da Guerra, RJ. C. Stockler

- Fig. 160: 2ª visita de Le Corbusier ao Brasil, convidado por Capanema como conselheiro para o projeto do MES

- Fig. 162: Estação Central do Brasil, Av. P. Vargas, RJ, de Roberto de Carvalho
- V CIAM, Paris

- Fig. 164: Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont, RJ, por Atílio C. Lima

- Fig. 165: Pavilhão do Brasil em Nova Iorque, Lucio Costa e Niemeyer

- Agache inaugurou a publicação mensal *Les Etudes Sociales* com o artigo *Un Exemple de Sociologie Appliquée: l'Urbanisme*
- *Evolução Urbana no Brasil*, por José Saboya Ribeiro na Revista Municipal de Engenharia

- Fig. 161: Fundação da revista *Arquitetura e Urbanismo*



- *Goiânia - A Nova Capital de Goiás*, artigo escrito por Atílio na revista *Arquitetura e Urbanismo*
- *Pierre Charles l'Enfant e o Plano da Cidade Federal*, por Luiz Anhaia Mello

- Fundação da revista *Urbanismo e Viação*
- *Introdução ao Estudo do Problema dos Espaços Livres no Rio de Janeiro*, por José Saboya Ribeiro, na Revista Municipal de Engenharia

- Fig. 165: Pavilhão do Brasil em Nova Iorque, Lucio Costa e Niemeyer

- Edição do Decreto 5595, que dividia a cidade do Rio em áreas mais adequadas a funções específicas que as anteriormente estabelecidas, detalhando o zoneamento, instrumento que se consolidou como norma de planejamento

- Revisão do Plano de Goiânia, por Godoy, para a Coimbra Bueno
- Projeto do Bairro Industrial e Operário na Vargem do Gravataí/RS, do engº Luiz Artur de Faria
- Projeto do campus da Univ. do Brasil, Le Corbusier e equipe

Fig. 163:



- Projeto da Vila Assunção, Porto Alegre, do engº Ruy de Viveiros

- Aprovado o projeto para a abertura da Av. Presidente Vargas, de autoria da comissão do Plano da Cidade
- Plano diretor para Buenos Aires, Argentina, por Le Corbusier

- Fig. 166: Início da construção do Jardim Laranjeiras e Jardim Guanabara

- Plano de Extensão da Região Oeste de Lisboa
- Agache submeteu o plano de Lisboa à *SHUR* do *Musée Social*

- O Plano Agache foi parcialmente retomado por Vargas, tendo Henrique Dodsworth - interventor do DF - reativado uma comissão para adaptar as idéias de Agache à realidade de quase 10 anos depois

- Nomeado interinamente por Vargas para reger a cátedra de Urbanismo na ENBA.
- Prestou concurso, sendo surpreendentemente reprovado. Apoiado por colegas, processou a escola. Desgastado, demitiu-se

- Começou a trabalhar para o Instituto de Aposentadorias dos Industriários
- Desenvolveu projetos arquitetônicos residenciais em escritório próprio no Edifício Triono (hoje demolido), na Av. Rio Branco

- Organizou a Exposição do Progresso Social da Cidade de Lille, França
- Chegou ao Rio poucos dias antes da eclosão da II Guerra Mundial, com intenção de aqui se fixar

- Por divergências com a firma responsável pelas obras em Goiânia, rescindiu o contrato e voltou ao Rio
- Assumiu novamente as atividades docentes na ENBA

- Nomeado para o Conselho Técnico do Distrito Federal
- Plano do Recife, com os técnicos da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, da qual Burle Marx fazia parte. Interrompeu novamente a atividade docente

- Nomeado interinamente por Vargas para reger a cátedra de Urbanismo na ENBA.
- Prestou concurso, sendo surpreendentemente reprovado. Apoiado por colegas, processou a escola. Desgastado, demitiu-se

- Começou a trabalhar para o Instituto de Aposentadorias dos Industriários
- Desenvolveu projetos arquitetônicos residenciais em escritório próprio no Edifício Triono (hoje demolido), na Av. Rio Branco

- Publicação do artigo *A Ponte Brasil*, na revista *Arquitetura e Urbanismo*, do IAB, onde descreveu o projeto da ponte que ligaria o Gragoatá à Glória, de autoria do arquiteto Léon d'Escoffier

• V Congresso Pan-Americano de Arquitetura, em Montevidéu
 • **Fig. 167:** Edifício Biarritz, Flamengo, por Henri Sajous



• I Congresso Brasileiro de Urbanismo, no Rio de Janeiro



• **Fig. 170:** Modulor, por Le Corbusier
 • Edifício de apartamentos para o IAPI, Botafogo, Rio de Janeiro, por Jorge Machado Moreira



• **Fig. 171:** Ministério da Fazenda, por Luiz de Moura, na Esplanada do Castelo, seguindo em grande parte o Plano Agache

Fig. 173:



• Aeroporto Santos Dumont, MMR

• Número da Revista *The Architectural Review* totalmente dedicado ao Brasil

• *A Urbs e seus Problemas*, coletânea de artigos e conferências por Armando de Godoy
 • *Can our Cities Survive?* por Josep Luis Sert, resumo dos CIAMs
 • *Brazil Builds*, por Philip Goodwin, sob patrocínio do MoMA - NY

• *Urbanização da Esplanada de Santo Antônio*, por José Saboya Ribeiro



• **Fig. 168:** Plano de Berlim, por A. Speer, maquete da Grande Avenida com o Arco do Triunfo e a Cúpula da Reichstag

• O arquiteto Lothar Kastrup começou a avaliar o projeto da Av. Amarel Peixoto, em Niterói
 • Início da abertura da Av. Presidente Vargas

• Abertura da Av. Amarel Peixoto, Niterói - trecho até a Praça da República
 • Projeto da Pampulha, Niemeyer. Junto com Volta Redonda, foram as 1^{as} experiências do urbanismo progressista no Brasil



Fig. 172:

• Projeto do Aeroporto de Praia Grande, Niterói, Co. Dahne e Conceição



• **Fig. 174:** Inauguração da Av. Presidente Vargas, em 7 de setembro

• Em visita a Salvador, apresentou ao então prefeito - Durval Neves da Rocha - um relatório sobre questões urbanas, que resultou na contratação de Mario Leal Ferreira para coordenar o Plano de Urbanismo de Salvador

Fig. 169:



• Zonamento para o Recife

• Secretariou a Comissão de Estudos História e Divulgação, no Congresso de Urbanismo, presidida pelo professor Morales de los Rios
 • Plano da Cidade Operária de Volta Redonda, RJ

• Relatório para a Fábrica Nacional de Motores, seu último projeto
 • Faleceu em 27.08, voltando de São Paulo, onde foi inspecionar as obras do IAPI. Seu avião acidentou-se e provocou a morte de todos os passageiros.

1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949

• José Filadelfo de Barros Azevedo assumiu a prefeitura do Distrito Federal

• Hildebrando de Araújo Góis assumiu a prefeitura do Distrito Federal. Cercou-se de bons assessores e tentou dar continuidade às obras de Dodsworth, entre elas o alargamento da Av. Princesa Isabel

• O General Ângelo Mendes de Moraes assumiu a prefeitura do Distrito Federal. Com autoridade militar, imprimiu ritmo acelerado aos trabalhos da prefeitura - Maracanã, Túnel do Pasmado, Santa Bárbara, entre outros

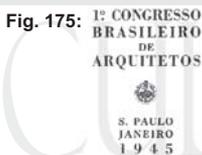


Fig. 175: 1º CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS



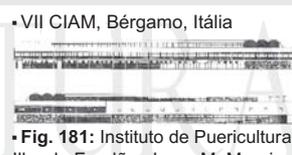
• **Fig. 177:** Banco Boavista, Praça Pio X, Centro. Oscar Niemeyer. Concepção urbanística derivada do Plano Agache



• **Fig. 178:** Pedregulho, São Cristóvão, por Reidy
 • VI CIAM, Bridgwater, Inglaterra



• **Fig. 180:** Edifícios do Parque Guinle, Lucio Costa
 • II Congresso Brasileiro de Arquitetos em Porto Alegre



• VII CIAM, Bérghamo, Itália
 • **Fig. 181:** Instituto de Puericultura, Ilha do Fundão, Jorge M. Moreira

• *A Cidade-Jardim*, por Luiz Anahaia Mello

• *Urbanização do Rio de Janeiro e o Problema do Tráfego*, por José Saboya Ribeiro

• Paul Lester Wiener, Josep Luis Sert e Paul Schuls fundaram a *Town Planning Associates*, com escritório em Nova Iorque, cujo 1º trabalho foi o projeto da Fábrica Nacional de Motores, a partir de esboço de Atílio feito em 1943

• *New Towns Act*, na Inglaterra, que permitiu o desenvolvimento de mais de uma dúzia de novas comunidades baseadas nos ideais de Howard
 • Inauguração de Volta Redonda, projeto de Atílio Corrêa Lima

• Plano Regional de Santos, por Prestes Maia

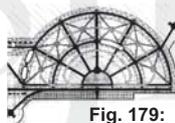


Fig. 179:

• Plano da Cidade de Salvador, Mario Leal Ferreira - EPUCS



• **Fig. 182:** Cidade Universitária, Ilha do Fundão, por Jorge M. Moreira e ETUB - Escritório Técnico da Universidade do Brasil

Fig. 176:



• Projeto de urbanização do Bairro Saldanha da Gama, Vitória, ES

• Bruno Corrêa Lima, filho de Atílio, ingressou na ENBA, no curso de Pintura

POLÍTICA HISTÓRICA

• João Carlos Vital assumiu a prefeitura do Distrito Federal. Em sua administração, foi feito o ante-projeto do metrô, aprovado pela Comissão do Metropolitano

• Dulcídio Cardoso assumiu a prefeitura do DF. Sua administração teve por mérito prosseguir as obras de seu antecessor. Entre as mais importantes está a sistematização das obras de desmonte do Morro de Santo Antônio

• Alim Pedro assumiu a prefeitura do DF. Iniciou a descentralização administrativa com a criação das sub-prefeituras e concluiu o Plano Rodoviário, que consistia, em síntese, no anel de contorno - quase pelos limites do DF

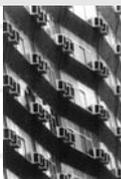


• Fig. 183: Teatro Popular, Mal. Hermes, por Affonso E. Reidy

• VIII CIAM, Hoddesdon, Inglaterra

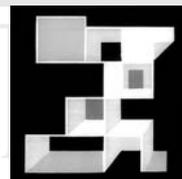


• Fig. 184: Residência Walter M. Salles, Gávea, Olavo Redig



• Fig. 186: Edifício Marquês do Herval, Av. Rio Branco, MMM Roberto

• III Congresso Brasileiro de Arquitetos, em Belo Horizonte
• IX CIAM, Aix-en-Provence, França
• Projeto do Museu de Arte Moderna, Aterro do Flamengo, por Affonso Eduardo Reidy



• Fig. 188: IV Congresso Brasileiro de Arquitetos em S. Paulo, com Gropius e Aalto

• O Plano Regional de Santos, por Francisco Prestes Maia

• Os Novos Moldes da Composição Urbana: Town Design, por Luiz Anhaia Mello

• O Plano Regional de São Paulo Uma Contribuição da Universidade para o Estudo de um Código de Ocupação Lícita do Solo, por Luiz Anhaia Mello

• Completou-se toda a Av. Ernani do Amaral Peixoto, em Niterói



• Fig. 185: Plano regional para o Recife, Antônio Bezerra Baltar

• Tornou-se membro do Rotary



Fig. 187:

• Projeto do Parque do Flamengo. Reidy, que estagiara com Agache no Rio, tomou partido contrário ao dele, com espaços mais livres

• Cidade-jardim Eldorado, Belo Horizonte, por Sérgio Bernardes

• Bruno Corrêa Lima, filho de Atílio, concluiu o curso de Pintura na ENBA

• Bruno Corrêa Lima ingressou no curso de Arquitetura na ENBA

1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959

• Francisco de Sá Lessa assumiu a prefeitura do Distrito Federal, por apenas 3 meses. Aprovou o projeto de alargamento da Av. Atlântica de Copacabana com a faixa de 18m sobre a praia

• Francisco Negrão de Lima assumiu a prefeitura do DF. Criou a SUDAN - Superintendência de Urbanismo e Saneamento -, que elaborou o Plano de Realização, um programa de obras que deveria ser executado em 10 anos

• Joaquim José de Sá Freire Alvim assumiu a prefeitura do Distrito Federal, dando prosseguimento às obras da SURSAN



• Fig. 189: Maison de France, Centro, Jacques Pilon. Concepção urbanística derivada do Plano Agache



• Fig. 190: Banco Aliança, Pça Pio X, Lucio Costa. Concepção urbanística derivada do Plano Agache
• X CIAM, Dubrovnik, URSS



Fig. 192:

• Faculdade Nacional de Arquitetura, por Jorge Machado Moreira



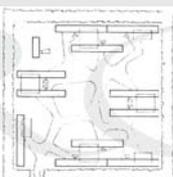
• Fig. 194: Catedral de Brasília, por Oscar Niemeyer

• Urbanismo Positivo e Urbanismo Negativo: As Modernas Cidades Inglesas, por Luiz Anhaia Mello

• Criação da revista *Módulo*



Fig. 195:



• Fig. 191: Superquadras de Brasília, Oscar Niemeyer

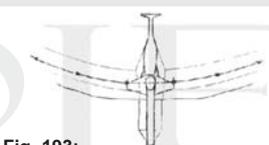


Fig. 193:

• Plano piloto de Brasília, por Lucio Costa

• Faleceu em 05 de maio, em Paris

• Bruno Corrêa Lima diplomou-se no curso de Arquitetura na ENBA

3.1.1. Considerações acerca da circulação de idéias

A cronologia se inicia no ano de 1875, data de nascimento de Donat Alfred Agache, e termina no ano de sua morte, em 1959. Como destaque dos acontecimentos no período, deve ser apontada a criação do *Musée Social* em 1894 e de sua *Section d'Hygiène Urbaine e Rural* em 1908. Sua importância reside no fato de serem o berço do *IUUP*, sendo instituições das quais Agache se tornara membro em 1902 e 1909, respectivamente.

Outra importante instituição assinalada foi a *Société Française des Architectes Urbanistes*, da qual Agache foi membro fundador.¹ Dentre seus objetivos, estavam a reunião de documentação técnica, o estudo das realizações práticas, a organização de conferências e concursos públicos, a ação de propaganda do urbanismo junto às administrações municipais e à opinião pública, a promoção de relações com grupos semelhantes no exterior; enfim, do desenvolvimento da ciência urbana.²

O urbanismo da *SFAU* se diferenciava daquele do Barão Haussmann por sua ênfase nas questões sócio-econômicas. Para seus membros, a higiene urbana, o progresso moral e a prosperidade econômica dependiam não apenas de boa circulação, mas também de uma organização social justa e do acesso a dados sócio-econômicos confiáveis, através dos quais essa organização poderia ser estudada e distribuída urbanisticamente.³

Com a leitura da linha do tempo, pode-se acompanhar a edição das obras técnicas mais importantes e que formaram gerações de arquitetos urbanistas. Em 1889, com *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*⁴, Camillo Sitte chamava a atenção para a dimensão artística da cidade, considerando-a uma verdadeira obra de arte executada ao longo do tempo. Em 1898, Howard publicou *Tomorrow – a Peaceful Path to Real Reform*⁵, obra em que defendia suas teorias de uma nova sociedade, utopia

¹ Fundada em 1911 e declarada oficialmente em 12 de março de 1914. Seus fundadores foram os arquitetos Alfred Agache, Jean-Marcel Auburtin, André Bérard, Ernest Hébrard, Léon Jaussely, Albert Parenty, Henri Prost; o engenheiro florestal Jean-Claude Nicolas Forestier e o arquiteto paisagista Edouard Redont. Em 1921, ela recebeu o nome atual de *Société Française des Urbanistes*.

² <http://www.urbanistes.com/histoire>, site oficial da SFU, acessado em 17.08.2001.

³ UNDERWOOD, *op. cit.* p. 134.

⁴ SITTE, 1992.

⁵ HOWARD, *op. cit.*

embasada na *garden-city*, que alcançou êxito considerável e imediato, sendo citada tanto por Agache quanto por Atílio em seus projetos para o Rio⁶ e Niterói.⁷

No início do século, duas outras publicações tiveram lugar de destaque: *Études sur les Transformations de Paris*⁸, fascículos publicados de 1903 a 1909, onde Eugène Hénard lançava suas idéias para solucionar os problemas de circulação; e *Town Planning in Practice*⁹, de Raymond Unwin, que continha o primeiro tratamento sério das teorias de Sitte em língua inglesa. Além desses livros, estão presentes publicações dos membros do *IUUP* e da *SHUR*, colaborando para o conhecimento do meio intelectual por onde circularam Agache e Atílio.

Os planos elaborados também contribuem para a verificação da circulação de idéias no âmbito da prática profissional. Vale destacar os projetos de Aarão Reis para Belo Horizonte em 1897 – que inaugurou no Brasil a experiência de cidades totalmente planejadas –; a *Cité Industrielle* de Tony Garnier, exposta em 1904 na cidade de Paris – que tanto influenciou Atílio em seu projeto para Volta Redonda em 1941 –; o plano de Daniel Burnham e Edward Bennett para Chicago, com suas aquarelas impressionantes, apêndice legal e a importância dada à monumentalidade e à circulação, do qual, segundo Underwood¹⁰, deriva a organização geral do Plano Agache para o Rio de Janeiro –; além dos projetos dos professores do *IUUP*, como o de Jacques Gréber – que lecionava na



Fig. 196: Perspectiva aquarelada do centro cívico de Chicago, EUA. Plano de Daniel Burnham e Edward Bennett, 1909.

disciplina *Arquitetura da Paisagem* – para a cidade de Filadélfia, e os planos das novas capitais regionais do Marrocos, de autoria de Henri Prost, orientador da Tese-Projeto de Atílio.

⁶ AGACHE, *op. cit.* p. 19-25.

⁷ LIMA, *op. cit.* p. 71-75.

⁸ HÉNARD, *op. cit.*

⁹ UNWIN, *op. cit.*

¹⁰ UNDERWOOD, *op. cit.* p. 141.

É também possível observar o desenvolvimento da legislação urbanística nos diversos países, desde as *abgestufte Bauordnungen* – leis sobre ocupação do solo adotadas por Frankfurt em 1891, primeira tentativa de se utilizar o zoneamento como meio de organização da cidade – seguidas por legislações semelhantes na Holanda (1901), Prússia (1904), e França, quando em 1919 foi promulgada a Lei Cornudet.

No Rio de Janeiro, a primeira vez em que se lançou mão do instrumento do zoneamento foi em 1925, quando da edição do *Regulamento para Construções, Reconstruções, Acréscimos e Modificações de Prédios no Distrito Federal*, de autoria de uma comissão técnica da qual Armando de Godoy fazia parte. Em 1930, foi entregue o Plano Agache que, arquivado em 1934 na administração Pedro Ernesto, foi seguido por novo decreto, dividindo a cidade em áreas mais adequadas a funções específicas que as anteriormente estabelecidas, detalhando o zoneamento, então consolidado como norma de planejamento. Em 1937, o *Código de Obras do Distrito Federal* estabeleceu novo zoneamento, de forma ainda mais detalhada, principalmente nos bairros centrais.¹¹

A evolução histórica das cidades do Rio de Janeiro e Niterói também pode ser acompanhada pela leitura da linha do tempo. Nela se sobressaem as obras realizadas na administração do prefeito Pereira Passos, o desmonte do Morro do Castelo em 1922 por Carlos Sampaio e a Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência, além do arrasamento do Moro de Santo Antônio que, ainda em 1952, não havia sido concluído. Em Niterói, distinguem-se a Revolta da Armada, que transformou a cidade numa praça de guerra e levou o governo a transferir a capital do Estado para Petrópolis, e a volta da capital para Niterói, em 1903. Também digno de nota é o término do conjunto de edifícios públicos da Praça da República, em 1919.



Fig. 197: Desmonte do Morro do Castelo com o uso de jatos d'água bombeados do mar, 1922.



Fig. 198: Exposição do Centenário da Independência, 1922.

¹¹ REZENDE, 1996.

No âmbito cultural, um importante fato que se deve destacar é a realização, em 1922, da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo. As exposições de artistas como Anita Malfati, Victor Brecheret e Tarsila do Amaral no Brasil e no exterior, além de escritos como o *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade, resultaram na afirmação dos valores brasileiros e na elevação da auto-estima nacional. Em 1926, quando se começou a pensar no nome do urbanista que iria tomar frente no processo de remodelação da capital do país, houve grande polêmica sobre a contratação de um estrangeiro, justamente numa fase em que o Brasil estava refletindo sobre seus modelos, buscando suas raízes.



Fig. 199: *Batizado de Macunaíma*, pintura de Tarsila do Amaral exposta no Teatro Municipal de São Paulo durante a Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

O Instituto Central de Arquitetos – ICA – reuniu-se especialmente para elaborar sugestões para o prefeito, como indicações da classe. Entre elas, a contratação de um *town planner* estrangeiro para trabalhar em conjunto com arquitetos brasileiros; a organização de um curso de urbanismo na cidade para capacitar nossos arquitetos; ou viagens de estudo de profissionais brasileiros ao exterior. Enfim, que não se recorresse a um urbanista estrangeiro para elaborar o plano de remodelação do Rio. Segundo Nereo Sampaio:

*Não sou partidário da vinda de um architecto town planner, nem de concurso internacional para o projeto. Dentro de nossa casa dispomos de elementos de incontestável valor profissional para resolver o problema (...)*¹²

Outro evento cultural que se sobressai é a *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, realizada em 1925 na cidade de Paris, por representar o lançamento formal ao público do estilo Art-Déco. Dentre os precursores deste estilo, podem ser considerados Tony Garnier, Hendrik Berlage e Antonio Sant'Elia. Foi neste

¹² O JORNAL, 21 nov. 1926, *apud* STUCKENBRUCK, 1996, p. 78.

estilo que se ergueram os quarteirões na Esplanada do Castelo, um dos legados de Agache para a cidade.

Pode-se observar, ao longo da cronologia, de que forma Agache se distinguiu através de seus cursos, escritos, concursos internacionais e demais projetos urbanísticos. Sua proeminência no meio social e urbanístico parisiense, bem como sua familiaridade com os principais exemplos e teorias britânicas e norte-americanas – particularmente a Cidade-jardim de Howard e os conceitos do *City Beautiful* de Daniel Burnham – fizeram dele uma escolha natural para ser o urbanista que faria o grande projeto de reformulação da capital do Brasil, mesmo a despeito de toda a polêmica gerada.

Na trajetória de Atílio, é patente sua gradual evolução rumo ao movimento moderno, destacando-se seu envolvimento com Lucio Costa e Gregori Warchavchik no período em que lecionaram juntos na ENBA. Em Goiânia, seu primeiro projeto urbanístico depois de voltar da França, ainda se percebe a concepção urbanística clássica *Beaux-Arts*. Já em 1936, quando foi a Recife convidado a elaborar seu planejamento, envolveu-se com a DAC – Diretoria de Arquitetura e Construção –, cujos técnicos e artistas realizaram os primeiros experimentos da arquitetura moderna no nordeste brasileiro.¹³

Em seu projeto seguinte, o conjunto habitacional para o IAPI, de 1938, torna-se indiscutível sua opção pelo movimento moderno. A autonomia de implantação dos edifícios em relação às vias públicas e sua orientação em busca da melhor insolação e ventilação atestam sua escolha. No mesmo ano, inaugurou-se a estação de hidroaviões do aeroporto Santos Dumont, sua obra arquitetônica mais famosa e uma das primeiras manifestações da arquitetura moderna brasileira.¹⁴ Por fim, seu último plano realizado, Volta Redonda, demonstra a adaptação do modelo da *Cité Industrielle* de Tony



Fig. 200: Perspectiva do Conjunto Residencial da Várzea do Carmo, São Paulo, para o Instituto de Aposentadorias dos Industriários, Atílio Corrêa Lima, 1938.

¹³ A direção deste grupo estava a cargo do arquiteto Luiz Nunes, que, em 1931, então presidente do Diretório Acadêmico da ENBA do Rio de Janeiro, liderara uma greve de alunos em apoio ao diretor demissionário, Lucio Costa. (ACKEL, 1996, p. 115).

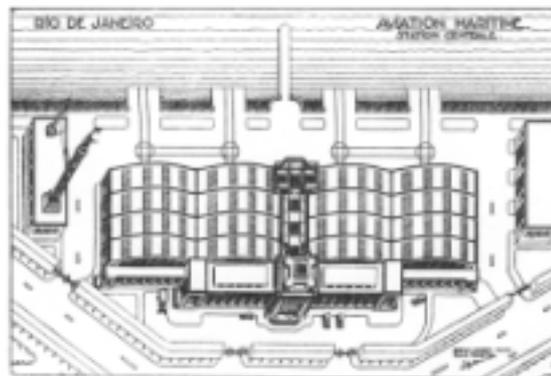
¹⁴ CAVALCANTI, 2001, p. 68.

Garnier no contexto brasileiro.¹⁵



Fig. 201: Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont, Atílio Corrêa Lima, 1938.

Fig. 202: Estação Central de Hidroaviões, que Agache havia proposto em seu plano para o Calabouço em 1930. Curiosamente, foi Atílio quem ganhou o concurso nacional de projetos, realizado em 1937.



No período posterior à elaboração dos planos de Agache e Atílio para Rio de Janeiro e Niterói, é possível examinar seus desdobramentos. Com a mudança de governo no Rio, o novo prefeito, Adolfo Bergamini, instituiu a Comissão do Plano da Cidade, com o objetivo de dar um parecer sobre o Plano Agache. A comissão – que contava com Armando de Godoy, Lucio Costa, Carmen Portinho e Ângelo Bruhns¹⁶ - aprovou o plano amplamente. No entanto, não foi colocado em prática, sendo oficialmente arquivado em 1934.

Com Getúlio Vargas na presidência e Henrique Dodsworth na prefeitura, o Plano Agache foi parcialmente retomado com a reativação da comissão que iria adaptar suas propostas à realidade de quase uma década depois. A aproximação da Segunda Guerra Mundial e o avanço do movimento moderno, no entanto, frustraram sua concretização. Não obstante, alguns de seus reflexos podem ser enumerados, como a abertura da Av. Presidente Vargas, a partir de 1941, e a execução de alguns edifícios públicos.

Em Niterói, deve-se destacar o projeto da Companhia Dahne & Conceição, de 1943, que trazia semelhanças com a Tese-Projeto de Atílio¹⁷, e a abertura da Avenida Ernani do Amaral Peixoto, a partir de 1942, em solução bastante semelhante à Av. Presidente Vargas.

¹⁵ Para uma análise comparativa minuciosa entre Volta Redonda e a *Cité Industrielle* de Garnier, ver LOPES, 1993.

¹⁶ Autor, em 1921, de projeto para a área de aterro do Saco da Glória, que teria rendido a Agache uma acusação de plágio. REVISTA DA SEMANA. 22 dez. 1928, p. 32.

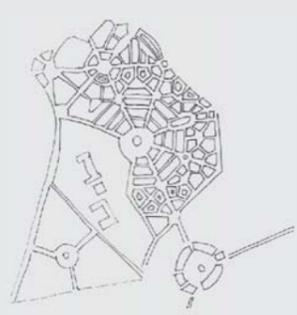
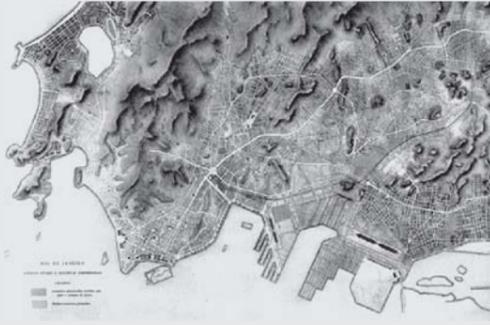
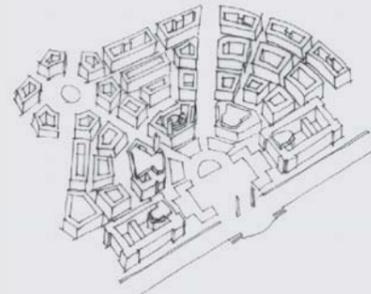
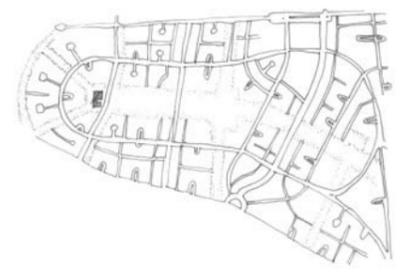
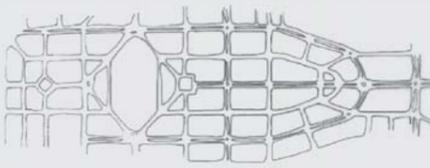
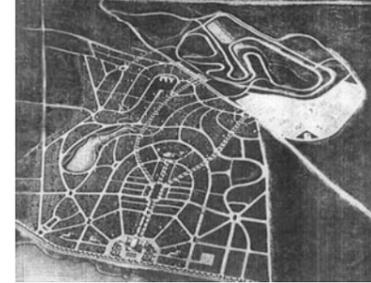
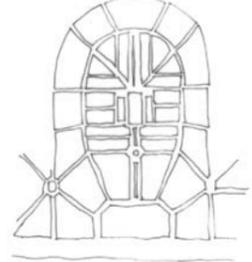
¹⁷ LEME, 1999, p. 330-331.

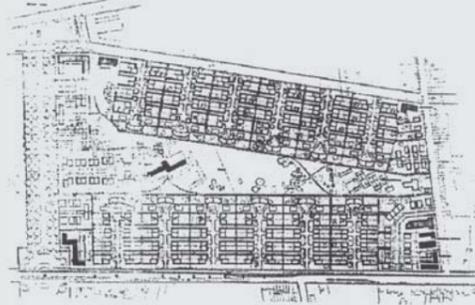
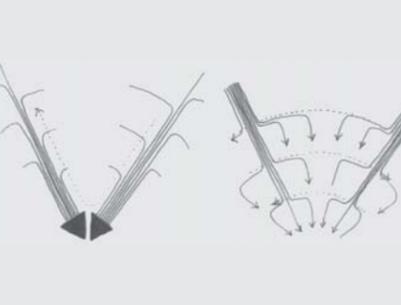
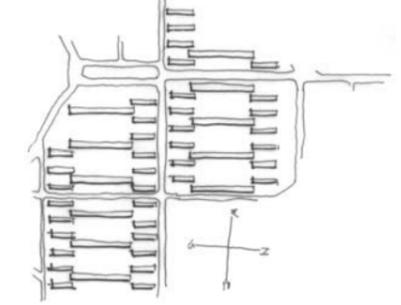
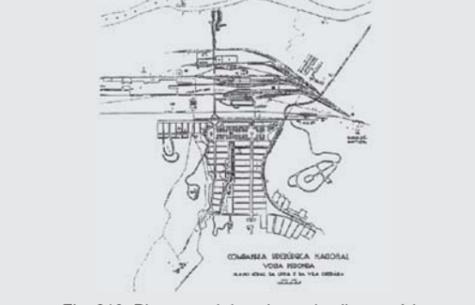
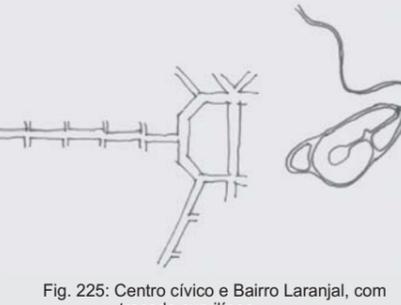
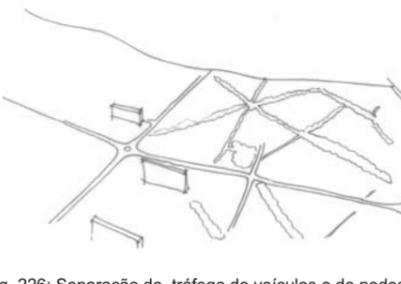
3.2. PRINCIPAIS TRABALHOS REALIZADOS

Além do desenvolvimento cronológico descrito acima, que contextualiza as trajetórias de Agache e Atílio, cabe observar os principais trabalhos por eles executados e sua relação com o Plano Agache para o Rio de Janeiro e a Tese-Projeto de Atílio para Niterói, com especial atenção à maneira como sua formação teórica se rebateu na prática profissional.

Foram, assim, montados quadros-síntese com os trabalhos de Agache e Atílio, com a descrição da forma como foram elaborados e suas principais características, além de ilustrações e esquemas gráficos de seus princípios de concepção, conforme a diagramação abaixo:

ANO DA OBRA	TÍTULO DA OBRA	HISTÓRICO DA REALIZAÇÃO DA OBRA	ILUSTRAÇÃO DA OBRA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA OBRA ANALISADA	ESQUEMA GRÁFICO DOS PRINCÍPIOS DE COMPOSIÇÃO

1912	Plano Urbanístico para a Cidade de Canberra, Austrália	Em 1911, Agache participou do Concurso Internacional de Projetos para Canberra, Capital Federal da Austrália. Dentre 137 concorrentes de quatorze países, seu projeto foi um dos três finalistas. Acabou em terceiro lugar, num resultado disputado e polêmico. Walter Griffin ficou em primeiro lugar, Eliel Saarinen, em segundo.	 <p>Fig. 203: Plano de remodelação da cidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Zoneamento; Bairro-jardim para os operários • Sub-centros especializados • Sistema de áreas livres • Avenidas monumentais fartamente arborizadas, formando eixos visuais • Avenidas radiais, perimetrais e diagonais, com hierarquização do sistema viário • Praças rotatórias • Principais prédios públicos agrupados em torno de uma grande praça • Crescimento estelar • Traçado curvilíneo 	 <p>Fig. 209: Trecho do plano; avenidas radiais e perimetrais, sub-centros</p>
1922	Plano Urbanístico para a cidade de Dunkerque, França	Em 1912, Agache participou do Concurso Público para a Elaboração do Plano de Remodelação e Extensão da Cidade de Dunkerque, França, tendo ganhado o primeiro prêmio. O projeto final ficou pronto em 1922	 <p>Fig. 204: Plano de Dunkerque, planta de 1922</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Zoneamento • Sub-centros especializados • Sistema de áreas livres • Avenidas monumentais fartamente arborizadas • Conjunto de edifícios públicos em torno de praça monumental • Visão regional do plano; crescimento estelar • Avenidas diagonais e perimetrais • Bairro-jardim • A praça da estação de trem como <i>Portal da Cidade</i> 	 <p>Fig. 210: Eixo monumental, avenidas diagonais, desenho radiocêntrico</p>
1930	Projeto de Extensão, Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro, Brasil	Em 1927, o então prefeito do Distrito Federal, Antônio Prado Júnior, convidou o famoso urbanista francês para ministrar uma série de palestras na cidade e elaborar um plano geral de urbanização para o Rio de Janeiro. Agache chegou ao Brasil com uma pequena equipe de técnicos, fez levantamentos e estudos para depois retornar à França e terminar o Plano.	 <p>Fig. 205: Plata de reservas verdes para o Rio de Janeiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Definição de tipologias edilícias obrigatórias; Zoneamento, • Avenidas monumentais fartamente arborizadas, formando eixos visuais • Sub-centros especializados (centros cívico, de negócios, bancário, ...) • Sistema de áreas livres • Bairros-jardim na Ilha do Governador, Paquetá e Leblon • Crescimento estelar; inserção do plano numa visão regional • Conjunto de edifícios públicos em torno de uma praça: <i>Portal do Brasil</i> • Preocupação com o saneamento, sistema de transportes e evolução histórica • Integração da natureza com o desenho urbano e a arquitetura 	 <p>Fig. 211: Portal do Brasil</p>
1936	Estudo Preliminar de Urbanização da Costa do Sol - Região Oeste de Lisboa, Portugal	Agache foi chamado a Portugal para estudar o traçado de uma estrada marginal, de Lisboa a Cascais. Equacionou o problema de forma integrada, concebendo uma estrutura de ocupação da região. O plano se desenvolvia em duas fases: um plano regional e projetos locais. Tratou exaustivamente de todos os aspectos regulamentares e da estrutura administrativa para gestão do plano.	 <p>Fig. 206: Plano Diretor da Costa do Sol</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Visão regional do plano, favorecendo as linhas de penetração para o interior • Sistema de espaços livres, com generosas áreas de lazer e reflorestamento • Praças com desenhos formais, envolvidas com novos edifícios contínuos • Traçado de expansões sinuosas, estruturando novas áreas residenciais • Sistema de caminhos para pedestres separado do tráfego veicular, como em Radburn • Uso de <i>culs-de-sac</i> e praças semi-circulares • Zoneamento • Hierarquização dos espaços urbanos 	 <p>Fig. 212: Plano de Remodelação de Carcavelos</p>
1945	Projeto de Urbanização do Bairro Saldanha da Gama, Vitória Espírito Santo	O prefeito de Vitória, Henrique Novaes (engenheiro que estudara e trabalhara no Rio de Janeiro, onde entrou em contato com o trabalho de Agache), contratou a ETUC (Empresa de Topografia, Urbanismo e Construções Ltda) para realizar o cadastro imobiliário da cidade e, sob supervisão de Agache, fazer o Plano Diretor de Urbanização de Vitória, do qual Saldanha da Gama faz parte.	 <p>Fig. 207: Planta do Bairro Saldanha da Gama, ES</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Simetria • Hierarquização dos elementos urbanos • Avenidas diagonais • Traçado adaptado à topografia • Praça rotatória • Respeito pela cidade existente • Avenidas principais fartamente arborizadas • Eixos visuais terminando em elementos urbanos importantes • Traçado radial 	 <p>Fig. 213: Simetria, eixos visuais, traçado radial, praças rotatórias</p>
1945	Plano Urbanístico para Interlagos, SP		 <p>Fig. 208: Plano de Interlagos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Simetria • Praça principal em semi-círculo • Avenidas diagonais e perimetrais • Traçado radiocêntrico • Sistema de áreas livres 	 <p>Fig. 214: Simetria, praça principal em semi-círculo, sistema radiocêntrico</p>

1930	Plan d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil	Em 1926, Atílio participou do concurso promovido pela ENBA-RJ. Classificou-se em 1º lugar, conquistando o Prêmio de Viagem à Europa, que consistia em fazer um estágio profissional em Paris. Realizou o curso de Urbanismo no IUUP , concluído em 1930, quando defendeu a tese-projeto sobre Niterói sob orientação de Henri Prost, tendo obtido grau 9.0.	 <p>Fig. 215: Plano geral de remodelação da cidade</p>	<p>Preocupação com o higienismo e a evolução histórica da cidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avenidas monumentais fartamente arborizadas, formando eixos visuais • Avenidas diagonais; praça rotatória; diferenciação dos perfis de vias públicas • Sistema de áreas verdes, cidade-jardim em Piratininga, cinturão verde • Sub-centros especializados (centros cívico, comercial e cultural) • Crescimento estelar, inserção do plano numa visão regional • Conjunto de edifícios públicos em torno de uma praça - <i>Portal da Cidade</i> • Definição de tipologias edilícias obrigatórias; Zoneamento • Sem maiores preocupações com a exequibilidade do projeto 	 <p>Fig. 221: Traçado radiocêntrico, <i>portal da cidade</i>, avenidas diagonais</p>
1933	Plano Urbanístico da Cidade de Goiânia - GO	Pedro Ludovico - interventor federal de Goiás nomeado por Getúlio Vargas - convidou pessoalmente Atílio para elaborar o plano. Na época, Atílio era um dos raros brasileiros especializados em urbanismo. Além do plano urbanístico, deveriam ser projetados diversos edifícios públicos, como a Prefeitura, os palácios da Justiça e da Instrução, Hotel, entre outros.	 <p>Fig. 216: Plano-piloto da cidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Urbansimo clássico <i>Beaux-Arts</i>; monumentalidade típica do <i>City Beautiful</i> • Edifícios públicos reunidos num grande centro cívico, ligados por elemento comum, em forma de colunata, definindo uma galeria coberta • Núcleo central inspirado em Letchworth • Dois centro distintos: cívico e comercial • Grande eixo Norte-Sul (<i>parkway</i>) e avenidas radiais • Praça da estação rodoviária - <i>Portal da Cidade</i> • Zoneamento; Sistema de áreas livres, quadras com áreas públicas internas • Máximo aproveitamento da topografia do sítio 	 <p>Fig. 222: Traçado radiocêntrico, avenida monumental, centro cívico</p>
1936	Plano de Remodelação do Recife - PE	Em 1935, formou-se a DAC - Diretoria de Arquitetura e Construção - de Recife, que reuniu uma equipe de técnicos e artistas cujo trabalho conjunto resultou nas 1ªs realizações da arquitetura moderna no Nordeste brasileiro. Em 1936, incluiu-se o planejamento urbano, quando Atílio foi contratado para elaborar o Plano de Recife e outras cidades do interior do Estado.	 <p>Fig. 217: Habitação de classe média, <i>superblock</i> e praças internas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Profundo respeito pela cidade existente, repleta de monumentos • Elaboração de estudo sociológico, econômico, histórico (Marcel Pöete) • Avenidas radiais e perimetrais • Loteamento de glebas para habitação da classe média baseado no <i>super-block</i> de Radburn, com sistema de <i>cul-de-sac</i> e praças no interior das quadras • <i>Tendência tentacular</i> de crescimento, com formação de núcleos-satélite • Zoneamento; Sistema de áreas livres, <i>parkway</i>; <i>Portal da Cidade</i> • Desapropriação do interior das quadras no centro, carente de áreas livres • Planejamento regional; Circulação periférica evitando o centro histórico 	 <p>Fig. 223: Sistema de vias radiais e perimetrais</p>
1938	Conjunto Residencial da Várzea do Carmo, SP, para o IAPI - Instituto de Aposentadorias dos Industriários	O IAPI construiu mais de 30 conjuntos habitacionais até o fim dos anos 50. Em São Paulo foram 6, sendo o mais importante o da Várzea do Carmo. Para isso convocou os mais destacados arquitetos no país, entre, eles, MM Roberto. O projeto de Atílio, que contou ainda com os arquitetos Alberto Flores, Hélio Uchôa Cavalcanti e José Theódulo da Silva, foi parcialmente construído.	 <p>Fig. 218: Planta do conjunto residencial</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Autonomia de implantação dos edifícios com relação à via pública, orientando-se na busca de melhor insolação e ventilação, posicionando-se paralelamente • Alta densidade, com baixa taxa de ocupação do terreno • Tipologia vertical - blocos com 4 e 11 andares, estes com elevadores • 10 tipos diferentes de apartamentos • Equipamentos comunitários - escola primária, restaurante popular, hotel, gare rodoviária, edifícios para escritórios, creche, clube, cinema 	 <p>Fig. 224: Autonomia dos edifícios em relação às vias</p>
1941	Plano Urbanístico da Cidade Operária de Volta Redonda, RJ	No fim de 1940, o governo Vargas começou a construção da usina da CSN, com financiamento obtido com os EUA em troca do apoio brasileiro na II GM. Atílio foi então contratado para desenvolver o projeto da cidade operária com 4000 unidades habitacionais e um plano regional para todo o Município de Barra Mansa, onde se localizava o distrito de Volta Redonda.	 <p>Fig. 219: Plano geral da usina e da vila operária</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sob vários aspectos, uma adaptação do modelo de Tony Garnier • Bairro Laranjal - classes mais elevadas - com características de cidade-jardim • Bairro Sta Cecília - classes populares - casas geminadas com traçado xadrez • Concentração das atividades urbanas, facilitando o deslocamento a pé • Centro cívico com praça semi-octogonal, adjacente ao centro comercial • Plano regional; Reflorestamento dos arredores; Traçado não monumental • Praça rotatória; Grande parque urbano, fartamente arborizado • A terra pertencia à CSN, não sendo sociabilizada como preconizava Garnier • Segregação social, o que também não acontecia na <i>Cité Industrielle</i> 	 <p>Fig. 225: Centro cívico e Bairro Laranjal, com traçado curvilíneo</p>
1943	Plano da Cidade Operária da FNM - Fábrica Nacional de Motores Duque de Caxias, RJ	Atílio foi convidado a elaborar o plano da cidade operária. Ele não chegou a desenvolvê-lo, fazendo apenas um parecer técnico - seu último trabalho - 3 dias antes de morrer. Com 7 páginas, traçou os princípios urbanísticos que iria adotar. O projeto foi então confiado a José Luis Sert e Paul Lester Wiener, que trabalharam a partir do parecer de Atílio.	 <p>Fig. 220: Projeto de José Luis Sert e Paul Lester Wiener</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quadras de grandes dimensões, com economia de sistema viário • Separação do tráfego de veículos e pedestres; Rede de ciclovias • Pequenos centros comerciais espalhados pela malha • Sistema de áreas livres: <i>play-lot</i>, <i>play-ground</i>, <i>play-field</i>, parques de recreio passivo • Modelo de habitação verticalizado - 4 pavimentos • 4 padrões diferentes de moradia, segundo a classe social. Para os mais abastados, habitações isoladas nos terrenos periféricos e encostas mais suaves dos morros 	 <p>Fig. 226: Separação do tráfego de veículos e de pedestres</p>

3.3 TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS OBSERVADAS NAS OBRAS DE DONAT ALFRED AGACHE E ATTÍLIO CORRÊA LIMA

Assim que chegou de sua viagem à Europa, onde defendeu sua Tese-Projeto no *IUUP* em 13 de dezembro de 1930, Atílio foi convidado por Lucio Costa – novo diretor da ENBA que iria promover uma grande reformulação nos métodos de ensino na escola – a assumir a Cátedra de *Urbanismo e Arquitetura Paisagística*. Apesar da rápida demissão de Lucio e seu grupo, Atílio permaneceu no corpo docente, talvez tolerado por ser filho de seu ex-diretor, o escultor José Octávio Corrêa Lima.

Seu primeiro grande trabalho como urbanista começou em 1932, quando Pedro Ludovico – interventor federal de Goiás nomeado por Getúlio Vargas – o convidou para elaborar o plano urbanístico da nova capital do estado, Goiânia. Como um dos raros brasileiros especializados em urbanismo na época, Atílio desenvolveu, além do plano urbanístico, projetos para diversos edifícios públicos.

Formalmente, o partido urbanístico adotado por Atílio parte de um esquema conceitual – o modelo clássico *Beaux-Arts* – com a monumentalidade típica do Movimento *City Beautiful*, cujo exemplo mais acabado é o Plano de Daniel Burnham e Edward Bennett para Chicago, EUA, em 1909.

Nas próprias palavras de Atílio:

Da topografia tiramos partido também para realçar o principal motivo da cidade, que é o seu centro administrativo. A situação que lhe demos é de grande destaque, sobressaindo visivelmente de todos os



Fig. 227: Detalhe da fachada da Diretoria de Segurança Pública e Serviços Sanitários de Goiânia, estudo preliminar de Atílio Corrêa Lima, 1934 (não executado).



Fig. 228: Vista do Palácio do Governo de Goiânia ainda em construção, 1936. Projeto de Atílio Corrêa Lima, 1934-35.

*pontos da cidade e principalmente para quem nela chega. (...) Procuramos adotar o partido clássico de Versailles, Karlsruhe e Washington, genericamente chamados de patte d'oie, pelo aspecto monumental e nobre, como merece a capital de grande Estado.*¹⁸



Fig. 229: Plano de Washington, Comissão McMillan, 1901.

O centro administrativo de Goiânia, no final do grande eixo Norte-Sul em forma de *parkway*, avenida fartamente arborizada e projetada sem grande função viária, é conformado pelos principais edifícios públicos da cidade, em torno da Praça Couto de Magalhães.

Na prancha I, pode ser observado o desenvolvimento formal do conceito de sub-centros irradiantes a partir dos projetos de Unwin e Parker, passando pelos ganhadores de concursos internacionais – dentre eles Alfred Agache, com seu projeto para Canberra em 1912 –, os professores do *IUUP* e os profissionais brasileiros, até se chegar aos trabalhos de Atílio em Niterói, Goiânia e Volta Redonda.

Do núcleo central, partiam avenidas radiais e em Y que se ligavam por avenidas perimetrais. Em seu livro de 1909, Eugène Hénard¹⁹ elaborou esquemas teóricos para as cidades de Paris, Berlim, Moscou e Londres, defendendo um sistema semelhante. No mesmo ano dos projetos de Atílio e Agache para Niterói e Rio de Janeiro, Francisco Prestes Maia publicou seu *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo*, onde reproduziu os esquemas de Hénard, além do estudo de Ulhôa Cintra para a capital

¹⁸ LIMA, Atílio Corrêa. *Goiânia – A Nova capital do Estado de Goiás*. Rio de Janeiro: Arquitetura e Urbanismo, jan.-jul. 1937.

¹⁹ HÉNARD, *op cit.*



Fig. 230: Letchworth, Unwin e Parker, 1903 (foto aérea)

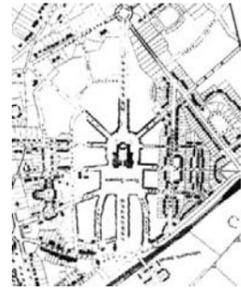


Fig. 231: Letchworth, Unwin e Parker, 1903



Fig. 232: Letchworth, Unwin e Parker, 1903



Fig. 233: Welwyn, Soissons, 1920



Fig. 234: Manheim, Stübben



Fig. 235: Karlsruhe, Stübben, 1893

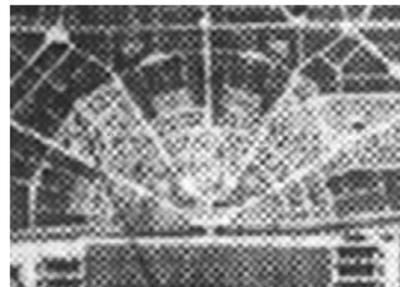


Fig. 236: Haia, Berlage, 1908



Fig. 237: Haia, Berlage, 1908



Fig. 238: Port Sunlight, Edwin Lutyens e William Owen, 1888



Fig. 239: *The Town Extension Plan*, A. H. Mottram, 1912



Fig. 240: Washington, l'Enfant, 1791

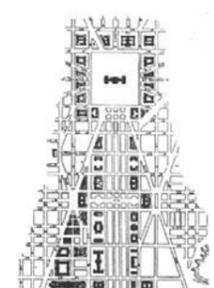


Fig. 241: Washington, McMillan, 1901



Fig. 242: San Francisco, Burnham, 1906



Fig. 243: Cidade-Jardim da Grande Paris, De Rutté, Brassompierre, 1919

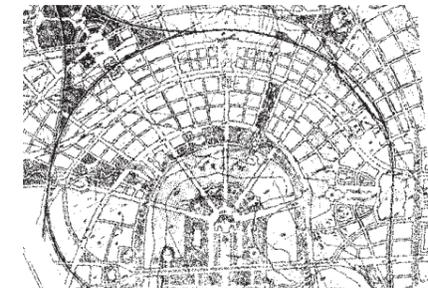


Fig. 244: Canberra, Saarinen, 1912



Fig. 245: Praça da República, Berlim, Hans Poelzig, 1930



Fig. 246: Canberra, Griffin, 1912



Fig. 247: Canberra, Griffin, 1912

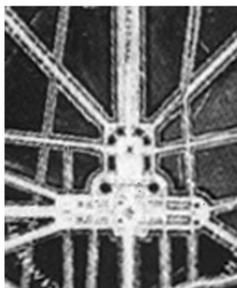


Fig. 248: Havana, Forestier, 1926

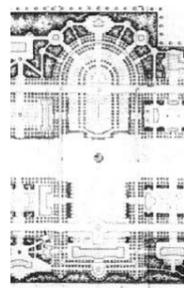


Fig. 249: Sevilha, Forestier, 1924

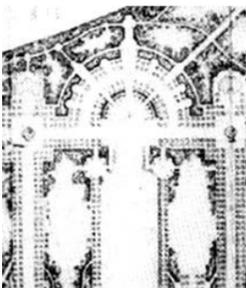


Fig. 250: Sevilha, Forestier, 1924

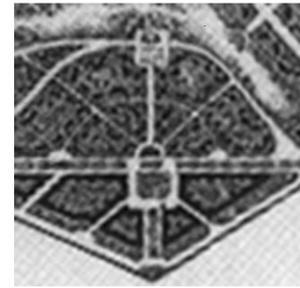


Fig. 251: Rabat, Prost, 1917



Fig. 252: Rabat, Prost, 1917

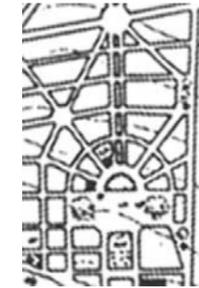


Fig. 253: Petit-Jean, Prost, 1926



Fig. 254: Kenitra, Prost, 1926

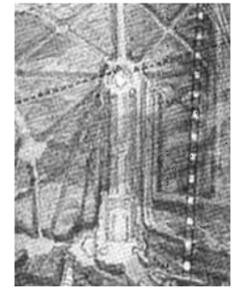


Fig. 255: Paris, Prost, 1926

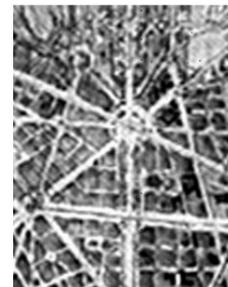


Fig. 256: Barcelona, Jaussely, 1904



Fig. 257: Paris, Bonnier, 1924



Fig. 258: Ancara, Jaussely, 1925



Fig. 259: Estoril, Agache, 1936



Fig. 260: Vitória, Agache, 1945



Fig. 261: Interlagos, Agache, 1945



Fig. 262: Canberra, Agache, 1912



Fig. 263: Canberra, Agache, 1912



Fig. 264: Dunkerque, Agache, 1922



Fig. 265: Dunkerque, Agache, 1922



Fig. 266: Dunkerque, Agache, 1922



Fig. 267: Dunkerque, Agache, 1922

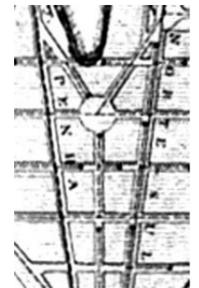


Fig. 268: Vitória, Saturnino de Brito, 1896

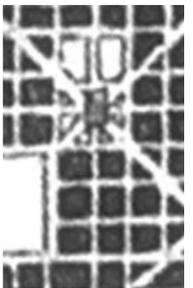


Fig. 269: Belo Horizonte, Aarão Reis, 1897



Fig. 270: Santos, Saturnino de Brito, 1910

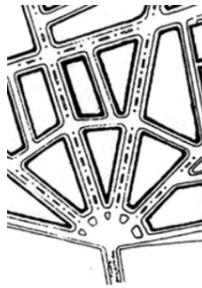


Fig. 271: Recife, Nestor de Figueiredo, 1927



Fig. 272: Gravataí, Luiz Ubatuba de Faria, 1936

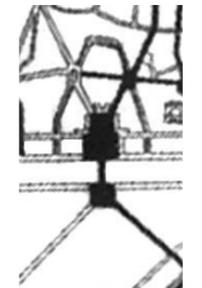


Fig. 273: Recife, Atílio C. Lima, 1936

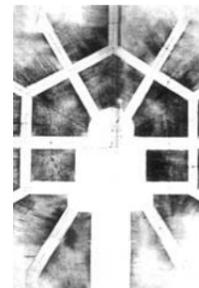


Fig. 274: Goiânia, Atílio C. Lima, 1933

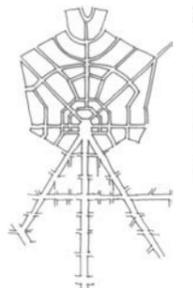


Fig. 275: Goiânia, Atílio C. Lima, 1933

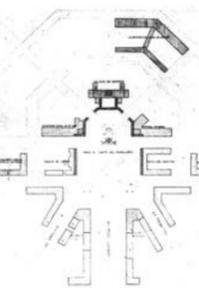


Fig. 276: Goiânia, Atílio C. Lima, 1933

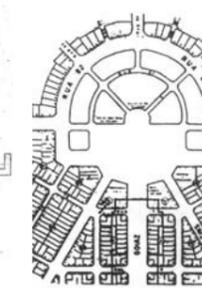


Fig. 277: Goiânia, Godoy, 1936

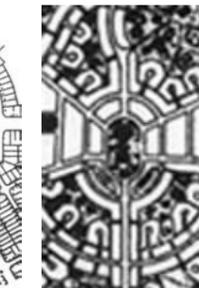


Fig. 278: Goiânia, Godoy, 1936

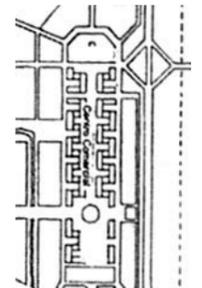


Fig. 279: Volta Redonda, Atílio, 1941

paulista neles inspirado. Recorreu também a Daniel Burnham e Edward Benett, como pode ser visto nas ilustrações das pranchas II e III.

Prestes Maia se mostrava profundamente atualizado com os conceitos urbanísticos em voga na Europa e Estados Unidos, citando os principais pensadores e legislação de diversos países.

Outro conceito também abordado por esse urbanista é o *portal da cidade*, como citado abaixo pelo próprio autor:

Estamos num momento de bellos projectos e no Rio causa successo a “entrada do Brasil”, a esplendida concepção de Cortez e Bruhns, que o prof. Agache acertadamente adoptou. Não quizemos perder a oportunidade de tambem projectar um conjuncto que, por espirito de imitação, podíamos chamar a “sala de visitas” de São Paulo.²⁰



Fig. 280: Praça do Anhangabaú, centro cívico como *sala de visitas* da cidade. Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo. Prestes Maia, 1930.

Sua sala de visitas, no entanto, ao contrário da proposta por Unwin e da entrada do Brasil de Agache, não estava ligada a uma estação de trem ou cais, tirando-se, portanto, o caráter de portal da cidade, sendo apenas uma “sala de estar”, magnífica praça ladeada por edifícios públicos monumentais como o teatro municipal, o edifício dos correios e o paço municipal. Quanto às estações de trem, entretanto, receberam também um tratamento especial.

²⁰ MAIA, 1930, p. 72.

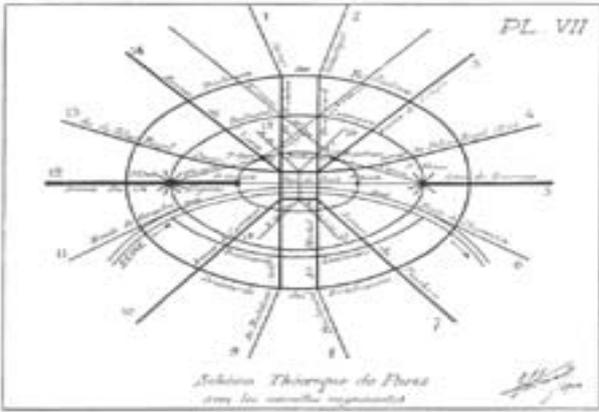


Fig. 281: Esquema teórico de Paris, com as novas avenidas radiais. Eugène Hénard, 1909.

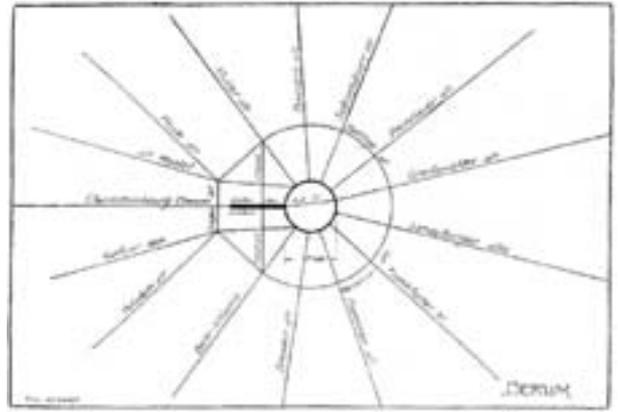


Fig. 282: Esquema teórico de Berlim, com as novas avenidas radiais. Eugène Hénard, 1909.

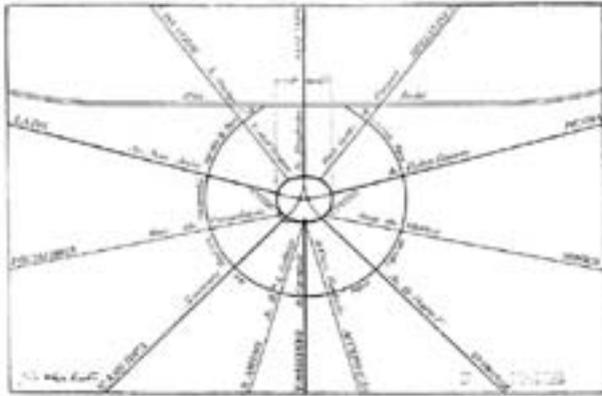


Fig. 283: Esquema teórico de São Paulo, com as novas avenidas radiais. Ulhôa Cintra, [192-].

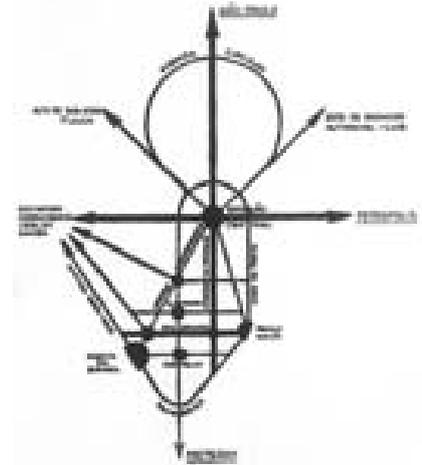


Fig. 284: Esquema teórico do Rio de Janeiro. A Praça da Bandeira no centro, com a Estação Leopoldina, e as radiais seguindo para a zona sul, São Paulo e cidades-satélite Niterói e Petrópolis. Além do Boulevard circular. Agache, 1930.

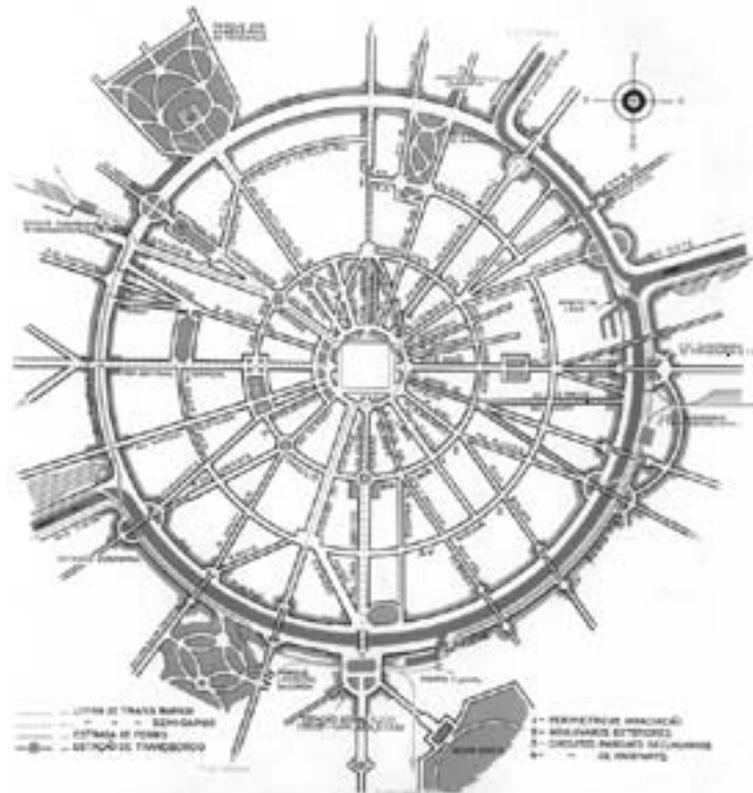


Fig. 285: Esquema teórico de São Paulo, com seu sistema radial-perimetral. Francisco Prestes Maia, 1930.

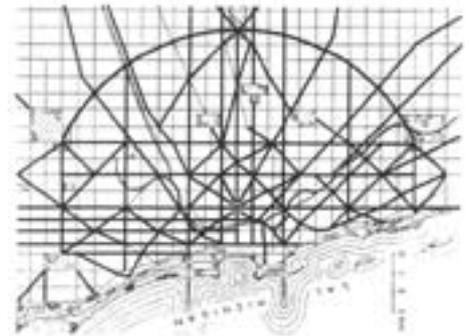


Fig. 286: Esquema teórico do Plano de Chicago, com suas avenidas radiais, perimetrais e diagonais. Daniel Burnham e Edward Bennett, 1909.

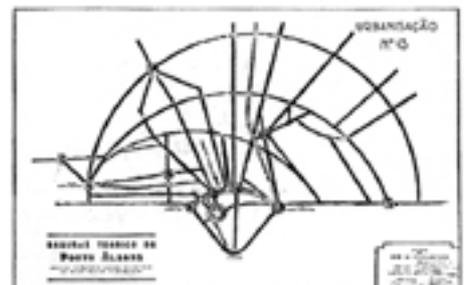


Fig. 287: Esquema teórico de Porto Alegre, com seu sistema radial-perimetral. Edvaldo Pereira Paiva, 1930.



Fig. 288: São Paulo, Prestes Maia, 1930

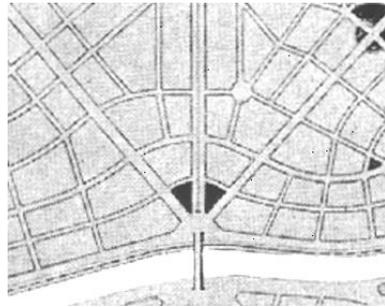


Fig. 289: São Paulo, Prestes Maia, 1930

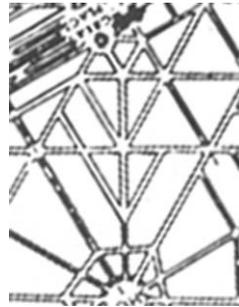


Fig. 290: Nova Dehli, Lutyens, 1913

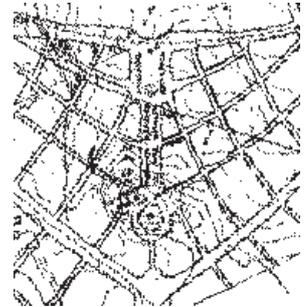


Fig. 291: Canberra, Saarinen, 1912



Fig. 292: Meckra-bel-Ksiri, Prost, 1914

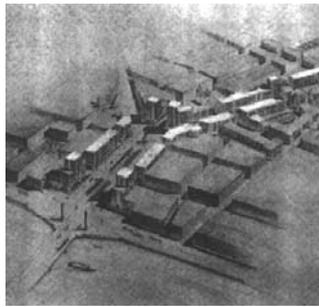


Fig. 293: Recife, Bairro de Sto. Antônio N. de Figueiredo, 1932



Fig. 294: Hampstead Garden Suburb, Unwin e Parker, 1905



Fig. 295: Mukkiniemi-Haaga, Saarinen, 1915



Fig. 296: Canberra, Agache, 1912



Fig. 297: Rio de Janeiro, Portal do Brasil, Agache, 1930

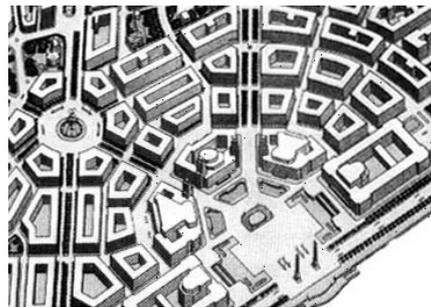


Fig. 298: Rio de Janeiro, Portal do Brasil, Agache, 1930

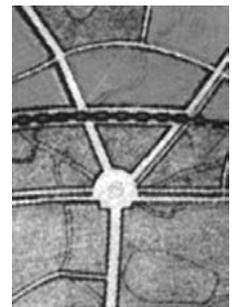


Fig. 299: Rio de Janeiro, Del Castilho, Agache, 1930



Fig. 300: Oeiras, Portugal, Agache, 1936



Fig. 301: Oeiras, Portugal, Agache, 1936



Fig. 302: Caxias, Portugal, Agache, 1936



Fig. 303: Interlagos, São Paulo, Agache, 1945

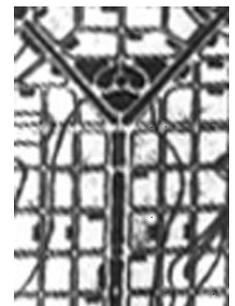


Fig. 304: Santos, Saturnino de Brito, 1910



Fig. 305: Amsterdã-Sul, Berlage, 1915



Fig. 306: Estação de trem de Amsterdã-Sul, Berlage, 1915



Fig. 307: Amsterdã-Sul, Berlage, 1915



Fig. 308: Hampstead Garden Suburb, Unwin e Parker, 1905

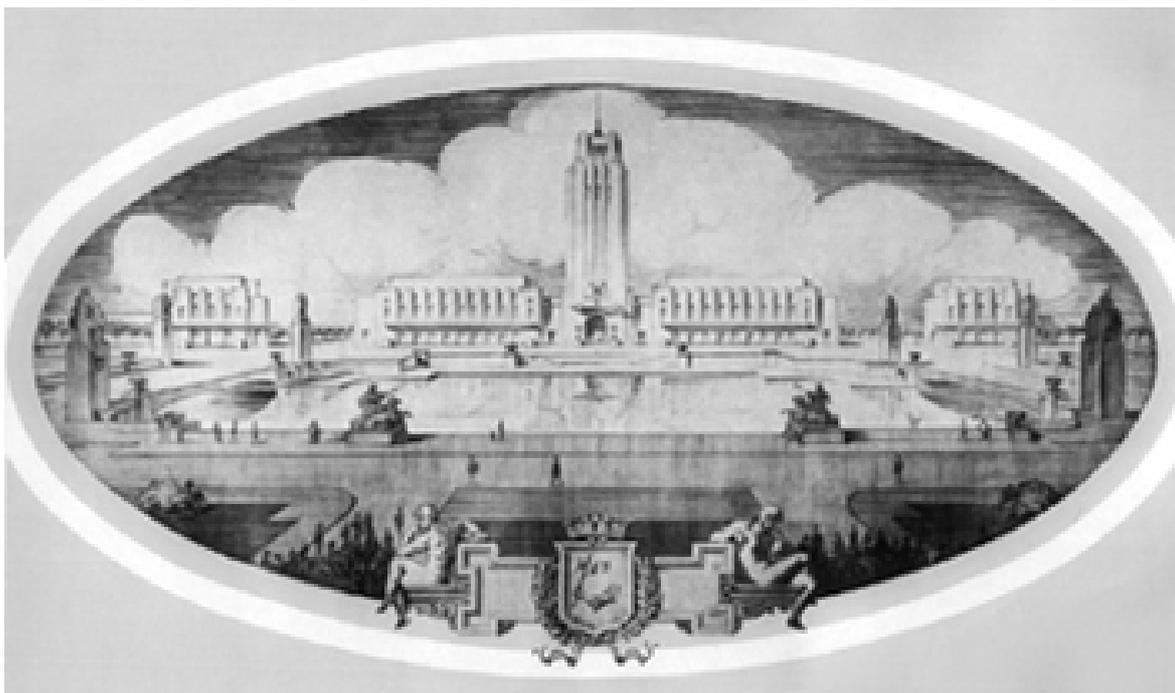


Fig. 309: Estação ferroviária central às margens do Rio Tietê, Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo, Prestes Maia, 1930.

É interessante transcrever a descrição de Agache para a entrada do Brasil:

(...) nos terrenos conquistados ao mar, frente á baía e em logar de honra, se localizará o centro governamental federal num conjunto que dará á obra do homem, a nota grandiosa que ainda falta á cidade. O Rio de Janeiro oferecerá, assim, á admiração do visitante chegando por mar, uma entrada monumental correspondente a importancia e aos destinos da capital. (...) Esta praça em fôrma de hemicyclo largamente aberta para a baía, formará o que denominaremos: o vestibulo do Brasil, a porta monumental do Rio de Janeiro.²¹

Os arquitetos José Cortez e Ângelo Bruhns também utilizaram o conceito de portal da cidade em seu projeto de 1921 para o Rio de Janeiro. Assim o descreveram:

(...) a grande Praça da Independencia de 340 metros de diâmetro, verdadeiro salão de recepção da cidade, imponentemente decorada com uma columnata semi-circular, em estylo clássico e parterres com jogos de água.²²

²¹ AGACHE, 1930, p. 161.

²² REVISTA DA SEMANA. O Plagio no Urbanismo do Sr. Agache. nov. 1928, p. 16,17.

Desse verdadeiro *coração da cidade*, também localizado na área de aterro do Saco da Glória, Cortez e Bruhns fariam irradiar as grandes artérias, em ligação com todas as zonas da cidade, da mesma forma que fez Agache.

Quando o urbanista francês esteve no Brasil pela primeira vez, em 1927, quis coletar todos os projetos já elaborados para a cidade e entrou em contato com o escritório Cortez & Bruhns, que lhe concedeu uma entrevista em julho desse ano. Neste encontro, além de apresentarem seu projeto a Agache, com perspectivas, fotos e plantas, entregaram-lhe uma cópia do memorial traduzido para o Francês. Em agosto, juntamente com Atílio – então seu estagiário – Agache visitou também o *Salon* da Exposição Nacional de Belas Artes, onde o projeto estava exposto.

No ano seguinte, quando voltou ao Brasil para mostrar seu projeto ainda inacabado ao prefeito Prado Jr e ao presidente da República Washington Luís, Agache foi acusado pela Revista da Semana de ter plagiado a idéia da Porta do Brasil dos arquitetos Cortez e Bruhns. Apesar da grande semelhança entre os projetos, Agache refutou a acusação em artigo, mais uma vez se utilizando da analogia com o jargão médico: *É como se se criticasse um medico que está tratando de um doente por ter prescrito o mesmo medicamento que um seu collega. Poder-se-á dizer que esse medico é plagiador?*²³



Fig. 310: Planta Geral de Remodelação das Zonas Centrais do Rio de Janeiro. José Cortez e Angelo Bruhns, Planta de 1915. Nela já se observa o aterramento do Saco da Glória, onde ficaria o novo centro cívico federal, e a abertura da Av. Presidente Vargas, com eixo ligeiramente ao Sul daquela proposta por Alfred Agache.

²³ *Id.* dez. 1928, p. 34, 35.

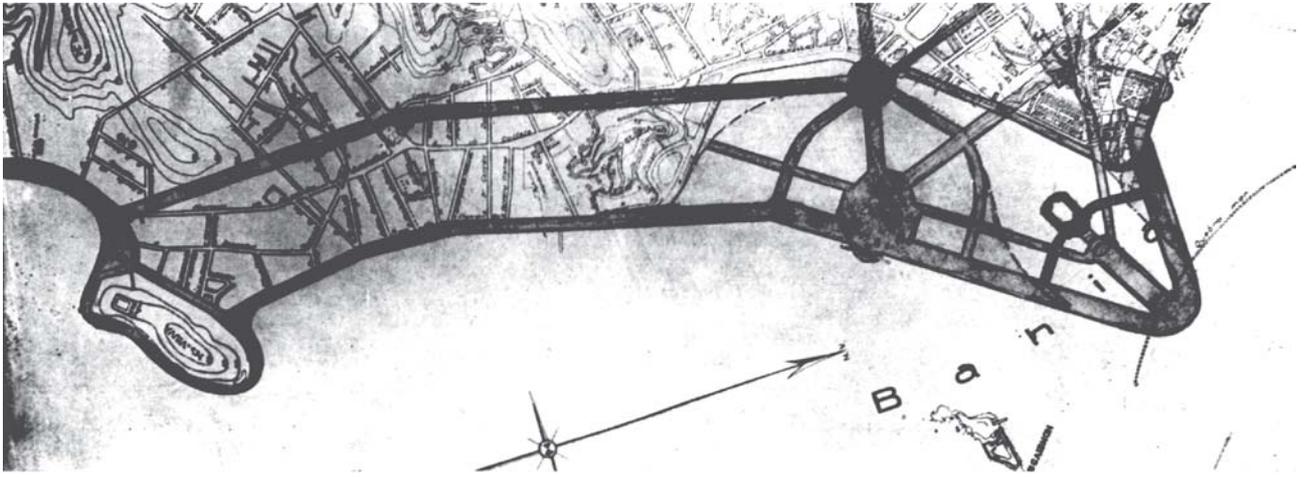


Fig. 311: Esquema do Plano Agache para a área de aterro do Saco da Glória (divulgado em novembro de 1928), com a localização da praça monumental, *Portal do Brasil*, de onde irradiariam avenidas para os principais pontos da cidade

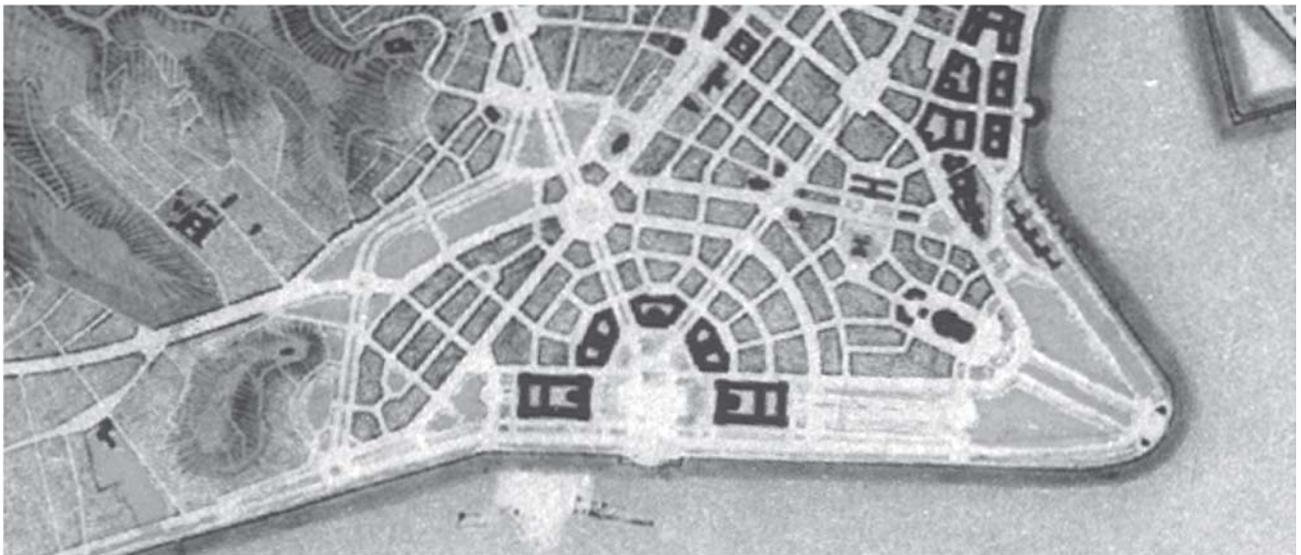


Fig. 312: Plano parcial dos arruamentos da zona conquistada à baía e da área do Morro do Castelo. Agache, 1930

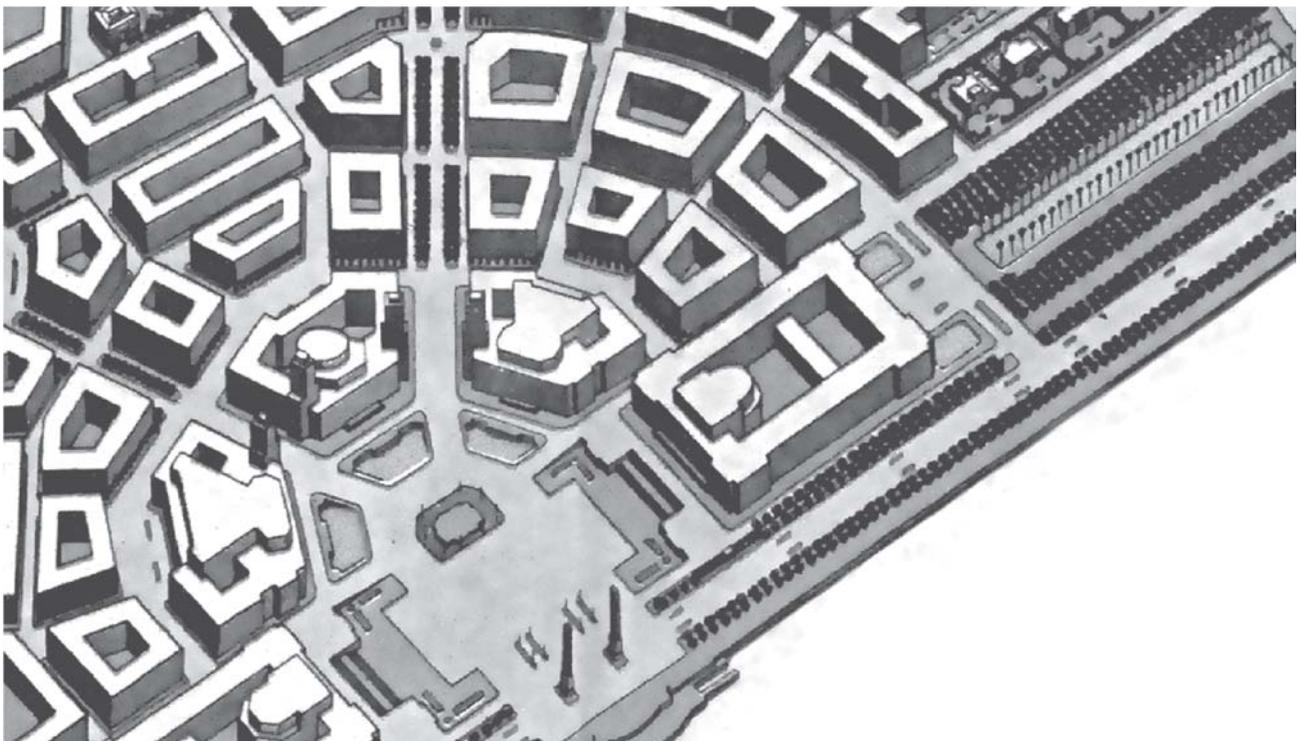


Fig. 313: *Portal do Brasil* - com os cinco grandes prédios públicos: no centro, o Auditório; à sua direita o Senado e o Palácio de Comércio e das Indústrias; à sua esquerda, a Câmara dos Deputados e o Palácio de Belas Artes. Agache, 1930

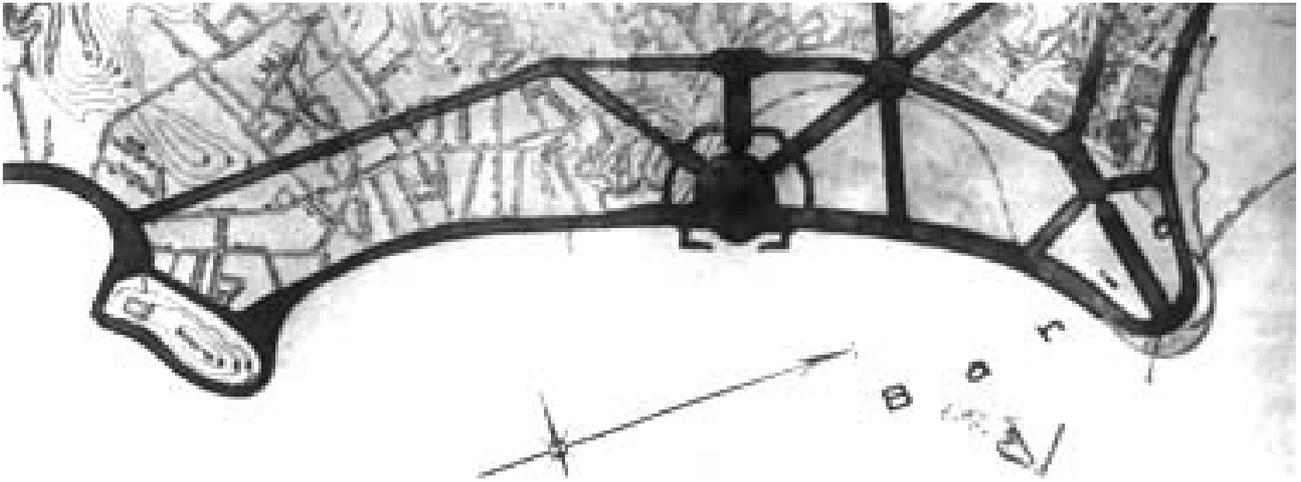


Fig. 314: Esquema do projeto de Cortez & Bruhns para a área de aterro do Saco da Glória, com a localização da Praça Monumental, de onde irradiariam avenidas para os principais pontos da cidade, 1921

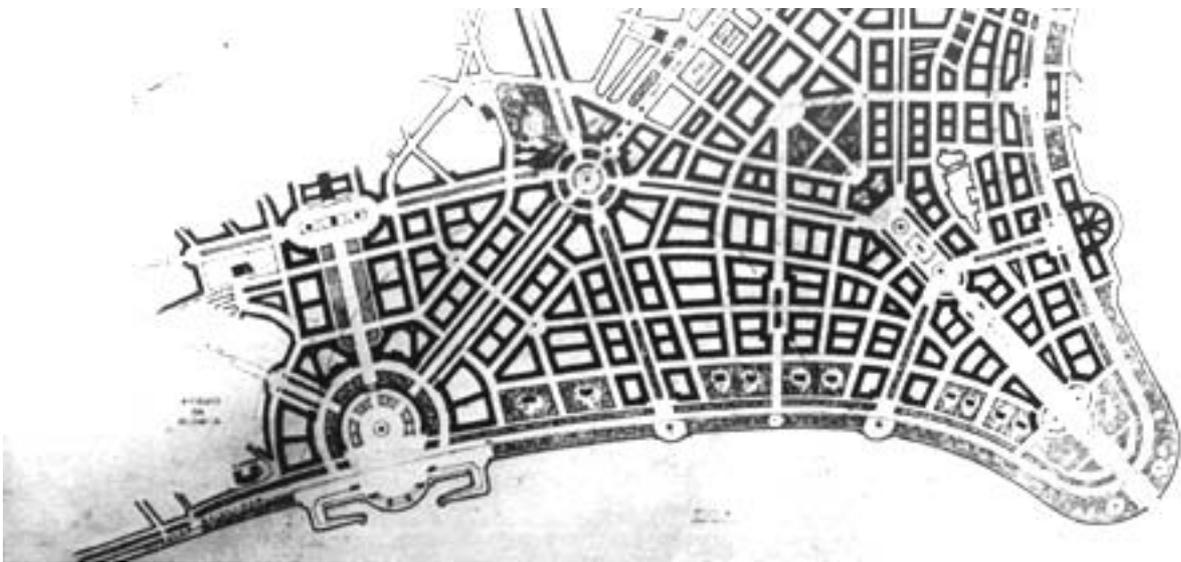


Fig. 315: Plano parcial dos arruamentos da zona conquistada à baía e da área do Morro do Castelo. Cortez & Bruhns, 1921



Fig. 316: Perspectiva da Praça Monumental sobre a Guanabara, de autoria dos arquitetos Cortez e Bruhns e que foi oferecida a Agache em julho de 1927

Nas prancha IV e V, foram agrupados exemplos de como os diversos profissionais estudados trataram o tema referente ao *portal da cidade*. É interessante notar que havia uma preocupação em estabelecer uma rápida ligação entre o portal e os pontos mais importantes da cidade, como os sub-centros cívico e comercial, exatamente como sugeria Unwin.²⁴ Essa conexão pode ser observada nos planos de Letchworth, Welwyn, Nova Dehli, nas capitais regionais do Marrocos, Filadélfia, Havana, Lisboa, Chicago, Amsterdã, Rio de Janeiro e Niterói.



Fig. 317: Anteprojeto de um Sistema de Avenidas e Parques para a Cidade de Havana, Cuba. Jean Claude Forestier, 1926. A conexão direta entre os principais pontos da cidade, como o centro cívico, o Parque Nacional, o porto e a estação ferroviária – *Portais da Cidade* – é clara.

Dependendo da especificidade de cada cidade, o portal era localizado junto à estação de trens ou ao cais, servindo para recepcionar os viajantes recém chegados. No caso de Niterói, Atílio permaneceu com o portal junto à estação de trens, elaborada alguns anos antes pela Comissão do Porto, e criou mais duas, a primeira para receber quem chegasse do Rio de Janeiro pela futura ponte Rio-Niterói, no Gragoatá, e a segunda na Praça Monumental do centro cívico municipal, para o desembarque marítimo de honra.

A grandiosa avenida de chegada a Niterói conduzia a um dos sub-centros da cidade – o centro comercial –, configurado como praça rotatória. Atílio chegou a citar Eugène Hénard em sua tese, dizendo que usou a famosa *fórmula de Hénard* para calcular o diâmetro da praça e a largura das avenidas que nela desembocavam. Segundo a fórmula, o diâmetro da praça seria igual à soma das larguras de todas as avenidas que nela

²⁴ UNWIN, *op. cit.*

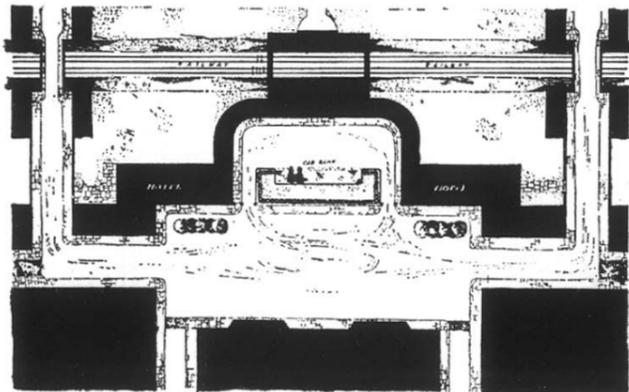


Fig. 318: Projeto para praça de estação ferroviária, Unwin



Fig. 319: Estação de trem de Letchworth, Unwin e Parker, 1903



Fig. 320: Estação de trem de Letchworth, Unwin e Parker, 1903



Fig. 321: Estação de trem de Welwyn, Soissons, 1920

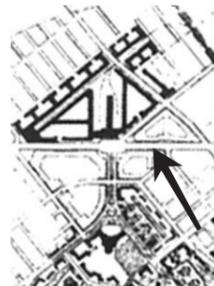


Fig. 322: Estação de trem de Radburn, Stein e Wright, 1928

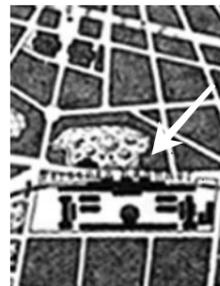


Fig. 323: Estação de trem de Karlsruhe, 1893, Stübgen



Fig. 324: Estação de trem de Nova Dehli, Lutyens, 1913

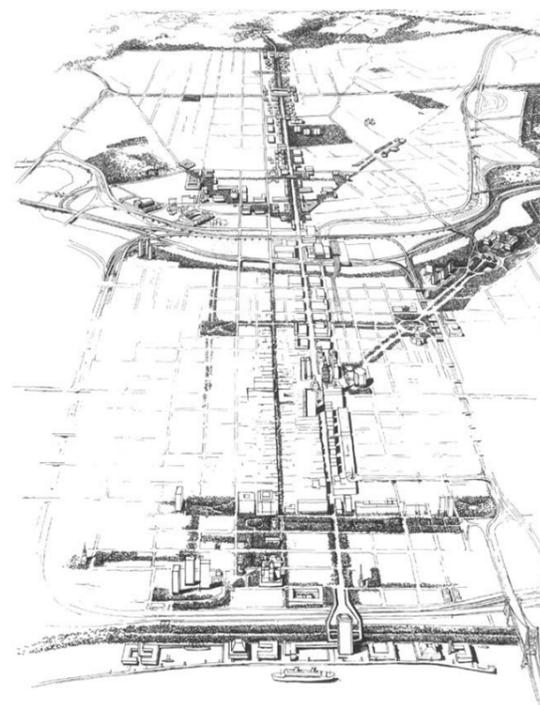


Fig. 336: Porto de Filadélfia, Jacques Gréber, 1919

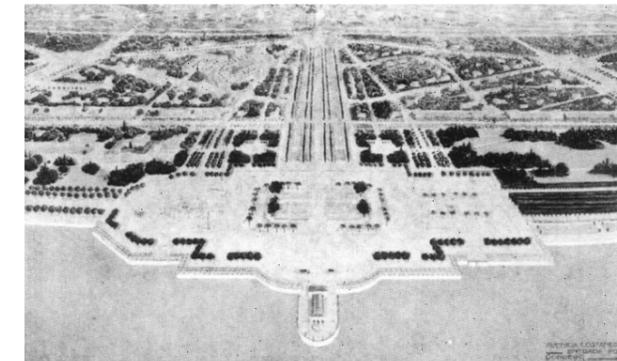


Fig. 337: Portal de Buenos Aires junto ao rio, Forestier, 1924



Fig. 338: Estação de trem de Havana, Forestier, 1926



Fig. 339: Estação de trem em Lisboa, Forestier, 1925



Fig. 325: Estação de trem de Fes, Prost, 1926

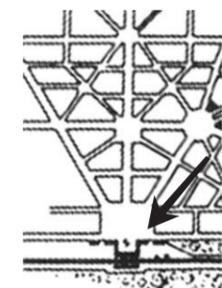


Fig. 326: Estação de trem de Meckra-bel-Ksiri, Prost



Fig. 327: Estação de trem de Kenitra, Prost, 1926



Fig. 328: Portal junto ao rio, Meckra-Bel-Ksiri, Prost, 1914



Fig. 329: Estação de trem de Meknes, Prost, 1926



Fig. 330: Estação de trem de Rabat, Prost, 1917

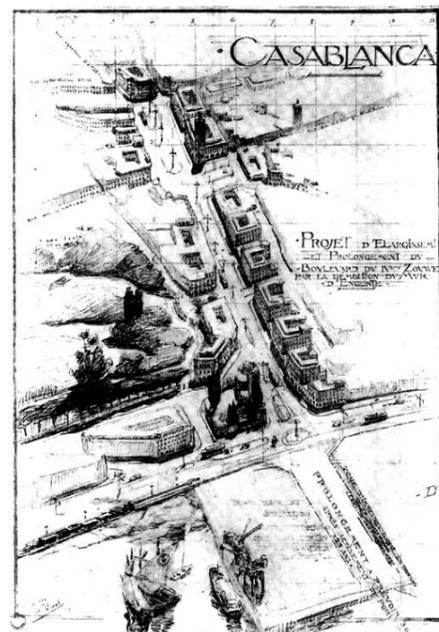


Fig. 331: Porto de Casablanca, Prost, 1914

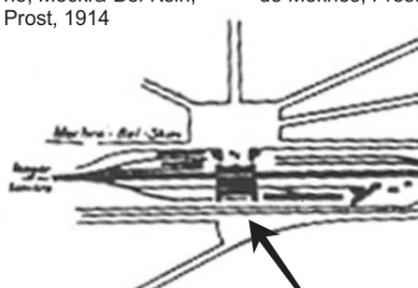


Fig. 332: Estação de trem de Petit-Jean, Prost, 1926



Fig. 333: Estação de trem de Ancara, Jaussely, 1925



Fig. 334: Estação de trem de uma cidade do futuro, Hénard, 1909



Fig. 335: Estação de trem de Canberra, Saarinen, 1912



Fig. 340: Sala de visitas de São Paulo, Prestes Maia, 1930



Fig. 342: Estação de trem e Porto de Niterói, Comissão Constructora do Porto, 1924



Fig. 343: Estação de trem e Porto de Niterói, Comissão C. do Porto, 1924



Fig. 344: Praça de chegada da Ponte Rio-Niterói, Atílio, 1930

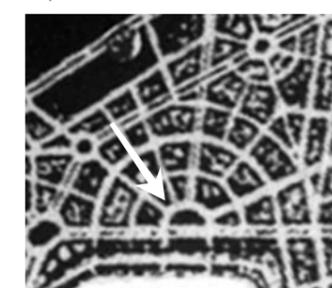


Fig. 345: Estação de trem e Porto de Niterói, Atílio, 1930



Fig. 346: Desembarcadouro de honra, Niterói, Atílio, 1930



Fig. 341: Estação Leopoldina e Pça Bandeira, Rio, Agache, 1930

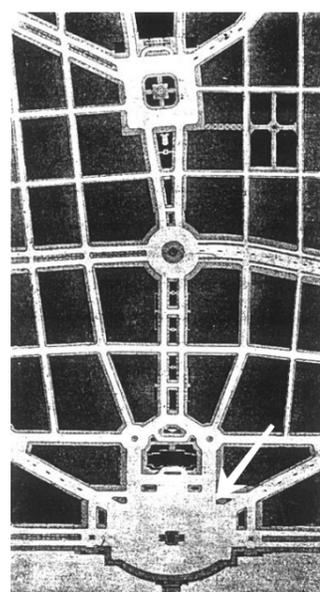


Fig. 347: Praça Monumental - centro cívico de Niterói, Atílio, 1930



Fig. 348: Porto de Chicago, Burnham e Benett, 1909



Fig. 349: São Paulo, *Estações Reunidas*, Prestes Maia, 1930

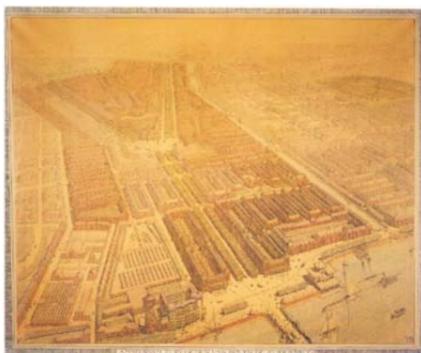


Fig. 350: Porto de Amsterdã-Sul, Berlage, 1915



Fig. 351: Estação de trem (canto inferior esquerdo) Amsterdã-Sul, Berlage, 1915



Fig. 352: Estação de trem de Amsterdã-Sul, Berlage, 1915

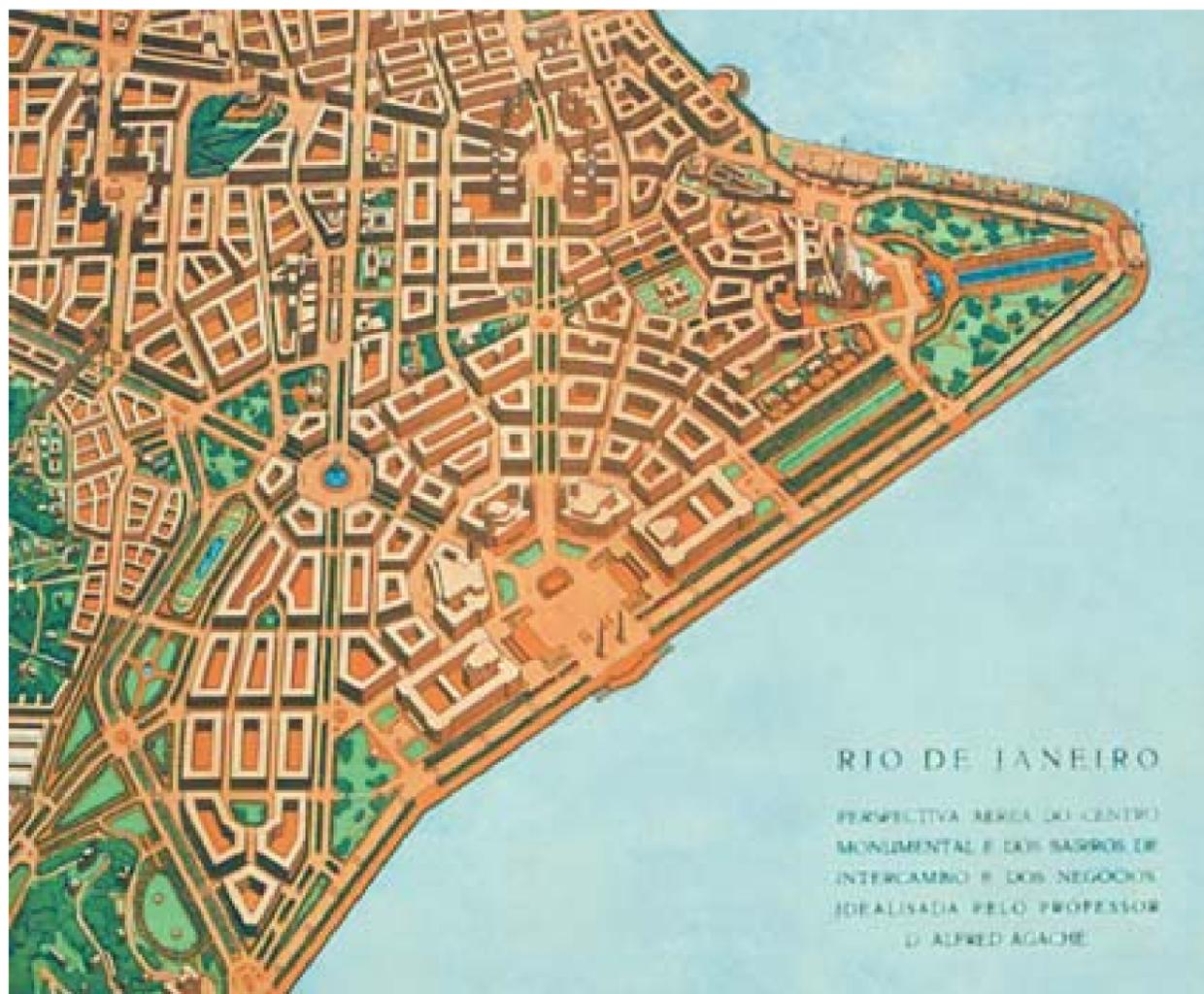


Fig. 353: Rio de Janeiro, Portal do Brasil, Agache, 1930



Fig. 354: *A Cidade Mundial - Capital da Paz e do Pensamento* (a ser construída nos arredores de Paris, Roma, Istambul, Haia, Berna ou Neuchâtel). Ernest Hébrard e Hendrik Andersen, 1913

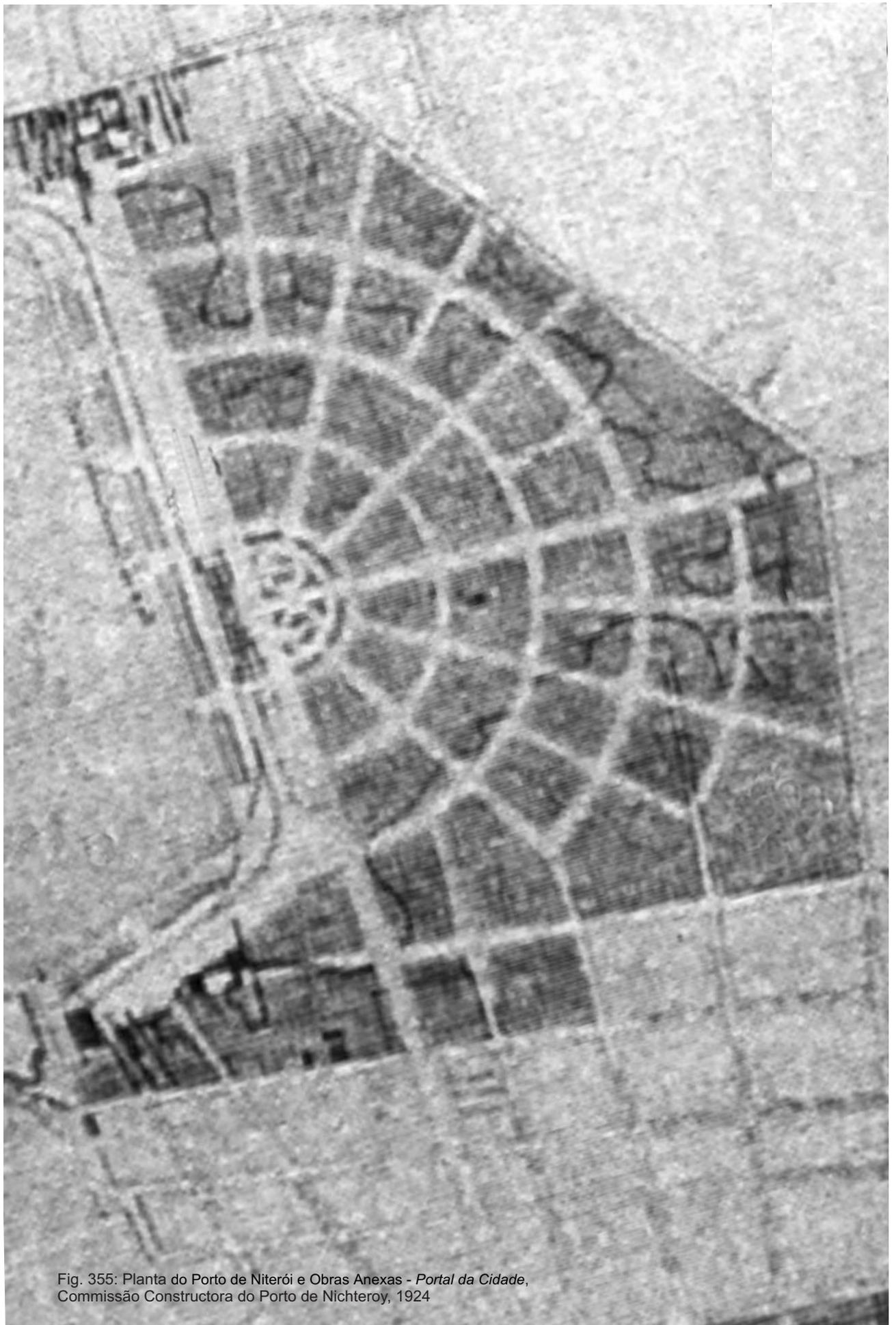


Fig. 355: Planta do Porto de Niterói e Obras Anexas - *Portal da Cidade*,
Comissão Constructora do Porto de Niterói, 1924



Fig. 356: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói - porto e estação ferroviária como *portais da cidade*. *Avant Projet d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil*. Atílio Corrêa Lima, 1930

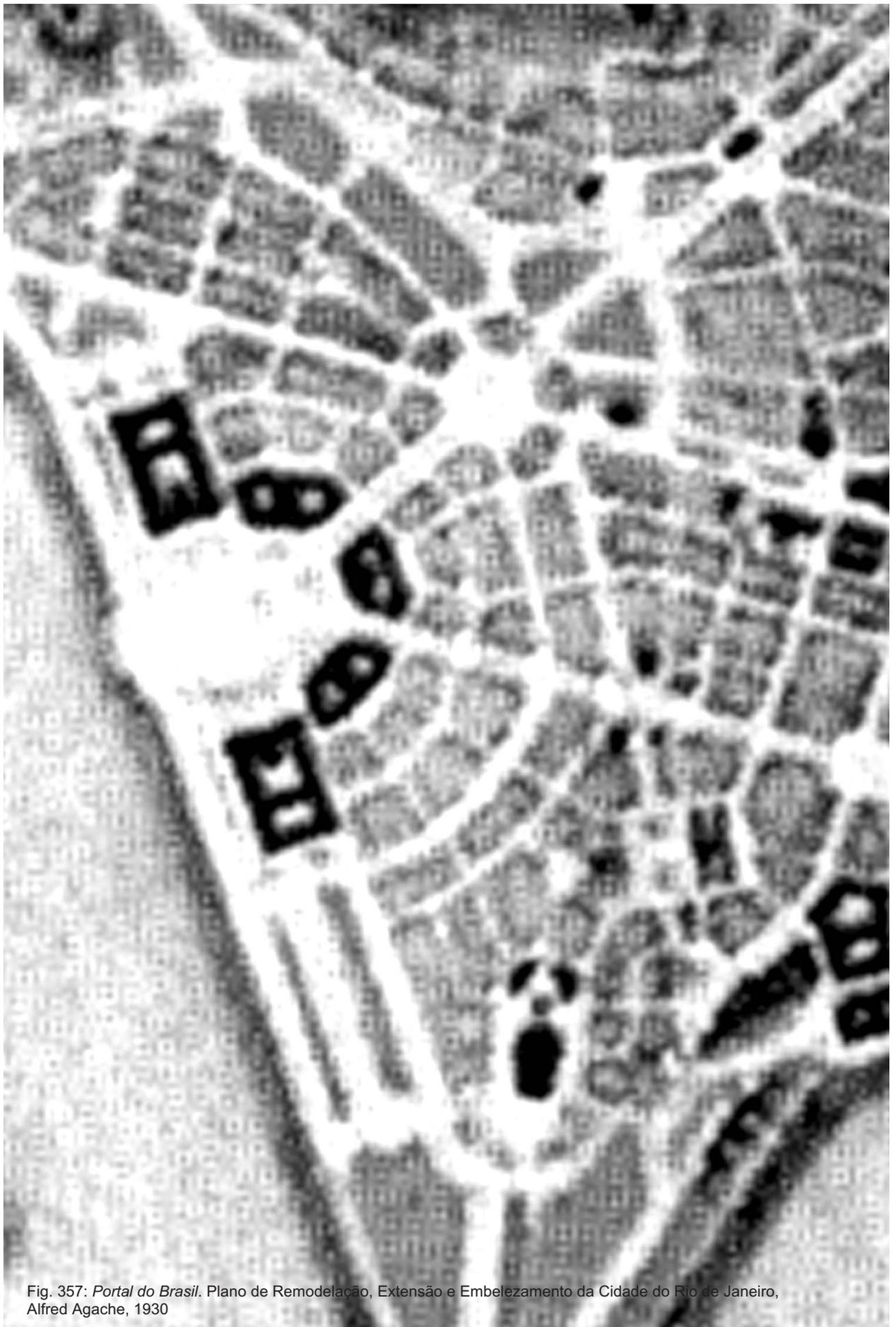
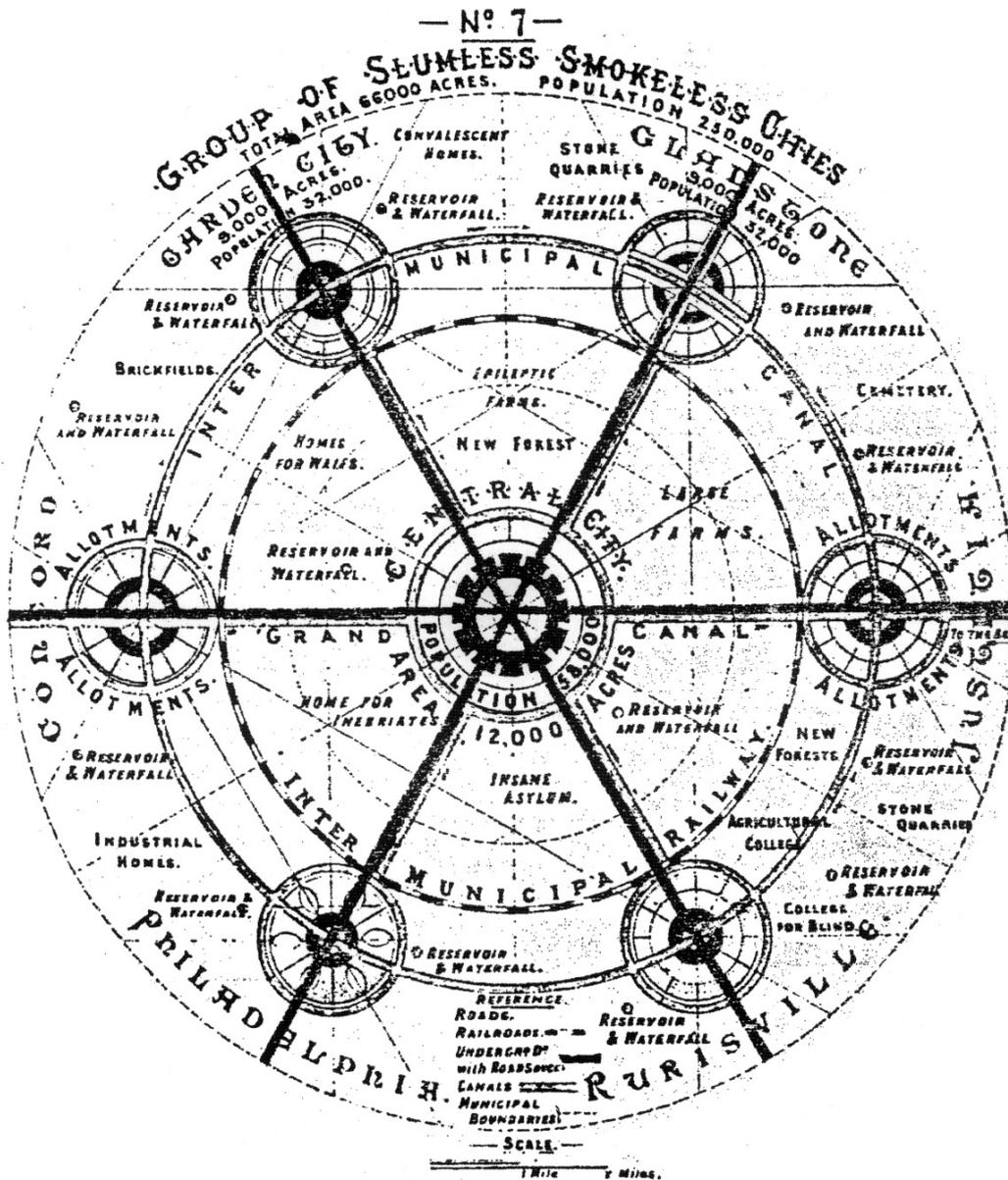


Fig. 357: *Portal do Brasil*. Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930



Permita-me apresentar aqui um diagrama, o de n^o 7, representando uma série ou um agrupamento de cidades, embora tenha de pedir ao leitor que não suponha propor-se o desenho como algo a ser levado a cabo estritamente da forma apresentada, posto que toda cidade bem planejada, aliás, todo agrupamento de cidades bem planejadas, deveria ser desenhado cuidadosamente com relação ao sítio que ocupa.

Ebenezer Howard, 1898, p. 203

Fig. 358: Ebenezer Howard, Cidades-Jardim de Amanhã, 1898. Diagrama n^o07

chegassem, dividida pelo número de avenidas.²⁵ Na prancha VI foram selecionados alguns exemplos de projetos que lançaram mão deste dispositivo viário.

A prancha VII ilustra como uma inovação de traçado de Unwin e Parker em 1903²⁶ se desenvolveu pelos projetos analisados. O conceito de *cul-de-sac* – ruas sem saída com retorno no extremo – na época ainda estava associado à moradia de baixa renda apinhada em lotes de fundos. Foi preciso um ato do parlamento inglês para que a legislação fosse revisada e o *cul-de-sac* pudesse ser utilizado.

Esse sistema de jardins e praças interiores proporcionaria conjuntos preservados do barulho e agitação dos grandes logradouros. Depois de Letchworth e Hampstead Garden Suburb, de Unwin e Parker, o *cul-de-sac* foi utilizado por Soissons em Welwyn e pelos arquitetos norte-americanos Stein e Wright em Radburn, New Jersey, que sofisticaram o conceito ao incorporar os jardins das casas no sistema de áreas livres de todo o loteamento. As casas davam fundos para vias de acesso em *cul-de-sac* e frente para jardins privados, onde apenas os pedestres poderiam se locomover, alcançando qualquer ponto da cidade. Dessa forma, promoveu-se a separação de veículos e pedestres.



Fig. 359: Planta geral de Radburn, New Jersey, EUA. Clarence Stein e Henry Wright, 1928.

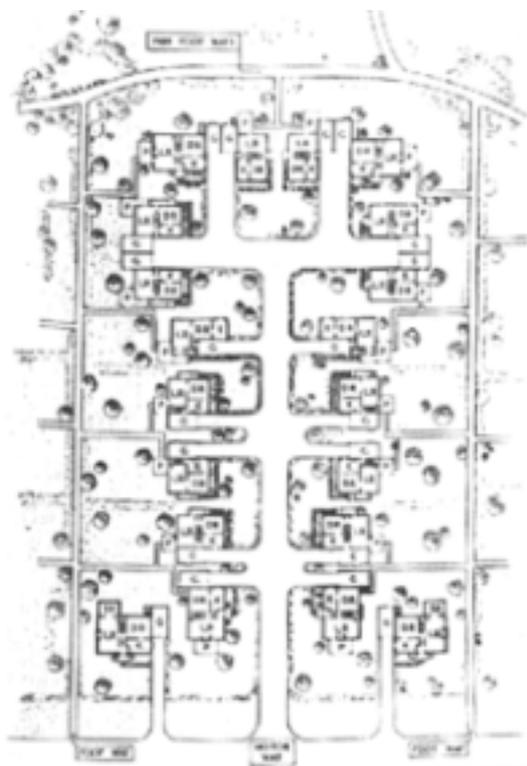
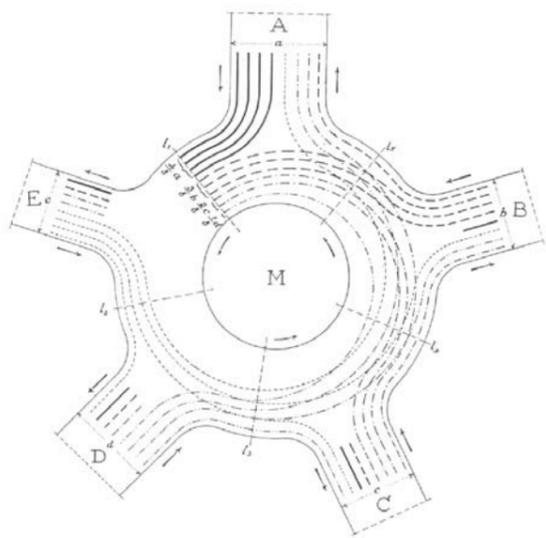


Fig. 360: *Cul-de-sac* em Radburn, New Jersey, EUA. Clarence Stein e Henry Wright, 1928.

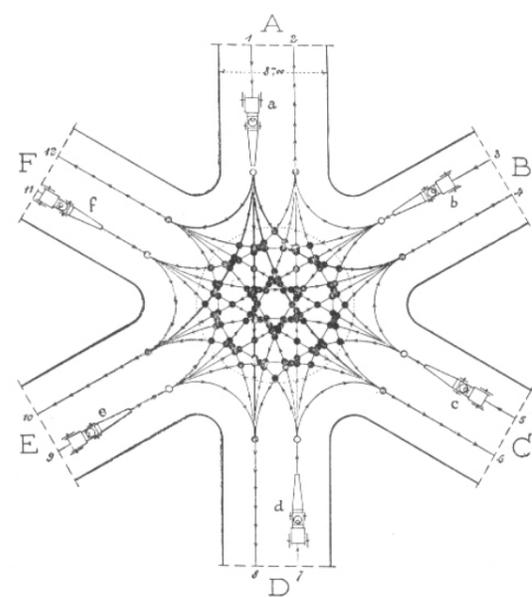
²⁵ HÉNARD, *op. cit.* p. 279-285.

²⁶ BARNET, 1986, p. 96.



$$l = \frac{l_1 + l_2 + \dots + l_n}{n} = \frac{(n-1)n}{2} (a + b + c + \dots + s + t)$$

Fig. 361: Fórmula de Hénard - Esquema para o cálculo das larguras das vias de praças rotatórias



- o 6. Points de Sortie de File.
- o 6. Points de Prise de File.
- o 120. Points de Conflit.

Fig. 362: Trajetos de veículos nos cruzamentos livres, Eugène Hénard, 1909

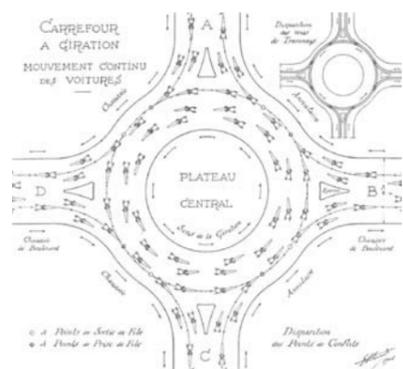


Fig. 363: Carrefour a Giration, esquema de praça rotatória, Eugène Hénard, 1909



Fig. 364: Centro governamental, Canberra, Griffin, 1912



Fig. 365: Centro governamental, Canberra, Griffin, 1912



Fig. 366: Paris, Prost, 1926

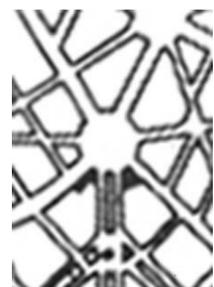


Fig. 367: Meckra-bel-Ksiri, Prost, 1914



Fig. 368: Kenitra, Prost, 1926



Fig. 369: Petit-Jean, Prost, 1926



Fig. 370: Rabat, Prost, 1917



Fig. 371: Angora, Jaussely, 1925

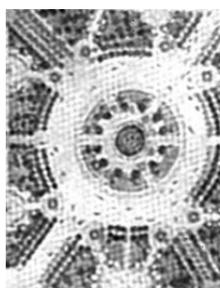


Fig. 372: Filadélfia, Gréber, 1919



Fig. 373: Haia, Berlage, 1908



Fig. 374: Washington, McMillan, 1901



Fig. 375: Cidade Mundial, Hébrard, 1913



Fig. 376: Port Sunlight, Lutyens, 1888



Fig. 377: Paris, Bonnier, 1924



Fig. 378: Lisboa, Forestier, 1925



Fig. 379: Havana, Forestier, 1926

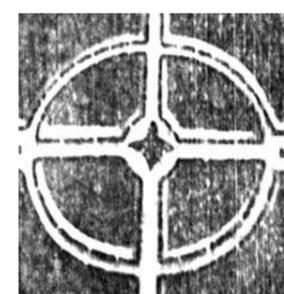


Fig. 380: Vila-Jardim Ypiranga, Comissão Construtora do Porto de Niterói, 1924



Fig. 381: Belo Horizonte, Aarão Reis, 1897

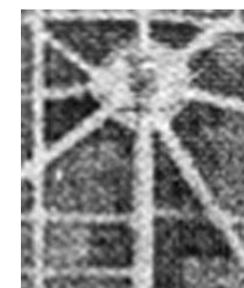


Fig. 382: Filadélfia, Gréber, 1919



Fig. 383: Paris, Gréber, 1919



Fig. 384: Canberra, Agache, 1912

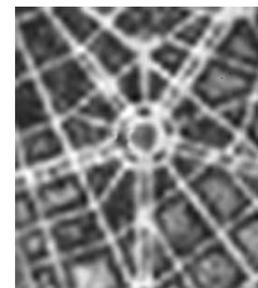


Fig. 385: Dunkerque, Agache, 1912



Fig. 386: Rio de Janeiro, Agache, 1930



Fig. 387: Rio de Janeiro - Praça da Bandeira, Agache, 1930

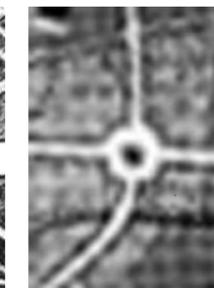


Fig. 388: Rio de Janeiro, Agache, 1930

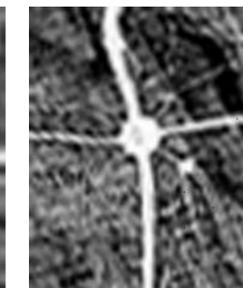


Fig. 389: Rio de Janeiro, Agache, 1930



Fig. 390: Rio de Janeiro, Lagoa, Agache, 1930

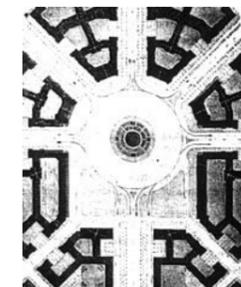


Fig. 391: Niterói, Centro comercial, Atílio, 1930



Fig. 392: Niterói, Atílio, 1930



Fig. 393: Goiânia, Godoy, 1936



Fig. 394: Volta Redonda, Atílio, 1941



Fig. 395: São Paulo, Prestes Maia, 1930



Fig. 396: Santos, Saturnino de Brito, 1910



Fig. 397: Novo Arrabalde, Vitória Saturnino de Brito, 1896

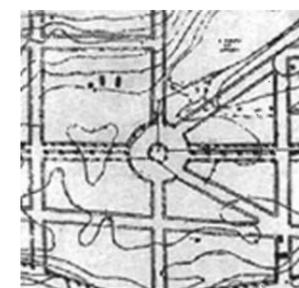


Fig. 398: Cidade da Luz, Theodoro Sampaio, Salvador, 1919



Fig. 399: Letchworth Garden City, Raymond Unwin e Barry Parker, 1903

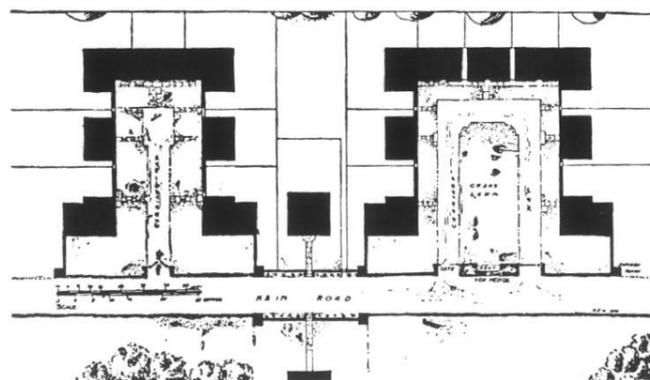


Fig. 400: Hampstead Garden Suburb, Raymond Unwin e Barry Parker, 1905

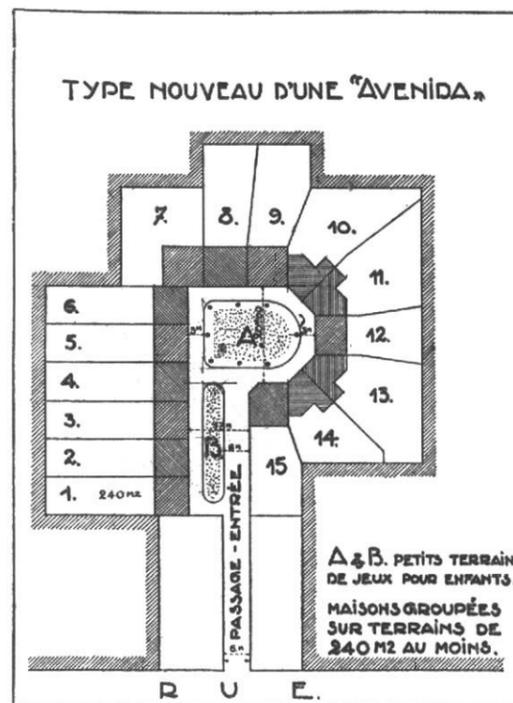


Fig. 410: Rio de Janeiro, Estudo de vila operária. Alfred Agache, 1930

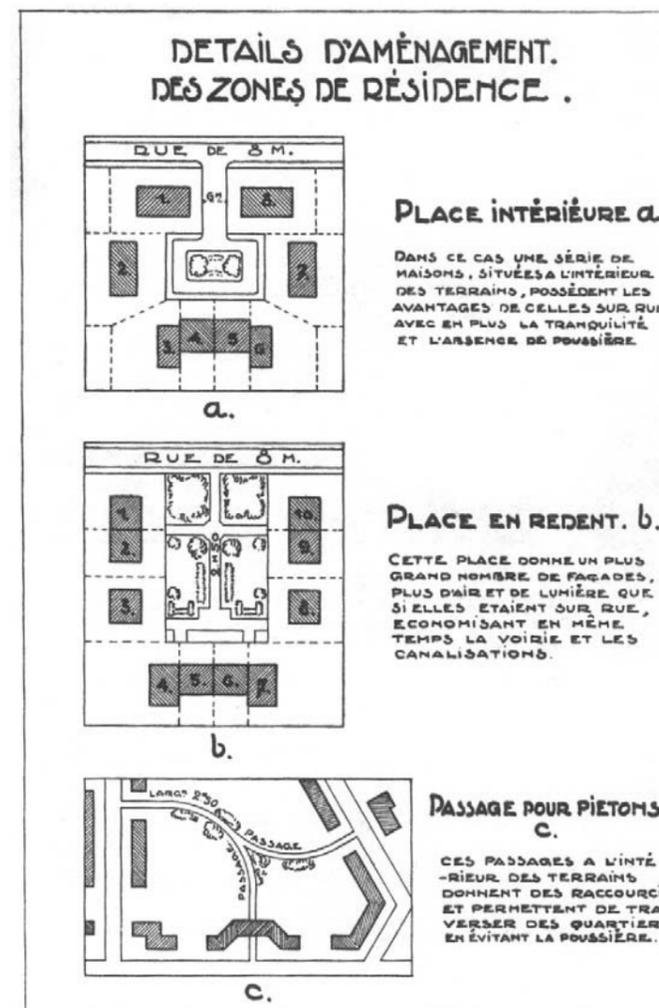


Fig. 411: Rio de Janeiro; propostas de culs-de-sac e passagens para pedestres através das quadras. Alfred Agache, 1930

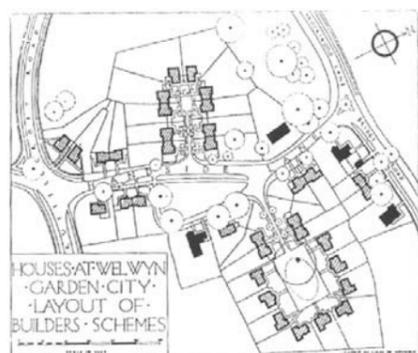


Fig. 401: Culs-de-sac em Welwyn Garden City, Louis de Soissons, 1920



Fig. 402: Jardim América, SP, Raymond Unwin e Barry Parker, 1919



Fig. 403: Jardim América, SP, planta elaborada em 1941



Fig. 404: Welwyn Garden City, Louis de Soissons, 1920

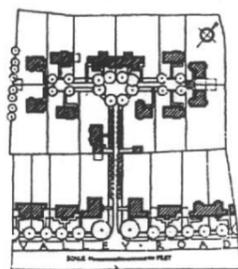


Fig. 405, 406 e 407: Welwyn Garden City - detalhe dos culs-de-sac, Louis de Soissons, 1920

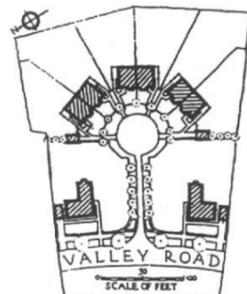
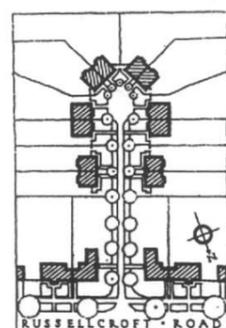


Fig. 408: Radburn, New Jersey, Clarence Stein e Henry Wright, 1928



Fig. 409: Withenshawe, Manchester, Barry Parker

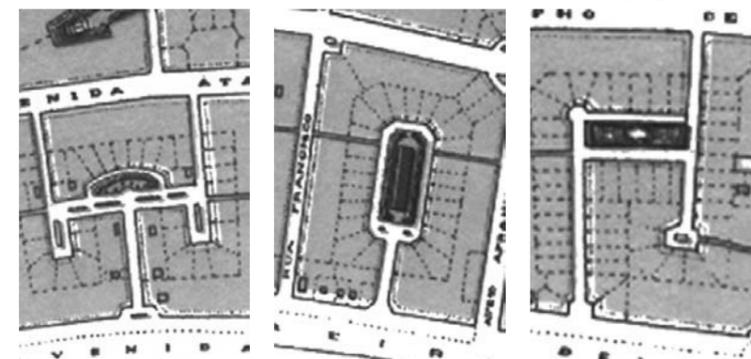


Fig. 412, 413 e 414: Vários jardins internos e culs-de-sac no bairro do Leblon, Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930



Fig. 415: Culs-de-sac em Carcavelos, Costa do Sol, Portugal, Alfred Agache, 1936



Fig. 416: Vila Ypiranga, bairro-jardim operário com jardins internos às quadras, para uso dos moradores. Comissão de Construção do Porto de Niterói, 1924



Fig. 417: Revisão do Plano de Goiânia, Armando de Godoy, 1936



Fig. 418: Plano do Recife, Superquadra com jardim interno, Atílio C. Lima, 1936

No Brasil, esse sistema pode ser observado no Bairro-Jardim América, em São Paulo, do próprio Unwin. No Rio de Janeiro, Agache desenhou uma nova planta para o bairro do Leblon, onde se vê uma série de jardins internos e *culs-de-sac*. Fez ainda um estudo com algumas variações, apresentando praças internas e passagens para pedestres através das quadras, em muito lembrando o traçado de Radburn. Para a zona norte, ao reestudar as vilas operárias, propôs conjuntos de casas geminadas ao redor de uma pequena praça privada para os jogos infantis.



Fig. 419: Projeto de Melhoramentos dos bairros Lagoa e Leblon, Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930.

Em 1936, Atílio projetou em Recife um loteamento de glebas para habitação da classe média baseado no *super-block* de Radburn, com *cul-de-sac* e praças no interior das quadras. Nesse mesmo ano, Armando de Godoy, ao revisar o plano de Goiânia após Atílio se desligar do projeto, propôs um traçado repleto de *culs-de-sac* para a zona sul da cidade. Ainda em 1936, Agache, chamado a Portugal para elaborar o estudo preliminar de

reurbanização da Costa do Sol, realizou diversos projetos locais, dentre eles o de Carcavelos, onde também utilizou o *cul-de-sac* como motivo principal da malha urbana.

Na prancha VIII, podemos observar algumas plantas ilustrando o conceito de sistema de áreas livres, e analisar como Bonnier, Hénard e Forestier trataram o problema na cidade de Paris. Havia a preocupação de conjugar essas áreas com o sistema viário, de forma a prover um fácil acesso para a população. No caso de Hénard, as áreas livres se conectavam pela rede de vias perimetrais – anéis concêntricos – e radiais, conformando um sistema coeso.

O Plano de Gréber para Filadélfia também demonstra o cuidado em se estabelecer conexões diretas entre os espaços livres, dessa vez através de avenidas diagonais. No Plano para o Rio de Janeiro, Agache preparou uma planta demarcando as áreas de abrangência dos espaços livres, certificando-se de que toda a população estaria sendo atendida. É interessante notar que a zona norte, ocupada pelas classes menos favorecidas, recebeu o mesmo tratamento das regiões mais abastadas, diretriz que, infelizmente, não se concretizou, dada a carência de espaços livres nesta zona da cidade atualmente. A planta de Atílio para Niterói mostra, além das áreas livres espalhadas pela malha urbana, a forma como os bairros residenciais foram envolvidos por massas vegetadas.



Fig. 420: Sistema de espaços livres para o Departamento da Seine, Comissão de Extensão de Paris, da qual participaram os professores do IUUP Marcel Pöete e Louis Bonnier em 1913

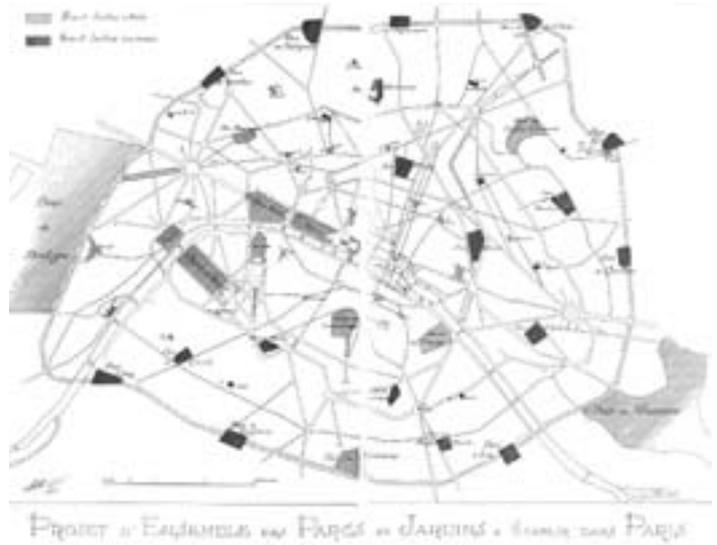


Fig. 421: Sistema de espaços livres para a cidade de Paris, Eugène Hénard, 1903-09



Fig. 422: Sistema de espaços livres para Paris, Jean-Claude Forestier, 1924



Fig. 423: Sistema de espaços livres para Niterói, Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima, 1930



Fig. 424: Sistema de espaços livres para a cidade do Rio de Janeiro, com suas áreas de abrangência, Agache, 1930

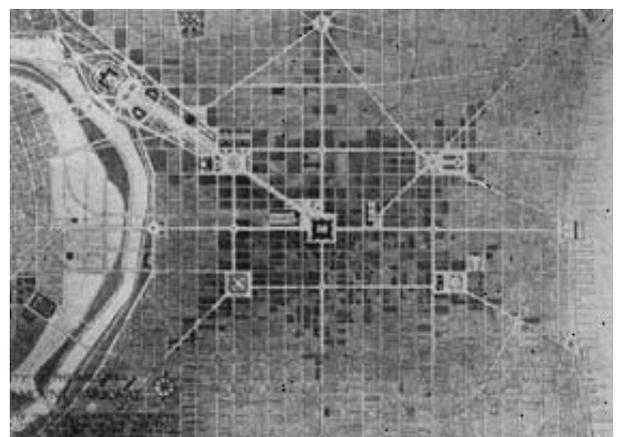
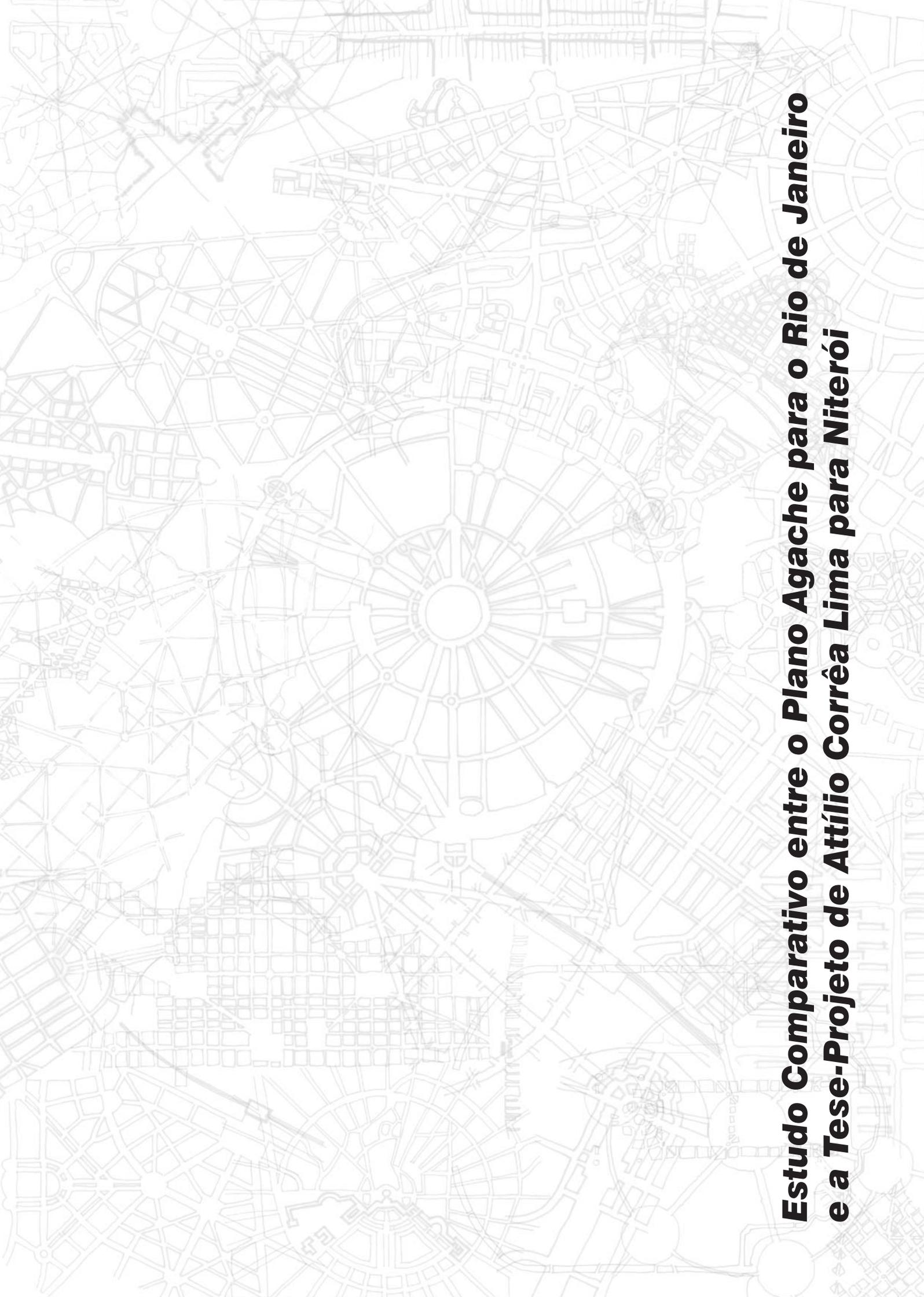


Fig. 425: Sistema de espaços livres, ligados entre si por avenidas diagonais. Filadélfia, Jacques Gréber, 1919



**Estudo Comparativo entre o Plano Agache para o Rio de Janeiro
e a Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima para Niterói**

4.1. ANÁLISE CONCEITUAL E METODOLÓGICA

4.1.1. Arquitetura e ciência social na visão de Alfred Agache

Alfred Agache pertencia àquela geração de arquitetos nascidos durante o início da III República, formado pela *École des Beaux-Arts de Paris* e que constituiu, em 1911, o essencial da equipe de fundadores da *Société Française des Architectes Urbanistes – SFAU*. Entretanto, sua afirmação da primazia da ciência social sobre a arte foi excepcional em seu meio; mais ainda foi seu engajamento precoce em sociologia. A partir de 1901, o estudante de arquitetura publicou seus trabalhos de observação social na revista *La Science Sociale*, e desde 1905 seu nome figurava na lista de membros da *Société de Science Sociale – SSS* – que, sob a impulsão de Henri de Tourville (1842-1903) e Edmond Demolins (1852-1907), pretendia renovar a obra científica de Le Play¹ e construir uma ciência social fundada na observação e baseada no processo de investigação monográfica. Agache fez uma série de viagens pela Europa, Estados Unidos e Oriente Médio, com um objetivo preciso: desenvolver um trabalho metodológico de observações e pesquisa de campo sobre o terreno.

Uma vez diplomado, o arquiteto permaneceu fiel à sociologia experimental e às sociedades que a apoiavam. A partir de 1905, sob a égide da SSS, foi encarregado de um curso de ciência social no *Collège Libre des Sciences Sociales – CLSS*. Ele propôs *uma História Social das Belas Artes*, onde a arte era estudada do ponto de vista de sua evolução, observando o presente para, em seguida, interrogar o passado em seu condicionamento social e suas repercussões sobre o homem e a sociedade. Seguindo o processo metodológico da ciência experimental – observar, documentar, classificar, criar um repertório, comparar –, ele elaborava um verdadeiro protocolo de pesquisas de campo que relacionava os fatos sociais e a produção material de uma sociedade particular. Agache utilizava notadamente a nomenclatura social, instrumento de classificação de fatos sociais – forjado por Tourville em 1886 – que unificava os três procedimentos da ciência social experimental: observação metodológica, comparação e classificação; e deveria permitir estudar, no detalhe e sob todos os aspectos, um grupamento humano e analisar seus relacionamentos com os diferentes elementos de seu meio-ambiente.

¹ Frédéric Le Play. Industrial católico que estudou a existência de famílias operárias do ponto de vista do seu enraizamento em um meio físico e das formas de trabalho por elas engendradas.

Se Agache fez o curso de Estética e História da Arte na *École des Beaux-Arts*, ele sem dúvida teve conhecimento do livro *Histoire de l'Architecture* (1890) do engenheiro Auguste Choisy (1841-1919), que contribuiu para a formação de toda sua geração de arquitetos, propondo uma abordagem materialista e evolucionista da arquitetura, que deveria levar em conta uma série de dados (geográficos, econômicos, técnicos, sociais etc.).²

Agache afirmava que a combinação de seus estudos de ciência social com aqueles de arquitetura o levou ao urbanismo. Em 1914, ele declarou no periódico *L'Excelsior* :

*O urbanismo é uma ciência nova, da construção e remodelação das cidades (...) com um objetivo social. Ele repousa na observação e na generalização científica. É uma ciência aplicada, uma aplicação da ciência social.*³

A partir de então, Agache, que já conseguira um certo renome internacional com o sucesso de prêmios obtidos nos concursos de Canberra e Dunkerque, participou da organização institucional da *SFAU*, sendo o secretário geral até 1930 (depois vice-presidente). Ele tentou dar uma dimensão social ao urbanismo e, ao mesmo tempo, dedicou um tempo importante à análise de publicações de diversos países. Em seguida, Agache se engajou num trabalho pessoal sobre a formação e o desenvolvimento das

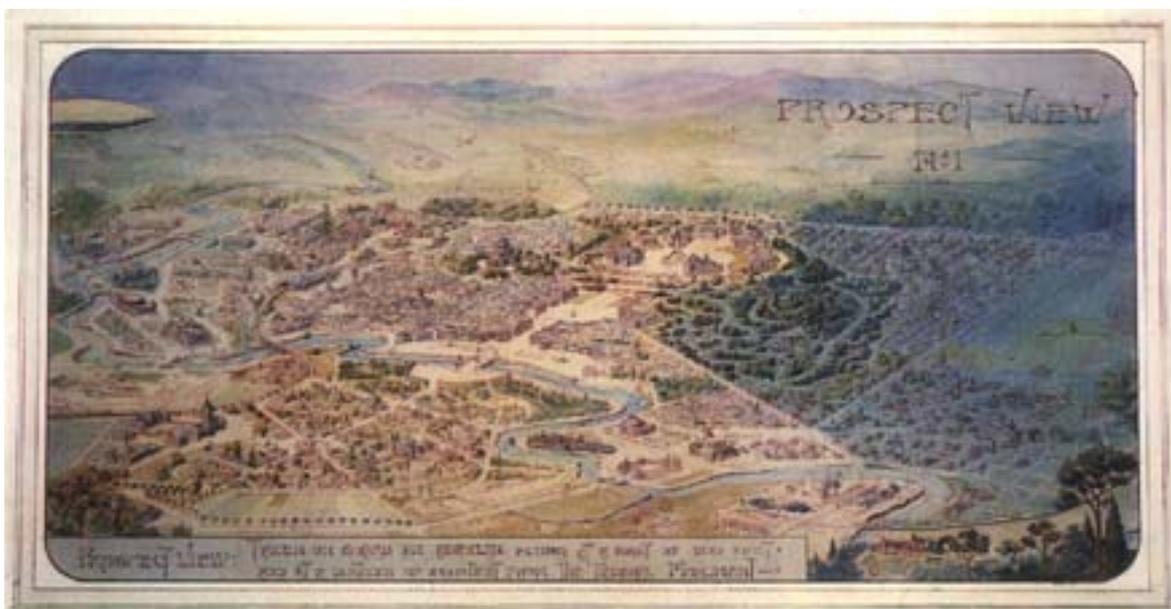


Fig. 426: Vista aérea de Canberra. Perspectiva aquarelada elaborada para o Concurso Internacional da Nova Capital Federal da Austrália. Alfred Agache, 1912.

² BRUANT, 1999.

³ *Une Science Nouvelle: l'Urbanisme*, in *L'Excelsior*, 13 mars 1914, *apud* BRUANT. *op cit.*

idades, através do qual documentou a nova disciplina urbanística, e começou a formar um pensamento sobre a cidade em sua complexidade, além de um corpo de recomendações práticas com considerações técnicas, sociais e espaciais. Educador e propagador de idéias, ele deu atenção particular ao público em geral, publicando estudos em periódicos não especializados. Paralelamente, Agache desenvolvia uma série de estudos e grandes planos de urbanismo.

Sua intensa atividade de urbanista, mas também de arquiteto-construtor, além de um senso agudo de organização e nutrido por um trabalho didático, crítico e teórico, fizeram de Agache uma figura de destaque no urbanismo francês da primeira metade do século XX. Suas atividades no Brasil proporcionaram-lhe grande notoriedade. A partir de 1932, Agache teve a oportunidade de abrir um novo escritório de urbanismo no Rio de Janeiro. Em 1939, abandonou definitivamente a França para se instalar no Brasil, onde participou da elaboração de dezoito importantes planos de urbanismo.

4.1.2. Da classificação de cidades à monografia urbana

De 1911 a 1914, dentro dos quadros do *Institut International pour la Diffusion des Expériences Sociales* (criado em 1910), Agache realizou conferências na Europa e Estados Unidos sobre o tema *A Grande Cidade. A Cidade Futura*. Ele se apresentava como *sociólogo, urbanista e arquiteto*, nessa ordem. Pois, segundo ele, o urbanista deveria, em primeiro lugar, confiar-se um trabalho preparatório de análise e síntese. Seria conveniente que ele *tivesse viajado muito, visto bastante, comparado muitas coisas; pois ele deverá inicialmente pesquisar como as cidades antigas se formaram, sob quais influências elas se desenvolveram; enfim, como sua fisionomia se adaptou ao seu desenvolvimento*.⁴

Agache se dava um duplo objetivo: instruir a opinião pública dos benefícios da organização urbana, e fundar a nova ciência urbanística como ciência social aplicada. Sobre a base desse programa, sempre sob a influência da metodologia *tourvilliana*, Agache estudou os conjuntos construtivos que formam as cidades e suas relações com a antrope-geografia e, sobretudo, com os fatos sociais.

⁴ AGACHE, Donat Alfred. *La Grande Ville. La Ville Future*, in *Les Documents du Progrès*, 1914, p. 157-165, *apud* BRUANT. *op cit.*

O urbanismo, segundo Agache,

(...) é uma ciência, uma arte e uma filosofia. Uma ciência pois se origina de um estudo metódico dos fatos. É preciso ter estudado as cidades do passado, suas características, sua formação... Em seguida, investigar as causas do desenvolvimento ou da perturbação e, enfim, após um trabalho preciso de análise, numa síntese geral, prever os melhoramentos necessários para o desenvolvimento futuro da cidade. Observação, classificação, análise e síntese: eis o que caracteriza o estudo científico. (...) Mas se a ciência fosse suficiente para determinar a ordenação das cidades, esta urbanização se reduziria sem dúvida a um certo número de fórmulas. Não é assim. O urbanismo constitui, também, uma arte, pois a intuição, a imaginação e a composição desempenham um papel importante na sua aplicação: o urbanista deve traduzir em proporções, volumes, perspectivas, silhuetas, as diferentes proposições sugeridas pelos engenheiros, economistas, higienistas, e financeiros. (...) O urbanismo é ainda do domínio da filosofia social. A cidade, com efeito, procura realizar plasticamente o quadro adequado à existência de uma coletividade organizada; seu papel é de agrupar em torno do cidadão tudo o que a organização e o conforto moderno inventaram para sua comodidade, diminuindo os custos generosos dessa existência em proximidade imediata.⁵

O fato principal de seu tempo, sublinhava Agache, era que as cidades são os elementos essenciais do desenvolvimento econômico e social; grandes cidades apareceram, que são o coração, o centro nervoso de uma região inteira, e às vezes mesmo de um país. Por outro lado, elas são o lugar de expansão das idéias democráticas, de civilização, educação e cultura. Até então, a intervenção em favor da remodelação da cidade e das condições de vida urbana estava fragmentada em uma justaposição de contribuições de diversas disciplinas. Faltava, segundo Agache, para que cada cidade desempenhasse seu próprio papel econômico e social do futuro, uma visão sintética de cada fenômeno particular, dentro de um contexto regional e nacional mais amplo.

Para remediar este problema, ele via no urbanismo – ciência, arte e filosofia social – duas etapas essenciais: num primeiro momento, seria preciso reunir o conjunto de todos os elementos constitutivos da cidade, a fim de erguer empiricamente o estado de desenvolvimento social, econômico e físico. Em resumo, tratar-se-ia de estabelecer um *survey*, a fim de favorecer os potenciais naturais da evolução social e da extensão física particulares de cada cidade, numa direção que fosse resultado do curso normal da vida,

que não poderia jamais, segundo Agache, ser contrariado, mas somente canalizado para um futuro que respondesse às necessidades modernas e à preocupação do interesse geral. Em segundo lugar, impor às cidades a obrigação de estabelecer planos conjuntos de remodelação e de extensão dentro de um plano geral de desenvolvimento regional ou nacional da rede de rotas e de transportes, das grandes preocupações comerciais e industriais.

Em 1915, Agache redigiu, com o auxílio do arquiteto-urbanista Jean-Marcel Auburtin (1872-1926) e do arquiteto-paisagista Edouard Redont (1862-1942), uma obra que pode ser considerada o primeiro tratado contemporâneo de urbanismo francês: *Comment Reconstruire nos Cites Détruites? Notions d'Urbanisme s'appliquant aux Villes, Bourgs et Villages*. Ele estabelecia as diferentes etapas da metodologia urbanística em sucessão lógica e preparou uma lista ordenada de indicações e documentos a recolher, referentes ao passado da aglomeração, suas condições geográficas, econômicas e sociais, seu estado atual e seu futuro provável. Agache queria, também, evitar que o urbanismo se transformasse numa ciência fechada a especialistas. Rompendo com a tradição monográfica *leplaysiana*, que confiava a um só indivíduo todo o trabalho, ele tentou impor, neste manual, a instituição de comissões de estudos municipais, onde todas as competências locais trabalhariam em conjunto com o urbanista. Ele atribuiu ainda uma função pedagógica à pesquisa de campo, pela circulação de imagens e a realização de exposições públicas.

Agache afirmou, assim, a necessidade de dois níveis complementares de documentação: o primeiro, no âmbito da pesquisa de campo local ou estudo de monografia urbana, para caracterizar uma situação urbana particular, estabelecer um diagnóstico e depois um programa de reformas. O segundo, ampliado a uma cooperação nacional e internacional, permitiria constituir e difundir um conhecimento quase enciclopédico sobre as cidades, pelo estudo comparativo de sua evolução e o desenvolvimento da ciência das cidades, primeira etapa necessária à elaboração de um corpo de doutrinas de intervenção. Com este objetivo, ele tentava, em conjunto com a União Internacional de Cidades e grupos de estudo, organizar uma Enciclopédia de Cidades e de Arte Cívica. Ele trabalhava, então, a fim de introduzir uma lógica de exposição mais apta, segundo ele, a dar conta da

⁵ Disponível em <http://www.urbanistes.com/histoire.html> site oficial da *Société Française des Urbanistes*, acessado em 19 jul. 2001. (tradução do autor).

realidade social. Apesar do fracasso da enciclopédia, seus contatos internacionais tiveram conseqüências importantes.

Após a Primeira Guerra Mundial, Agache ministrou, em diversos lugares, cursos e conferências livres, endereçadas ao público em geral. Cada um, segundo ele, deveria se informar sobre sua região. Juntando o conhecimento e a ação, ele via nas pesquisas de campo locais um meio para as populações em questão tomarem parte nas decisões no que diz respeito ao futuro de suas cidades e regiões. No entanto, as elites locais não demonstraram interesse por esse tipo de produção, como indica a reação ao trabalho por ele executado no Plano de Remodelação, Embelezamento e Extensão da Cidade de Dunkerque, no período de 1920/22.

4.1.3. O urbanismo como sociologia aplicada

Agache concebia a cidade e toda forma de estabelecimento humano como um organismo vivo e coletivo, que compreenderia um conjunto de sistemas funcionais: o *circulatório*, o *respiratório*, o *nervoso*, o *digestivo*. Dotada de funções próprias – urbanas – seu bom desenvolvimento seria prioritário, pois necessário à vida em coletividade. A esse respeito seria preciso, inicialmente, prever uma rede de vias capaz de absorver a intensidade da circulação futura. Segundo Agache, o estabelecimento de grupos sociais distintos no solo urbano afetaria, ao longo da História, as formas materiais diferenciadas seguindo uma repartição dentro das cidades – morfologia urbana –, condicionada por causas econômicas e sociais. Ele acreditava que, desde o planejamento, é preciso levar em conta o desenvolvimento natural da cidade. Portanto, seria conveniente estudar de perto os determinantes desta distribuição de elementos específicos a cada cidade. A esse respeito, a concentração de funções específicas e a diferenciação dos bairros seguindo as atividades e profissões ali encontradas deveria ser o ponto de partida para a elaboração de um projeto.

Com o início da industrialização, o equilíbrio entre as atividades da comunidade e sua expressão plástica havia se rompido. Por um lado, a aparência e a organização das cidades não respondiam mais às exigências práticas da mudança de escala e funções urbanas. Por outro, elas não exprimiam mais a nova organização comunitária das

sociedades desenvolvidas. Enfim, a imagem global das cidades não correspondia mais a uma consciência coletiva cívica que deveria ser expressa numa harmonia geral.

Para remediar esse estado de coisas, Agache propunha retomar os princípios tradicionais do desenvolvimento urbano, mas não necessariamente a linguagem figurativa dos conjuntos urbanos antigos. Agache certamente valorizava o passado, considerado um patrimônio de onde o presente se alimentaria; no entanto, ele não deixava de reconhecer a originalidade da situação contemporânea. Se o planejamento urbano – em sua organização e estética proposta – deveria levar em conta o passado e o lugar, deveria igualmente ser adaptável ao papel da cidade, a suas funções e perspectivas futuras.

A intervenção da ciência social ajudaria o urbanista na análise preliminar da situação urbana. Seria através dessa metodologia de observação precisa à procura das repercussões da economia e dos aspectos sociais sobre a expressão urbana que se chegaria ao diagnóstico necessário, permitindo, em seguida, a escolha dos *remédios* a serem aplicados numa aglomeração deficiente ou caótica, e à elaboração do partido geral gráfico e regulamentador.

Agache parecia estar consciente de que a cidade deve ser pensada em seus valores humanos. Esta premissa fica clara quando o vemos colocar o homem como um contemplador que dispõe de tempo para posicionar-se nos eixos de suas grandiosas perspectivas. Quando se apropriava da natureza para compor quadros, Agache a culturalizava, transformando-a em extensão do espaço urbano. Explorava a paisagem natural como contraponto à paisagem construída, devolvendo à natureza um sentido de construção humana. Ao devolver a paisagem ao homem, ainda que dentro de uma concepção positivista do espaço, Agache resgatava o verdadeiro sentido da cidade, que deveria ser pensada na relação direta sujeito/objeto.

4.1.4. A verificação do método nos estudos de caso analisados

Como descrito nos itens anteriores, a ciência social e a tradição francesa de estudos sociológicos influenciaram a criação da metodologia de diagnóstico e projeto utilizada por Agache. Atílio entrou em contato com essa metodologia ao fazer seus estudos no *IUUP*

e, principalmente, ao estagiar com Agache, tanto no escritório carioca⁶, como no ateliê em Paris, onde foi muito útil, tendo morado por quase toda sua vida na cidade objeto do projeto.

No caso do plano de remodelação para a cidade do Rio de Janeiro, Agache trouxe, à luz de suas reflexões, questões pertinentes ao homem de seu tempo. Deslumbrado com as conquistas das ciências, preocupado com a inadequação dos antigos tecidos urbanos aos novos meios de transporte e a expansão caótica das indústrias, tentou imprimir em seu plano uma ordem urbana segundo a premissa funcional. Neste sentido, nele estava expressa uma índole positivista, que nos aponta a direção de um futuro mais higiênico e eficiente.

Assim, no estudo do plano para o Rio de Janeiro, ele utilizou dois procedimentos essenciais de análise: um estudo morfológico de *topografias sociais*, a ordem dispositiva de repartições sociais e funcionais da cidade; e um estudo *vertical* da população (idade, profissão etc.) visando observar as novas dinâmicas humanas e econômicas, a fim de estabelecer um programa que levasse em conta tanto a situação contemporânea, como seu desenvolvimento futuro. Segundo ele, uma cidade bem urbanizada deveria proporcionar um arcabouço adequado à existência de uma coletividade organizada, buscando essa evolução harmoniosa.

Agache dedicou a primeira parte de seu trabalho a um diagnóstico minucioso da situação urbana carioca e a uma análise dos fatores *antropo-geográficos* da capital. No primeiro capítulo, fez um estudo da evolução histórica da cidade, absorvendo as lições de Marcel Pöete, seu colega na *Section d'Hygiène Urbaine et Rural* do *Musée Social*. No segundo, definiu a configuração topográfica, econômica e demográfica do Rio de Janeiro, destacando o aumento da população e estabelecendo as vantagens e inconvenientes de sua feição para embasar a necessidade de um plano estruturador global.

Em sua Tese-Projeto para Niterói, Atílio seguiu os passos de Agache, reservando a primeira parte de seu trabalho ao diagnóstico histórico, físico e demográfico da cidade. Ao comparar a estrutura da tese de Atílio com o roteiro observado nas demais dissertações do *IUUP*, é possível observar que apresentam as mesmas normas reguladoras.

⁶ Em 1927, a prefeitura montou na Av. Rio Branco um escritório para que Agache pudesse elaborar seus estudos preliminares antes de voltar a Paris e continuar seus trabalhos. Alguns jovens arquitetos, recém

Nas páginas seguintes, estão reproduzidos gráficos, tabelas, plantas e desenhos, levantados por Agache e Atílio, que ilustram sua metodologia de diagnóstico. Agache preparou uma seqüência de plantas onde se pode acompanhar a evolução urbana da cidade. Fez uma vasta pesquisa iconográfica da capital, com aquarelas de Rugendas, Moreau e Desmond. Inseriu tabelas e gráficos com dados demográficos do Rio de Janeiro, comparando-os com as principais capitais do mundo, como Londres, Paris, Berlim, Nova Iorque e Buenos Aires.

Atílio também apresentou tabelas com informações sobre o crescimento da população, doenças mais comuns, além de uma comparação entre o aumento do número de habitantes e seu descompasso com a oferta de moradias, que crescia em velocidade muito menor. Reproduziu plantas de Niterói mostrando seu desenvolvimento urbanístico e as mudanças sofridas pela linha de contorno da cidade ao longo do tempo, em decorrência dos sucessivos aterros realizados. Ele deixava claro o conceito de planejamento regional, ao mostrar em uma de suas plantas que Niterói está mais próximo do centro do Rio do que os distantes subúrbios da capital. Queria, com isso, dizer que seria mais lógico e econômico o vetor de desenvolvimento do Distrito Federal se dirigir para Niterói do que se estender indefinidamente em direção às zonas norte e oeste.

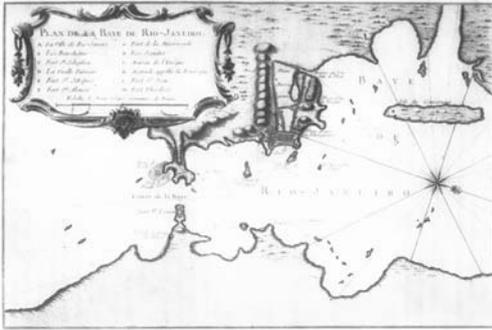


Fig. 427: Planta da Baía do Rio de Janeiro

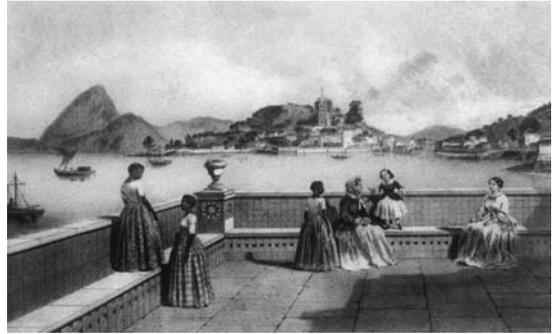


Fig. 428: Panorama da cidade do Rio de Janeiro



Fig. 429: Botafogo, o Corcovado

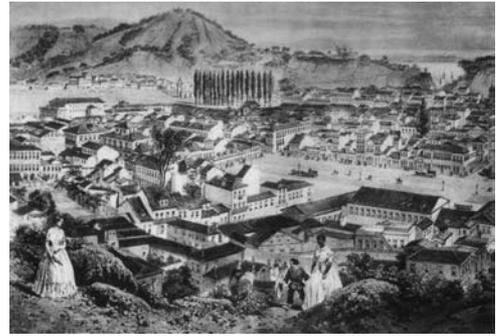


Fig. 430: Panorama da cidade em 1854

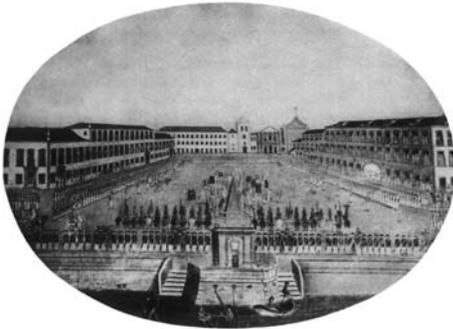


Fig. 431: O Príncipe Regente D. João VI passa em revista a guarnição do Rio de Janeiro



Fig. 432: Panorama da cidade em 1854



Fig. 433: Festa veneziana em honra de D. João VI



Fig. 434: Glória, 1845

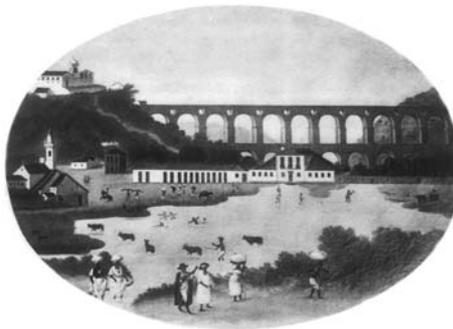


Fig. 435: Os Arcos da Carioca, vistos da Lapa, na época da Colônia



Fig. 436: A Rua do Ouvidor



Fig. 437: Largo da Misericórdia, 1845

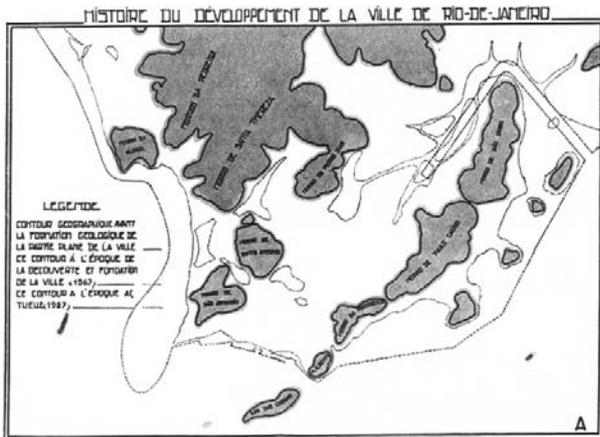


Fig. 438: Contorno geográfico antes da formação geológica da parte plana da cidade

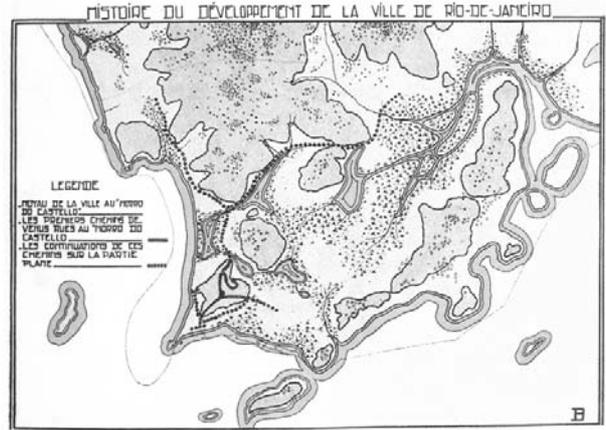


Fig. 439: Contorno geográfico na época da fundação da cidade (1567)

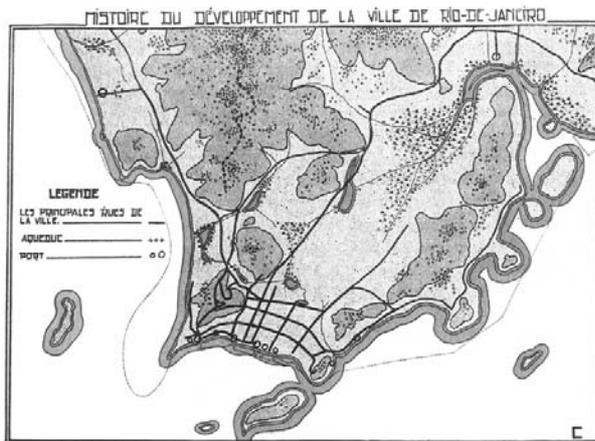


Fig. 440: A cidade desce a parte plana

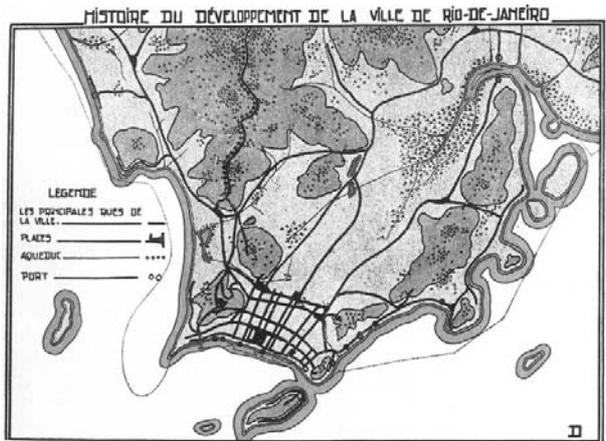


Fig. 441: A cidade definitivamente estabelecida na planície (1700)

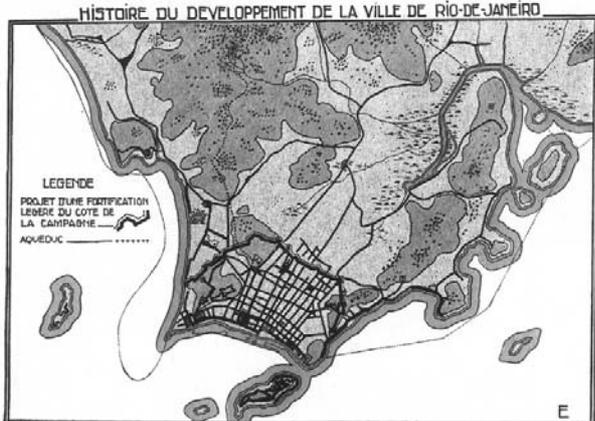


Fig. 442: Primeira expansão para Oeste (1770)

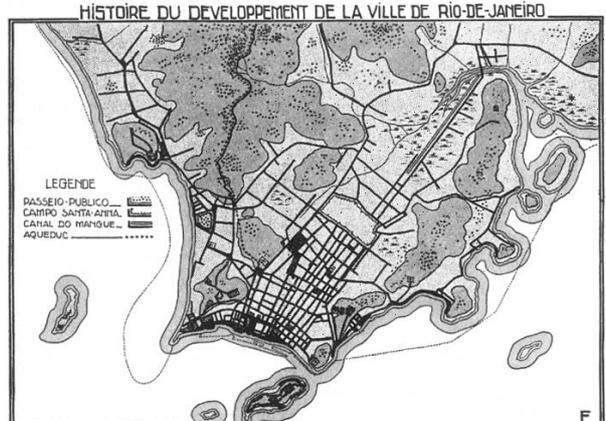


Fig. 443: Continuação da expansão para Oeste (1808)



Fig. 444: Saneamento e modernização da cidade colonial por Pereira Passos e Paulo de Frontin (1904-1906)

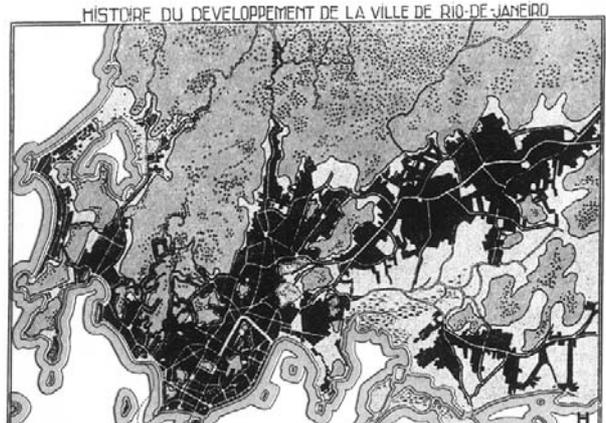


Fig. 445: A cidade desenvolvendo-se para os vales (1920)

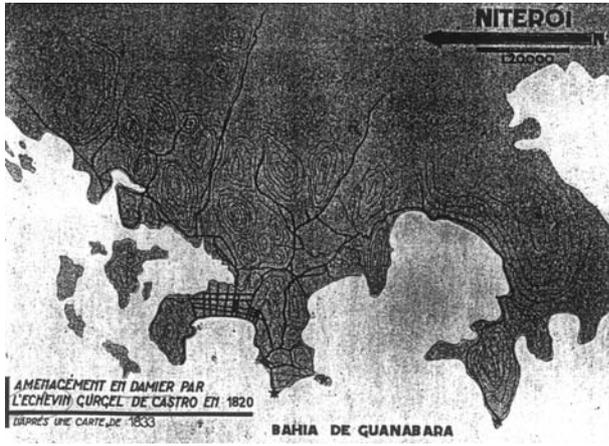


Fig. 446: A cidade de Niterói em 1833, com as primeiras vias



Fig. 447: Evolução do contorno do terreno da cidade de Niterói em três etapas diferentes

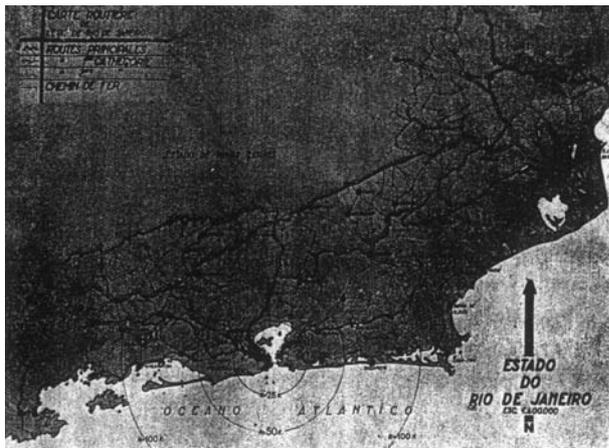


Fig. 448: Situação geográfica de Niterói em relação ao Rio de Janeiro

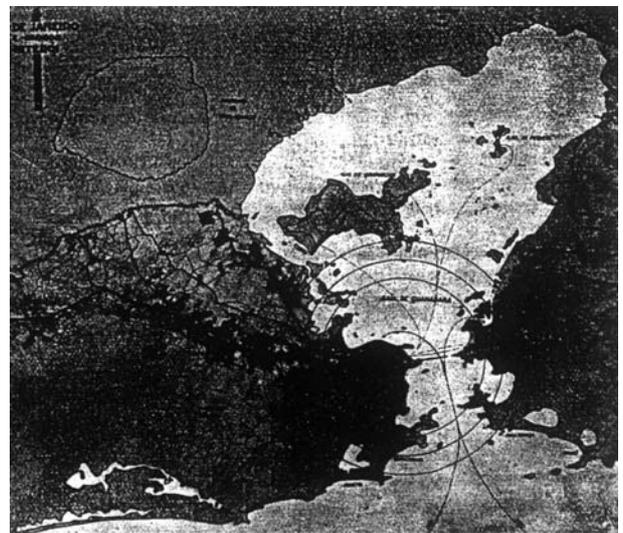


Fig. 449: Nesta planta, Atílio indicava que o centro do Rio de Janeiro ficava mais próximo de Niterói do que os subúrbios distantes das zonas norte e oeste. Seria, portanto, natural que o crescimento da capital se desse na direção da cidade vizinha



Fig. 450: Colagem de fotos aéreas do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, mostrando a cidade na década de 1920

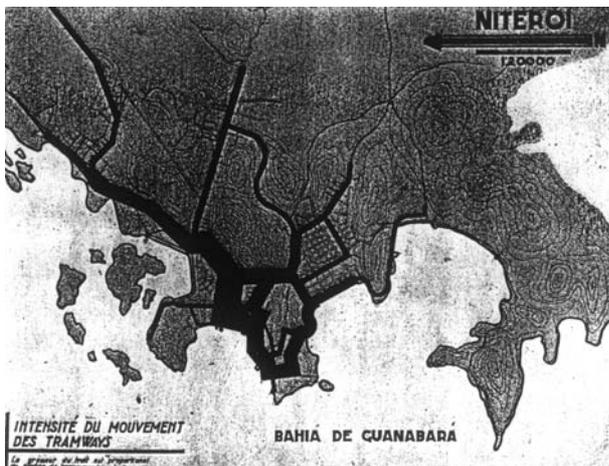


Fig. 451: Planta com a intensidade do movimento de bondes

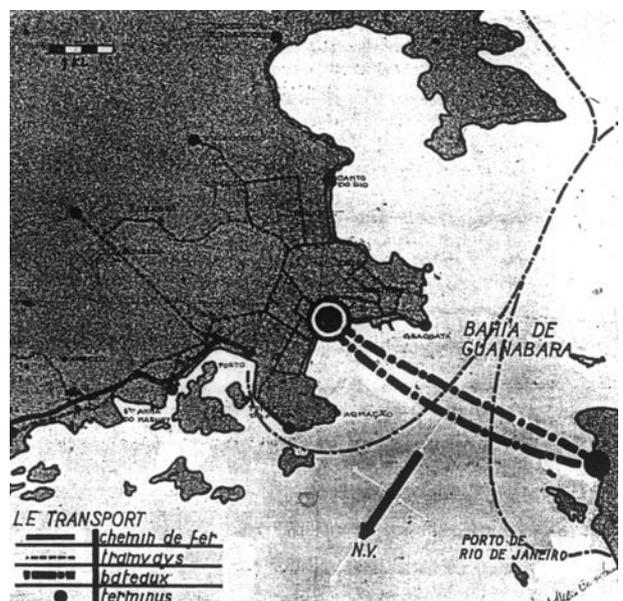


Fig. 452: Planta mostrando os meios de transporte entre as duas cidades

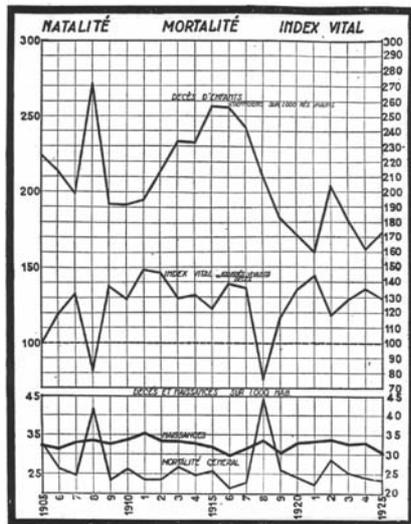


Fig. 453: Comparação das curvas de natalidade, mortalidade e índice vital, uma relação entre o número de nascimentos e mortes. Quando esse número é superior a 100, a população é saudável. A tabela mostra duas grandes epidemias ocorridas em 1908 e 1918. Tese-Projeto de Atílio, 1930

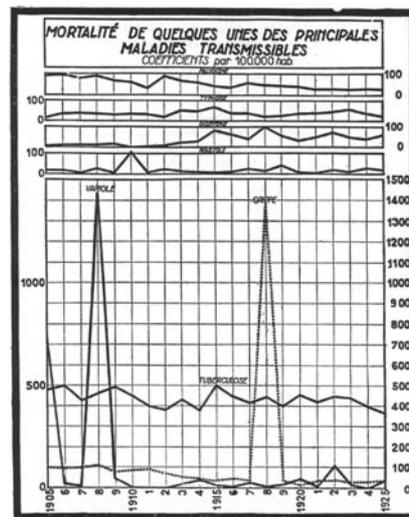


Fig. 454: Gráfico com as principais doenças que afetavam a cidade. Tese-Projeto de Atílio, 1930

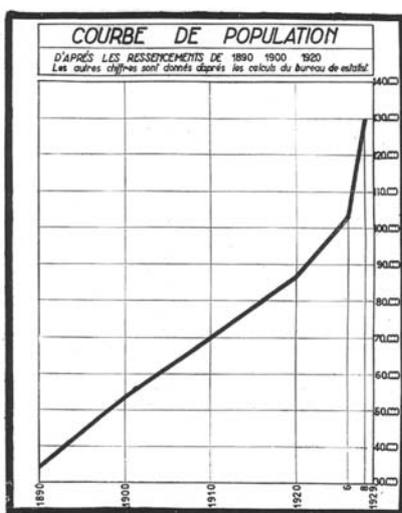


Fig. 455: Aumento da população niteroiense, com dados dos censos de 1890, 1900 e 1920. Tese-Projeto de Atílio, 1930

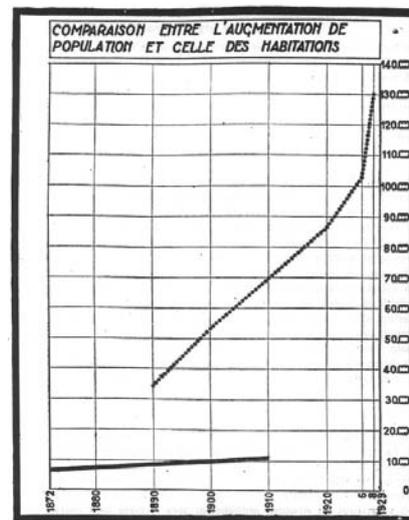


Fig. 456: Comparação entre as curvas de crescimento populacional e de habitação. Tese-Projeto de Atílio, 1930

ACCROISSEMENT DEMOGRAPHIQUE DE SIX CAPITALES 1750-1930

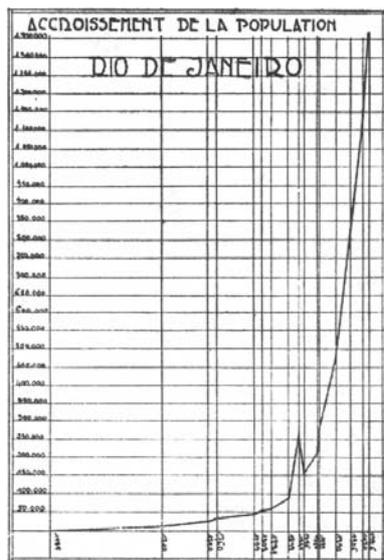


Fig. 457: Curva populacional do Rio de Janeiro. Plano Agache, 1930

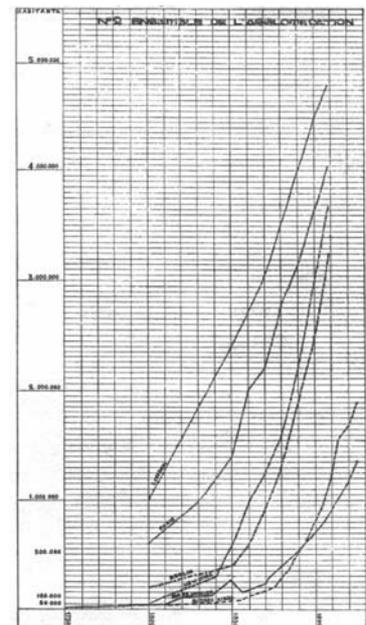
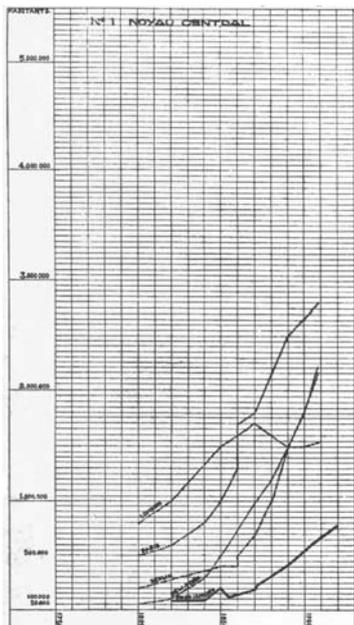


Fig. 458 e 459: Gráficos com o crescimento populacional comparado das grandes capitais do mundo: Londres, Paris, Berlim, Nova Iorque, Rio de Janeiro e Buenos Aires, no período de 1750 a 1930. O gráfico da esquerda representa o núcleo central, enquanto o da direita, o conjunto da aglomeração urbana. Plano Agache, 1930

4.2. ANÁLISE FORMAL E FUNCIONAL

Segundo Atílio, a cidade de Niterói deveria receber o excesso da população carioca que, em vez de se estender pelo interior do Distrito Federal, estaria mais próxima do centro do Rio vindo para a cidade vizinha. Para que isso ocorresse, no entanto, seria preciso desenvolver os meios de transporte entre as duas cidades, tornando-os mais eficientes.

Atílio considerou duas hipóteses: uma ponte ligando o Calabouço ao Gragoatá em estrutura metálica e 2700m de extensão, baseado em estudo de Alpheu Diniz⁷; e um túnel sob a baía, perfurando a rocha.

Agache também tratou da ligação entre as duas cidades, mostrando uma visão de planejamento regional. Vendo Niterói como cidade-satélite do Rio – assim como Petrópolis e Teresópolis –, chegou a sugerir uma linha de metrô que ligaria o centro da cidade a Niterói.⁸ Esta proposta, entretanto, deveria ser levada a cabo apenas quando Niterói se encontrasse suficientemente desenvolvida. Enquanto isso, o urbanista francês advogava o uso de lanchas ou mesmo hidro-planos.



Fig. 460: Corte transversal do túnel proposto por Atílio Corrêa Lima para fazer a ligação entre o Calabouço e o Gragoatá, com o mesmo sistema de aeração utilizado no túnel entre Nova Iorque e Nova Jersey. Tese-Projeto, 1930.

4.2.1. ZONEAMENTO

Agache dividiu a cidade em cinco zonas, a saber: A. comercial, B. industrial, C. residencial, D. suburbana e E. rural (ver fig. 461). Criou um escalonamento, estabelecendo gabaritos decrescentes a partir do bairro central de negócios até chegar às zonas de habitação unifamiliar.

Atílio encontrou a cidade de Niterói dividida em apenas duas zonas, urbana e rural. Para organizar a cidade, foram criadas quatro: A. comercial, B. industrial, C. residencial e D.

⁷ LIMA, *op. cit.* p. 35-40.

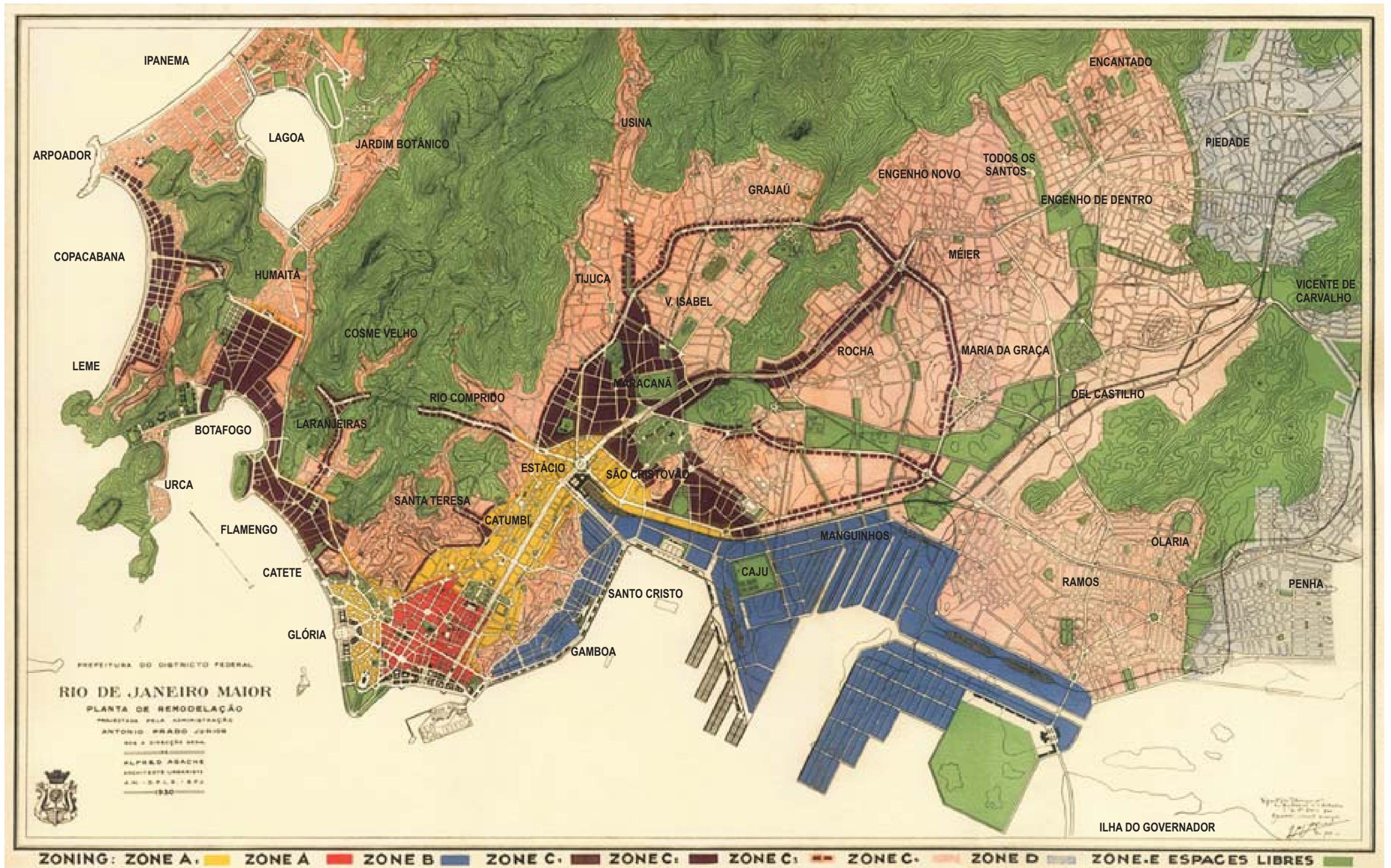


Fig. 461: Planta de Zoneamento proposto para a Cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930

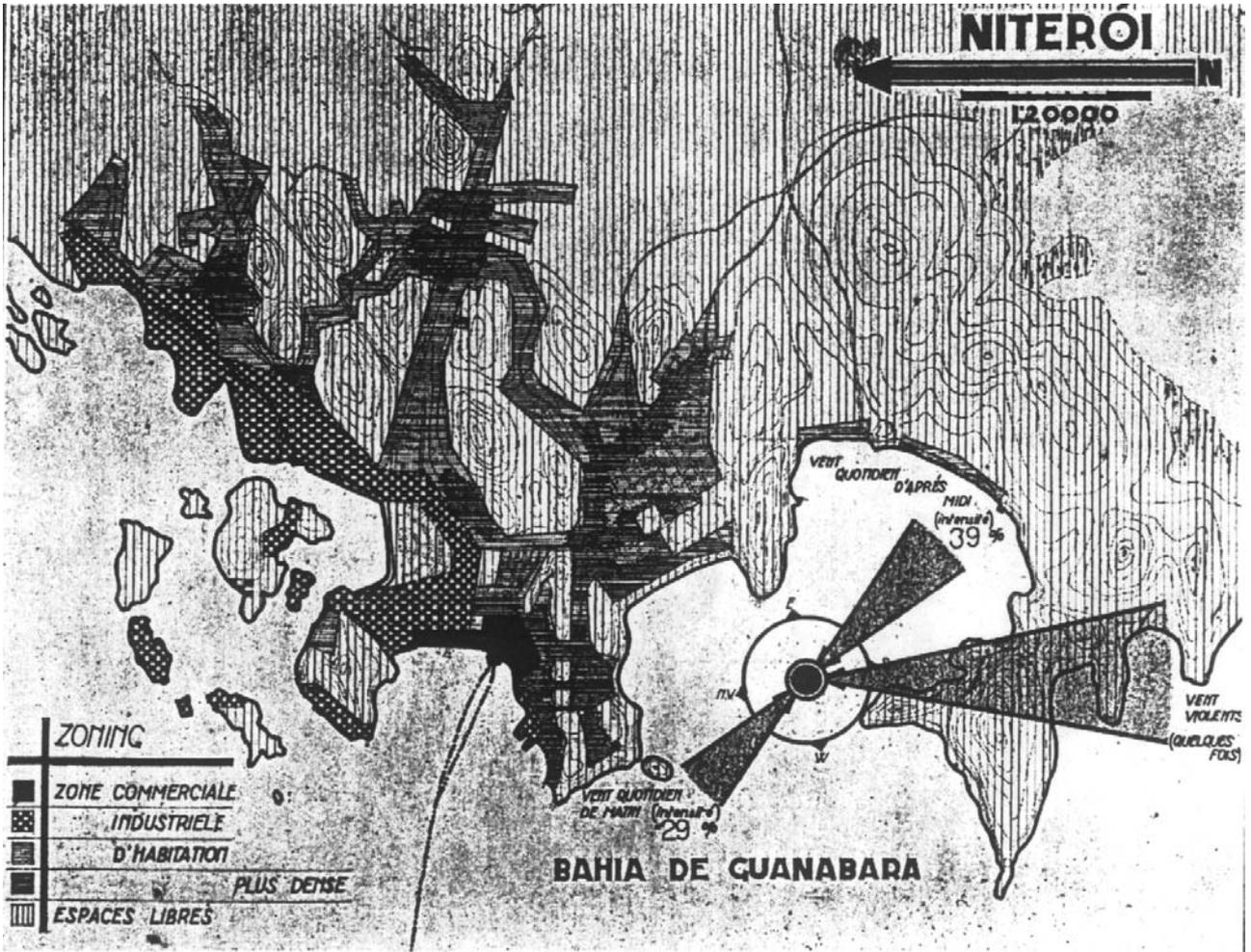


Fig. 462: Planta de Zonamento existente na Cidade de Niterói

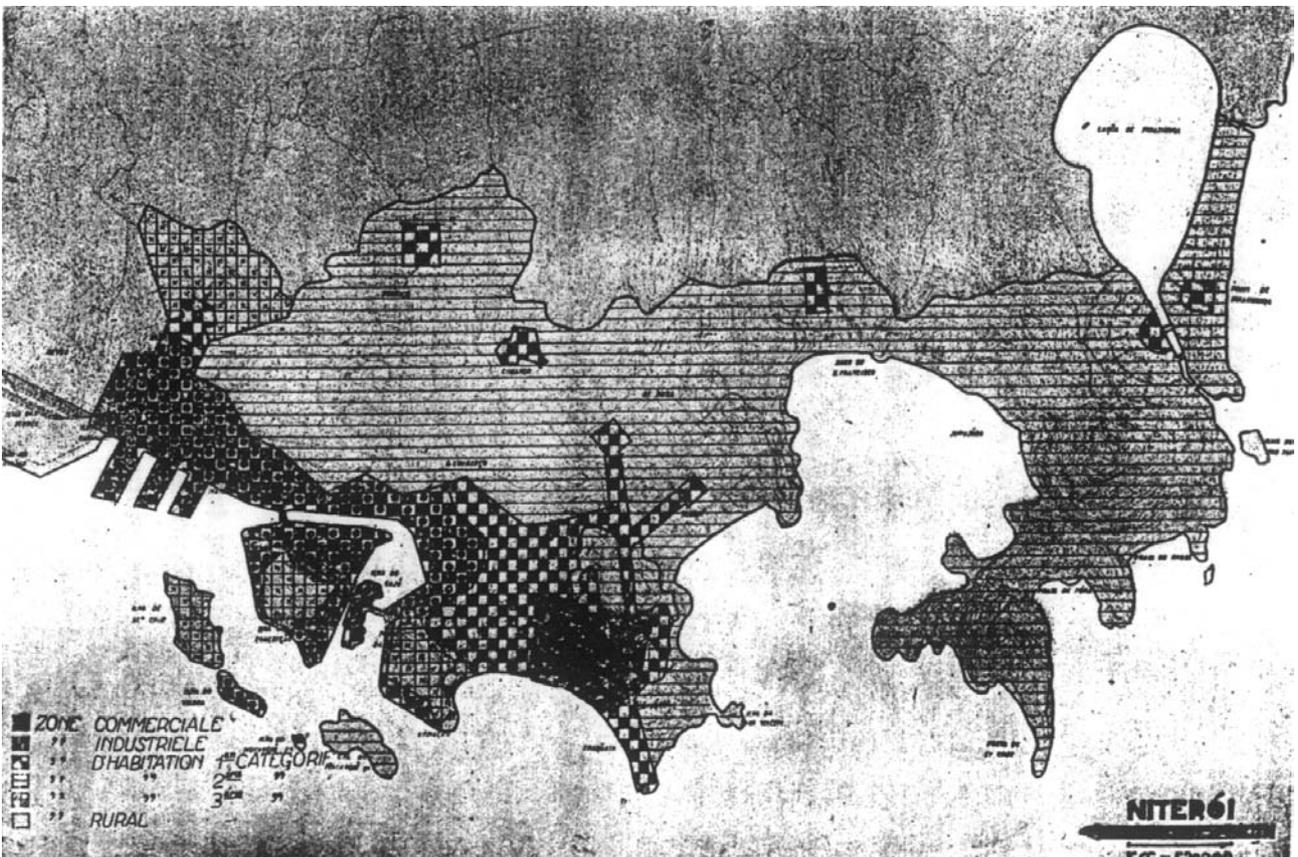


Fig. 463: Planta de Zonamento proposto para a Cidade de Niterói

rural (ver fig. 463). A quinta zona preconizada por Agache – zona suburbana – foi incorporada, no caso de Niterói, à residencial, como descrito adiante.

a. Bairros comerciais

A zona comercial de Agache – zona A – dividia-se em duas. A zona A₁, do comércio secundário, e a zona A₂, dita de Negócios, que estaria localizada no sítio dos antigos morros do Castelo e Santo Antônio e seria dividida em quatro distritos: o do Castelo (descrito no item 4.2.2 – Centro Comercial), dos Bancos, de Santo Antônio e do Sacramento.

Para esta zona, Agache defendia o remembramento dos lotes para que as construções se dessem em quadras inteiras, o que acarretaria um melhor aproveitamento do terreno, possibilitando a elevação dos gabaritos. Em seu plano, estava prevista para a região a construção de edifícios de 25m de altura, nível acima do qual seria permitida a construção de pavimentos escalonados até a cota máxima de 60m – com exceção para as torres da Praça do Castelo.

O Distrito dos Bancos (ver fig. 464-469) seria balizado pelas ruas Sete de Setembro, Primeiro de Março, Av. Rio Branco e o prolongamento do Canal do Mangue até a Igreja da Candelária. Como muitos dos prédios que ali se encontravam haviam sido recentemente construídos, com 7 ou 8 pavimentos, Agache não propunha sua substituição imediata, porém considerava esta situação de caráter provisório.

As ruas seriam reservadas exclusivamente aos pedestres – com exceção das ruas do Carmo, Buenos Aires e Quitanda – e os subsolos seriam transformados em garagens.

O arrasamento do Morro de Santo Antônio, previsto há muito e que deveria ter precedido o do Castelo, era considerado por Agache como indispensável para o futuro da cidade, tanto do ponto de vista estético, como higiênico e econômico. As centenas de milhares de metros quadrados que seriam ganhos para a cidade dariam lugar a um centro

⁸ Agache se baseou no projeto do engenheiro Raymundo Pereira da Silva, que o havia submetido à Repartição de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal.

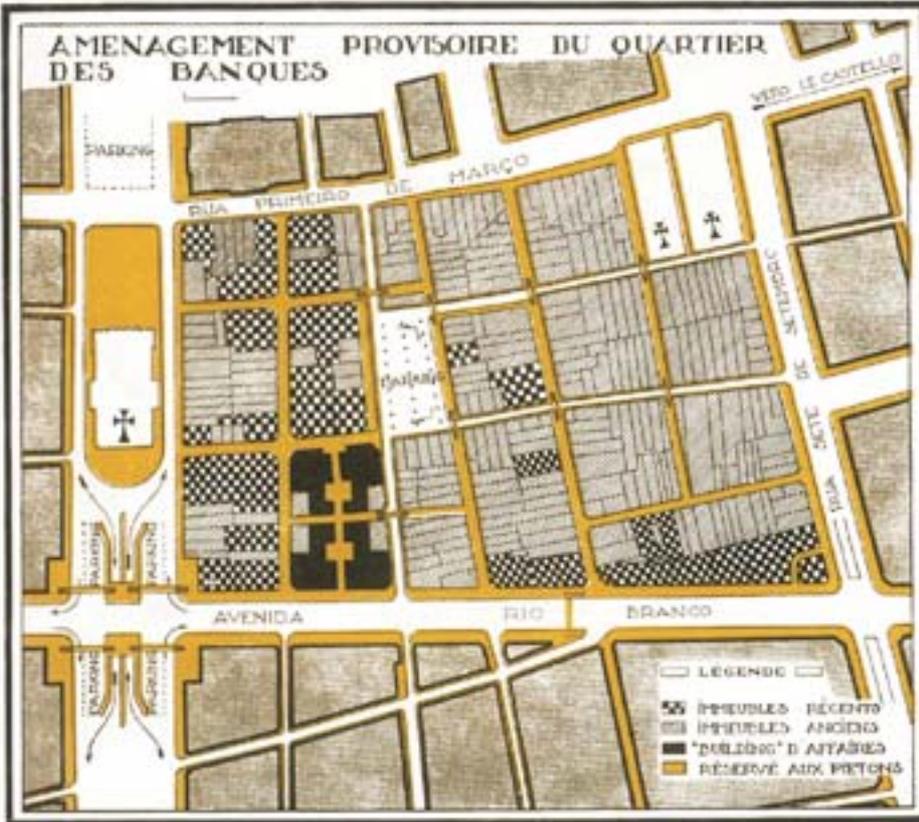


Fig. 464: Organização provisória do distrito bancário. As vias amarelas são destinadas exclusivamente aos pedestres



Fig. 465: Planta do estado encontrado por Agache nos loteamentos de um quarteirão no distrito bancário

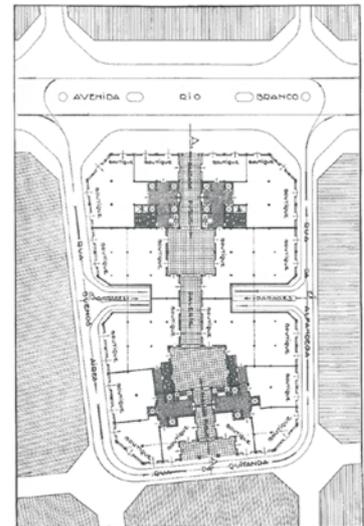


Fig. 467: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito dos bancos. Planta do térreo

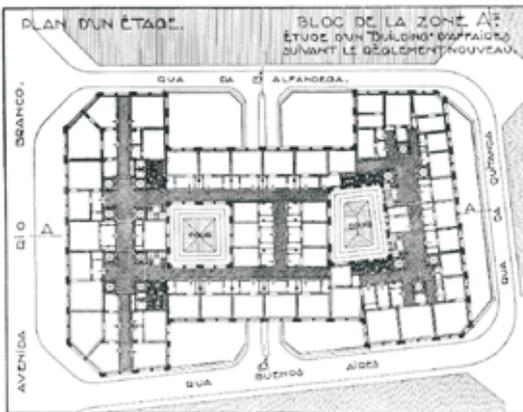


Fig. 466: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito dos bancos. Planta do pavimento-tipo

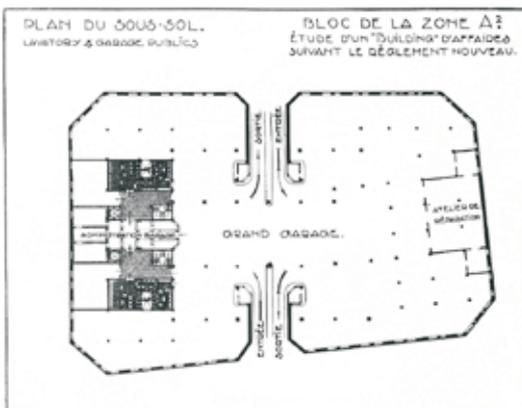


Fig. 468: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito dos bancos. Planta do subsolo (garagem)

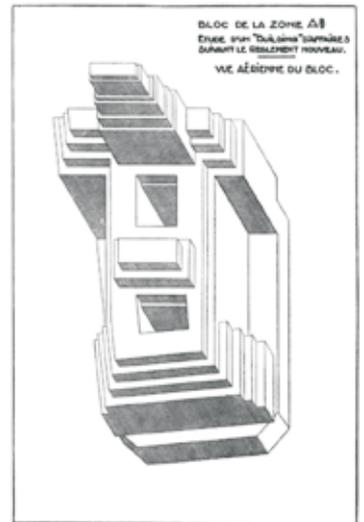


Fig. 469: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito dos bancos. Perspectiva axonométrica

monumental. Com seu desmonte, seriam efetuados o descongestionamento de artérias e a desobstrução dos *ventos refrigerantes*, gerando o Distrito de Santo Antônio.

O Convento de Santo Antônio, no entanto, deveria ser preservado, sendo considerado um verdadeiro patrimônio nacional. A reforma deveria colocá-lo em evidência, no centro de um jardim formando terraços superpostos sucessivos. Sua fachada principal, dando para o Largo da Carioca, deveria ser desimpedida.

Também o Aqueduto da Carioca deveria ser mantido, porém liberado da linha de bonde que passa por seu leito. Em seu lugar, Agache imaginou uma esteira rolante para pedestres. Os bondes seriam transferidos para outras vias.

O distrito teria uma grande praça quadrada, análoga à do Castelo, com a qual formaria um par. Ficaria no cruzamento de duas vias, prolongamentos das avenidas Passos e Almirante Barroso. Ao seu redor, seriam instalados grandes armazéns de abastecimento, conformando uma área de transição entre os escritórios do Castelo e os bairros do comércio secundário, em direção à estação central.

O Distrito do Sacramento se estenderia da Praça Tiradentes à Praça da República, da Av. Marechal Floriano à nova Av. da Independência (atual Av. Presidente Vargas). A região era ocupada pelo pequeno comércio, com velhas construções do tempo colonial de um ou dois pavimentos. Ao contrário do distrito dos bancos, poderia ter suas ruas alargadas. Seria aqui localizado o centro cívico municipal.



Fig. 470: Perspectiva do Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca. Como patrimônio nacional, deveria ser realçado. Alfred Agache, 1930.

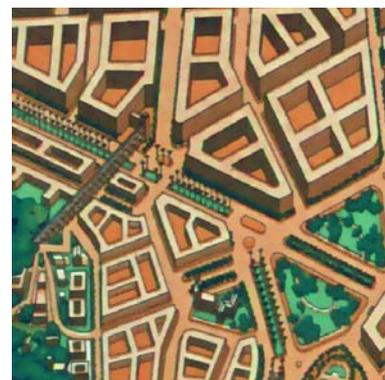


Fig. 471: Reurbanização do entorno do Aqueduto da Carioca. Alfred Agache, 1930.

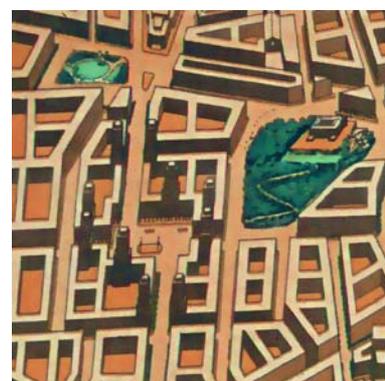


Fig. 472: Grande praça quadrada no Distrito de Santo Antônio, análoga à do Castelo. Alfred Agache, 1930.

b. Bairro industrial

Em seu diagnóstico, Agache encontrou indústrias espalhadas por todos os bairros do Rio de Janeiro, o que, segundo ele, era extremamente nocivo à saúde do *organismo vivo* da cidade. Aquela situação sobrecarregava os transportes e desvalorizava bairros residenciais.

Para sanar o problema, Agache criou um bairro industrial entre São Cristóvão e os subúrbios da Leopoldina, nos terrenos ganhos com o arrasamento de diversas colinas – entre elas o Morro do Pedregulho – e o aterro da Enseada de Manguinhos e dos braços de mar que separavam as Ilhas de Sapucaia, Bom Jesus, Fundão e Pinheiro, entre outras. Essa localização ficava isolada pela topografia, mas estava nas proximidades do centro comercial, junto aos transportes, fazendo a ligação entre as vias terrestres e marítimas.

Contíguo ao bairro industrial ficaria situado o porto industrial, estendendo-se ao longo da Praia de São Cristóvão até a Ponta do Caju. O restante do cais, desse ponto até a Praça Mauá, ficaria reservado à atracação dos grandes transatlânticos, para o embarque de passageiros.⁹

Foi projetada junto ao bairro industrial uma vila-jardim operária, que livraria os funcionários dos grandes deslocamentos para se chegar aos locais de trabalho.

Diferentemente de Agache, Atílio diagnosticou em Niterói uma situação inversa – as indústrias se concentravam em uma zona específica, na parte norte da cidade. E felizmente já se encontravam no lugar apropriado, pois o regime dos ventos era favorável à dissipação da poluição, levando-a para o lado oposto à malha urbana. Essa concentração se devia a necessidades econômicas, facilitadas pela proximidade dos meios de comunicação: o mar¹⁰ e a linha férrea. Seria preciso, no entanto, regulamentar sua localização para que se garantisse a continuidade dessa tendência natural.

⁹ O projeto da estação de passageiros do cais do porto do Rio, na Praça Mauá, é de autoria de Atílio Corrêa Lima (CAVALCANTI, 2001, p. 68).

¹⁰ Atílio incorporou o projeto da comissão de engenheiros que havia elaborado o plano do Porto de Niterói, que seria, no entanto, por ele ampliado. Para o Projeto dessa comissão, ver COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTHEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, 1927.

Seria ainda necessário arrasar duas colinas em Niterói – livres de ocupação, portanto sem custos de desapropriação¹¹ – e fazer aterros na Ilha da Conceição, para seu saneamento e construção de um porto franco, e nas ilhas das Flores, Carvalho e Ananás, destinadas às gares de triagem e depósito. Estas três últimas ilhas faziam parte do município vizinho de São Gonçalo, o que demonstra que Atílio não limitava seu plano a Niterói, expandindo seus horizontes numa visão de planejamento regional.

No Plano Agache, o porto em si seria formado pela construção de cinco canais navegáveis paralelos entre si, dirigindo-se para a baía. Os píeres por eles formados seriam percorridos por vias férreas em toda sua extensão (ver fig. 494). No caso de Niterói haveria, de forma análoga, os canais navegáveis, porém a estrada de ferro não percorreria os píeres, passando por eles transversalmente apenas (ver fig. 495).

Estava também previsto o estabelecimento de vilas operárias na Ilha da Conceição, Ponta da Areia e extremo norte da cidade, divisa com São Gonçalo, atrás da zona industrial (ver fig. 463), para que se reduzissem ao mínimo as despesas e a duração dos transportes para os operários.

c. Bairros residenciais

Nos dois planos, ficou estabelecida a formação de uma zona destinada exclusivamente à habitação, sendo proibida a construção de edifícios para outros objetivos. No Rio de Janeiro, esses bairros se estenderiam sob a forma tentacular, como cidades-satélite e cidades-jardim. Dessa forma, deixariam espaços livres de ocupação no meio da malha urbana, um conceito derivado dos ideais de Howard.

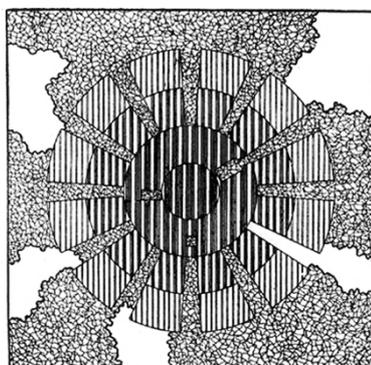
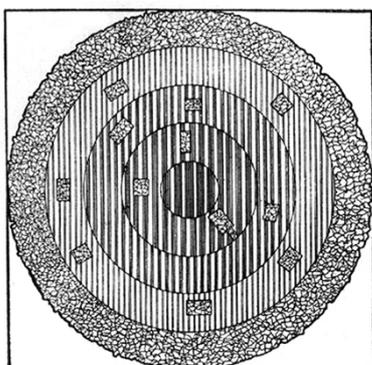


Fig. 473: Sistema concêntrico de urbanização, usado tradicionalmente na Europa. Resulta da tendência a reduzir a distância ao centro, dada a ausência de meios rápidos de transporte. As pequenas ilhas verdes são insuficientes. Eberstadt, 1910.

Fig. 474: Sistema radial de urbanização, que traz espaços livres e permite um desenvolvimento natural às cidades. Baseado nas idéias de Howard.

¹¹ Atílio mostrava-se sempre preocupado com questões de ordem econômica e financeira.

Agache dividia a Zona residencial em quatro sub-zonas: C₁ a C₄:

C₁ – construções contínuas, com altura máxima de 4 pavimentos e superfície edificada de 50%; C₂ – construções contínuas, com altura máxima de 3 pavimentos e superfície edificada de 33%; C₃ – construções isoladas ou agrupadas, com altura máxima de 3 pavimentos e superfície edificada de 33%; C₄ – construções isoladas ou agrupadas, com altura máxima de 2 pavimentos e superfície edificada de 25% (ver fig. 461).

Na zona C₂, estariam incluídos os bairros residenciais mais consolidados da Zona Sul, como Catete, Flamengo, Botafogo, o promissor balneário de Copacabana, além do Maracanã, parte da Tijuca e São Cristóvão. A zona C₁ conformaria corredores na zona anterior, com construções de gabarito um pouco mais elevado nos lotes lindeiros às vias de maior circulação.

A zona C₄ seria a menos densamente construída, formada pelos bairros de ocupação mais recente da Zona Sul – Lagoa, Ipanema, Leblon, Jardim Botânico e Urca –; Laranjeiras e Santa Teresa na área central; e parte da Tijuca, Andaraí, Vila Isabel, Grajaú, subúrbios da Leopoldina e o restante da Zona Norte. Novamente corredores um pouco mais densos cortariam esses bairros ao longo de suas avenidas mais importantes, formando a zona C₃.

As duas “zonas-corredor” – C₁ e C₃ – permitiriam o estabelecimento de comércio nos andares térreos.

Agache estudou mais detidamente os bairros de Santa Teresa, Botafogo, Copacabana e Leblon. O primeiro seria destinado a funcionários e empregados da classe média, enquanto os demais, à burguesia abastada.

Em Niterói, a zona residencial foi dividida por Atílio em três categorias: habitação densa, habitação individual e habitação popular. A primeira funcionaria como transição entre a zona comercial e as demais. Nela seriam permitidas construções de dois pavimentos, no máximo, com exceção feita às vias mais largas, com maior intensidade de tráfego, onde seria permitido o regulamento da zona comercial, artifício semelhante ao usado por Agache em suas sub-zonas C₁ e C₃.

Na maior extensão da cidade, Atílio estabeleceu a segunda sub-zona residencial, com habitações individuais. Elas poderiam ser isoladas ou geminadas e ter dois pavimentos no máximo. Nas vias mais largas, seria permitido o regulamento da habitação densa, além do comércio de varejo local.

As montanhas vegetadas estariam nesta segunda sub-zona, onde a floresta circundante deveria ser preservada. No plano do Rio, Agache também tratou dessa questão, sugerindo que as vertentes dos morros de São João, da Saudade e da Babilônia voltados para o oceano fossem ocupadas por vilas espaçadas e superpostas (fig. 475).

A terceira sub-zona residencial de Niterói seria destinada às camadas operárias. A construção dessas habitações populares deveria ser facilitada pela municipalidade, com a abertura de crédito permanente para os compradores e a organização de concursos para arquitetos, que certamente trariam novas sugestões para o problema. Compreendia o Barreto, Fonseca, Armação e as Ilhas da Conceição e Santa Cruz, localidades contíguas à zona industrial.

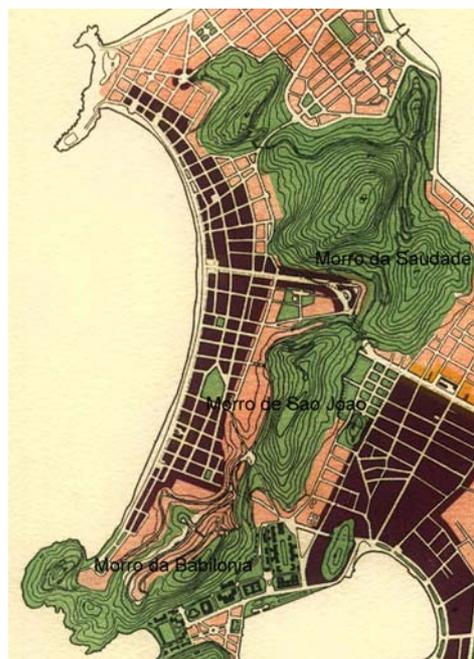


Fig. 475: Morros de São João, da Saudade (Copacabana) e da Babilônia (Leme) seriam ocupados por residência de baixa densidade em suas vertentes para o oceano, segundo o Plano Agache para o Rio de Janeiro.

Ao contrário do Plano de Atílio, os bairros operários no Plano Agache não pertenciam todos a uma sub-zona específica. Eles seguiam as mesmas diretrizes urbanísticas dos outros bairros residenciais, inserindo-se numa das quatro categorias (C_1 a C_4). Os subúrbios operários paralelos às linhas da Leopoldina e da Central do Brasil, que haviam se desenvolvido sem qualquer plano de conjunto, distinguiam-se pela falta de um sistema viário que permitisse a fácil comunicação dos bairros entre si e com o centro da cidade, e pela ausência de espaços livres para a população. Essa situação deveria ser transformada, com a criação de um anel viário, o *boulevard circular*, e de um sistema de espaços verdes.

Os dois urbanistas citaram as teorias de Howard em seus projetos. Agache propôs a criação de *ciudades-jardim* em alguns bairros da cidade, porém bastante distantes do que preconizava o pensador inglês.

Para a Lagoa e Leblon, Agache chegou a detalhar o projeto de melhoramentos. Aproveitando que o bairro ainda estava esparsamente ocupado, remodelou completamente o loteamento, com vias e praças fartamente arborizadas e arruamento orgânico (ver fig. 419). Nele deveria ser instalada

*(...) uma cidade-jardim admirável, com ruas bem calçadas, dotadas de iluminação, exgottos, canalizações d'água, etc, de uma escola, jardim publico, e atravessada por uma avenida-corso plantada de arvores frondosas, espalhando agradável sombra, que conduzirá a uma praia da lagoa e a um pequeno porto para os esportes náuticos, aberto ao publico e provido do indispensável aparelhamento.*¹²

Completando o projeto, um pequeno centro comercial estava previsto para atender as necessidades locais.

Segundo Ottoni e Szmrecsányi¹³, o Plano Agache contém a primeira menção ao tema no Rio de Janeiro, ignorando que no mesmo ano Atílio havia proposto uma cidade-jardim para Piratininga, mostrando-se, inclusive, mais consistente com os conceitos de Howard. Ele considerava a praia niteroiense uma correspondente simétrica à Praia de Copacabana, sendo Piratininga ainda selvagem e desabitada.

Inicialmente, seria necessário fazer o saneamento de sua lagoa, nos moldes do projeto de Saturnino de Brito para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Mas para torná-la uma rival de Copacabana, seria preciso facilitar sua comunicação com o centro, através da criação de um túnel sob o Morro da Viração.¹⁴ Como esta solução se

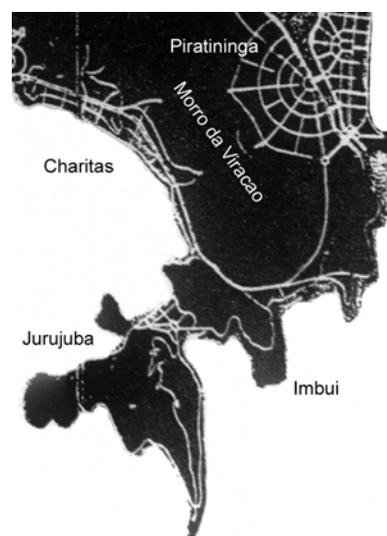


Fig. 476: Estrada contornando as praias de Charitas, Jurujuba e Imbuí para chegar à Cidade Jardim de Piratininga, enquanto o túnel sob o Morro da Viração não fosse viável. Atílio Corrêa Lima, 1930.

¹² AGACHE, *op cit.* p. 200.

¹³ OTTONI, 1997, p. 31.

¹⁴ Ainda hoje a prefeitura se empenha para tornar este túnel realidade.

mostrava muito dispendiosa, para começar o desenvolvimento da comunidade bastaria uma grande estrada que contornasse as praias de São Francisco, Charitas, Jurujuba e Imbuí (fig. 476).

A malha urbana, com traçado em semicírculos combinados com o tradicional xadrez, deveria se estender ao longo da praia, entre o mar e a lagoa. Nela seriam estabelecidas casas de veraneio e hotéis balneários na grande avenida litorânea, cujos rendimentos custeariam todo o empreendimento. Na planície entre a lagoa e os morros próximos, seria criada uma zona agrícola para satisfazer as necessidades locais. Canais para captação das águas das chuvas vindas das montanhas serviriam para a irrigação. Haveria ainda um sub-centro comercial de varejo, localizado numa parte com traçado em hemicírculo. Dessa forma, Atílio acreditava estar criando uma comunidade auto-suficiente¹⁵, porém sabia que a adaptação das idéias de Howard no Brasil deveria ser objeto de estudos mais elaborados, que ele próprio se propunha a fazer posteriormente.

Piratininga – mesmo com a preocupação de Atílio de fazê-la economicamente viável e auto-sustentável – foi esvaziada do conteúdo social, já que havia sido planejada para as classes mais abastadas. No plano para o Rio, as propostas de Agache estavam ainda mais distantes do modelo posto em prática em Letchworth e Welwyn, pois não seriam comunidades auto-suficientes, sendo apenas bairros que poderiam se enquadrar em algum ponto dos conceitos de Howard.

Antes de Agache e Atílio, no entanto, as obras complementares à construção do Porto de Niterói, projeto de uma comissão de engenheiros em 1924, já apresentavam características de clara influência *howardiana*. Um novo bairro operário seria configurado, com habitações higiênicas junto à Alameda São Boaventura. Este bairro residencial, chamado Vila-Jardim Ypiranga, apresentava vias e praças intensamente arborizadas, comércio restrito e ruas curvilíneas, contando ainda com algumas praças internas às quadras, de uso exclusivo dos moradores (ver fig. 416).

Sobre as favelas, Agache e Atílio concordavam que se tratava de um problema a ser resolvido pelas autoridades governamentais. Os inconvenientes higiênicos e morais

¹⁵ A cidade de Letchworth, primeira cidade-jardim inglesa, projetada em 1903, tinha 1/6 de sua superfície destinado à zona agrícola, enquanto Atílio destinava 2/5.

trazidos por este tipo de moradia sofriam com a indiferença dos poderes públicos, sendo resultado de certas disposições nos regulamentos de construção.¹⁶

Para Agache, o problema se relacionava com o preparo dos subúrbios, cujas vilas operárias deveriam reservar certo número de habitações para a relocação da população proveniente dos morros.



Fig. 477: Vista de uma favela no Rio de Janeiro. Plano Agache, 1930.

Agache propunha que as favelas fossem erradicadas, sendo substituídas por habitações populares a preços baixos, subvencionadas pelo Estado. Aqui mostrava seu lado sociológico¹⁷, trazendo consigo trinta anos de trabalhos científicos que se inscreviam no contexto intelectual das ciências sociais, nascentes na França.¹⁸

Apesar de estar presente nos dois planos, a questão habitacional – um dos problemas mais graves das grandes metrópoles – foi subestimada, sendo tratada superficialmente pelos urbanistas.

¹⁶ Agache se referia às dificuldades acumuladas para se obter uma autorização de edificar – requerimentos e formalidades que só alcançavam seu destino depois de muito tempo e taxas onerosas, o que empurrava o operariado de baixa renda a reunir-se aos sem-teto nos morros da cidade.

¹⁷ Assim Agache descrevia as favelas que encontrou no Rio: *Pouco a pouco surgem casinhas pertencentes a uma população pobre e heterogenea, nasce um principio de organização social, assiste-se ao começo do sentimento da propriedade territorial. Famílias inteiras vivem ao lado uma da outra, criam-se laços de vizinhança, estabelecem-se costumes, desenvolvem-se pequenos comercios: armazens, botequins, alfaiates, etc.* AGACHE, *op cit.* p. 189.

¹⁸ Na virada do século, o jovem Agache fez sua entrada no meio das ciências sociais por intermédio de um grupo, ramificação do movimento inspirado pelo industrial católico Frédéric Le Play. No plano institucional, foram os reformistas sociais vindos do movimento *leplaysista* que fundaram o *Musée Social*, de onde se originou a *Société Française des Urbanistes*, organização da qual Agache era vice-presidente quando chegou ao Rio. MELEMIS, 1998, p. 102.

d. Bairros suburbanos

O Plano Agache apresentava ainda a zona suburbana – zona D –, cujos regulamentos eram essencialmente os mesmos da zona residencial, apenas os lotes deveriam ser um pouco maiores, e a taxa de ocupação, um pouco menor.

O Plano de Atílio não possuía esta zona, estando incorporada à zona residencial.

e. Espaços livres

No Plano Agache, os espaços verdes conformariam a quinta e última zona – zona E – chamada rural ou de espaços livres. Ela estaria espalhada por toda a cidade, nos interstícios da malha urbana. Segundo o urbanista, as áreas verdes *não podem mais ser consideradas como um luxo, mas como um elemento indispensável ao desenvolvimento são da cidade e à própria vida dos habitantes.*¹⁹

Agache dividia os espaços verdes em duas categorias: a primeira, constituída por parques e campos de jogos para uso diário, distribuídos nas partes edificadas da cidade; a segunda, composta por reservas arborizadas de fim de semana, de vastas extensões, que seriam incorporadas à malha urbana no futuro.

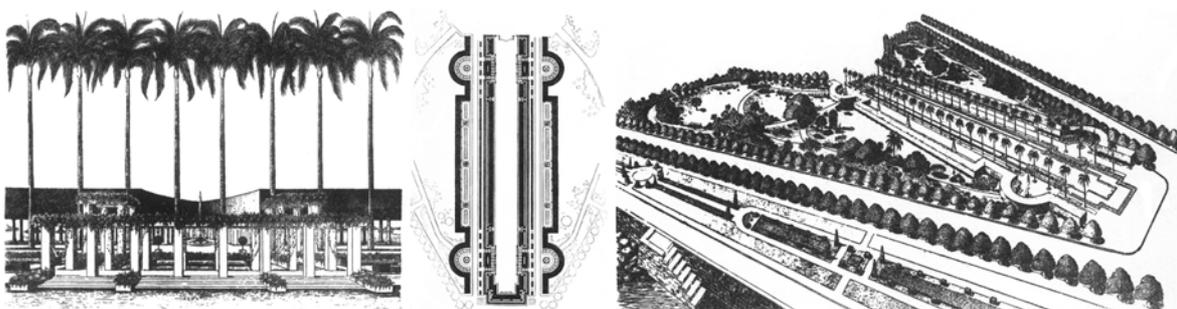


Fig. 478, 479 e 480: Jardins do Calabouço. Elevação lateral, planta-baixa e perspectiva. Alfred Agache, 1930.

Os espaços verdes da primeira categoria deveriam ser interligados por avenidas arborizadas, conformando verdadeiros *parkways*. Esses sistemas contínuos deveriam se estender por toda a malha urbana, trazendo o campo para dentro da cidade. Três seriam os sistemas: o primeiro, de caráter acentuadamente urbano, partiria da Praia Vermelha, seguindo pela Av. Beira-Mar até os jardins do Calabouço (fig. 478-481). O segundo,

¹⁹ AGACHE, *op cit.* p. 203.

destinado à população operária, começaria na Quinta da Boa Vista em direção ao Morro do Telégrafo, Hospital Central do Exército, Morro de Manguinhos, Cemitério de Inhaúma, oficinas devolutas da Estrada de Ferro Central do Brasil, até alcançar e se unir às encostas arborizadas do Maciço da Tijuca, na Boca do Mato. Este conjunto deveria oferecer todos os espaços indispensáveis às atividades recreativas da população operária. O terceiro, oferecendo as mesmas vantagens do anterior, contornaria a Lagoa para atender os bairros mais ricos, à beira do oceano. Além dos três sistemas, numerosos parques, jardins, praças e quadras de esportes seriam espalhados por toda a cidade, conforme as disponibilidades e necessidades de cada bairro (ver fig. 424).

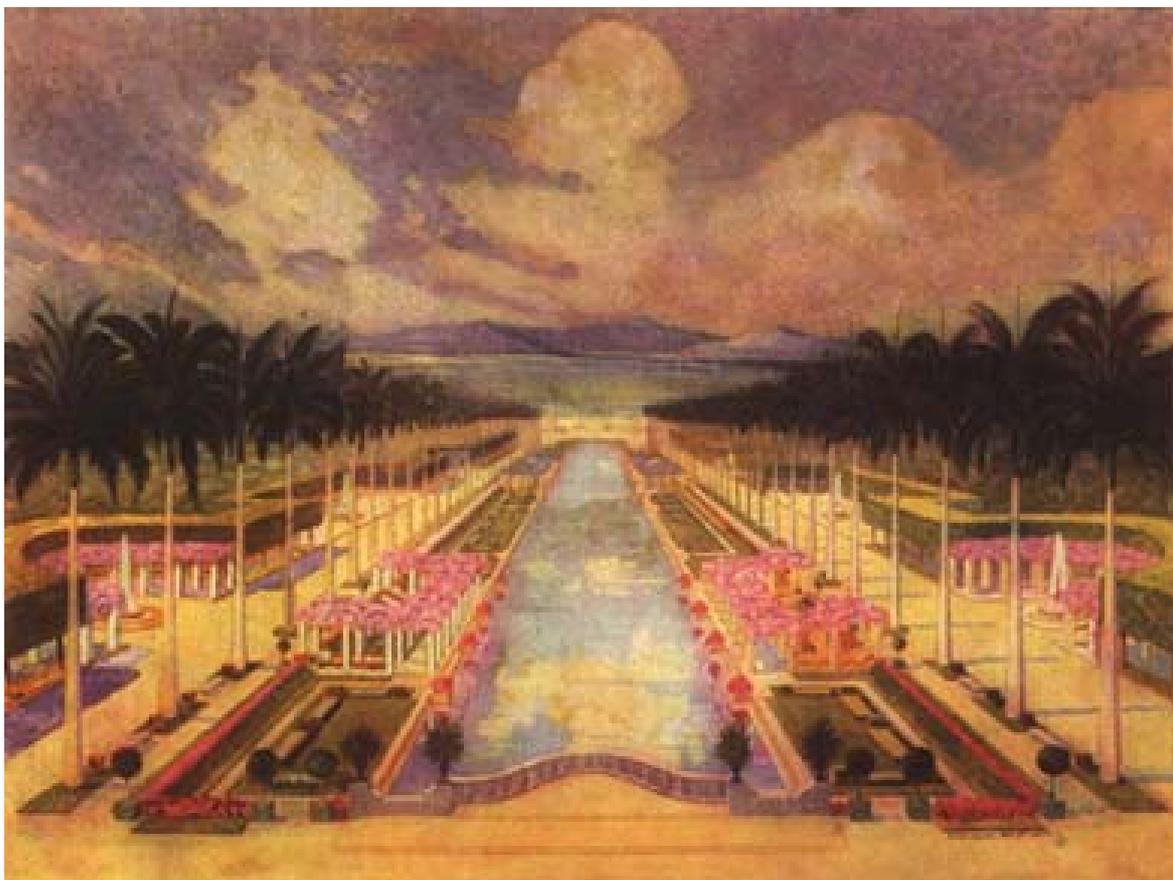


Fig. 481: Jardins do Calabouço. Perspectiva aquarelada, com a Baía de Guanabara e Niterói ao fundo. Alfred Agache, 1930.

A segunda categoria de espaços verdes, representada pelas reservas arborizadas que se estendem ao alto das serras cariocas, necessitaria de legislação específica para sua conservação. Deveria ser então criado um Parque Nacional que englobasse as riquezas silvestres. As mesmas medidas de proteção aplicadas ao parque nacional poderiam, segundo Agache, ser estendidas a reservas mais afastadas, como nas ilhas do

Governador e Paquetá e nas lagoas de Jacarepaguá, além de Niterói e Petrópolis, consideradas cidades-satélite.

Attílio tratou do assunto de formas mais ligeira, comentando que a cidade era muito bem provida de espaços livres, visto que se desenvolveu pelos vales das montanhas florestadas. Seria necessário, entretanto, estabelecer meios de protegê-las contra o desmatamento. Para tanto, propôs igualmente a criação de parques municipais.

Outra diretriz traçada por Attílio foi cercar os bairros com reservas arborizadas. Assim, pode-se observar a massa vegetada em torno dos bairros de São Francisco, Icaraí, Santa Rosa, Fonseca, Barreto e Piratininga.

Com relação à prática de esportes, Attílio acreditava que a Niterói faltava uma centralização esportiva. Para contornar o problema, planejou um estádio municipal em São Francisco, que seria transformado num pólo esportivo. Para facilitar a instalação dessas associações no bairro, o poder municipal deveria conceder isenção de impostos aos interessados.

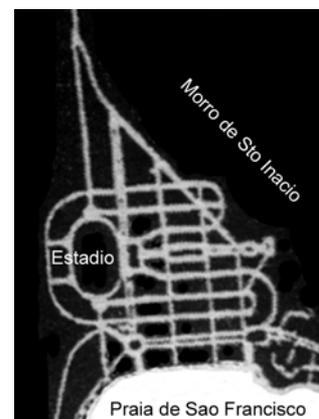


Fig. 482: Estádio Esportivo Municipal proposto para o Bairro de São Francisco, Niterói. Attílio Corrêa Lima, 1930.

Outros dois estádios deveriam ainda ser construídos na cidade, um no centro universitário no Cubango, e outro no Barreto, para uso do operariado. A centralização, no entanto, seria feita apenas no que diz respeito às competições. Segundo Attílio, o treinamento deveria ser feito de forma descentralizada, por todos os bairros, aumentando assim o número de espaços livres para uso da população.

Agache também previa facilidades esportivas na cidade universitária da Praia Vermelha; e estádios, velódromos, quadras de esportes e ginásios ao longo da faixa contínua de áreas livres da Zona Norte, indo da Quinta da Boa Vista à Boca do Mato, destinado à classe operária.

Para a classe mais abastada, concentrou os esportes em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas, aproveitando a excepcional beleza da paisagem emoldurada pelo *grandioso conjunto* do Corcovado, Dois Irmãos e Pão de Açúcar. Agache planejava transformar o bairro numa espécie de *cidade-jardim dos esportes*, com a prática de remo e a organização de regatas na lagoa, o novo estádio do Flamengo em suas margens e a criação de quadras de tênis em praças no interior dos quarteirões, em volta das quais os habitantes seriam agrupados. Algo semelhante seria criado por Atílio em Piratininga, cuja lagoa ofereceria um excelente espaço para os esportes náuticos, como a canoagem.

f. Cidades-satélite

Tanto Agache quanto Atílio revelavam uma preocupação no ato projetual que transcendia os limites municipais. A abordagem regional de seus planos pode ser observada, por exemplo, na proposição da ligação de Rio e Niterói com as cidades vizinhas. Ambos também defendiam um meio de comunicação mais eficaz entre as duas cidades, seja por ponte, barcas ou túnel.

Agache propunha novas estradas para Petrópolis, Teresópolis, São Paulo e Minas Gerais, que representariam algumas das principais artérias da nova *ossatura* da rede de circulação do Rio (ver fig. 284). Defendia ainda melhoramentos na ligação por barcos à Ilha de Paquetá e a construção de uma ponte para a Ilha do Governador.

Dois outros tipos de cidades-satélite surgiriam na cidade, ao longo da linha de metrô de superfície projetada por Agache, que costearia o oceano indo até Santa Cruz, no extremo oeste do município. O primeiro tipo seria formado ao redor de usinas ou estabelecimentos agrícolas de certa relevância que desejassem agrupar seus funcionários junto a suas instalações. Apesar de Agache nada dizer a respeito, estas cidades estariam muito mais próximas do conceito *howardiano* de auto-suficiência do que os bairros-jardim por ele cuidadosamente descritos em seu plano. O segundo tipo de cidades-satélite seriam aquelas estabelecidas em lugares pitorescos, como Guaratiba e Piaí, formando cidades balneárias que seriam muito apreciadas devido à facilidade de comunicação com a grande cidade.

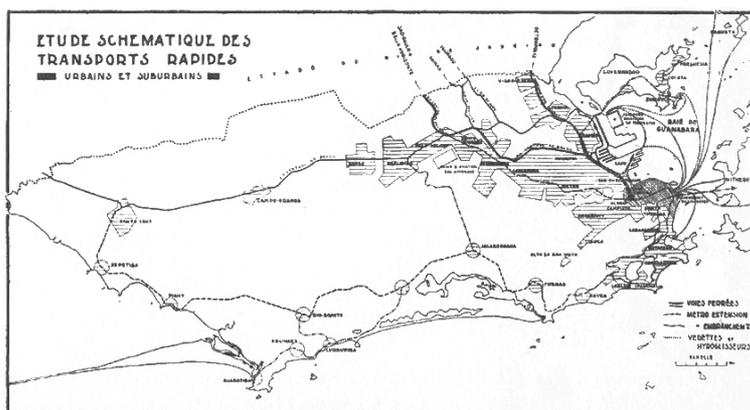


Fig. 483: Estudo esquemático de transportes rápidos para a Cidade do Rio de Janeiro. Ao longo da linha de metrô de superfície imaginada, cidades-satélite poderiam surgir. Alfred Agache, 1930.

Para Atílio, a ligação entre Rio e Niterói era fundamental para todo o processo de remodelação e extensão da cidade, estando a ela subordinado. Niterói era considerada o ponto de partida de rotas, um centro de irradiação natural entre Rio de Janeiro e as cidades do norte e leste fluminense, como Campos, Maricá, Cabo Frio e a vizinha São Gonçalo – esta tida por Atílio como um *subúrbio* de Niterói – por onde o porto se estenderia com o aterro das ilhas das Flores, Carvalho e Ananás, destinadas às gares de triagem e depósito.

4.2.2. OS SUB-CENTROS

a. Centro Cívico

Tanto Niterói quanto Rio de Janeiro tinham uma peculiaridade – ambas abrigavam duas sedes de governo. No caso de Niterói, além da sede do governo municipal, havia também a sede do governo estadual, visto que a cidade era então capital do Estado do Rio de Janeiro. A cidade do Rio de Janeiro ou Distrito Federal, por sua vez, abrigava o governo federal e o municipal.

No Plano Agache, o centro cívico federal se encontrava junto ao mar, em torno de uma grande praça (350m x 250m) em forma de hemicírculo. Cinco grandes prédios públicos o conformavam: no centro, o grande Auditório para os congressos, festas e concertos; a sua direita o Senado e o Palácio de Comércio e das Indústrias; a sua esquerda, a Câmara dos Deputados e o Palácio de Belas Artes.

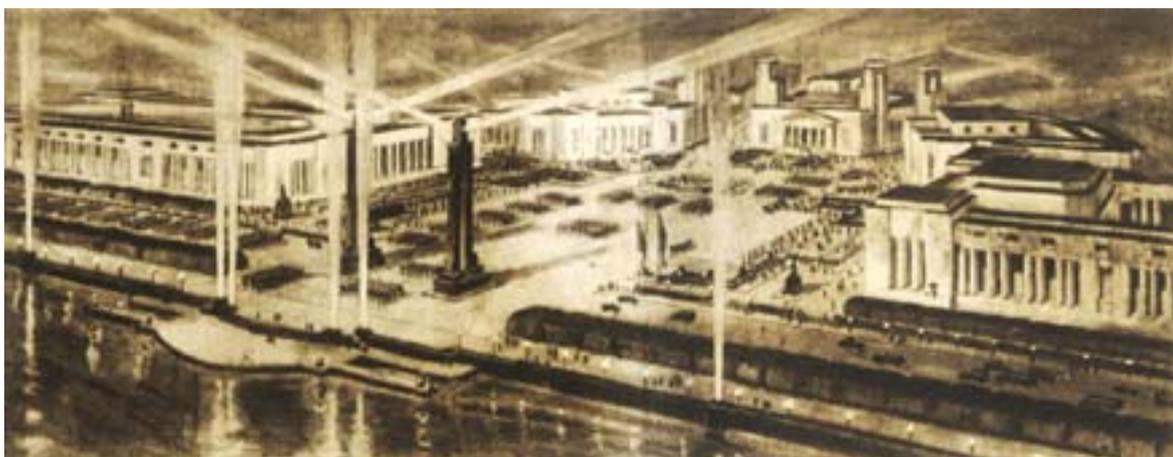


Fig. 484: Centro cívico federal, em torno da *Praça Monumental da Entrada do Brasil* (vista noturna). Alfred Agache, 1930.

A esta praça Agache deu o nome de *Porta do Brasil*. Seria nela que as autoridades receberiam as personalidades eminentes que chegariam por vapor ou hidro-avião, desembarcando diante da escada de honra, emoldurada por duas grandiosas colunas rostrais. Concebida acima de tudo para representar um papel decorativo, seria o verdadeiro vestíbulo do Rio de Janeiro e do país. Agache assinalou que este papel era outrora desempenhado pelo antigo Largo do Carmo, atual Praça XV de Novembro (ver fig. 485).



Fig. 485: O Paço, à esquerda, e o famoso chafariz junto ao cais, por onde chegavam os visitantes ilustres. Largo do Carmo, atual Praça XV de Novembro, funcionava como porta de entrada do país. (ilustração de Jean-Baptiste Debret, 1834-1839).

Da praça principal partiriam duas largas avenidas (64m de largura), ligando-a a dois importantes pólos da cidade – a estação ferroviária central e o centro de negócios, Praça do Castelo. Era muito importante que houvesse uma ligação rápida entre os pontos-chave da malha urbana, remetendo-se sempre ao conceito de organismo vivo, onde o sistema circulatório – complexo viário e transportes – era essencial.

O segundo centro cívico no Plano Agache, que sediaria o poder municipal, deveria se aglutinar em torno do Campo de Santana – atual Praça da República – de forma análoga ao previsto no Cais Pharoux para o centro cívico federal. Ali já se encontrava o edifício da antiga Prefeitura que, devido ao prolongamento do Canal do Mangue (atual Av. Presidente Vargas) também proposto no plano, teria que ser demolido para dar lugar à grande avenida. Para substituí-lo, Agache localizou o novo prédio poucos metros ao sul, composto de um corpo principal para os salões de recepção e os anexos para o agrupamento das diversas repartições administrativas. Além da sede da prefeitura, fariam parte do centro cívico o Quartel Central do Corpo de Bombeiros e certos serviços de Assistência e da Limpeza Pública, então já localizados ao redor da praça. Com o deslocamento da Gare da Estação de Ferro Central do Brasil para a Leopoldina e do Quartel Geral do Exército para o Cais Pharoux, conforme o plano, poderia ser levada a cabo a construção de edifícios para as demais repartições municipais.

No projeto de Attílio para Niterói, o governo estadual continuaria na Praça D. Pedro II, conjunto arquitetônico então recentemente inaugurado, com os novos edifícios da Assembléia Legislativa, o Palácio da Justiça, a Secretaria de Segurança, a Escola Normal e a Biblioteca Estadual.²⁰ Apenas a sede do poder executivo não se localizava na praça, tendo sido instalada no Palácio do Ingá em 1904. Segundo Attílio, tudo deveria continuar

²⁰ O conjunto foi concluído em 1919, com exceção da biblioteca (1927-37), com projeto do arquiteto francês Emílio Dupuy Tessain e do italiano Pedro Campofiorito, tendo a construção sido dada a Heitor de Mello. AZEVEDO, 1997, p. 48.

como estava no centro administrativo estadual, exceto a Biblioteca, então em construção, que deveria ser recuada para dar maior amplitude à praça.



Fig. 486: Praça D. Pedro II, sede do governo estadual de Niterói. Ao fundo, os edifícios do Palácio da Justiça, da Secretaria de Segurança e da Assembléia Legislativa.

Foi ao centro administrativo municipal (ver fig. 491) que Atílio deu maior atenção em seu trabalho. Assim como no Plano Agache, o centro seria à beira-mar, na Praça Monumental. O principal prédio seria o Palácio Presidencial, situado em seu eixo. Ao redor da praça estariam ainda os principais edifícios administrativos: as secretarias de Finanças, de Justiça e da Agricultura e Obras. Em frente a esse conjunto, avançaria ao mar um embarcadouro para o desembarque de honra nos dias de festas oficiais, configurando-se um dos portais da cidade. No centro da Praça Monumental, em frente ao palácio e no cruzamento de diversas vias, estaria localizado um grande monumento comemorativo da fundação da cidade. No plano do Rio, Agache imaginou tal monumento não no centro cívico, mas no comercial - no meio da Praça do Castelo – por ser ali o berço da cidade.

Partindo da Praça Monumental, seria aberta uma larga avenida que terminaria na Praça Marechal Floriano, onde se encontra a Prefeitura Municipal. Segundo Atílio, essa construção, sem o menor valor, deveria ser posta abaixo e substituída por uma nova construção ao fundo da praça.²¹



Fig. 487: Detalhe do edifício da Prefeitura Municipal de Niterói, que não foi demolida, como previsto no plano de Atílio Corrêa Lima.

²¹ O edifício da Prefeitura Municipal está sendo atualmente restaurado por equipe de técnicos especializados.



Fig. 488: Centro cívico federal, *Portal do Brasil*, Agache

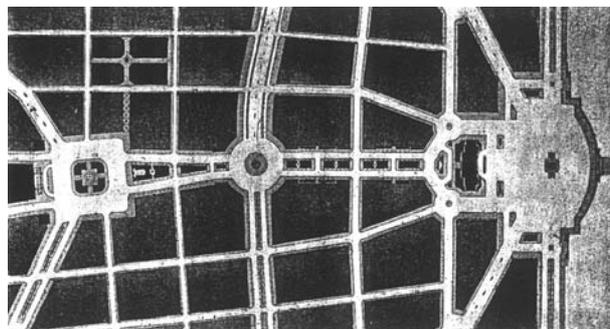


Fig. 489: Centro cívico estadual, *Portal de Niterói*, Atílio

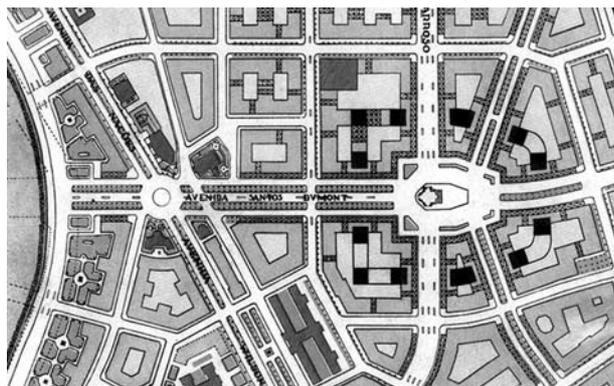


Fig. 490: Centro comercial, *Praça do Castelo*, Agache



Fig. 491: Centro comercial, *Praça de irradiação*, Atílio



Fig. 492: Centro Universitário na Urca - Agache



Fig. 493: Centro Universitário no Cubango - Atílio



Fig. 494: Bairro Industrial com o novo porto - Agache



Fig. 495: Bairro Industrial com o novo porto - Atílio

b. Centro comercial

O centro comercial de Agache ficaria localizado no sítio do antigo Morro do Castelo, que já havia sido posto abaixo em 1922 pelo prefeito Carlos Sampaio, na ocasião da Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência.

No Bairro do Castelo seriam instalados grandes hotéis, o comércio de luxo, clubes importantes e jornais, em edifícios imponentes se estruturando ao redor de uma praça em forma de trapézio, no centro da qual um monumento comemorativo da fundação da cidade seria erigido no exato ponto onde sua ocupação teve início: a projeção vertical do marco zero no Morro do Castelo (ver fig. 497). Dessa praça irradiariam seis avenidas, entre elas o prolongamento da Av. Almirante Barroso e da Rua Primeiro de Março.



Fig. 496: Planta da Esplanada do Castelo e Ponta do Calabouço – centro comercial do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930.

O conjunto arquitetônico ao redor da Praça do Castelo seria construído com uma forma bastante definida. Os edifícios formariam galerias contínuas, arcadas com 6m de largura e 6m de altura, que permitiriam aos pedestres proteger-se do sol e da chuva. Eles seriam escalonados em três níveis, tendo o primeiro bloco 25m de altura, o segundo, 60m, e as torres, com 100m, apresentando recuos progressivos. Esses edifícios seriam

conformados em torno de pátios internos, servindo para o estacionamento de veículos de seus usuários. Dessa forma Agache deixava as calçadas livres para a circulação.

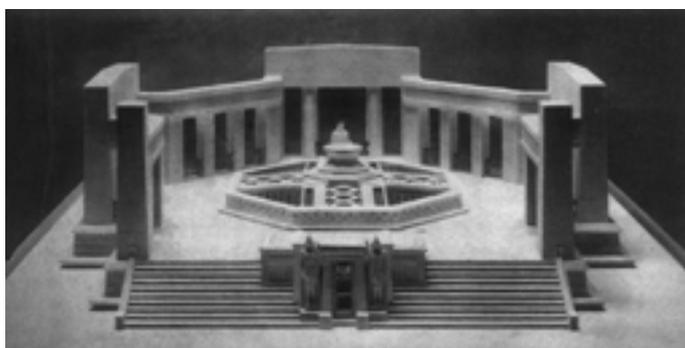


Fig. 497: Monumento comemorativo da fundação do Rio de Janeiro – dedicado a Estácio de Sá –, a ser construído na projeção vertical do marco zero de ocupação da cidade, no Morro do Castelo. Alfred Agache, 1930.

O centro comercial proposto para Niterói ficaria situado ao redor de uma praça circular, no lugar de uma colina que seria arrasada. Ele faria parte de outro portal da cidade, pois estaria recepcionando aqueles chegados do Rio pela ponte que ligaria o Calabouço ao Gragoatá.

Os edifícios, assim como no plano para o Rio, seriam escalonados com blocos de 20, 50 e 100m de altura, com recuos progressivos. Essas cotas eram análogas às do conjunto do Castelo (25, 60 e 100m, respectivamente), e as volumetrias decorrentes, extremamente semelhantes. Ao todo seriam oito torres de 100m, conformando um círculo que demarcaria o coração da cidade, mesmo a grandes distâncias.

Os edifícios de Atílio formariam pátios internos, igualmente destinados ao estacionamento de veículos. Alguns deles poderiam ser abertos em uma das fachadas, e todos receberiam tratamento de parques, com arborização e ajardinamento. Ligando os pátios internos às ruas, existiriam galerias e passagens cobertas para pedestres. Haveria ainda terraços nas fachadas voltadas para as principais vias, que seriam usados como cafés ou restaurantes. Devido ao uso do cimento armado moderno, não seriam necessários os apoios das antigas arcadas, que criavam obstáculos para a circulação. Neste ponto, Atílio pareceu demonstrar timidamente o que mais tarde resultaria na sua opção pela linguagem moderna.

No centro da rótula, um café circular moderno com pérgulas e guarda-sóis seria construído, e em sua periferia seriam abertas entradas para o metrô e passagens

subterrâneas para os pedestres atravessarem para as outras calçadas sem a necessidade de cruzarem as vias, como sugerido por Hénard.²²

Atílio chamou a atenção para o fato do comércio não estar restrito a esse centro comercial, estando também localizado em sub-centros satélites no coração de cada bairro, servindo como nó de comunicação para o centro principal.

c. Centro universitário

Em ambos os planos, foi projetada uma cidade universitária, onde as escolas superiores iriam se concentrar em lugar protegido do tráfego e do barulho, mas em ligação direta e rápida ao centro. Agache escolheu a Praia Vermelha para receber os estabelecimentos universitários (ver fig. 492), utilizando alguns imóveis já existentes e modificando seus usos, cujos inquilinos seriam transferidos para lugares afastados do centro (instituto para cegos Benjamin Constant e hospital psiquiátrico). Além disso, com a demolição do prédio do Quartel da Praia Vermelha – proposto por Agache –, seria permitido reservar todo este conjunto ao centro universitário, que contaria com os departamentos de ensino, biblioteca, auditório, ginásio, alojamentos para estudantes e professores – citando como exemplo a *Cité Universitaire de Paris* –, clube de reuniões, enfermaria e administração.

No projeto de Atílio, o lugar escolhido para concentrar o ensino superior foi o Cubango (ver fig. 493), bairro localizado próximo a Icaraí, porém tranquilo devido à configuração topográfica, assim como a Praia Vermelha. Ao redor de uma praça, ficaria disposta uma série de institutos – como as faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia, a Academia do Comércio e a Escola Técnica – que se encontravam mal-localizados, em edifícios provisórios.

Essa praça ficaria no eixo de uma grande avenida, bordeada por escolas de ensino secundário e profissionalizante, que a ligaria a Santa Rosa e a Icaraí. Essa via, chamada Avenida da Universidade, começaria numa outra praça, quadrada, em torno da qual um novo sub-centro se desenvolveria, em ligação direta com a cidade universitária: o centro de museus. Ele contaria com os museus de História Natural, Belas Artes, História, Higiene e Esportes, e Tecnologia, além de outros estabelecimentos acadêmicos.

²² HÉNARD, *op. cit.*

Completando o projeto da cidade universitária de Niterói, estavam previstos igualmente alojamentos para alunos e restaurantes em área junto ao morro, de onde se descortinaria um belo panorama da cidade, além das benesses do ar fresco dos bosques ao redor. Tal preocupação se observa também no plano para o Rio de Janeiro, onde os alunos poderiam se beneficiar da frescura proveniente do mar e da *situação pitoresca maravilhosa ao pé do Pão de Açúcar*.

4.2.3. Circulação e traçado viário

Agache e Atílio encontraram cidades sem o que chamaram de uma *ossatura viária* planejada – um sistema de intercomunicação entre os diferentes bairros –, que então se fazia através da própria malha em quadrícula de vias estreitas.

Observando-se as plantas de remodelação das cidades, é fácil perceber a nova estrutura idealizada ligando os sub-centros entre si e ao coração da cidade, através de largas avenidas. Os bairros também teriam fácil escoamento em direção ao centro e à praça da estação ferroviária, um dos portais da cidade.

No Plano Agache, foi criado um anel viário que ligaria os bairros do subúrbio da Leopoldina e da Central do Brasil, chamado *Boulevard Circular*. A avenida estaria em



Fig. 498: *Boulevard Circular*, Alfred Agache, 1930.

ligação direta com a zona portuária, a Praça da Bandeira – ponto nevrálgico do sistema de circulação da cidade –, e as estradas radiais indo em direção às cidades-satélite, a São Paulo e a Minas Gerais.

A Praça da Bandeira seria a principal praça rotatória do plano, tendo ligações ainda com o coração da cidade – através do prolongamento do Canal do Mangue – e com os bairros da zona sul, com a criação da Av. Transversal de Copacabana. Com este sistema, estava configurado o partido defendido por Eugène Hénard – um dos principais estudiosos da questão viária das grandes cidades – com suas avenidas radiais e perimetrais.

No plano para Niterói, é também clara a ligação feita entre a praça de irradiação – centro comercial – e as demais partes da cidade. Os sub-centros cívico, comercial, de museus, universitário, a estação ferroviária e sua Praça Renascença, a zona industrial e o porto, os bairros operários e residenciais da zona sul estariam todos conectados por um sistema de avenidas largas e espaçosas, criando uma circulação fácil e contínua. Atílio fez, inclusive, um estudo detalhado dos diferentes perfis de vias para diversas situações urbanas. Segundo ele, as principais vias eram as radiais, que ligavam o centro a todos os pontos da cidade, vindo, em seguida, as vias periféricas – ou concêntricas – que ligariam os bairros entre si.

Além do sistema viário, foi estudado em ambos os planos o melhoramento dos transportes. No Plano Agache, o ramal que vai até a Estação D. Pedro I – Central do Brasil – seria desativado, passando a Estação Leopoldina a ser o ponto inicial da trama férrea na cidade.

O ramal da Leopoldina que segue por São Cristóvão, São Francisco Xavier, Engenho de Dentro, Méier, Piedade, Cascadura, indo até Madureira, seria substituído por um sistema de metrô. As linhas de trem que saem da Leopoldina seriam relocadas para costear a Praia de São Cristóvão indo em direção ao bairro industrial e ao porto, seguindo seu curso pela zona norte.

Saindo da Praça da Bandeira, junto à Gare da Leopoldina, sairia uma segunda linha de metrô, desta vez subterrânea, pela Av. do Canal do Mangue até a Candelária e dali seguindo para a zona sul, passando pelo centro antigo da cidade e a Praça do Castelo. A partir do Largo do Machado, voltaria à superfície, indo até Copacabana, Ipanema, Leblon

e dando a volta na Lagoa Rodrigo de Freitas. Seguiria então até Santa Cruz, passando pela Gávea, Grumari, Guaratiba e Sepetiba, ramal ao longo do qual poderiam surgir novas cidades-satélite.

A terceira linha ligaria a Praça do Castelo ao centro de Niterói, passando por baixo da baía. Por ser mais onerosa, seria a última a ser construída, quando Niterói e seus arredores se encontrassem num estágio de desenvolvimento mais avançado.

No plano de Niterói, Atílio trabalhou no intuito de conectar os diferentes sistemas de locomoção da cidade. Enquanto a construção da ponte Rio-Niterói não fosse efetuada, o cruzamento da Baía da Guanabara por barcas, serviço oferecido desde a primeira metade do século XIX, deveria ser reforçado por novas embarcações do tipo *hydroglisseur*, que fariam o percurso na metade do tempo. Pontos de embarque seriam criados ao longo da costa, como o Barreto, o Cais da Praça Monumental do centro cívico, Icaraí e São Francisco. Com a conclusão das obras da ponte, esse sistema tomaria um caráter eminentemente turístico.

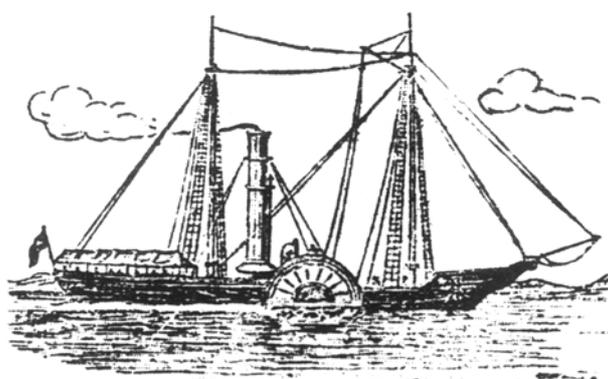


Fig. 500: Barca Especuladora – uma das três embarcações que inauguraram o serviço de travessia da Baía de Guanabara da empresa *Sociedade Navegação de Nichteroy*, em 1835. De construção inglesa, trafegavam de hora em hora, e levavam até 250 passageiros.

O sistema preconizado por Atílio seria formado por três redes – de metrô, de bondes, e um terceiro, auxiliar, de ônibus. O primeiro sistema – metrô – seria o mais importante, chamado de *irradiação*. As linhas seriam cinco: a primeira partiria do Barreto em direção ao centro cívico e comercial, prosseguindo então para o centro do Rio, onde se ligaria ao sistema carioca. A segunda linha iria do centro a São Francisco – com a estação terminal junto ao estádio municipal –, e serviria o bairro de Icaraí; enquanto a terceira iria do centro de Niterói a São Gonçalo. A quarta linha iria do Fonseca ao Centro Universitário, de onde sairia a quinta linha para os bairros de Santa Rosa e Vital Brasil. Na zona central, o metrô seria subterrâneo, enquanto nas demais ele correria por trincheiras. A linha 3, indo em

direção a São Gonçalo, seria no nível do solo, pois já estaria na zona rural. Ao todo seriam 40 estações, distando de 300m a 700m.

Os bondes formariam o segundo sistema. As cinco primeiras linhas seriam as de *penetração*, que serviriam às novas zonas de expansão da cidade, como o estádio de esportes do operariado no Barreto, os bairros do Fonseca e Barreira, Itaipu, Jurujuba, Imbuí e Piratininga, podendo chegar, no futuro, até mesmo a Magé. As outras quatro linhas seriam as de *intercomunicação*, que fariam a ligação entre os diferentes bairros entre si. O centro da cidade não seria atravessado por linhas de bondes, sendo servido apenas pelo metrô subterrâneo.

Completando o plano de conjunto, os ônibus formariam o sistema auxiliar, dividido em nove linhas – três intermunicipais e seis locais. Atílio acreditava que a rede por ele imaginada não poderia ficar sob controle da iniciativa privada, mas nas mãos do governo. Dessa forma, poderia assegurar seu bom funcionamento.

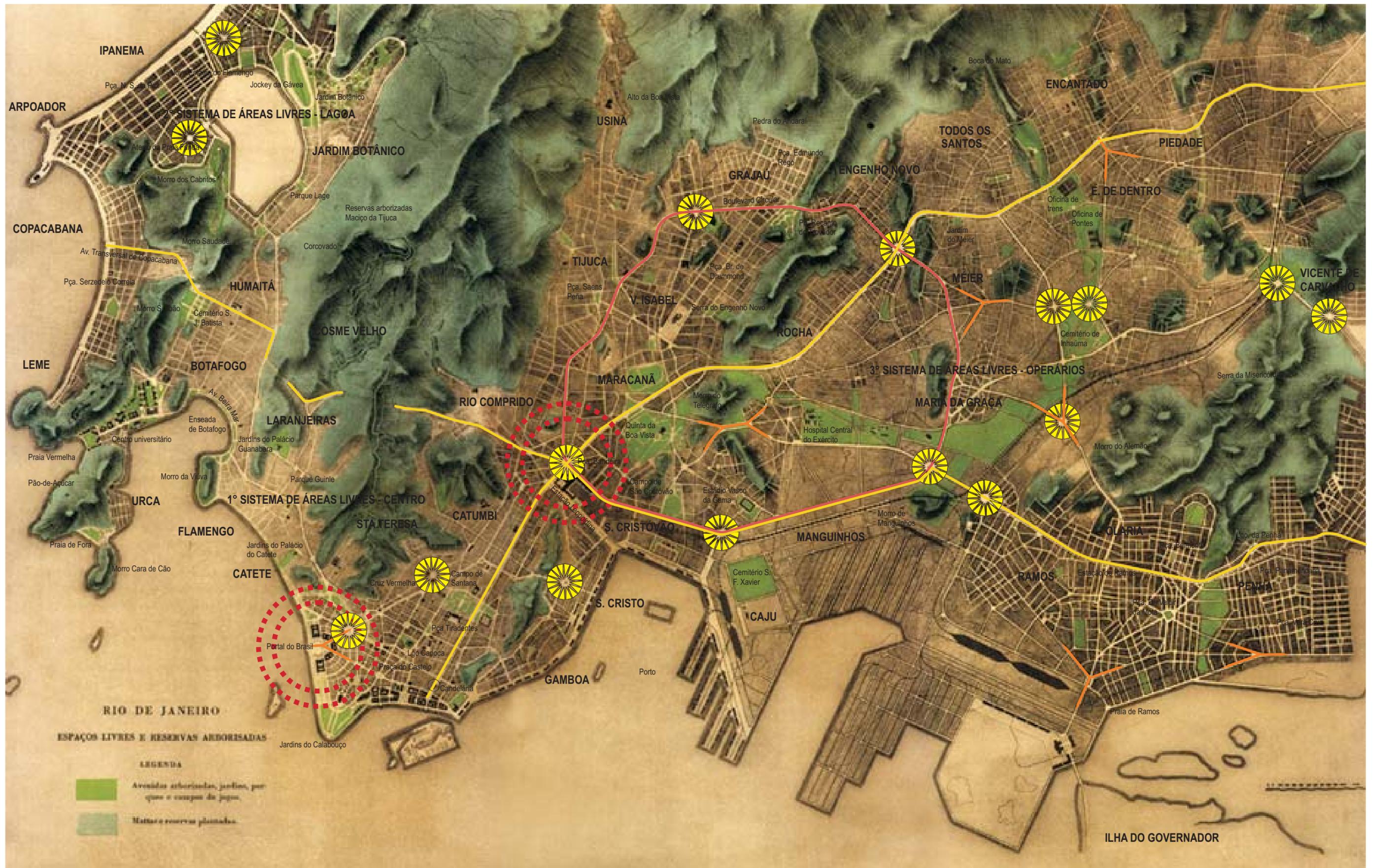


Fig. 501: Planta *Espaços Livres e Reservas Arborizadas*. Plano Agache, 1930. Nesta planta, foram identificados alguns dos elementos analisados no capítulo 2 - os *portais da cidade*, as avenidas em Y, radiais e concêntricas, as praças rotatórias e o sistema de espaços livres.

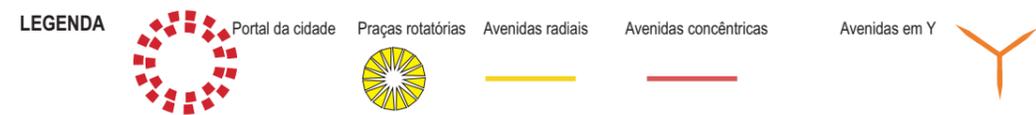




Fig. 502: Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930. Nesta planta, foram identificados alguns dos elementos analisados no capítulo 2 - os portais da cidade, as avenidas em Y, radiais e concêntricas, as praças rotatórias e o sistema de espaços livres.



4.2.4. Patrimônio arquitetônico

Agache destacou em suas plantas as construções que julgava importantes, patrimônios a serem preservados.²³ Segundo o autor, seria necessário:

*(...) repartir os edifícios públicos e os monumentos de modo a obedecerem a uma ordem arquitetural própria a destacá-los e dar-lhes valor, fazendo-os colaborar no embelezamento da paisagem urbana (...).*²⁴

Agache defendia o estabelecimento de uma lista de monumentos artísticos, históricos e arqueológicos a ser criada por uma comissão técnica especial. No apêndice referente aos projetos de legislação e regulamentos do plano, anexo D – *Projetos de Leis Relativas à Estética*²⁵ - o autor descreveu os meios pelos quais o patrimônio deveria ser protegido.

No entanto, as demolições que se fariam necessárias para a concretização de suas propostas foram, quase sempre, omitidas pelo urbanista francês, como a destruição do Passeio Público para a abertura da Avenida da Independência, a demolição do edifício-sede da prefeitura municipal, do edifício da atual Casa França Brasil – projeto de Grandjean de Montigny que sediava a Alfândega e tornado obsoleto já que o porto comercial seria deslocado para São Cristóvão – e de quatro igrejas da era colonial, para o prolongamento da Avenida do Mangue (atual Av. Presidente Vargas), entre outros.²⁶

Atílio não deu ênfase ao patrimônio arquitetônico de Niterói em seu projeto, mas podemos constatar que conservou o conjunto da Praça da República – antiga Praça D. Pedro II –, com os novos edifícios da Assembléia Legislativa, o Palácio da Justiça, a Secretaria de Segurança e a Escola Normal. O Palácio do Ingá, então sede do governo do Estado, também



Fig. 503, 504, 505: Conjunto arquitetônico da Praça da República – centro cívico estadual de Niterói: Assembléia Legislativa, Palácio da Justiça e Secretaria de Segurança Pública.



Fig. 506, 507, 508: Escola Normal, Palácio do Ingá e Biblioteca Municipal.

²³ Ver prancha com os bens conservados por Agache.

²⁴ AGACHE, *op. cit.* p. 321.

²⁵ *Id.* p. LXXXIX-XCIII

²⁶ Ver prancha com os bens condenados por Agache.

foi mencionado. Apenas a Biblioteca Municipal – ainda em construção à época – foi desprezada, devendo ser recuada para proporcionar maior amplitude à praça.

Já o edifício-sede da prefeitura municipal – o Palácio Araribóia – deveria ser demolido para dar lugar à Praça Marechal Floriano, na frente da qual o novo edifício da prefeitura deveria ser construído. Também o Hospital Regional de Niterói e a Escola de Medicina, prédios assentes no alto de uma colina que seria arrasada para dar lugar ao centro comercial, deveriam ser demolidos e reconstruídos na cidade universitária do Cubango.

Nas páginas seguintes, foram identificados os bens preservados (p. 134-138) e os condenados (p. 139-140) no Plano Agache para o Rio de Janeiro.



Fig. 510: ARTICULAÇÃO - 1

Fig. 509: Planta de localização dos bens preservados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930 - trecho 1.

Plano Agache Bens Preservados

- | | |
|---|--|
| 01. Fortaleza de São João | 24. Arco do Teles |
| 02. Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro | 25. Igreja de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores |
| 03. Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro | 26. Igreja de Santa Cruz dos Militares |
| 04. Igreja e Convento de Santa Teresa | 27. Tribunal Regional Eleitoral |
| 05. Arcos da Lapa | 28. Estação Central dos Correios |
| 06. Palácio Monroe (demolido) | 29. Agência Central do Banco do Brasil (atual Centro Cultural do BB) |
| 07. Palácio Pedro Ernesto | 30. Igreja de Nossa Senhora da Candelária |
| 08. Theatro Municipal do Rio de Janeiro | 31. Igreja e Mosteiro de São Bento |
| 09. Theatro Phoenix (demolido) | 32. Armazéns do Porto |
| 10. Escola Nacional de Belas Artes (atual Museu Nacional de Belas Artes) | 33. Casa de Amortização (atual Banco Central) |
| 11. Biblioteca Nacional | 34. Igreja de Nossa Senhora da Conceição |
| 12. Supremo Tribunal Federal (atual Centro Cultural da Justiça Federal) | 35. Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito |
| 13. Academia Brasileira de Letras (antigo Pavilhão da França na Exposição de 1922) | 36. Igreja de São Francisco de Paula |
| 14. Igreja de Santa Luzia | 37. Escola Politécnica do Rio de Janeiro (atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ) |
| 15. Santa Casa de Misericórdia | 38. Real Gabinete Português de Leitura |
| 16. Secretaria de Fazenda (demolido) | 39. Igreja do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé |
| 17. Museu Histórico Nacional (antigo Pavilhão das Indústrias na Exposição de 1922) | 40. Conservatório de Música (atual Centro de Arte Hélio Oiticica) |
| 18. Ministério da Agricultura (antigo Pavilhão dos Estados na Exposição de 1922 - demolido) | 41. Antigo Teatro João Caetano |
| 19. Igreja de São José | 42. Convento e Igreja de Santo Antônio |
| 20. Palácio Tiradentes | 43. Igreja da Ordem 3ª de São Francisco da Penitência |
| 21. Paço Imperial | 44. Sociedade Brasileira de Belas Artes |
| 22. Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo (antiga catedral) | 45. Polícia Central |
| 23. Igreja da Ordem 3ª de N. Senhora do Monte do Carmo | 46. Igreja de Santo Antônio dos Pobres |
| | 47. Quartel Central do Corpo de Bombeiros |
| | 48. Casa da Moeda do Brasil (atual Arquivo Nacional) |
| | 49. Jardim Suspenso do Valongo |



Fig. 511: Planta de localização dos bens preservados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930 - trecho 2.

Plano Agache Bens Preservados

- | | |
|--|--|
| 50. Forte do Leme | 72. Hospital da Polícia Militar |
| 51. Cassino da Urca | 73. Casa do Bispo |
| 52. Museu de Ciências da Terra (antigo Palácio dos Estados na Exposição de 1908) | 74. Igreja da Medalha Milagrosa |
| 53. Instituto Benjamin Constant | 75. Quinta da Boa Vista |
| 54. Fórum de Ciência e Cultura - Palácio Universitário da UFRJ (antigo Hospício dos Alienados D. Pedro II) | 76. Colégio Militar |
| 55. Educandário Santa Teresa (antiga Casa das Meninas Órfãs) | 77. Igreja de São Francisco Xavier |
| 56. Igreja Matriz de São João Batista | 78. Escola Municipal República Argentina |
| 57. Igreja da Imaculada Conceição | |
| 58. Caixa d'água no Morro da Viúva | |
| 59. Palácio Guanabara | |
| 60. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória | |
| 61. Colégio Estadual Amaro Cavalcanti | |
| 62. Palácio do Catete | |
| 63. Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro | |
| 64. Igreja do Sagrado Coração de Jesus | |
| 65. Templo da Humanidade | |
| 66. Hospital da Cruz Vermelha | |
| 67. I Batalhão da Polícia Militar | |
| 68. Igreja de Santo Cristo dos Milagres | |
| 69. Hospital São Francisco | |
| 70. Penitenciária Milton Dias Moreira | |
| 71. I Igreja Batista do Rio de Janeiro | |

Fig. 512: ARTICULAÇÃO - 2

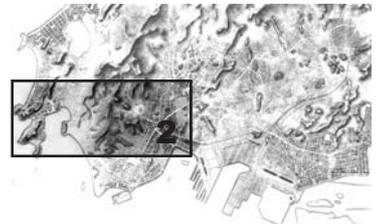




Fig. 513: Planta de localização dos bens preservados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930 - trecho 3.

Plano Agache Bens Preservados

- 79. Forte de Copacabana
- 80. Jockey Clube do Brasil
- 81. Solar da Imperatriz
- 82. Hospital da Ordem São José da Penitência
- 83. Convento das Carmelitas do Bom Pastor
- 84. Batalhão da Polícia do Exército
- 85. Polícia Militar

Fig. 514: ARTICULAÇÃO - 3

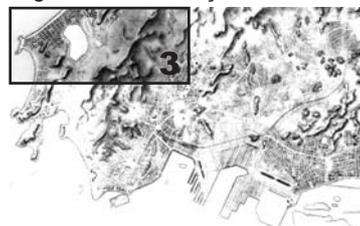


Fig. 515: Planta de localização dos bens preservados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930 - trecho 4.

- 86. Fábrica Aliança (atual Supermercado Extra)
- 87. Fábrica de Tecidos Santa Isabel (demolido)
- 88. Igreja na Praça Barão de Drummond
- 89. Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro
- 90. Oficinas de trens
- 91. Oficina de Pontes

Fig. 516: ARTICULAÇÃO - 4

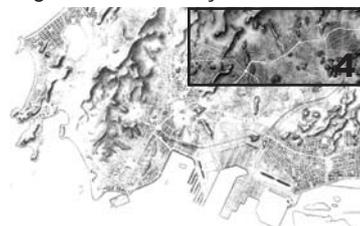




Fig. 517: Planta de localização dos bens preservados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930 - trecho 5.

Plano Agache Bens Preservados

- 92. Sede do Clube Recreativo Vasco da Gama
- 93. Hospital Central do Exército
- 94. Instituto Oswaldo Cruz

Fig. 518: ARTICULAÇÃO - 5

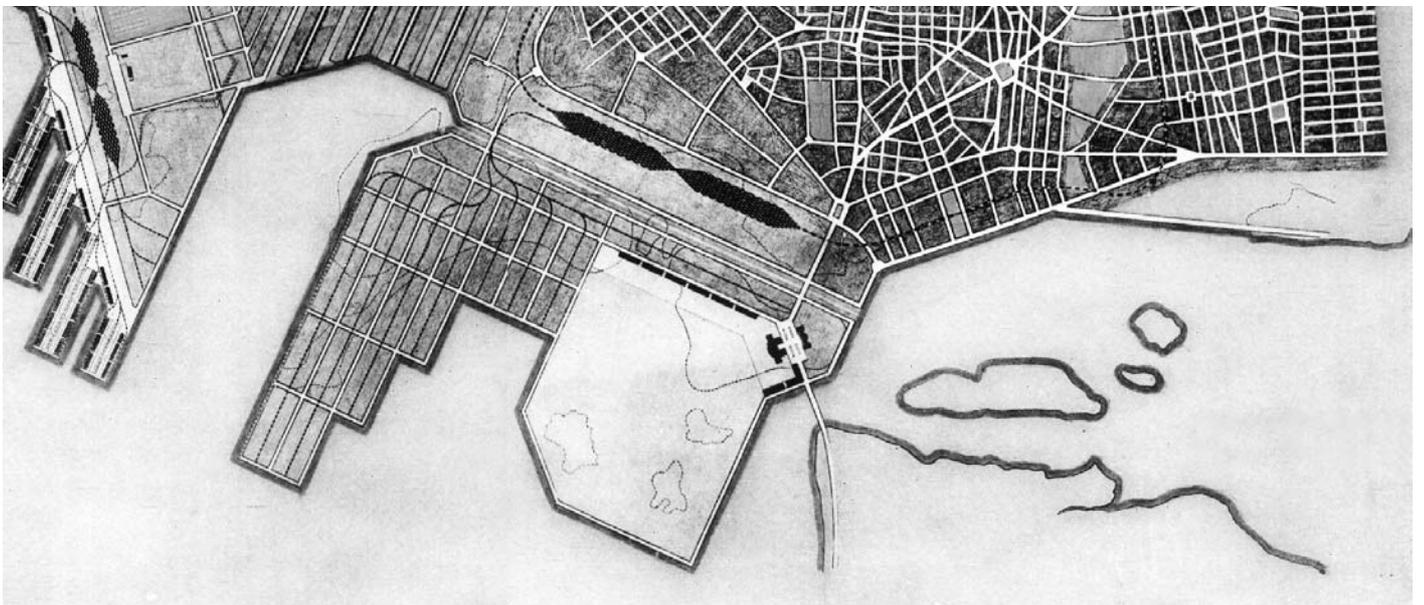


Fig. 519: Planta de localização dos bens preservados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930 - trecho 6.

Não há bens preservados neste trecho da planta

Fig. 520: ARTICULAÇÃO - 6

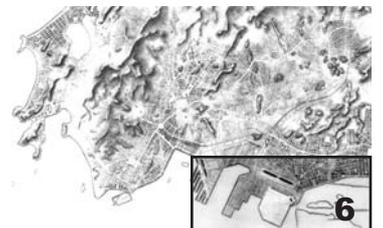




Fig. 521 01 Fig. 522 02 Fig. 523 03 Fig. 524 04 Fig. 525 05



Fig. 526 06 Fig. 527 07 Fig. 528 08 Fig. 529 09 Fig. 530 10



Fig. 531 11 Fig. 532 12 Fig. 533 13 Fig. 534 14 Fig. 535 15 Fig. 536 16 Fig. 537 17



Fig. 538 18 Fig. 539 19 Fig. 540 20 Fig. 541 21 Fig. 542 22 Fig. 543 23 Fig. 544 24



Fig. 545 25 Fig. 546 26 Fig. 547 27 Fig. 548 28 Fig. 549 29 Fig. 550 30 Fig. 551 31



Fig. 552 32 Fig. 553 33 Fig. 554 34 Fig. 555 35 Fig. 556 36 Fig. 557 37

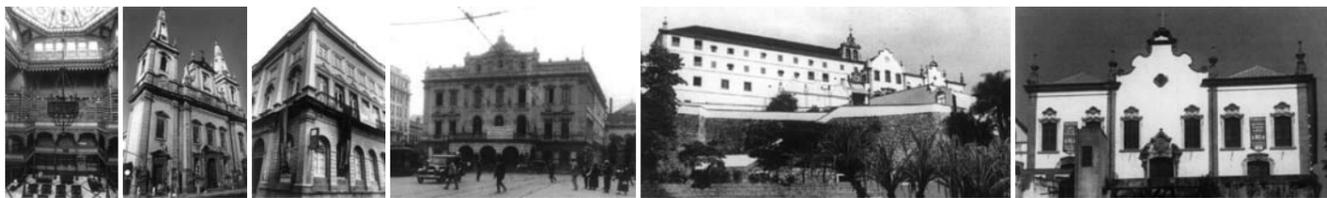


Fig. 558 38 Fig. 559 39 Fig. 560 40 Fig. 561 41 Fig. 562 42 Fig. 563 43



Fig. 564 44 Fig. 565 45 Fig. 566 46 Fig. 567 47 Fig. 568 48 Fig. 569 49



Fig. 570 50 Fig. 571 51 Fig. 572 52 Fig. 573 53 Fig. 574 54



Fig. 575 55 Fig. 576 56 Fig. 577 57 Fig. 578 58 Fig. 579 59



Fig. 580 60 Fig. 581 61 Fig. 582 62 Fig. 583 63 Fig. 584 64



Fig. 585 65 Fig. 586 66 Fig. 587 67 Fig. 588 68 Fig. 589 69 Fig. 590 70 Fig. 591 71



Fig. 592 72 Fig. 593 73 Fig. 594 74 Fig. 595 75



Fig. 596 76 Fig. 597 77 Fig. 598 78 Fig. 599 79 Fig. 600 80 Fig. 601 81 Fig. 602 82



Fig. 603 83 Fig. 604 84 Fig. 605 85 Fig. 606 86 Fig. 607 88



Fig. 608 89 Fig. 609 90 Fig. 610 91 Fig. 611 92 Fig. 612 93 Fig. 613 94

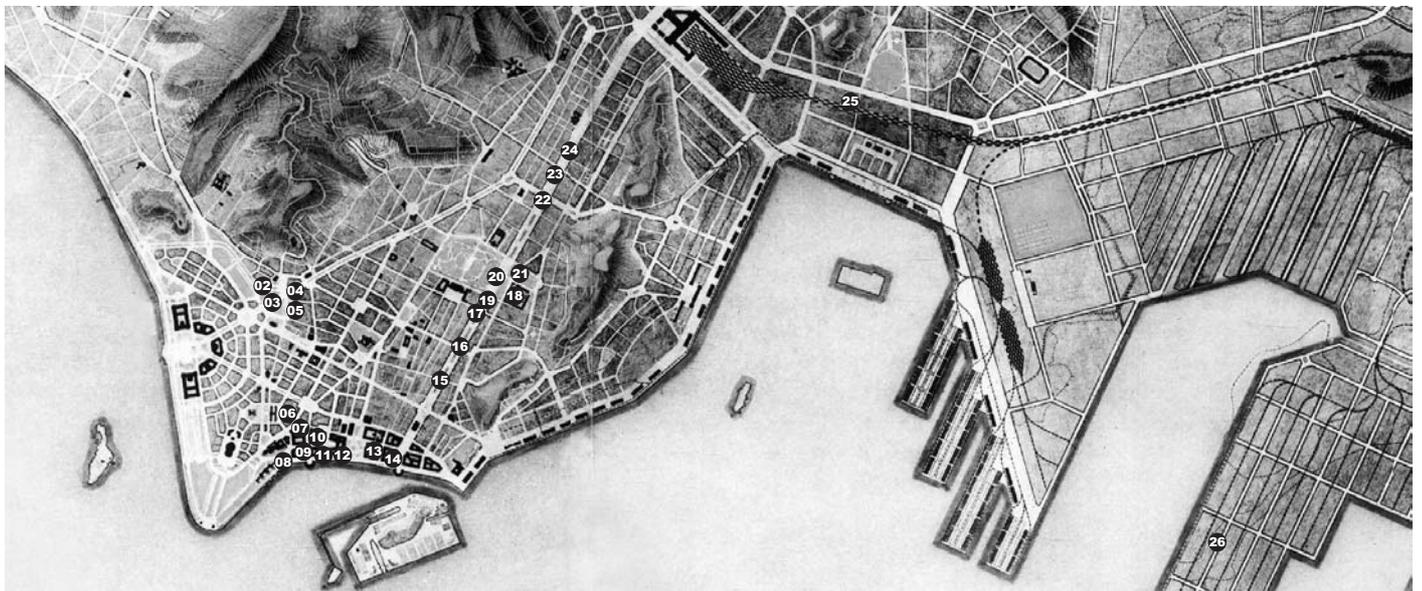


Fig. 614: Planta de localização dos bens condenados da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930.

Plano Agache Bens Condenados

01. Colégio Militar da Praia Vermelha
02. Silogeu (demolido)
03. Passeio Público
04. Escola de Música da UFRJ
05. Automóvel Clube
06. Parte da Santa Cada de Misericórdia
07. Ladeira da Misericórdia
08. Serviço de Saúde dos Portos (antigo Pavilhão de Estatística na Exposição de 1922)
09. Mercado Municipal da Praça XV (demolido à época da construção do viaduto da perimetral, na década de 1950)
10. Museu da Imagem e do Som (antigo Pavilhão da Administração e do Distrito Federal na Exposição de 1922)
11. Procuradoria Geral do Estado
12. Estação das Barcas
13. Tribunal Marítimo
14. Edifício da Alfândega (atual Casa França Brasil)
15. Igreja do Bom Jesus do Calvário (demolido para a abertura da Av. Presidente Vargas)
16. Igreja de São Domingos (demolido para a abertura da Av. Presidente Vargas)
17. Igreja de São Pedro dos Clérigos (demolido para a abertura da Av. Presidente Vargas)

Fig. 615: ARTICULAÇÃO



18. Ministério da Guerra (atual Ministério do Exército, modificado em 1935)
19. Prefeitura Municipal (demolida em 1940 na ocasião da abertura da Av. Presidente Vargas)
20. Faixa da Praça da República
21. Estação da Estrada de Ferro de D. Pedro II (demolido em 1936 para a construção da nova estação, inaugurada em 1943)
22. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (demolido para a abertura da Av. Presidente Vargas)
23. Escola Benjamin Constant e Praça Onze de Junho (demolidas para a abertura da Av. Presidente Vargas)
24. Largo do Capim
25. Igreja de São Cristóvão
26. Convento e Igreja do Bom Jesus, Ilha do Bom Jesus



Fig. 616



01 Fig. 617



03 Fig. 618



04 Fig. 619 05



Fig. 620



06 Fig. 621



07 Fig. 622



08 Fig. 623

09



Fig. 624



10 Fig. 625



11 Fig. 626

12



Fig. 627



14 Fig. 628



15 Fig. 629



16 Fig. 630



17 Fig. 631

18



Fig. 632



19 Fig. 633



20 Fig. 634

21



Fig. 635



22 Fig. 636



23 Fig. 637



24 Fig. 638



25 Fig. 639

26

4.2.5. Saneamento

A parte final dos projetos de Agache e Atílio era dedicada aos problemas sanitários. Assim Agache iniciou a terceira parte de seu trabalho, *Os Grandes Problemas Sanitários*:

*A salubridade publica, base de todo edificio urbano, depende essencialmente das grandes obras de saneamento. Organisa-las e garantir seu bom funcionamento é permittir o harmonioso desenvolvimento da cidade e a plena expansão da sua belleza. Consiste igualmente em dar mais conforto e bem estar aos seus habitantes; d'ahi, melhor saúde. Preservar os nossos semelhantes das moléstias evitáveis, poupar-lhes desgostos e soffrimentos, recuar o limite da vida... Haverá tarefa mais nobre, mais elevada, mais humana?*²⁷

Agache fez um exaustivo levantamento das condições gerais do clima – temperatura, regime dos ventos, correntes marinhas, umidade do ar, pluviometria – e da situação sanitária – escoamento das águas das chuvas, inundações, abastecimento d'água e esgotamento; para, em seguida, propor soluções.

Apenas para citar alguns exemplos, com relação ao problema da Enseada de Botafogo – que ainda nos dias de hoje sofre com o excesso de algas e a poluição devido ao despejo de esgoto em suas águas – Agache sugeriu que se efetuasse a abertura de um canal entre a Praia Vermelha e o Quadrado da Urca, restabelecendo antiga ligação que existia entre a enseada e o mar aberto. Sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, propôs a limpeza de seu fundo e o aterramento da parte mais rasa – chamada Praia Funda – onde seria



Fig. 640: Lagoa Rodrigo de Freitas, com o aterramento de sua parte mais rasa – Praia Funda – e o novo traçado para o bairro que ali surgiria, junto aos Morros dos Cabritos e Cantagalo. Alfred Agache, 1930.

²⁷ AGACHE, *op. cit.* p. 223. (grifo do autor).

criado um bairro.

Em Niterói, Atílio levantou as informações disponíveis sobre os esgotos, o abastecimento d'água, as inundações e o recolhimento de lixo, para em seguida propor diretrizes básicas, em linhas gerais, sobre os aspectos sanitários da cidade. O saneamento da Lagoa de Piratininga – nos moldes do projeto de Saturnino de Brito para a Lagoa Rodrigo de Freitas – e a mudança de localização das elevatórias finais, são algumas das sugestões contidas no último capítulo de sua Tese-Projeto.



Fig. 641: Avenida Francisco Bicalho, centro do Rio de Janeiro. Inundação em 27 de fevereiro de 1928. Reproduzido no Plano Agache, 1930



Fig. 642: Praça da Bandeira, Estácio, RJ. Inundação em 27 de fevereiro de 1928. Reproduzido no Plano Agache, 1930



Fig. 643: Proposta de ligação da Enseada de Botafogo com o mar aberto, através de canal entre o Quadrado da Urca e a Praia Vermelha. Alfred Agache, 1930

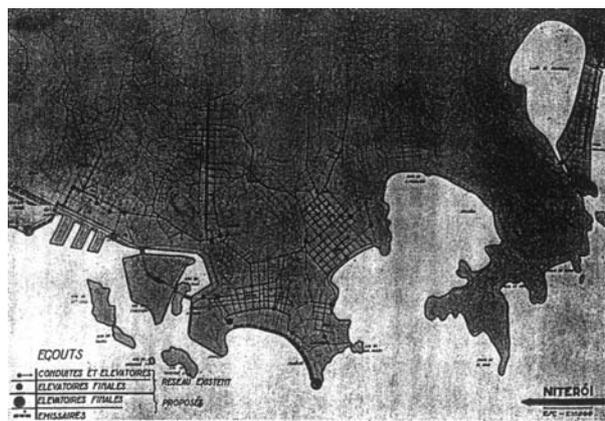


Fig. 644: Localização dos novos emissários e elevatórias finais para a cidade de Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930



Fig. 645: Rede de esgotamento sanitário do Plano Agache, 1930



Considerações Finais

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1. AGACHE X ATTÍLIO

Tendo em vista que o Plano Agache para o Rio de Janeiro teve enorme reverberação, enquanto a Tese-Projeto de Attílio para Niterói ficou menos conhecida, faz-se necessário esclarecer a dimensão que cada um dos dois arquitetos teve no cenário da Arquitetura e Urbanismo de sua época a fim de se justificar o seu nível de influência e sua escala de abrangência.

Há vários aspectos que devem ser abordados nesta questão. Em primeiro lugar, Agache fez um plano para o Rio de Janeiro, capital federal, principal e maior cidade brasileira na época, ao passo que Attílio se debruçou sobre uma cidade vizinha, então capital do Estado do Rio, com população de menos de um décimo da carioca.¹ Além disso, embora tenham elaborado seus planos no mesmo espaço de tempo (1927-1930), Agache era um profissional que trabalhava com uma equipe de técnicos, comissionado pela Prefeitura do Distrito Federal, enquanto Attílio fazia um estudo acadêmico, trabalhando sozinho.



Fig. 646: Retrato de Attílio Corrêa Lima.



Fig. 647: Retrato de Donat Alfred Agache.

Ambos os trabalhos foram publicados em Paris, porém apenas o de Agache chegou ao conhecimento de maior número de pessoas no Brasil, tendo sua publicação larga tiragem, enquanto a de Attílio contou com um número bem mais modesto. Deve-se mencionar ainda a longevidade de Agache, que viveu até os 84 anos, permitindo-lhe desenvolver sua obra ao longo desse tempo. Attílio, no entanto, teve morte prematura, aos 42 anos, interrompendo assim o que poderia ter sido uma longa e profícua vida profissional.

¹ Em 1927, a população carioca era de 1.729.000 habitantes; a niteroiense, de 120.000.

5.2. FORMAÇÃO ACADÊMICA X PRÁTICA PROFISSIONAL

Ao longo dos capítulos desta dissertação, tentou-se tornar patente a importância da formação acadêmica na posterior prática profissional tanto de Agache como de Atílio. Os pensadores estudados no capítulo 2, e principalmente os conceitos por eles criados ou desenvolvidos, mostraram-se presentes em todas as obras dos dois arquitetos; os ensinamentos de Howard, Hénard e Unwin, para citar alguns, marcaram sobremaneira a produção urbanística de ambos, conforme descrito nos capítulos 3 e 4.

No entanto, é apreciável a forma como Atílio migrou para o modernismo, enquanto Agache permaneceu fiel à doutrina *Beaux Arts*.

O período em que Atílio esteve em contato com o grupo de jovens professores progressistas na ENBA – sob a coordenação de Lucio Costa – marcou fortemente o arquiteto, que teve sua produção cada vez mais influenciada pelos preceitos modernistas. É fácil observar como seus projetos evoluíram gradualmente do classicismo *Beaux-Arts* para o modernismo. Em Goiânia, seu primeiro trabalho urbanístico profissional, ele ainda se apresentava ligado à estética Art-Déco, característica do Plano Agache para o Rio e de sua própria Tese-Projeto para Niterói. Três anos depois, no Recife, trabalhando ao lado de Luiz Nunes² e Burle Marx, ele dava seus primeiros passos rumo ao modernismo.

É justamente a partir deste momento, em meados da década de trinta, que a administração federal brasileira foi se tornando uma grande incentivadora do movimento moderno, com o convite de Le Corbusier para o projeto do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e a recusa dos primeiros esboços de Alfred Agache para a Pampulha, em Belo Horizonte, ao optar o governo mineiro pelo projeto de Oscar Niemeyer.

Seus projetos seguintes, o Conjunto Habitacional do IAPI e a Cidade Operária de Volta Redonda, expressavam já todos os traços distintivos do movimento moderno, que apenas mais tarde iriam ser abalizados. Atílio revelou-se, assim, como um dos precursores do movimento modernista no urbanismo brasileiro, antecedendo nomes hoje muito mais célebres.

² Luiz Nunes, que havia sido seu aluno na disciplina de Urbanismo da ENBA, foi pioneiro da arquitetura moderna no nordeste brasileiro.

5.3. PROJETO X REALIDADE

No contexto em que vivemos, onde muitos planos urbanísticos não saem do papel, é importante observar o que de fato se concretizou dos planos de Agache e Atílio para o Rio de Janeiro e Niterói.

Os dois arquitetos estabeleceram um programa de alterações nos usos dos espaços urbanos visando alcançar a cidade ideal. Mas não eram utópicos, no sentido em que pretendiam levar a cabo as mudanças no espaço físico e, por conseguinte, na sociedade através de seus planos.

Agache defendia a criação de um departamento municipal que cuidasse exclusivamente da concretização de suas propostas, a fim de garantir sua continuidade e integridade, estando ciente das dificuldades de integração de todos os atores envolvidos na manutenção e reforma da cidade.

O urbanista acreditava que o engajamento da população no processo de planejamento era essencial. Para isso, a população deveria ser informada das decisões:

Uma obra de realização urbana não deve permanecer estranha á compreensão popular; o desenvolvimento de uma cidade tem muito mais probabilidades de sucesso rapido quando é animado por uma população entusiasta (...). Não se trata, de submeter os planos durante o seu estudo ao suffragio universal, mas unicamente em dal-os a conhecer ao publico nas suas grandes linhas, uma vez definitivamente estabelecidos.³

Assim Agache gostaria de desenvolver nas grandes massas uma certa cumplicidade com as transformações a serem efetuadas na cidade, o que tornaria sua execução mais fácil. Dessa forma, evitar-se-ia que os interesses particulares pudessem vir a influir na opinião pública, inculcando-lhe desconfiança com as obras de interesse geral.

Apesar de arquivado pela administração Adolfo Bergamini, o Plano Agache inspirou muitas realizações na cidade. Como exemplo de elementos contidos no plano que se

³ AGACHE, *op. cit.* p. 324.

concretizaram ou de alguma forma influenciaram tomadas de decisões posteriores, podem ser citados:

a) a implantação da Praça Paris, inaugurada em 1928. As obras foram executadas a partir de desenhos liberados por Agache preliminarmente, antes que o plano estivesse finalizado;



Fig. 648: Foto da Praça Paris, com a Igreja do Outeiro da Glória ao fundo, à época da inauguração. (foto publicada no próprio Plano Agache, em 1930).

b) a proposta de aterramento da Praia Funda e urbanização dos terrenos ganhos para a edificação de um novo bairro, proposta por Armando de Godoy quatro anos após a publicação do Plano Agache;



Fig. 649: Praia Funda, na Lagoa Rodrigo de Freitas, por Armando de Godoy, 1934 (para uma comparação com o projeto de Agache, ver fig. 640).

c) a instituição do decreto 5595, de 1935, que instituiu as galerias de passeio cobertas, os pátios internos para aeração coletiva e respectivas passagens de acesso sugeridos por Agache, induzindo fortemente o escalonamento dos últimos andares dos edifícios. O Decreto 6000,

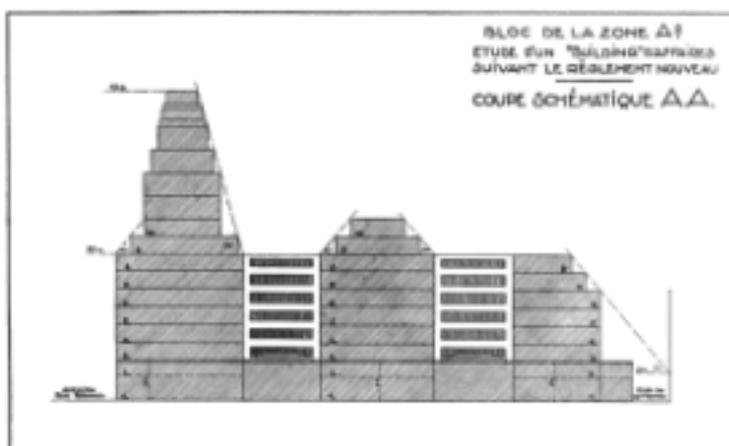


Fig. 650: Corte esquemático de edifício na zona central de negócios, ilustrando o escalonamento dos últimos andares. Alfred Agache, 1930.

editado dois anos depois, reafirmava e sistematizava os preceitos de seus antecessores, vigorando por trinta anos, até 1967 (ver fig. 657-679);

d) o surgimento de alguns bairros ostentando o nome de cidades-jardim, a partir das propostas de Agache para a Ilha do Governador e Paquetá. O Jardim Laranjeiras foi construído a partir de 1939, mesmo ano do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador. Na Zona Norte, o Grajaú se tornou sinônimo de vida confortável ao lado de vegetação presente. Há ainda outros exemplos na Zona Norte, como Maria da Graça, Cidade Jardim Higienópolis e Cidade Jardim Nova América⁴;

e) o traçado da Av. Nilo Peçanha, uma das vias que irradiariam da Praça do Castelo (ver fig. 653 e 654);

f) a abertura da Avenida Presidente Vargas, a partir de 1941, inaugurada em 7 de setembro de 1944. Seguia o traçado de Agache, que prolongava a avenida do canal do mangue até a Candelária;

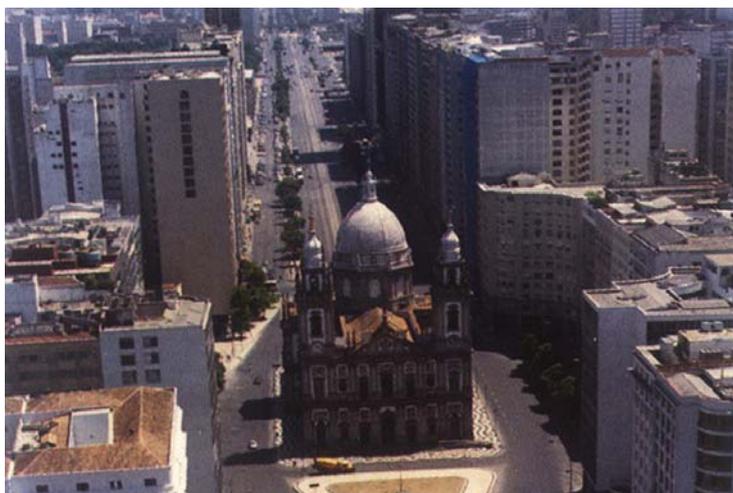


Fig. 651: Avenida Presidente Vargas, com a Igreja de Nossa Senhora da Candelária como ponto focal.

g) o desmonte do Morro de Santo Antônio, a partir de 1942, e o projeto dos jardins do Largo da Carioca, por Roberto Burle Marx, com terraços superpostos sucessivos e a preservação do Convento de Santo Antônio;



Fig. 652: Vista aérea dos Jardins do Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro. Projeto de Roberto Burle Marx.

⁴ OTTONI, *op. cit.*



Fig. 653: Planta da Cidade do Rio de Janeiro, 1935
Observar a Praça Paris e o traçado da Praça do Castelo na área do desmorte. As avenidas Alm. Barroso, Nilo Peçanha e Presidente Antônio Carlos se concretizaram



Fig. 654: Foto aérea do Castelo em 1935, mostrando o traçado da Esplanada com desenho parcial da Praça do Castelo

h) o estabelecimento de algumas embaixadas – França, Itália, Angola e Estados Unidos – em seu *Bairro das Embaixadas*, projetado em volta do Portal do Brasil;

i) o alargamento da Avenida Atlântica em Copacabana e da faixa de areia da praia, que veio a se realizar após um minucioso estudo realizado pelo Laboratório de Investigação Náutica e Engenharia de Portugal, em 1969;



Fig. 655: Praia de Copacabana, após o alargamento do calçadão e da faixa de areia.



Fig. 656: Praia de Copacabana, antes do alargamento do calçadão e da faixa de areia.

j) o traçado do metrô, que guarda muitas semelhanças com o proposto por Agache. Sairia do Estácio, seguindo pela Av. Presidente Vargas, passando pela Glória, Catete, Flamengo, Laranjeiras, Botafogo, chegando a Copacabana;

k) as melhorias nas estradas que ligam o Rio de Janeiro a Petrópolis e São Paulo e a ligação viária entre o Estácio e a Zona Sul, através de túnel por baixo do Maciço da Tijuca;

l) a criação de uma concentração de estabelecimentos universitários na Praia Vermelha, o campus da UFRJ;

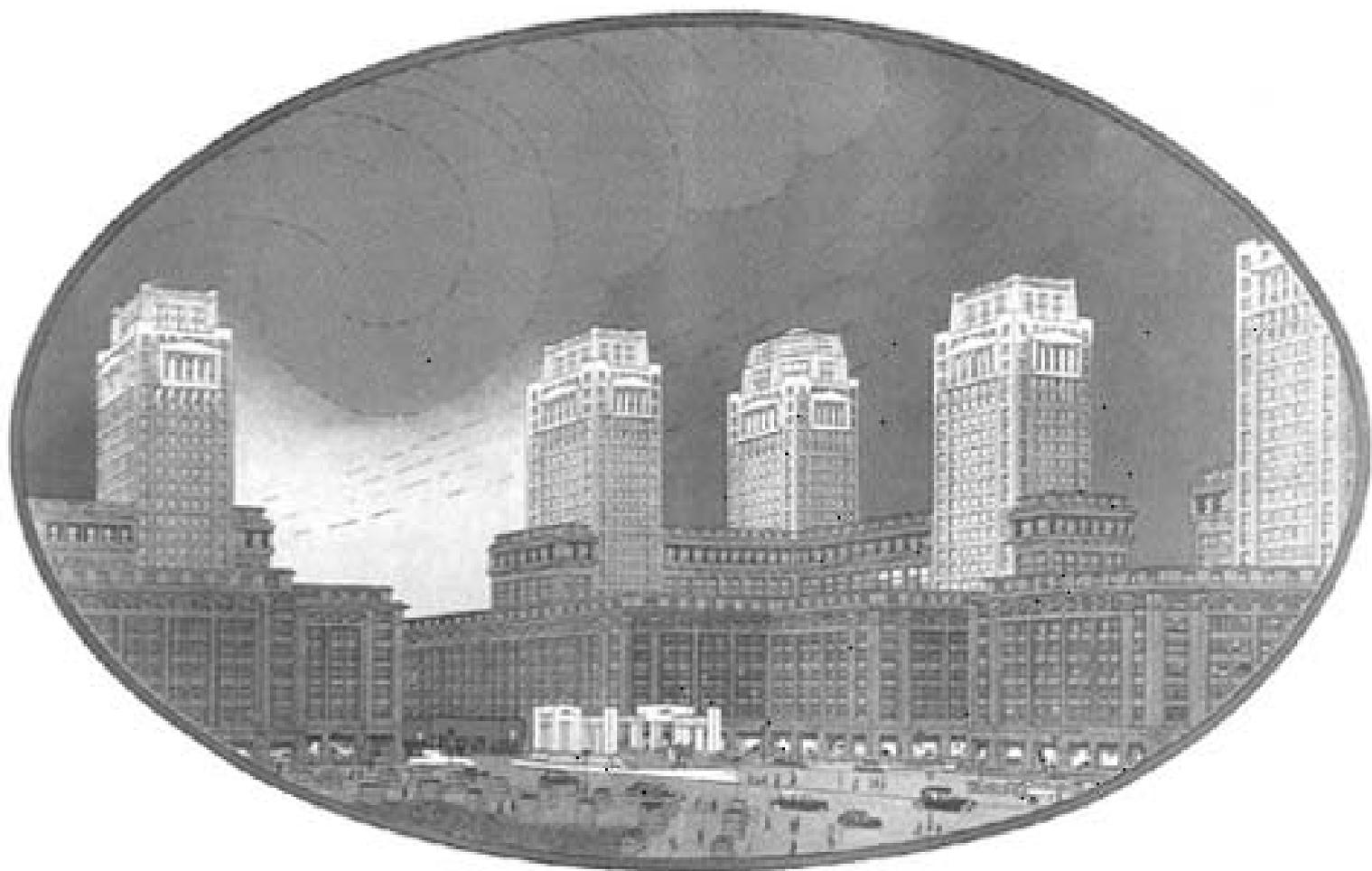


Fig. 657: Perspectiva da Praça do Castelo, centro principal de negócios do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930



Fig. 658: Perspectiva da Praça do Castelo, com o monumento a Estácio de Sá em primeiro plano. Agache, 1930

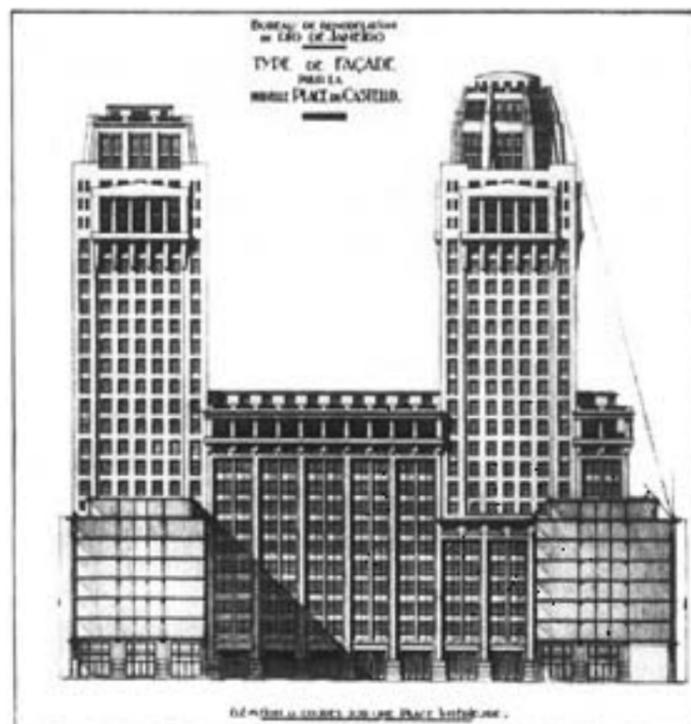


Fig. 659: Corte / fachada de edifício na Praça do Castelo. Agache, 1930



Fig. 661: Esboço para a Central do Brasil



Fig. 662: Estação Central do Brasil



Fig. 663: Galerias na Av. Presidente Vargas



Fig. 664: Ministério da Guerra



Fig. 665: Min. da Fazenda



Fig. 666: Bancos Aliança



Fig. 667: Boavista



Fig. 668: IPEG



Fig. 669: TRT



Fig. 670: Severo



Fig. 671: Cons. EUA



Fig. 672: IRBrasil

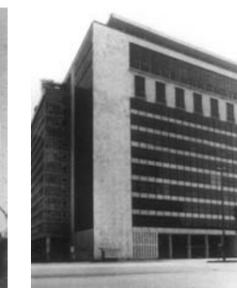


Fig. 673: Jockey Club

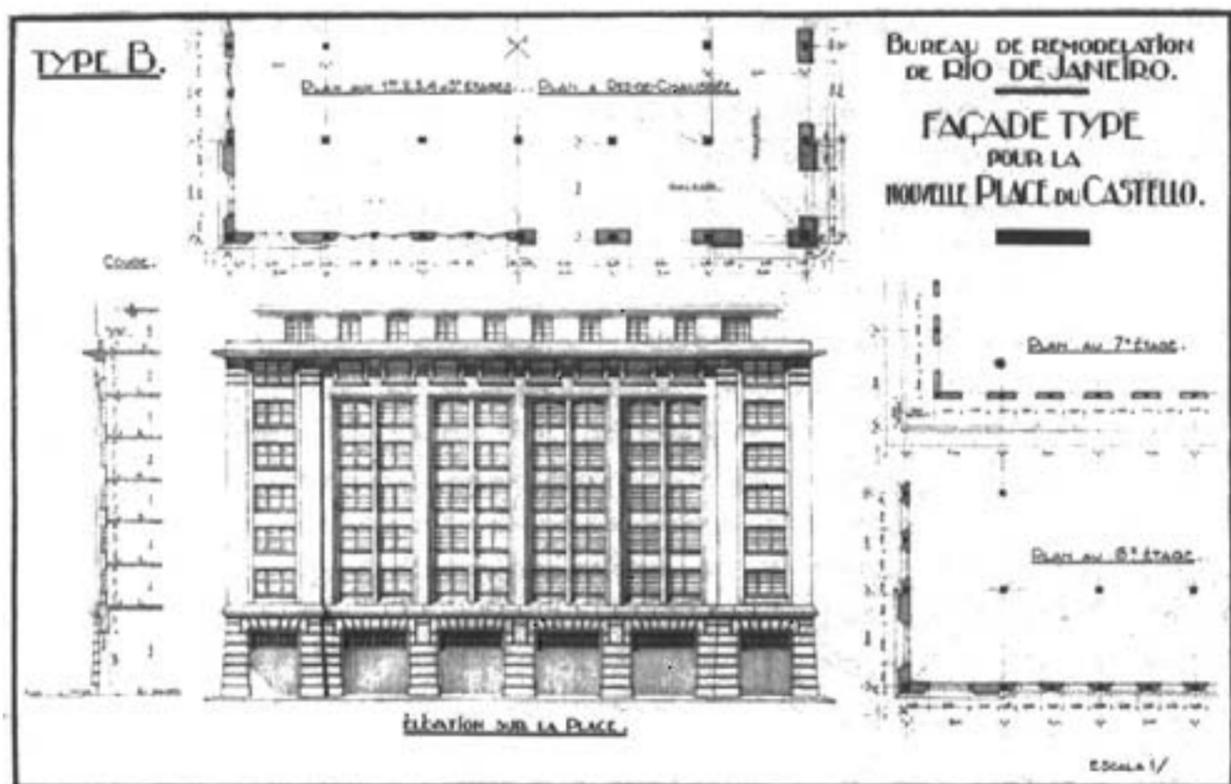


Fig. 660: Corte / fachada de edifício na zona comercial. Agache, 1930

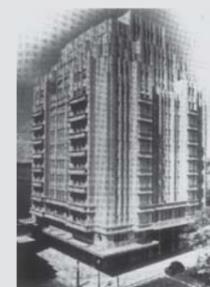


Fig. 674: Ed. Novo Mundo



Fig. 675: Ed. Mayapan



Fig. 676: Ed. Standard



Fig. 677: Edifícios Castelo, Raldia e Nilomex



Fig. 678: Edifícios Castelo, Raldia e Nilomex (projeto)



Fig. 679: Quadra à Avenida Beira-Mar

Edifícios na Esplanada do Castelo. Escalonamento nos últimos andares

CONCRETO
oferece conforto, beleza e segurança

m) o traçado da Av. República do Chile, passando pela área formada com o desmonte do Morro de Santo Antônio;

n) a criação do Parque Nacional da Tijuca;

o) o estabelecimento dos centros de bairro da legislação atual, cujo prenúncio eram as subzonas C₁ e C₃ dos bairros residenciais no Plano Agache, que permitiam o uso comercial nos andares térreos dos edifícios ao longo das vias mais importantes.

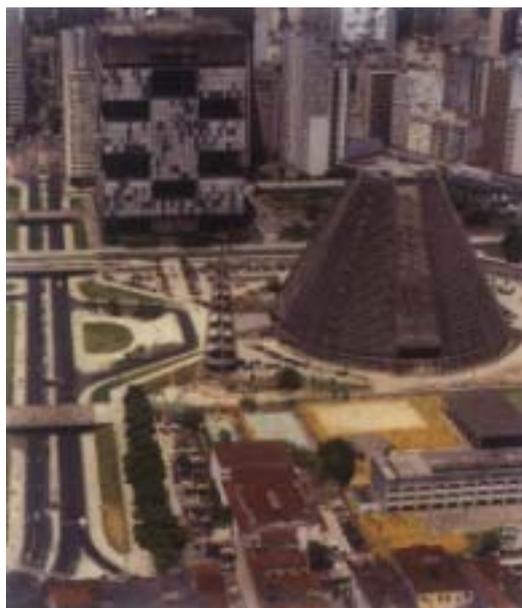


Fig. 680: Av. República do Chile, centro do Rio de Janeiro, com a Catedral Metropolitana.

Agache defendia a criação de uma comissão de pessoas possuindo ou não títulos administrativos, as quais seriam escolhidas pelos seus conhecimentos em matéria urbana – arqueólogos, artistas, higienistas e até jornalistas – com o objetivo de conservar a essência de seu plano.

Com o abandono de seu projeto, tal comissão não se concretizou, é claro, mas algo semelhante se desenvolveu com a criação, na década de 1970, de dois órgãos municipais: a COMUDES e a COPLAN. A Comissão de Urbanismo e Desenvolvimento Econômico e Social era formada por pessoas com algum poder ou projeção⁵, enquanto a Comissão de Planejamento era formada por técnicos dos quadros do município. Ligados diretamente ao prefeito, tinham como objetivo dar respaldo às tomadas de decisão do governo, dando seu parecer sobre questões que iam desde o estabelecimento de gabaritos a projetos de desenvolvimento social.

No caso de Niterói, pouco pode ser visto de concreto das proposições de Atílio. Contudo, cabe destacar alguns pontos.

A Companhia Cantareira, então proprietária do transporte marítimo ligando Niterói ao Rio, controlava também o sistema de bondes elétricos, e mantinha quinze linhas do centro aos diferentes bairros da periferia. A centralização do embarque em apenas um ponto da

⁵ Participaram desta comissão o filólogo Antônio Houaiss e o escritor Rubem Fonseca.



Fig. 681: Levantamento aerofotogramétrico da parte central do Rio de Janeiro, IPP/PCRJ, 1997.



Fig. 682: Trecho da planta de *Reorganização dos Meios de Transporte*, Alfred Agache, 1930



Fig. 683: Levantamento aerofotogramétrico da cidade de Niterói, CIDE, 2000



Fig. 684: Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói, Atílio Corrêa Lima, 1930

cidade – o centro – interessava à companhia, pois dessa forma forçava os usuários a utilizar os dois meios de transporte. Esta situação se verifica até os dias de hoje, com a centralização do embarque marítimo na Praça Araribóia e as companhias de ônibus, que fazem sua ligação com os demais bairros de Niterói e municípios vizinhos.

Attílio, já em 1930, propunha um sistema integrado de transportes, com bilhetes de correspondência. Assim, seria possível usar qualquer meio de transporte, seja metrô, bonde ou ônibus no período de uma hora, sem ter que se pagar mais de uma tarifa. Esse sistema foi implantado com sucesso nas cidades de Curitiba/PR e Nova Friburgo/RJ, sendo um meio de prevenção contra a favelização das cidades. Quando morar longe do local de trabalho significa utilizar mais de um meio de transporte, e assim pagar mais de uma tarifa, a consequência lógica é a concentração dessa população nas zonas centrais e sua favelização. Empregar este sistema integrado de transportes permite à cidade expandir seus subúrbios naturalmente.

Em 1975, sob o governo Faria Lima, a Secretaria Estadual de Transportes desenvolveu um sério estudo da situação na área metropolitana, que resultou num plano de reestruturação do sistema de transportes. Ele continha muitas das propostas já defendidas por Attílio em sua tese, como a ligação intermodal – metrô, barcas, ônibus – e a descentralização do transporte marítimo ao longo da costa da baía, com estações de embarque em Charitas, Gragoatá, Ilha do Governador, Mauá, em Magé, e Porto Madama, em São Gonçalo.

Outro projeto para o centro de Niterói a que se pode atribuir certas referências à Tese-Projeto de Attílio é o chamado Aterrado Praia Grande, elaborado em 1943 pela Companhia Dahne & Conceição, que em determinados pontos apresentava semelhanças com o trabalho de Attílio.⁶

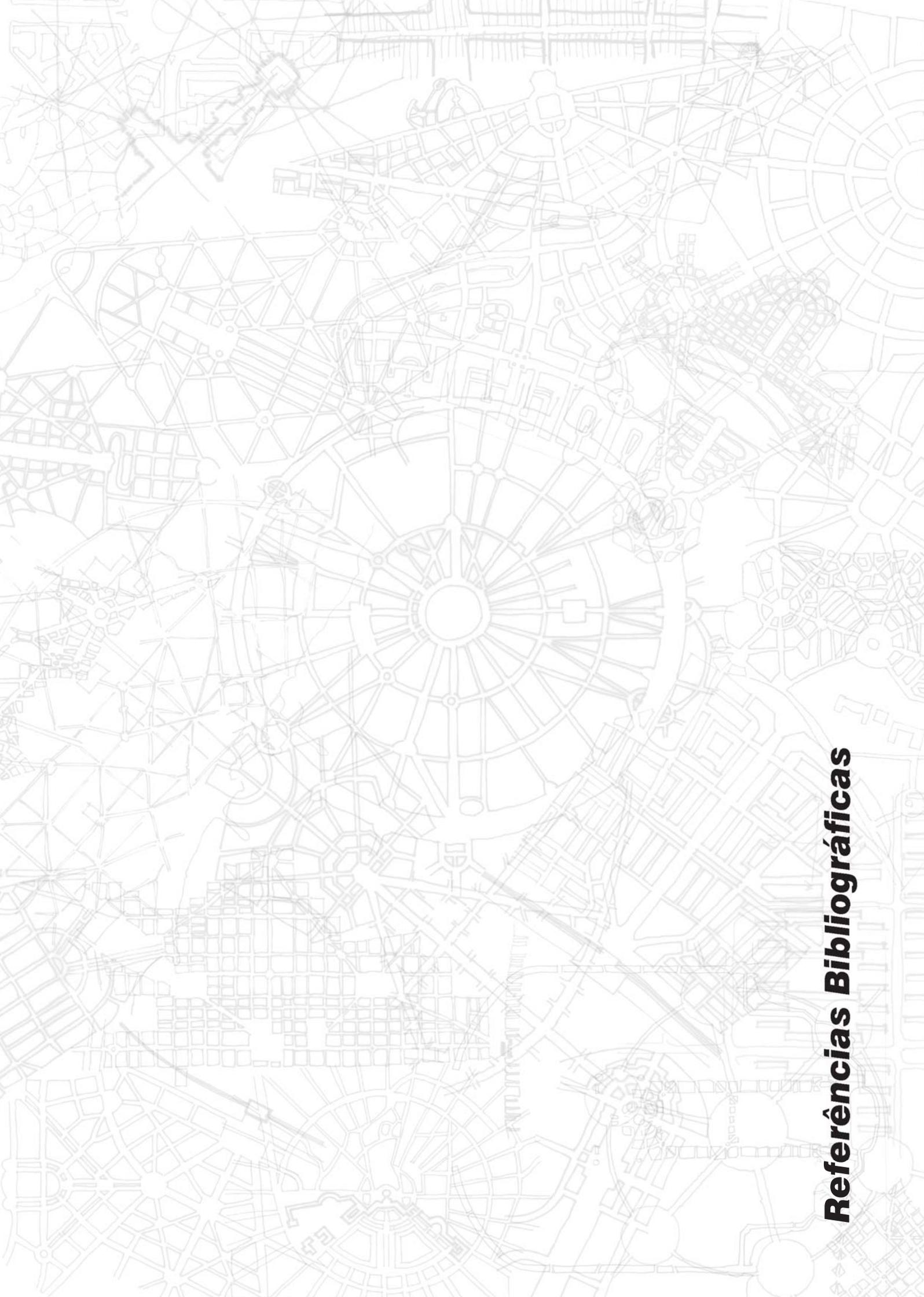
Entre outros desdobramentos das obras de Attílio e Agache, poderiam ser citados ainda o plano-piloto de Brasília realizado por Lucio Costa, e o projeto de Palmas do Tocantins, que não seriam os mesmos sem o trabalho seminal dos precursores do urbanismo no país. Nos planos para as cidades de Brasília e Palmas, marcou-se o apogeu do movimento moderno no urbanismo brasileiro, repetindo-se conceitos utilizados por Attílio e Agache.

⁶ LEME, 1999, p. 330-331.

Embora sejam inúmeras as influências dos planos observáveis nas cidades, o legado mais importante dos projetos de Agache e Atílio foi no campo das idéias. Para Agache, o objetivo principal do urbanista não era assegurar a implementação imediata ou integral de seu plano na dimensão física, mas conquistar ideologicamente a cidade para a causa do urbanismo. Em uma de suas palestras no Rio de Janeiro, em 1927, Agache dizia:

*Aqui vim, bem o sabeis, chamado pelo vosso prefeito, Sr. Antonio Prado Junior, principalmente para um fim de propaganda. Tenho por missão conquistar nesta cidade o maior número possível de adeptos a causa do urbanismo, e creio que levarei a bom termo meu empreendimento.*⁷

⁷ AGACHE, *op. cit.* p. 6.



Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto de Planejamento Municipal, 1987.
- ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. Atílio Corrêa Lima: Um Urbanista Brasileiro (1930-1943). Dissertação de Mestrado, São Paulo: Universidade Mackenzie, 1996.
- AGACHE, Donat Alfred. Cidade do Rio de Janeiro, Extensão, Remodelação, Embellezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
- _____. Cités-Jardins et Villes Futures. Nancy: Compte rendu de la Conférence à 17 mai 1913.
- ALVARES, Geraldo Teixeira. A Luta na Epopéia de Goiânia, Uma Obra da Engenharia Nacional. Rio de Janeiro: Of. Graf. do Jornal do Brasil, 1942.
- ANDRADE, Carlos R. Monteiro. Camilo Sitte, Camille Martin e Saturnino de Brito: Traduções e Transferências de Idéias Urbanísticas, in RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e PECHMAN, Robert (orgs.). Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.
- AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de. Niterói Urbano – A Construção do Espaço da Cidade, in MARTINS, Ismênia de Lima e KNAUSS, Paulo (orgs.). Cidade Múltipla – Temas de História de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997.
- _____. A Construção da Cidade na Primeira Metade do Século 20: Niterói, Espelho do Rio, in LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). Urbanismo no Brasil, 1895-1965. São Paulo: FUPAM / Studio Nobel, 1999.
- _____. A Expansão da Cidade Brasileira: do Loteamento à Comunidade Planejada – O Caso de Niterói, in Cinco Séculos de Cidade no Brasil. Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal, 2000.
- AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de, MONTEIRO, Denise Marinho e PEROVANO, Rosana. Niterói: Planos e Projetos para uma Capital da Velha República, in Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro, 1996.
- BACKHEUSER, Everardo Adolpho. Minha Terra e Minha Vida - Niterói há um Século. Niterói: Niterói Livros, 1994.
- BACON, Edmund N. Design of Cities. A Superbly Illustrated Account of the Development of Urban Form, from Ancient Athens to Modern Brasilia. London: Thames and Hudson, 1978.

- BARNETT, Jonathan. The Elusive City. Five Centuries of Design, Ambition and Miscalculation. New York: Harper & Row, 1986.
- BAUDOUI, Rémi. La Naissance de l'École des Hautes Études Urbaines et le Premier Enseignement de l'Urbanisme en France, des Années 1910 aux Années 1920. Paris: A.R.D.U., 1988.
- _____. L'Histoire dans la Culture du Projet Urbain à l'Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1919-1943, in Villes Réfléchies – Histoire et Actualité des Cultures Professionnelles dans l'Urbanisme. Colóquio ocorrido nos dias 19-20 de abril de 1989 no CEDIAS - Musée Social; Dossiers des Séminaires Techniques, Territoires et Sociétés, nº 11-12, 1990.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.
- _____. A Modernização do Rio de Janeiro, in DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (org.). O Rio de Janeiro de Pereira Passos – Uma Cidade em Questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.
- BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BRUANT, Catherine. Donat Alfred Agache (1875-1959) Architect and Sociologist, in WELTER, Volker M. (dir.). City After Patrick Gueddes. Frankfurt: Peter Lang AG Europäischer Verlag der Wissenschaft, 1999.
- CAMPOS, Candido Malta. Impasses da Modernização: Limites e Contradições do Urbanismo Moderno no Brasil, in Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.
- CAMPOS, Maristela Chicharo de. Riscando o Solo - O Primeiro Plano de Edificação para a Vila Real da Praia Grande. Niterói: Niterói Livros, 1998.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). Quando o Brasil era Moderno. Guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CHOAY, Françoise. O Urbanismo – Utopias e Realidades, Uma Antologia. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. La Nature Urbanisé, in DETHIER, Jean, GRILLET, Thierry e GUIHEUX, Alain. La Ville. Art et Architecture en Europe, 1870-1993. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- CLAIR, Jean. Les Années 20: L'Age des Métropoles. Montréal: Musée des Beaux-Arts de Montréal, 1991.

- COHEN, Jean-Louis. Les Années 30. L'Architecture et les Arts de l'Espace entre Industrie et Nostalgie. Paris: Éditions du Patrimoine, 1997.
- _____. Scènes de la Vie Future: l'Architecture Européenne et la Tentation de l'Amérique, 1893-1960. Paris: Flammarion, 1995.
- COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTHEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO. Lembrança, A Construção do Porto de Nictheroy. Niterói: Typ. d'A Encadernadora S.A., 1927.
- CORBUSIER, Le. Planejamento Urbano. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- CORMIER, Anne. Extension – Limites – Espaces Libres, Les Travaux de la Section d'Hygiène Urbaine et Rurale du Musée Social. Paris: École d'Architecture Paris-Villemin, 1987.
- CORREIA, Telma de Barros. O Modernismo e o Núcleo Fabril: o Plano de Atílio Correia Lima para Volta Redonda, in Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.
- COSTA, Élio da. Atílio Corrêa Lima: Uma Obra Inacabada. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1990.
- DEL BRENNIA, Giovanna Rosso (org.). O Rio de Janeiro de Pereira Passos – Uma Cidade em Questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.
- DEL RIO, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento. São Paulo: Pini, 1990.
- DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia de (org.). Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- DETHIER, Jean, GRILLET, Thierry e GUIHEUX, Alain. La Ville. Art et Architecture en Europe, 1870-1993. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- FELDMAN, Sarah. Os Anos 30 e a Difusão do Urbanismo Americano no Brasil, in Cinco Séculos de Cidade no Brasil. Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GEDDES, Patrick. Cidades em Evolução. São Paulo: Papyrus, 1994.

- GEIGER, Pedro P. Aspectos do Fato Urbano no Brasil. Revista Brasileira de Geografia, abril/junho, 1961, p. 283-362.
- GERSON, Brasil. História das Ruas do Rio e da sua Liderança na História Política do Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- GIEDION, Sigfried. Space, Time and Architecture. The Growth of a New Tradition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- GODOY, Armando Augusto de. A Urbs e seus Problemas. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1926.
- HÉNARD, Eugène. Études sur les Transformations de Paris et Autres Écrits sur l'Urbanisme. Paris: l'Équerre, 1982.
- HOWARD, Ebenezer. Cidades Jardins de Amanhã. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- LECLERC, Bénédicte. Jean Claude Nicolas Forestier, 1861-1930. Du Jardin au Paysage Urbain. Paris: Picardi, 1990.
- LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). Urbanismo no Brasil, 1895-1965. São Paulo: FUPAM / Studio Nobel, 1999.
- LEME, Maria Cristina da Silva e LAMPARELLI, Celso Monteiro. A Politização do Urbanismo no Brasil: A Vertente Católica, in Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.
- LIMA, Atílio Corrêa. Avant Projet d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil. Tese de Doutorado, Paris: Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1932.
- _____. A Ponte Brasil. Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, mar.-abr. 1939.
- _____. Goiânia – A Nova Capital de Goiás. Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, jan.-jun. 1937.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Avenida Presidente Vargas: Uma Drástica Cirurgia. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- LOPES, Alberto Costa. A Aventura da Cidade Industrial de Tony Garnier em Volta Redonda. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geografia / UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

- LORTIE, Andre. Paris s'Exporte. Modèle d'Architecture ou Architectures Modèles. Paris: Éditions du Pavillon de l'Arsenal, 1995.
- MACIEL, Dulce Portilho. Goiânia (1933-1963): A Cidade Planejada!, in Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro, 1996.
- MAIA, Francisco Prestes. Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. Produção do Espaço Urbano de Goiânia – Planos e Projetos, 1933-1938. Dissertação de Mestrado, Campinas: PUCCAMP, 1999.
- MARTINS, Ismênia de Lima e KNAUSS, Paulo (orgs.). Cidade Múltipla - Temas de História de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997.
- MARY, Cristina Pessanha. Porto de Nictheroy: Uma Promessa de Autonomia. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, IPPUR / UFRJ, 1988.
- MELEMIS, Steven. Donat-Alfred Agache e o Processo de "Remodelação", in TSIOMIS, Yannis (coord. geral da exposição). Le Corbusier – Rio de Janeiro, 1929 –1936. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.
- MILLER, Mervyn. L'Évolution de la Cité-Jardin en Angleterre. De Port Sunlight à la Cité-Jardin de Welwyn, in DETHIER, Jean, GRILLET, Thierry e GUIHEUX, Alain. La Ville. Art et Architecture en Europe, 1870-1993. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- MOURA FILHA, Maria Berthilde. Embelezar a Cidade: a Concepção de um Novo Padrão Estético para as Cidades Brasileiras no Século XIX e Início do Século XX, in Cinco Séculos de Cidade no Brasil. Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal, 2000.
- MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical – Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OTTONI, Dácio A. B. e SZMRECSÁNYI, Maria Irene. Cidades Jardins - A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1997.
- OUALID, M. W. Apostila do curso no *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris*. Anos 1926/27 e 1927/28, (mimeo).
- PECHMAN, Robert Moses. O Urbano fora do Lugar? Transferências e Traduções das Idéias Urbanísticas nos Anos 20, in RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e PECHMAN,

- Robert (orgs.). Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- PEREIRA, Margareth da Silva. Discurso Técnico Versus Atitude Estética: Cosmopolitismo e Regionalismo nos Planos de Agache e Le Corbusier para o Rio, in PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO / SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO. Guia da Arquitetura Art Déco na América Latina. Rio de Janeiro: Index, 1997.
- _____. Pensando a Metrópole Moderna: Os Planos de Agache e Le Corbusier para o Rio de Janeiro, in RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e PECHMAN, Robert (orgs.). Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- Plano Diretor de Niterói. Prefeitura Municipal de Niterói / Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente. Niterói, 1993.
- Porto de Nichteroy. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Portos, 1930.
- REIS, José de O. O Rio de Janeiro e seus Prefeitos. Evolução Urbanística da Cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / RIOTUR, 1977.
- REVISTA DA SEMANA. O Plagio no Urbanismo do Sr. Agache. 22 dez. 1928, p. 32.
- _____. A Remodelação do Rio de Janeiro. 29 jun. 1929, p. 16-17.
- REZENDE, Vera F. Evolução da Produção Urbanística na Cidade do Rio de Janeiro, 1900-1950-1965, in LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). Urbanismo no Brasil, 1895-1965. São Paulo: FUPAM / Studio Nobel, 1999.
- _____. A Evolução dos Instrumentos de Controle do Espaço Urbano na Cidade do Rio de Janeiro. É Possível Planejar o Futuro Através da Legislação?, in Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro, 1996.
- _____. Planejamento Urbano e Ideologia: Quatro Planos para a Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- _____. As Transferências Internacionais e o Urbanismo Modernista na Cidade do Rio de Janeiro, in Cinco Séculos de Cidade no Brasil. Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal, 2000.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e CARDOSO, Adauto Luiz. Da Cidade à Nação: Gênese e Evolução do Urbanismo no Brasil, in RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e PECHMAN, Robert (orgs.). Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e PECHMAN, Robert (orgs.). Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

- ROBERT, Paul. Le Petit Robert 2 – Dictionnaire Universel de Noms Propres. Paris: Le Robert, 1990.
- ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Niterói Patrimônio – A Melhor Coisa para Niterói é a Vista do Rio, in MARTINS, Ismênia de Lima e KNAUSS, Paulo (orgs.). Cidade Múltipla – Temas de História de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997.
- _____. Niterói, in SCHIAVO, Célia e ZETTEL, Jayme (coord.). Memória, Cidade e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- SILVA, Lúcia. A Trajetória de Donat Alfred Agache no Brasil, in RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz e PECHMAN, Robert (orgs.). Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SIMÃO, Luciano Vinhosa. A Entrada do Brasil. Monografia apresentada na disciplina Historiografia e Metodologia da História da Arte no Curso de Mestrado em História e Crítica da Arte, EBA / UFRJ. Rio de Janeiro, 1993, (mimeo).
- SITTE, Camillo. A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos. São Paulo: Ática, 1992.
- SOUZA-LÔBO, Margarida. Planos de Urbanização à Época de Duarte Pacheco. Tese de Doutorado, DAOTDU/FAUP, Universidade do Porto, 1995.
- STUCKENBRUCK, Denise Cabral. O Rio de Janeiro em Questão: O Plano Agache e o Ideário Reformista dos anos 20. Rio de Janeiro: Observatório de Políticas Urbanas – IPPUR – FASE, 1996.
- SUTCLIFFE, Anthony. Naissance d'une Discipline, in DETHIER, Jean, GRILLET, Thierry e GUIHEUX, Alain. La Ville. Art et Architecture en Europe, 1870-1993. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- TÂNGARI, Vera Regina. Um Outro Lado do Rio. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU / USP, 1999.
- TEIXEIRA, Manuel C. A Influência dos Modelos Urbanos Portugueses na Origem da Cidade Brasileira, in Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro, 1996.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. As Políticas Urbanas Brasileiras e a Apropriação de Modelos (Final do Século XIX e Início do XX), in Cinco Séculos de Cidade no Brasil. Anais do VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal, 2000.
- UNDERWOOD, David K. Alfred Agache, French Sociology, and Modern Urbanism in France and Brazil. In JSAH, [S.I.:s.n.], June. 1991.
- UNWIN, Raymond. L'Étude Pratique des Plans de Villes. Introduction à l'Art de Dessiner, les Plans d'Aménagement et d'Extension. Paris: L'Equerre, 1981.

VAZ, Lilian Fessler e SILVEIRA, Carmen Beatriz. O Papel da Habitação em 100 Anos de Urbanismo – de “Problema” a “Solução” da Questão da Área Central da Cidade do Rio de Janeiro, in Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro, 1996.

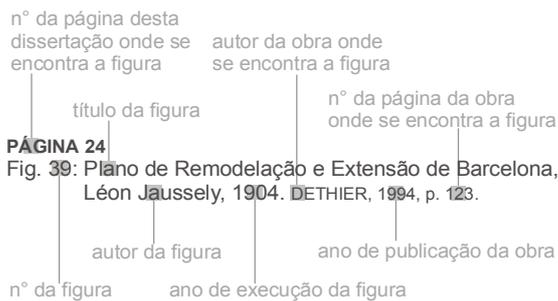
WEHRS, Carlos. Niterói, Ontem e Anteontem. Rio de Janeiro: [s.n.], 1986.

XAVIER, Alberto, BRITTO, Alfredo, NOBRE, Ana Luiza. Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pini, 1991.



Referências Iconográficas

Descrição dos elementos



Apresentação

PÁGINA 2

Fig. 1: Mapa dos municípios do Rio de Janeiro e Niterói.

Croqui do autor, 2000.

Fig. 2: Planta do bairro de Icaraí, Niterói. Croqui do autor, 2000.

Fig. 3: Planta do bairro de Copacabana, RJ. Croqui do autor, 2000.

PÁGINA 3

Fig. 4: Santa Teresa, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 5: Santa Teresa, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 6: Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói, Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, 1932, p. 7.

Fig. 7: Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Plano Agache. AGACHE, 1930, prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

Fig. 8: Ocupação de encostas pela classe de alto poder aquisitivo. São Francisco, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 9: Ocupação de encostas pela classe de alto poder aquisitivo. Barra da Tijuca, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 10: Ocupação de encostas pela classe de baixo poder aquisitivo. Favela do Cavalão, Icaraí, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 11: Ocupação de encostas pela classe de baixo poder aquisitivo. Favela da Rocinha, São Conrado, RJ. Foto do autor, 1999.

PÁGINA 4

Fig. 12: Condomínio residencial com influência dos conceitos howardianos de cidade-jardim. Pendotiba, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 13: Condomínio residencial com influência dos conceitos howardianos de cidade-jardim. São Conrado, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 14: Campo de São Bento, Icaraí, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 15: Campo de Santana, centro, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 16: Praia de Icaraí, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 17: Praia de Copacabana, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 18: Ciclovia de Icaraí, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 19: Ciclovia de Copacabana, RJ. Foto do autor, 1999.

PÁGINA 5

Fig. 20: Rua Cel. Moreira César, Icaraí, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 21: Av. Nossa Sra. de Copacabana, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 22: Niterói Shopping Centre, Rua da Conceição, centro, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 23: Rio Sul Shopping Centre, Av. Lauro Sodré, Botafogo, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 24: Rua Joaquim Távora, Icaraí, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 25: Rua São Clemente, Botafogo, RJ. Foto do autor, 1999.

PÁGINA 6

Fig. 26: Av. Ernani do Amaral Peixoto, centro, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 27: Av. Presidente Vargas, centro, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 28: Rodoviária, Av. Feliciano Sodré, centro, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 29: Palácio Gustavo Capanema, Rua da Imprensa, centro, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 30: Campus da Universidade Federal Fluminense – UFF, Gragoatá, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 31: Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Ilha do Fundão, RJ. Foto: Pedro Rodrigo Barbier Rolim, 1999.

Fig. 32: Centro comercial na Estrada Francisco da Cruz Nunes, Pendotiba, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 33: Centro comercial na Av. das Américas, Barra da Tijuca, RJ. Foto do autor, 1999.

PÁGINA 7

Fig. 34: Prédio pós-moderno na Av. Visconde do Rio Branco, Gragoatá, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 35: Prédio pós-moderno na Av. Presidente Vargas, centro, RJ. Foto do autor, 1999.

Fig. 36: Comércio popular nos sobrados do centro antigo da cidade. Rua Cel. Gomes Machado, Niterói. Foto do autor, 1999.

Fig. 37: Comércio popular nos sobrados do centro antigo da cidade. Rua Buenos Aires, RJ. Foto do autor, 1999.

Capítulo 1

PÁGINA 12

Fig. 38: Arcabouço conceitual.

Capítulo 2

PÁGINA 24

Fig. 39: Plano de Remodelação e Extensão de Barcelona, Léon Jaussely, 1904. DETHIER, 1994, p. 123.

Fig. 40: Perspectiva de trecho da Rue de Rivoli, Paris, Louis Bonnier, 1934-1938. *Ibid.* p. 42.

PÁGINA 25

Fig. 41: Plano de Remodelação da Região Parisiense, Henri Prost, 1934. COHEN, 1997, p. 22.

PÁGINA 31

Fig. 42: Esquema da nova estrutura viária do plano do Barão Haussmann para Paris. BENEVOLO, 2001, p. 592.

Fig. 43: Plano de Extensão de Viena e sua Ringstrasse, 1857. *Ibid.*, p. 607.

Fig. 44: Plano de Extensão de Barcelona – planta com os espaços construídos, Ildefonso Cerdà, 1859. LAMAS, 1999, p. 219.

Fig. 45: Página do manuscrito original do livro “A Construção da Cidade Segundo seus Princípios Artísticos” de Camillo Sitte, publicado em 1889. *Ibid.*, p. 250.

Fig. 46: Plano geral de Karlsruhe, Alemanha, Joseph Stübben, 1893. UNWIN, 1891, p. 61.

Fig. 47: Plano de Belo Horizonte, comissão chefiada por Aarão Reis, 1897. OTTONI, 1997, p. 26.

Fig. 48: Place de l'Étoile, Paris – centro irradiante de doze avenidas. Croqui do autor, 2001.

Fig. 49: Centro antigo de Viena e plano de extensão em volta. Croqui do autor, 2001.

Fig. 50: Perspectiva dos quarteirões de Barcelona propostos por Cerdà. Croqui do autor, 2001.

Fig. 51: Estudo da relação entre cheios e vazios. Croqui do autor, 2001.

Fig. 52: Centro de Karlsruhe, com suas 32 avenidas radiantes. Croqui do autor, 2001.

Fig. 53: Sistema viário do Plano de Belo Horizonte, com reticulado regular, avenidas diagonais e áreas livres. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 32

Fig. 54: Diagrama nº 01 – *Os Três Imãs* – proposto por Ebenezer Howard em 1898. HOWARD, 1996, p. 109.

Fig. 55: Plano de Washington, Comissão McMillan, 1901. BARNETT, 1986, p. 56.

Fig. 56: Planta parcial de Letchworth, Inglaterra, Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. DETHIER, *op. cit.* p. 179.

Fig. 57: Traçado das ruas abertas ou alargadas segundo o plano de reformas urbanas de Pereira Passos no Rio de Janeiro a partir de 1903. DEL BRENNNA, 1985, p. 612.

Fig. 58: Perspectiva aérea do conjunto da *Cité Industrielle*, Tony Garnier, 1904. LAMAS, *op.cit.* p. 271.

Fig. 59: Vista aérea da proposta para praça rotatória com grandes *boulevards* por Eugène Hénard, 1906. HÉNARD, 1982, p. 236.

Fig. 60: Concepção de crescimento das cidades-satélite, Ebenezer Howard. Croqui do autor, 2001.

Fig. 61: Alinhamento das fachadas no eixo monumental de Washington, Plano McMillan. Croqui do autor, 2001.

Fig. 62: Praça central de Letchworth, com suas vias irradiantes. Croqui do autor, 2001.

Fig. 63: Projeto de alargamento de rua, com demolição dos sobrados existentes. Reformas urbanas de Pereira Passos no Rio de Janeiro. Croqui do autor, 2001.

Fig. 64: Reticulado retangular com ruas diagonais da *Cité Industrielle*. Croqui do autor, 2001.

Fig. 65: Sistema de circulação proposto por Eugène Hénard em 1906. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 33

Fig. 66: Perspectiva d'// *Corso d'Italia*, Emilio Belloni, 1907. DETHIER, *op. cit.* p. 176.

Fig. 67: Plano de Chicago, EUA, Daniel Burnham, 1909. BENEVOLO, *op. cit.* p. 613.

Fig. 68: Planta da cidade de Santos, segundo projeto de Saturnino de Brito, 1910. SITTE, 1992, p. 222,223.

Fig. 69: Plano de Canberra, Austrália, Walter Griffin, 1912. BARNETT, *op. cit.* p. 58.

Fig. 70: Perspectiva do Plano de Canberra, Austrália, Eliel Saarinen, 1912. DETHIER, *op. cit.* p. 178.

Fig. 71: Anteprojeto do Plano de Extensão de Paris, Marcel Pöete, 1913. LECLERC, 1990, p. 160.

Fig. 72: Avenida monumental d'// *Corso d'Italia*. Croqui do autor, 2001.

Fig. 73: Avenidas diagonais, radiais e perimetrais do Plano de Chicago. Croqui do autor, 2001.

Fig. 74: Avenidas diagonais e eixos visuais do Plano de Santos. Croqui do autor, 2001.

Fig. 75: Os três sub-centros principais do Plano de Canberra, Walter Griffin. Croqui do autor, 2001.

Fig. 76: Um dos sub-centros do Plano de Canberra, Eliel Saarinen. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 34

Fig. 77: Plano de Nova Dehli, Sir Edwin Lutyens, 1913. LAMAS, *op.cit.* p. 241.

Fig. 78: Perspectiva aérea da *Cidade Mundial*, Hendrik Andersen e Ernest Hébrard, 1913. DETHIER, *op. cit.* p. 164.

Fig. 79: Perspectiva de Falkenberg, Bruno Taut, 1913. *Ibid.* p. 181.

Fig. 80: Plano de Meckra-bel-Ksiri, Marrocos, Henri Prost, 1914. LAMAS, *op.cit.* p. 237.

Fig. 81: Plano de Amsterdã-Sul, Holanda, Hendrik Berlage, 1915. GIEDION, 1995, p. 800.

Fig. 82: Ilustração do livro de Patrick Geddes. Disponível em: <http://www.arquinform.de>, acessado em 22.06.2001.

Fig. 83: Eixo monumental, avenidas diagonais e traçado radiocêntrico do Plano de Nova Dehli. Croqui do autor, 2001.

Fig. 84: Simetria rigorosa do Plano para a *Cidade Mundial*. Croqui do autor, 2001.

Fig. 85: Eixo principal, via diagonal e sistema de áreas livres do plano de Falkenberg. Croqui do autor, 2001.

Fig. 86: Sub-centros, avenidas diagonais e *portal da cidade* de Meckra-bel-Ksiri. Croqui do autor, 2001.

Fig. 87: Estação de trem como *portal* de Amsterdã-Sul, Holanda. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 35

Fig. 88: Plano de Filadélfia, EUA, Jacques Gréber, 1919. MAIA, 1930, p. 88.

Fig. 89: Plano da Cidade-Jardim da Grande Paris, França, De Rutté, Brassompierre, Servin e Payret-Dortail, 1919. DETHIER, *op. cit.* p. 188.

Fig. 90: Planta do Plano de Welwyn, Inglaterra, Louis de Soissons, 1920. OTTONI, *op. cit.* p. 10.

Fig. 91: Plano do Porto de Niterói e Obras Anexas, 1924. COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTHEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, 1927, p. 12.

Fig. 92: Plano de Expansão do Norte de Lisboa, Portugal, Jean Claude Forestier, 1925. LAMAS, *op.cit.* p. 282.

Fig. 93: Plano de Ancara, Turquia, Léon Jaussely, 1925. *Ibid.*, p. 258.

Fig. 94: Traçado regular com diagonais e sistema de áreas livres do Plano de Filadélfia. Croqui do autor, 2001.

Fig. 95: Traçado simétrico, radiocêntrico do Plano da Cidade-Jardim da Grande Paris. Croqui do autor, 2001.

Fig. 96: Eixo principal da cidade de Welwyn. Croqui do autor, 2001.

Fig. 97: Traçado radiocêntrico do Plano do Porto de Niterói. Croqui do autor, 2001.

Fig. 98: Eixo principal e vias diagonais do Plano de Expansão do Norte de Lisboa. Croqui do autor, 2001.

Fig. 99: Traçado curvilíneo com sistema de áreas livres do Plano de Ancara. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 36

Fig. 100: Planta de Radburn, EUA, Clarence Stein e Henry Wright, 1928. OTTONI, *op. cit.* p. 51.

Fig. 101: Proposta para o centro de São Paulo, Francisco Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* p. 52.

Fig. 102: Perspectiva aérea da Praça da República, Berlim, Alemanha. Hans Poelzig, 1930. DETHIER, *op. cit.* p. 310.

Fig. 103: Capa da Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima, publicada em 1932 pelo IUUP. LIMA, *op. cit.*

Fig. 104: Planta de Zoneamento da cidade do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 219 e p. 220.

Fig. 105: Separação entre veículos e pedestres no Plano de Radburn. Croqui do autor, 2001.

Fig. 106: Sistema radiocêntrico, com vias radiais e perimetrais do Plano de Avenidas para São Paulo. Croqui do autor, 2001.

Fig. 107: Conjunto de edifícios dispostos radialmente em praça semi-circular, Berlim, Alemanha. Croqui do autor, 2001.

Fig. 108: Centro cívico da cidade de Niterói, com avenidas radiais e praça rotatória, segundo proposta de Atílio Corrêa Lima. Croqui do autor, 2001.

Fig. 109: Bairro-Jardim do Leblon, com traçado curvilíneo e *culs-de-sac* propostos por Alfred Agache. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 37

Fig. 110: Plano de Canberra – Concurso Internacional para a Capital Federal da Austrália, Walter Burley Griffin, 1912. DETHIER, *op. cit.* p. 167.

PÁGINA 38

Fig. 111: Primeira versão do esquema de princípios de crescimento das cidades, Howard, ca 1888. *Ibid.*, p. 124.

PÁGINA 39

Fig. 112: Plano parcial de Filadélfia, EUA, Jacques Gréber, 1919. LORTIE, 1995, p. 93.

PÁGINA 40

Fig. 113: Anel viário do Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo, Prestes Maia, 1930. MAIA, *op.cit.* planta em anexo.

Fig. 114: Conjunto Praça da Sé – Praça da Estrela. Prestes Maia, 1930. *Ibid.* planta VI.

Fig. 115: *Praça Monumental da Entrada do Brasil* (vista diurna). Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op.cit.* p. 214,215.

PÁGINA 41

Fig. 116: Anteprojeto de Avenidas e Parques de Buenos Aires, Argentina, Jacques Gréber, 1924. LECLERC, *op.cit.* p. 37.

Capítulo 3

PÁGINA 45

Fig. 117: Colégio Amaro Cavalcanti, Largo do Machado, RJ, Francisco Bethencourt Silva, 1875. CZAJKOWSKI, 2000c, p. 101.

Fig. 118: Hospital São Francisco, Av. Presidente Vargas, centro, RJ, 1877. VALLADARES, 1978, il. 913.

Fig. 119: Jardins da Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, RJ. Término das reformas de Glaziou, 1878. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 17.

PÁGINA 46

Fig. 120: Plano de Colônia, Alemanha, Joseph Stübben, 1880. DETHIER, *op. cit.* p. 134.

Fig. 121: Ilha Fiscal, centro, RJ, Adolfo Del Vecchio, 1881. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 45.

- Fig. 122: Antiga Fábrica Confiança, Rua Maxwell, Vila Isabel, RJ, 1884. *Ibid.*, p. 78.
- Fig. 123: Real Gabinete Português de Leitura, Rua Luís de Camões, centro, RJ. Rafael de Castro, 1887. *Ibid.*, p. 37.
- Fig. 124: Igreja da Imaculada Conceição, Praia de Botafogo, RJ. Padre Clavelin, 1888. *Ibid.*, p. 109.
- Fig. 125: Port Sunlight, Inglaterra, Edwin Lutyens, 1888. DETHIER, *op. cit.* p. 180.
- Fig. 126: Fábrica de Tecidos Bangu, Rua Fonseca, Bangu, RJ. De Morgan Snell, 1889. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 127.
- PÁGINA 47**
- Fig. 127: Tribunal Regional Eleitoral, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. Luís Schreiner, 1892. *Ibid.* p. 44.
- Fig. 128: Plano de Ölmütz, Áustria, Camillo Sitte, 1895. DETHIER, *op. cit.* p. 133.
- Fig. 129: Projeto de um novo arrabalde, Vitória / ES. Saturnino de Brito, 1896. LEME, 1999, p. 256.
- Fig. 130: Plano de Belo Horizonte / MG, comissão chefiada por Aarão Reis, 1897. OTTONI, *op. cit.* p. 26.
- Fig. 131: Quartel Central do Corpo de Bombeiros, Praça da República, centro, RJ. Francisco Marcelino Aguiar, 1898. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 57.
- Fig. 132: Projeto Sanitário para Campos / RJ, Saturnino de Brito, 1899. MANSO, 1999, p. 119.
- PÁGINA 48**
- Fig. 133: Perspectiva do *mall* do Plano de Washington, Comissão McMillan, 1901. LECLERC, *op.cit.* p. 40.
- Fig. 134: Plano de Ampliação de Amsterdã-Sul, Holanda, Hendrik Berlage, 1902. GIEDION, *op.cit.* p. 796.
- Fig. 135: Anúncio publicitário da Cidade-Jardim de Letchworth, Inglaterra, Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. TOY, 1994, p. 83.
- Fig. 136: Perspectiva da *Cité Industrielle*, exposta pela primeira vez por Tony Garnier em 1904. DETHIER, *op.cit.* p. 155.
- Fig. 137: Fachada da ENBA, Av. Rio Branco, Morales de los Rios, 1905. PINHEIRO, 2001, p. 18.
- Fig. 138: Capa do livro *Grandes Villes et Systèmes des Parcs*, Jean Claude Forestier, 1905. LECLERC, *op.cit.* p. 161.
- Fig. 139: Esquema para o cálculo das larguras das vias de praças rotatórias, Eugène Hénard, 1906. HÉNARD, *op.cit.* p. 282.
- Fig. 140: Obelisco comemorativo da inauguração da Av. Central, centro, RJ, 1906. DEL BRENNNA, *op.cit.* p. 547.
- Fig. 141: Armazéns do Cais do Porto do Rio de Janeiro, Av. Rodrigues Alves, Saúde, RJ. Francisco Bicalho, 1907. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 61.
- Fig. 142: Perspectiva d'*Il Corso d'Italia*, Milão, Emilio Belloni, 1907. DETHIER, *op. cit.* p. 176.
- Fig. 143: Detalhe do Plano de Extensão de Haia, Holanda, Hendrik Berlage, 1908. LAMAS, *op. cit.* p. 233.
- Fig. 144: Planta das frisas do Theatro Municipal do Rio de Janeiro – Projeto Águila, Francisco de Oliveira Passos, 1909. DEL BRENNNA, *op.cit.* p. 267.
- Fig. 145: Detalhe da capa do livro *Town Planning in Practice*, Raymond Unwin, 1909. UNWIN, *op.cit.* p. 217.
- PÁGINA 49**
- Fig. 146: *Cidade Nova*, desenho de Antonio Sant'Elia – Manifesto Futurista, 1914. CONRADS, 1990. p. 37.
- Fig. 147: Plano de Fes, Marrocos, Henri Prost, 1916. LAMAS, *op.cit.* p. 237.
- PÁGINA 50**
- Fig. 148: Capa do Catálogo da Exposição da Semana de Arte Moderna de São Paulo, 1922. PINHEIRO, *op.cit.* p. 19.
- Fig. 149: Plano de Dunkerque, França, Alfred Agache, 1922. SOUZA-LÔBO, 1995, p. 55.
- Fig. 150: Perspectiva do Porto de Niterói, Comissão de Engenheiros, 1924. COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, *op. cit.* p. 12.
- Fig. 151: Cartaz da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, Paris, 1925. CZAJKOWSKI, 1997, p. 9.
- Fig. 152: Plano de Havana, Cuba, Jean Claude Forestier, 1926. LECLERC, *op. cit.* p. 265.
- Fig. 153: Passagens separadas para pedestres e automóveis. Radburn, EUA, Clarence Stein e Henry Wright, 1928. OTTONI, *op. cit.* p. 51.
- Fig. 154: Perspectiva da proposta de ponte Rio-Niterói, ligando o Calabouço ao Gragoatá, Cortez & Bruhns, 1929. PINHEIRO, *op.cit.* p. 39.
- Fig. 155: Esboço de um edifício-viaduto para o Rio de Janeiro, Le Corbusier, 1929. CAVALCANTI, 2001, p. 17.
- PÁGINA 51**
- Fig. 156: Fachada da Vila Operária da Gamboa, RJ. Lucio Costa e Gregori Warchavchik, 1932. *Ibid.* p. 180.
- Fig. 157: Plano de Remodelação e Extensão para o Recife – Bairro de Santo Antônio, Nestor de Figueiredo, 1932. LEME, *op.cit.* p. 401.
- Fig. 158: Detalhe da capa da Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima, publicada em 1932. LIMA, *op.cit.*
- Fig. 159: Ministério da Guerra, Praça Duque de Caxias, centro, RJ. Cristiano Stockler, 1935. CHIAVARI, 1998, p. 171.
- Fig. 160: Vista da fachada noroeste e do bloco do auditório do Ministério da Educação e Saúde, Rua da

- Imprensa, centro, RJ. Le Corbusier, Lucio Costa e equipe, 1936. CZAJKOWSKI, 1999, p. 99.
- Fig. 161: Capa da primeira edição da revista *Arquitetura e Urbanismo*, 1936. PINHEIRO, *op.cit.* p. 50.
- Fig. 162: Estação Central do Brasil, Praça Cristiano Ottoni, centro, RJ. Roberto Magno de Carvalho, Gêza Heller e Adalberto Szilard, 1937. GUIMARAENS, 1994, p. 34.
- Fig. 163: Projeto da Vila Assunção, Porto Alegre / RS, Ruy de Viveiros, 1937. LEME, *op.cit.* p. 309.
- Fig. 164: Foto interna da Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont, Praça Mal. Âncora. Atílio Corrêa Lima, 1938. CAVALCANTI, *op.cit.* p. 69.
- Fig. 165: Pavilhão do Brasil em Nova Iorque, EUA, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, 1939. *Ibid.*, p. 376.
- Fig. 166: Anúncio publicitário do Loteamento Jardim Laranjeiras, RJ, 1939. OTTONI, *op.cit.* p. 32.
- PÁGINA 52**
- Fig. 167: Edifício Biarritz, Praia do Flamengo, RJ. Henri Sajous e Auguste Rendu, 1940. GUIMARAENS, *op.cit.* p. 38.
- Fig. 168: Maquete da *Grande Avenida* com o Arco do Triunfo e a Cúpula do *Reichstag*, Plano de Berlim, Alemanha. Albert Speer, 1940. LAMAS, *op.cit.* p. 243.
- Fig. 169: Sugestão de zoneamento para o Recife, Atílio Corrêa Lima, 1940. OTTONI, *op.cit.* p. 60.
- Fig. 170: *Le Modulor*, Le Corbusier, 1942. NEUFERT, 1991, p. 30.
- Fig. 171: Ministério da Fazenda, Av. Presidente Antônio Carlos, Esplanada do Castelo, RJ. Luiz de Moura, 1943. CZAJKOWSKI, 2000c, p. 48.
- Fig. 172: Plano do Aterrado Praia Grande, Niterói, Companhia Dahne e Conceição, 1943. LEME, *op.cit.* p. 330.
- Fig. 173: Aeroporto Santos Dumont, Praça Salgado Filho, centro, RJ. Marcelo e Milton Roberto, 1944. PINHEIRO, *op.cit.* p. 210.
- Fig. 174: Projeto da Av. Presidente Vargas na Revista Municipal de Engenharia, 1944. LIMA, 1992, p. 88.
- Fig. 175: Cartaz do Primeiro Congresso Brasileiro de Arquitetos, São Paulo, 1945. PINHEIRO, *op.cit.* p. 67.
- Fig. 176: Planta do Projeto de Urbanização do Bairro Saldanha da Gama, Vitória / ES, Alfred Agache, 1945. LEME, *op.cit.* Versão em CD-ROM.
- Fig. 177: Planta do térreo do Edifício do Banco Boavista, Praça Pio X, centro, RJ. Oscar Niemeyer, 1946. XAVIER, 1991, p. 57.
- Fig. 178: Vista do Bloco A do Conjunto Residencial Pedregulho (Prefeito Mendes de Moraes), Rua Capitão Félix, São Cristóvão, RJ. Affonso Eduardo Reidy, 1947. CAVALCANTI, *op.cit.* p. 37.
- Fig. 179: Plano da Cidade de Salvador, Mario Leal Ferreira – EPUCS, 1947. OTTONI, *op.cit.* p. 32.
- Fig. 180: Edifícios Nova Cintra, Bristol e Caledônia, Ruas Gago Coutinho e Paulo César de Andrade, Laranjeiras, RJ. Lucio Costa, 1948. CAVALCANTI, *op.cit.* p. 196.
- Fig. 181: Fachadas do Instituto de Puericultura e Pediatria da UFRJ, Ilha do Fundão, Jorge Machado Moreira, 1949. CZAJKOWSKI, 1999, p. 135.
- Fig. 182: Plano de conjunto da Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Jorge Machado Moreira e ETUB. *Ibid.* p. 130.
- PÁGINA 53**
- Fig. 183: Teatro Popular, Rua Gal. Cordeiro de Farias, Mal. Hermes, RJ. Affonso Eduardo Reidy, 1950. XAVIER, *op.cit.* p. 73.
- Fig. 184: Residência Walter Moreira Salles, Rua Mq. De São Vicente, Gávea, RJ. Olavo Redig, 1951. CZAJKOWSKI, 2000d, p. 95.
- Fig. 185: Organograma do Recife – Cidade Regional, em *Diretrizes para um Plano Regional para o Recife*, de Antônio Bezerra Baltar, 1951. LEME, *op.cit.* p. 431.
- Fig. 186: Edifício Marquês do Herval, Av. Rio Branco, centro, RJ. MMM Roberto, 1952. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 38.
- Fig. 187: Planta de Urbanização do Parque do Flamengo, Aterro do Flamengo, RJ. Affonso Eduardo Reidy, 1953. *Ibid.* p. 121.
- Fig. 188: Cartaz do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, São Paulo, 1954. PINHEIRO, *op.cit.* p. 86.
- Fig. 189: *Maison de France*, Av. Presidente Antônio Carlos, Esplanada do Castelo, RJ. Jacques Pilon, 1955. CZAJKOWSKI, *op.cit.* p. 31.
- Fig. 190: Edifício do Banco Aliança, Av. Presidente Vargas, centro, RJ. Lucio Costa, 1956. *Ibid.* p. 44.
- Fig. 191: Superquadra de Brasília / DF – área residencial das asas sul e norte, Oscar Niemeyer, 1956. CAVALCANTI, *op.cit.* p. 442.
- Fig. 192: Perspectiva dos ateliês da Faculdade Nacional de Arquitetura, Ilha do Fundão / RJ. Jorge Machado Moreira, 1957. CZAJKOWSKI, 1999, p. 27.
- Fig. 193: Plano piloto de Brasília, Lucio Costa, 1957. CAVALCANTI, *op.cit.* p. 426.
- Fig. 194: Esboço para a Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer, 1958. *Ibid.* p. 436.
- Fig. 195: Capa do Primeiro Boletim Mensal do IAB, Departamento do Rio de Janeiro, janeiro de 1958. PINHEIRO, *op.cit.* p. 100.
- PÁGINA 55**
- Fig. 196: Perspectiva aquarelada do centro cívico de Chicago, EUA. Daniel Burnham e Edward Bennett, 1909. DETHIER, *op.cit.* p. 174.

PÁGINA 56

Fig. 197: Desmorte do Morro do Castelo com o uso de jatos d'água bombeados do mar, 1922. LIMA, *op.cit.* p. 77.

Fig. 198: Exposição do Centenário da Independência, 1922. GERSON, 2000, il. 20.

PÁGINA 57

Fig. 199: *Batizado de Macunaíma*, pintura de Tarsila do Amaral exposta no Teatro Municipal de São Paulo durante a Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922. Enciclopédia Abril. *Semana de Arte Moderna*. Vol 11, p. 4436.

PÁGINA 58

Fig. 200: Perspectiva do Conjunto Residencial da Várzea do Carmo, São Paulo, para o Instituto de Aposentadorias dos Industriários. Atílio Corrêa Lima, 1938. MANSO, *op.cit.* p. 201.

PÁGINA 59

Fig. 201: Estação de Hidroaviões do Aeroporto Santos Dumont, Praça Mal. Âncora, centro, RJ. Atílio Corrêa Lima, 1938. XAVIER, *op.cit.* p. 44.

Fig. 202: Estação Central de Hidroaviões, que Alfred Agache havia proposto em seu plano para o Calabouço em 1930. AGACHE, *op.cit.* p. 216.

PÁGINA 61

Fig. 203: Plano Urbanístico de Canberra, Austrália. Proposta de Alfred Agache, que ficou em terceiro lugar no concurso internacional de 1912. SOUZA-LÔBO, *op.cit.* p. 55.

Fig. 204: Plano Urbanístico para a Cidade de Dunkerque, França, Alfred Agache, planta de 1922. *Ibid.* p. 55.

Fig. 205: Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Plano Agache para o Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op.cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

Fig. 206: Plano Diretor da Costa do Sol, Região Oeste de Lisboa, Portugal, Alfred Agache, 1936. SOUZA-LÔBO, *op.cit.* p. 58.

Fig. 207: Planta do Bairro Saldanha da Gama / ES, Alfred Agache, 1945. LEME, *op.cit.* Versão em CD-ROM.

Fig. 208: Plano de Interlagos / SP, Alfred Agache, 1945. Revista Acrópole, n° 22, fev. 1940.

Fig. 209: Trecho do Plano Urbanístico para Canberra, Austrália, mostrando seus sub-centros, suas avenidas radiais e perimetrais. Croqui do autor, 2001.

Fig. 210: Eixo monumental, avenidas diagonais e desenho radiocêntrico do Plano Urbanístico de Dunkerque. Croqui do autor, 2001.

Fig. 211: *Portal do Brasil*, projetado por Agache para o Rio de Janeiro. Croqui do autor, 2001.

Fig. 212: Plano de Remodelação de Carcavelos, Portugal, com extenso uso de *culs-de-sac*. Croqui do autor, 2001.

Fig. 213: Simetria, eixos visuais, traçado radial e praças rotatórias do bairro Saldanha da Gama / ES. Croqui do autor, 2001.

Fig. 214: Simetria, praça principal em semi-círculo e sistema radiocêntrico do Plano Urbanístico de Interlagos / SP. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 62

Fig. 215: Plano Geral de Remodelação da Cidade de Niterói, Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima no IUUP, 1930. LIMA, 1932, p. 7.

Fig. 216: Plano Piloto da Cidade de Goiânia / GO, Atílio Corrêa Lima, 1933. MANSO, *op.cit.* p. 113.

Fig. 217: Planta com proposta de habitação para a classe média no Recife / PE – *superblocks* com praças internas, Atílio Corrêa Lima, 1936. ACKEL, 1996, p. 133.

Fig. 218: Planta do Conjunto Residencial da Várzea do Carmo / SP, para o IAPI, Atílio Corrêa Lima, 1938. MANSO, *op.cit.* p. 201.

Fig. 219: Plano geral da usina e vila operária de Volta Redonda / RJ, Atílio Corrêa Lima, 1941. ACKEL, *op.cit.* p. 162.

Fig. 220: Perspectiva da Cidade Operária da Fábrica Nacional de Motores, Duque de Caxias / RJ. Projeto de José Luis Sert e Paul Lester Wiener, em 1943, a partir de parecer de Atílio Corrêa Lima. MANSO, *op.cit.* p. 205.

Fig. 221: Traçado radiocêntrico, *portal da cidade* e avenidas diagonais da Tese-Projeto de Atílio Corrêa Lima para Niterói. Croqui do autor, 2001.

Fig. 222: Traçado radiocêntrico, avenida monumental e centro cívico de Goiânia. Croqui do autor, 2001.

Fig. 223: Sistema de vias radiais e perimetrais no Plano de Remodelação para o Recife / PE. Croqui do autor, 2001.

Fig. 224: Autonomia dos edifícios em relação às vias, no projeto para o Conjunto Residencial da Várzea do Carmo, SP. Croqui do autor, 2001.

Fig. 225: Centro cívico de Volta Redonda / RJ e Bairro Laranjal, com traçado curvilíneo. Croqui do autor, 2001.

Fig. 226: Separação do tráfego de veículos e de pedestres no Plano da Cidade Operária da Fábrica Nacional de Motores. Croqui do autor, 2001.

PÁGINA 63

Fig. 227: Detalhe da fachada da Diretoria de Segurança Pública e Serviços Sanitários de Goiânia, estudo preliminar não executado, Atílio Corrêa Lima, 1934. MANSO, *op.cit.* p. 171.

Fig. 228: Vista do Palácio do Governo de Goiânia ainda em construção, 1936. Projeto de Atílio Corrêa Lima, 1934-35. *Ibid.* p. 103.

PÁGINA 64

Fig. 229: Perspectiva do Plano de Washington, Comissão McMillan, 1901. LECLERC, *op.cit.* p. 40.

PÁGINA 65

- Fig. 230: Vista aérea de Letchworth, Inglaterra – praça principal e as avenidas que dela se irradiam. Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. OTTONI, *op.cit.* p. 8.
- Fig. 231: Detalhe da planta de Letchworth, Inglaterra – sub-centro irradiante. Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. Planta original, *First Garden City Heritage Museum*, Letchworth, Inglaterra. DETHIER, *op.cit.* p. 179.
- Fig. 232: Detalhe da planta de Letchworth, Inglaterra – sub-centro irradiante. Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. Planta publicada no *Town Planning in Practice*, de 1909. LAMAS, *op.cit.* p. 253.
- Fig. 233: Detalhe da planta de Welwyn, Inglaterra – sub-centro irradiante. Louis de Soissons, 1920. OTTONI, *op.cit.* p. 10.
- Fig. 234: Detalhe da planta de Manheim, Alemanha – sub-centro irradiante. Joseph Stübben. UNWIN, *op.cit.* p. 61.
- Fig. 235: Detalhe da planta de Karlsruhe, Alemanha – sub-centro irradiante. Joseph Stübben, 1893. MANSO, *op.cit.* p. 110.
- Fig. 236: Detalhe da planta de Haia, Holanda – sub-centro irradiante. Hendrik Berlage, 1908. LAMAS, *op.cit.* p. 233.
- Fig. 237: Detalhe da planta de Haia, Holanda – sub-centro irradiante. Hendrik Berlage, 1908. *Ibid.* p. 233.
- Fig. 238: Detalhe da planta de Port Sunlight, Inglaterra – sub-centro irradiante. Edwin Lutyens, William Owen e Ernest Nexton, 1888. *Ibid.* p. 209.
- Fig. 239: Detalhe da perspectiva de *The Town Extension Plan* – sub-centro irradiante. A. H. Mottram, 1912. DETHIER, *op.cit.* p. 179.
- Fig. 240: Detalhe da planta de Washington, EUA – sub-centro irradiante. L'Enfant, 1791. BARNETT, *op.cit.* p. 48.
- Fig. 241: Detalhe da planta de Washington, EUA – sub-centro irradiante. Plano McMillan, 1901. *Ibid.* p. 56.
- Fig. 242: Detalhe da planta de San Francisco, EUA – sub-centro irradiante. Daniel Burnham, 1906. MANSO, *op.cit.* p. 146.
- Fig. 243: Detalhe da planta da Cidade-Jardim da Grande Paris, França – sub-centro irradiante. De Rutté, Brassompierre, Sirvin e Peyreret-Dortail, 1919. DETHIER, *op.cit.* p. 188.
- Fig. 244: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – sub-centro irradiante. Eiel Saarinen, 1912. Disponível em:

<http://www.scandinaviandesign.com/eliisaarinen>, acessado em 25.06.01.

- Fig. 245: Detalhe da perspectiva da Praça da República, Berlim, Alemanha – sub-centro irradiante. Hans Poelzig, 1930. DETHIER, *op.cit.* p. 310.
- Fig. 246: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – sub-centro irradiante. Walter Griffin, 1912. *Ibid.* p. 167.
- Fig. 247: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – sub-centro irradiante. Walter Griffin, 1912. LECLERC, *op.cit.* p. 266.
- Fig. 248: Detalhe da planta de Havana, Cuba – sub-centro irradiante. Jean Claude Forestier, 1926. *Ibid.* p. 265.
- Fig. 249: Detalhe da planta de Sevilha, Espanha – sub-centro irradiante. Jean Claude Forestier, 1924. *Ibid.* p. 119.
- Fig. 250: Detalhe da planta de Sevilha, Espanha – sub-centro irradiante. Jean Claude Forestier, 1924. *Ibid.* p. 119.
- Fig. 251: Detalhe da planta de Rabat, Marrocos – sub-centro irradiante. Henri Prost, 1917. *Ibid.* p. 201.
- Fig. 252: Detalhe da planta de Rabat, Marrocos – sub-centro irradiante. Henri Prost, 1917. *Ibid.* p. 201.
- Fig. 253: Detalhe da planta de Petit-Jean, Marrocos – sub-centro irradiante. Henri Prost, 1926. LAMAS, *op.cit.* p. 237.
- Fig. 254: Detalhe da planta de Kenitra, Marrocos – sub-centro irradiante. Henri Prost, 1926. *Ibid.* p. 237.
- Fig. 255: Detalhe da planta de Paris, França – sub-centro irradiante. Henri Prost, 1926. COHEN, *op.cit.* p. 22.
- Fig. 256: Detalhe da planta de Barcelona, Espanha – sub-centro irradiante. Léon Jaussely, 1904. DETHIER, *op.cit.* p. 123.
- Fig. 257: Detalhe da planta de Paris, França – sub-centro irradiante. Louis Bonnier, 1924. LECLERC, *op.cit.* p. 164.
- Fig. 258: Detalhe da planta de Ancara, Turquia – sub-centro irradiante. Léon Jaussely, 1925. LAMAS, *op.cit.* p. 258.
- Fig. 259: Detalhe da Planta de Remodelação do Estoril, Portugal – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1936. SOUZA-LÔBO, *op.cit.* p. 64.
- Fig. 260: Detalhe da planta de Vitória / ES – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1945. LEME, *op.cit.* Versão em CD-ROM.
- Fig. 261: Detalhe da planta de Interlagos / SP – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1945. Revista Acrópole, n° 22, fev. 1940.
- Fig. 262: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1912. SOUZA-LÔBO, *op.cit.* p. 55.

- Fig. 263: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1912. *Ibid.* p. 55.
- Fig. 264: Detalhe da planta de Dunkerque, França – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1922. *Ibid.* p. 55.
- Fig. 265: Detalhe da planta de Dunkerque, França – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1922. *Ibid.* p. 55.
- Fig. 266: Detalhe da planta de Dunkerque, França – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1922. *Ibid.* p. 55.
- Fig. 267: Detalhe da planta de Dunkerque, França – sub-centro irradiante. Alfred Agache, 1922. *Ibid.* p. 55.
- Fig. 268: Detalhe da planta de um Novo Arrabalde em Vitória / ES – sub-centro irradiante. Saturnino de Brito, 1896. SITTE, *op. cit.* p. 224,225.
- Fig. 269: Detalhe da planta de Belo Horizonte / MG – sub-centro irradiante. Comissão chefiada por Aarão Reis, 1897. OTTONI, *op. cit.* p. 26.
- Fig. 270: Detalhe da planta de Santos / SP – sub-centro irradiante. Saturnino de Brito, 1910. SITTE, *op. cit.* p. 224,225.
- Fig. 271: Detalhe da planta do bairro de Santo Antônio, Recife / PE – sub-centro irradiante. Nestor de Figueiredo, 1927. LEME, *op. cit.* p. 291.
- Fig. 272: Detalhe da planta de Gravataí / RS – sub-centro irradiante. Luiz Ubatuba de Faria, 1936. *Ibid.* p. 311.
- Fig. 273: Detalhe da planta do bairro de Santo Antônio, Recife / PE – sub-centro irradiante. Atílio Corrêa Lima, 1936. *Ibid.* p. 405.
- Fig. 274: Detalhe da planta de Goiânia / GO – sub-centro irradiante. Atílio Corrêa Lima, 1933. MANSO, *op. cit.* p. 101.
- Fig. 275: Detalhe da planta de Goiânia / GO – sub-centro irradiante. Atílio Corrêa Lima, 1933. Croqui do autor, 2001.
- Fig. 276: Detalhe da planta de Goiânia / GO – sub-centro irradiante. Atílio Corrêa Lima, 1933. MANSO, *op. cit.* p. 102.
- Fig. 277: Detalhe da planta de Goiânia / GO – sub-centro irradiante. Armando de Godoy, 1936. *Ibid.* p. 288.
- Fig. 278: Detalhe da planta de Goiânia / GO – sub-centro irradiante. Armando de Godoy, 1936. OTTONI, *op. cit.* p. 28.
- Fig. 279: Detalhe da planta de Volta Redonda / RJ – sub-centro irradiante. Atílio Corrêa Lima, 1941. ACKEL, *op. cit.* p. 163.
- PÁGINA 66**
- Fig. 280: Praça do Anhangabaú / SP, Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo, Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* planta III.
- PÁGINA 67**
- Fig. 281: Esquema teórico de Paris, França, com as novas avenidas radiais. Eugène Hénard, 1909. HÉNARD, *op. cit.* p. 221.
- Fig. 282: Esquema teórico de Berlim, Alemanha, com as novas avenidas radiais. Eugène Hénard, 1909. *Ibid.*, p. 221.
- Fig. 283: Esquema teórico de São Paulo, com as novas avenidas radiais. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* p. 51.
- Fig. 284: Esquema teórico do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 137.
- Fig. 285: Esquema teórico de São Paulo, com seu sistema radial-perimetral. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* p. 52.
- Fig. 286: Esquema teórico de Chicago, EUA. Daniel Burnham e Edward Bennett, 1909. LECLERC, *op. cit.* p. 266.
- Fig. 287: Esquema teórico de Porto Alegre, com seu sistema radial-perimetral, Engenheiro Edvaldo Pereira Paiva, 1938. LEME, *op. cit.* p. 344.
- PÁGINA 68**
- Fig. 288: Detalhe da *Planta Geral dos Melhoramentos Centrais de São Paulo* – avenida em Y. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* planta em anexo.
- Fig. 289: Detalhe da planta de *Urbanização Geral das Várzeas do Rio Tietê* – avenida em Y. Prestes Maia, 1930. *Ibid.* planta XV.
- Fig. 290: Detalhe do Plano de Nova Dehli, Índia – avenidas em Y. Sir Edwin Lutyens, 1913. LAMAS, *op. cit.* p. 241.
- Fig. 291: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – avenidas em Y. Eliel Saarinen, 1912. Disponível em: <http://www.scandinaviandesign.com/elielsaarinen>, acessado em 25.06.01.
- Fig. 292: Detalhe do Plano de Meckra-bel-Ksiri, Marrocos – avenidas em Y. Henri Prost, 1914. LAMAS, *op. cit.* p. 237.
- Fig. 293: Perspectiva do Plano de Remodelação e Extensão para o Recife / PE – avenida em Y no bairro de Santo Antônio. Nestor de Figueiredo, 1932. LEME, *op. cit.* p. 401.
- Fig. 294: Detalhe da planta de Hampstead Garden Suburb, Londres – avenida em Y. Raymond Unwin e Barry Parker, 1905. HOWARD, 1998, p. 130,131.
- Fig. 295: Detalhe da perspectiva de Mukkiniemi-Haaga – avenida em Y. Eliel Saarinen, 1915. DETHIER, *op. cit.* p. 147.
- Fig. 296: Detalhe da Planta de Canberra, Austrália – avenida em Y. Alfred Agache, 1912. SOUZA-LÔBO, *op. cit.* p. 55.

- Fig. 297: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – avenida em Y no *Portal do Brasil*. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 298: Detalhe da perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – avenida em Y no *Portal do Brasil*. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
- Fig. 299: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – avenida em Y em Del Castilho. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 300: Detalhe da Planta de Remodelação de Oeiras, Portugal – avenida em Y. Alfred Agache, 1936. SOUZA-LÔBO, *op. cit.* p. 62.
- Fig. 301: Detalhe da Planta de Remodelação de Oeiras, Portugal – avenida em Y. Alfred Agache, 1936. *Ibid.* p. 62.
- Fig. 302: Detalhe da Planta de Remodelação de Caxias, Portugal – avenida em Y. Alfred Agache, 1936. *Ibid.* p. 62.
- Fig. 303: Detalhe da Planta de Interlagos / SP – avenida em Y. Alfred Agache, 1945. Revista Acrópole, n° 22, fev. 1940.
- Fig. 304: Detalhe da Planta de Santos / SP – avenida em Y. Saturnino de Brito, 1910. SITTE, *op. cit.* p. 224,225.
- Fig. 305: Vista aérea de Amsterdã-Sul, Holanda – avenida em Y (Amstellaan). Hendrik Berlage, 1915 (foto da década de 1930). GIEDION, *op. cit.* p. 801.
- Fig. 306: Detalhe da planta de Amsterdã-Sul, Holanda – avenida em Y junto à estação ferroviária. Hendrik Berlage, 1915. *Ibid.* p. 800.
- Fig. 307: Detalhe da planta de Amsterdã-Sul – avenida em Y (Amstellaan). Hendrik Berlage, 1915. *Ibid.* p. 800.
- Fig. 308: Detalhe da planta de Hampstead Garden Suburb, Londres – avenida em Y. Raymond Unwin e Barry Parker, 1905. BARNETT, *op. cit.* p. 96.
- PÁGINA 69**
- Fig. 309: Estação ferroviária central às margens do Rio Tietê, SP. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* planta I.
- PÁGINA 70**
- Fig. 310: Planta Geral de Remodelação das Zonas Centrais do Rio de Janeiro. José Cortez e Ângelo Bruhns, 1915. Revista da Semana. O Plágio no Urbanismo do Sr. Agache. 22 dez 1928.
- PÁGINA 71**
- Fig. 311: Esquema do Plano Agache para a área de aterro do Saco da Glória. Agache, 1928. *Ibid.*
- Fig. 312: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro, com os arruamentos da zona conquistada à baía e da área do Morro do Castelo. Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 313: Detalhe da perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – *Portal do Brasil*. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
- PÁGINA 72**
- Fig. 314: Esquema do projeto para a área de aterro do Saco da Glória. José Cortez e Ângelo Bruhns, 1921. Revista da Semana. O Plágio no Urbanismo do Sr. Agache. 22 dez 1928.
- Fig. 315: Plano parcial dos arruamentos da zona conquistada à baía e da área do Morro do Castelo. José Cortez e Ângelo Bruhns, 1921. *Ibid.*
- Fig. 316: Perspectiva da Praça Monumental sobre a Guanabara. José Cortez e Ângelo Bruhns, 1921. *Ibid.*
- PÁGINA 73**
- Fig. 317: Anteprojeto de um Sistema de Avenidas e Parques para a Cidade de Havana, Cuba. Jean Claude Forestier, 1926. LECLER, *op. cit.* p. 265.
- PÁGINA 74**
- Fig. 318: Projeto para praça de estação ferroviária, Raymond Unwin. UNWIN, *op. cit.* p. 149.
- Fig. 319: Detalhe da planta de Letchworth, Inglaterra – *portal da cidade*. Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. Planta publicada no *Town Planning in Practice*, de 1909. LAMAS, *op. cit.* p. 253.
- Fig. 320: Vista aérea de Letchworth, Inglaterra, com a estação ferroviária ao fundo em ligação direta com a praça central. Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. OTTONI, *op. cit.* p. 8.
- Fig. 321: Detalhe da planta de Welwyn, Inglaterra – estação ferroviária como *portal da cidade*. Louis de Soissons, 1920. *Ibid.* p. 10.
- Fig. 322: Detalhe da planta de Radburn, New Jersey, EUA – estação ferroviária como *portal da cidade*. Clarence Stein e Henry Wright, 1928. *Ibid.* p. 51.
- Fig. 323: Detalhe da planta de Karlsruhe, Alemanha – estação ferroviária como *portal da cidade*. Joseph Stübben, 1893. MANSO, *op. cit.* p. 110.
- Fig. 324: Plano de Nova Dehli, Índia – estação ferroviária como *portal da cidade*. Sir Edwin Lutyens, 1913. LAMAS, *op. cit.* p. 241.
- Fig. 325: Detalhe da planta de Fes, Marrocos – estação ferroviária como *portal da cidade*. Henri Prost, 1926. *Ibid.* p. 237.
- Fig. 326: Detalhe do Plano de Meckra-bel-Ksiri, Marrocos – estação ferroviária como *portal da cidade*. Henri Prost, 1914. *Ibid.* p. 237.

- Fig. 327: Detalhe da planta de Kenitra, Marrocos – estação ferroviária como *portal da cidade*. Henri Prost, 1926. *Ibid.* p. 237.
- Fig. 328: Detalhe do Plano de Meckra-bel-Ksiri, Marrocos – porto fluvial como *portal da cidade*. Henri Prost, 1914. *Ibid.* p. 237.
- Fig. 329: Detalhe do Plano de Meknes, Marrocos – estação ferroviária como *portal da cidade*. Henri Prost, 1926. LECLER, *op.cit.* p. 201.
- Fig. 330: Detalhe da planta de Rabat, Marrocos – estação ferroviária como *portal da cidade*. Henri Prost, 1917. *Ibid.* p. 201.
- Fig. 331: Perspectiva do Projeto de Alargamento e Prolongamento de um Boulevard pela demolição da muralha de entorno – porto como *portal da cidade*. Henri Prost, 1914. DETHIER, *op.cit.* p. 172.
- Fig. 332: Detalhe da planta de Petit-Jean, Marrocos – estação ferroviária como *portal da cidade*. Henri Prost, 1926. LAMAS, *op. cit.* p. 237.
- Fig. 333: Detalhe da planta de Ancara, Turquia – estação ferroviária como *portal da cidade*. Léon Jaussely, 1925. *Ibid.* p. 258.
- Fig. 334: Detalhe da perspectiva de uma cidade do futuro – estação ferroviária como *portal da cidade*. Eugène Hénard, 1909. HÉNARD, *op.cit.* p. 358.
- Fig. 335: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – estação ferroviária como *portal da cidade*. Eliel Saarinen, 1912. Disponível em: <http://www.scandinaviandesign.com/eliisaarinen>, acessado em 25.06.01.
- Fig. 336: Perspectiva aérea do Plano de Filadélfia, EUA – estação ferroviária como *portal da cidade*. Jacques Gréber, 1919. BACON, 1978, p. 300.
- Fig. 337: Perspectiva da Avenida Costeira. Projeto Orgânico para a Urbanização do Município de Buenos Aires, Argentina – marina para recepção de personalidades ilustres, *portal da cidade*. Jean Claude Forestier, 1924. LECLERC, *op.cit.* p. 217.
- Fig. 338: Detalhe da planta de Havana, Cuba – estação ferroviária como *portal da cidade*. Jean Claude Forestier, 1926. *Ibid.* p. 265.
- Fig. 339: Detalhe do Plano de Expansão do Norte de Lisboa – estação ferroviária como *portal da cidade* e suas ligações com os pontos nodais da cidade. Jean Claude Forestier, 1925. LAMAS, *op.cit.* p. 282.
- Fig. 340: Sala de visitas de São Paulo. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op.cit.* planta V.
- Fig. 341: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – Estação Ferroviária da Leopoldina como *portal da cidade*, em frente à Praça da Bandeira. Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 342: Perspectiva da Praça Renascença, com os armazéns do porto e a estação ferroviária como *portal da cidade*. Engenheiros do Plano do Porto de Niterói e Obras Anexas, 1924. COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, *op. cit.* p. 29.
- Fig. 343: Detalhe da planta do Porto de Niterói e Obras Anexas – *portal da cidade*. Comissão de engenheiros, 1924. *Ibid.* p. 12.
- Fig. 344: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – praça de chegada da futura Ponte Rio-Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7.
- Fig. 345: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – estação ferroviária e porto como *portais da cidade*. Atílio Corrêa Lima, 1930. *Ibid.* p. 7.
- Fig. 346: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – desembarcadouro de honra, *portal da cidade*. Atílio Corrêa Lima, 1930. *Ibid.* p. 7.
- Fig. 347: Planta do centro cívico de Niterói – *portal da cidade*. Atílio Corrêa Lima, 1930. *Ibid.* p. 62.
- PÁGINA 75**
- Fig. 348: Perspectiva aquarelada do Plano de Chicago, EUA – porto e desembarcadouro de honra como *portal da cidade*. Daniel Burnham e Edward Bennett, 1909. DETHIER, *op.cit.* p. 175.
- Fig. 349: Perspectiva das Estações Reunidas, SP. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op.cit.* planta XI.
- Fig. 350: Perspectiva do Plano de Extensão de Amsterdã-Sul, Holanda, a partir do porto. Hendrik Berlage, 1915. DETHIER, *op.cit.* p. 149.
- Fig. 351: Perspectiva do Plano de Extensão de Amsterdã-Sul a partir da Estação ferroviária. Hendrik Berlage, 1915. *Ibid.* p. 148.
- Fig. 352: Detalhe da planta do Plano de Extensão de Amsterdã-Sul. GIEDION, *op.cit.* p. 800.
- Fig. 353: Perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – *Portal do Brasil*. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
- Fig. 354: Perspectiva da *Cidade Mundial*. Ernest Hébrard e Hendrik Andersen, 1913. DETHIER, *op.cit.* p. 120.
- PÁGINA 76**
- Fig. 355: Detalhe da planta do Porto de Niterói e Obras Anexas – *Portal da Cidade*. Comissão de engenheiros, 1924. COMISSÃO CONSTRUCTORA DO

- PORTO DE NICTEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, *op. cit.* p. 12.
- PÁGINA 77**
Fig. 356: Detalhe da Planta Geral de Remodelação de Niterói – *Portal da Cidade*. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7.
- PÁGINA 78**
Fig. 357: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – *Portal da Cidade*. Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- PÁGINA 79**
Fig. 358: Diagrama n° 7, representando um agrupamento de cidades segundo os princípios das cidades-jardim. Ebenezer Howard, 1898. HOWARD, 1996, p. 204.
- PÁGINA 80**
Fig. 359: Planta geral de Radburn, New Jersey, EUA. Clarence Stein e Henry Wright, 1928. OTTONI, *op. cit.* p. 51.
Fig. 360: *Cul-de-sac* em Radburn, New Jersey, EUA. Clarence Stein e Henry Wright, 1928. BARNETT, *op. cit.* p. 103.
- PÁGINA 81**
Fig. 361: Esquema e fórmula matemática para o cálculo das larguras das vias de praças rotatórias, Eugène Hénard, 1906. HÉNARD, *op. cit.* p. 282.
Fig. 362: Trajetos de veículos nos cruzamentos livres, Eugène Hénard, 1909. *Ibid.* p. 267.
Fig. 363: *Carrefour à Giration*, esquema de praça rotatória. Eugène Hénard, 1909. *Ibid.* p. 279.
Fig. 364: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – praça rotatória no centro governamental. Walter Griffin, 1912. LECLERC, *op. cit.* p. 266.
Fig. 365: Praça rotatória no centro governamental de Canberra, Austrália, vista do Monte Ainslie. TOY, *op. cit.* p. 92.
Fig. 366: Detalhe da planta de Paris, França – praça rotatória. Henri Prost, 1926. COHEN, *op. cit.* p. 22.
Fig. 367: Detalhe do Plano de Meckra-bel-Ksiri, Marrocos – praça rotatória. Henri Prost, 1914. LAMAS, *op. cit.* p. 237.
Fig. 368: Detalhe da planta de Kenitra, Marrocos – praça rotatória. Henri Prost, 1926. *Ibid.* p. 237.
Fig. 369: Detalhe da planta de Petit-Jean, Marrocos – praça rotatória. Henri Prost, 1926. *Ibid.* p. 237.
Fig. 370: Detalhe da planta de Rabat, Marrocos – praça rotatória. Henri Prost, 1917. LECLERC, *op. cit.* p. 201.
Fig. 371: Detalhe da planta de Ancara, Turquia – praça rotatória. Léon Jaussely, 1925. LAMAS, *op. cit.* p. 258.
Fig. 372: Detalhe da planta parcial de Filadélfia, EUA – praça rotatória. Jacques Gréber, 1919. LORTIE, *op. cit.* p. 93.
Fig. 373: Detalhe do Plano de Extensão de Haia, Holanda – praça rotatória. Hendrik Berlage, 1908. LAMAS, *op. cit.* p. 233.
Fig. 374: Detalhe da perspectiva do Plano de Washington, EUA – praça rotatória. Comissão McMillan, 1901. LECLERC, *op. cit.* p. 40.
Fig. 375: Detalhe da perspectiva aérea da *Cidade Mundial* – praça rotatória. Hendrik Andersen e Ernest Hébrard, 1913. DETHIER, *op. cit.* p. 164.
Fig. 376: Detalhe da planta de Port Sunlight, Inglaterra – praça rotatória. Edwin Lutyens, Willian Owen e Ernest Nexton, 1888. LAMAS, *op. cit.* p. 209.
Fig. 377: Detalhe da planta de Paris, França – praça rotatória. Louis Bonnier, 1924. LECLERC, *op. cit.* p. 164.
Fig. 378: Detalhe do Plano de Expansão do Norte de Lisboa, Portugal – praça rotatória. Jean Claude Forestier, 1925. LAMAS, *op. cit.* p. 282.
Fig. 379: Detalhe da planta de Havana, Cuba – praça rotatória. Jean Claude Forestier, 1926. *Ibid.* p. 265.
Fig. 380: Detalhe da Vila Jardim Ypiranga, na Alameda São Boaventura, Niterói – praça rotatória. Engenheiros do Plano do Porto de Niterói e Obras Anexas, 1927. COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, *op. cit.* p. 79.
Fig. 381: Vista aérea do centro urbano de Belo Horizonte / MG – praça rotatória Raul Soares, interceptada pelas avenidas diagonais do plano urbanístico (data aproximada da foto: 1936). Comissão chefiada por Aarão Reis, 1897. LEME, *op. cit.* p. 125.
Fig. 382: Detalhe do Plano de Filadélfia, EUA – praça rotatória. Jacques Gréber, 1919. MAIA, *op. cit.* p. 88.
Fig. 383: Detalhe do Projeto de Avenida sobre as Fortificações de Paris, França, laureado no Concurso para o Plano de Extensão de Paris – praça rotatória. Jacques Gréber, 1919. COHEN, *op. cit.* p. 55.
Fig. 384: Detalhe da planta de Canberra, Austrália – praça rotatória. Alfred Agache, 1912. SOUZA-LÔBO, *op. cit.* p. 55.
Fig. 385: Detalhe da planta de Dunkerque, França – praça rotatória. Alfred Agache, 1922. *Ibid.* p. 55.
Fig. 386: Detalhe da Perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – praça rotatória. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
Fig. 387: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – Praça da Bandeira.

- Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 388: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – praça rotatória. Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 389: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – praça rotatória. Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 390: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – praça rotatória no novo bairro da Lagoa. Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 391: Detalhe da planta do centro comercial de Niterói – praça rotatória. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 45.
- Fig. 392: Detalhe da Planta Geral de Remodelação de Niterói – praça rotatória. Atílio Corrêa Lima, 1930. *Ibid.* p. 7.
- Fig. 393: Detalhe da planta de Goiânia / GO – praça rotatória. Armando de Godoy, 1936. OTTONI, *op. cit.* p. 28.
- Fig. 394: Detalhe da planta do núcleo da Vila Operária de Volta Redonda / RJ – praça rotatória. Atílio Corrêa Lima, 1941. COSTA, 1990, il. 31.
- Fig. 395: Detalhe da planta da Praça da Estrela, SP. Prestes Maia, 1930. MAIA, *op. cit.* planta VI.
- Fig. 396: Detalhe da planta de Santos / SP – praça rotatória. Saturnino de Brito, 1910. SITTE, *op. cit.* p. 224,225.
- Fig. 397: Detalhe da planta do Novo Arrabalde, Vitória / ES – praça rotatória. Saturnino de Brito, 1896. LEME, *op. cit.* p. 185.
- Fig. 398: Detalhe da planta da Cidade da Luz, nos arredores de Salvador / BA – praça rotatória. Teodoro Sampaio, 1919. *Ibid.* p. 319.
- PÁGINA 82**
- Fig. 399: *Cul-de-sac* em Letchworth, Inglaterra. Raymond Unwin e Barry Parker, 1903. UNWIN, *op. cit.* p. 302.
- Fig. 400: *Cul-de-sac* em Hampstead Garden Suburb, Inglaterra. Raymond Unwin e Barry Parker, 1905. *Ibid.* p. 309.
- Fig. 401: *Culs-de-sac* em Welwyn, Inglaterra. Louis de Soissons, 1920. BARNETT, *op. cit.* p. 103.
- Fig. 402: Projeto do Jardim América, SP, com seus jardins internos às quadras. Raymond Unwin e Barry Parker, 1919. LEME, *op. cit.* p. 302.
- Fig. 403: Detalhe da planta de 1941 do Jardim América / SP, com a substituição dos jardins internos às quadras por *culs-de-sac* e mais lotes. OTTONI. *op. cit.* p. 22.
- Fig. 404: Detalhe da planta de Welwyn, Inglaterra – *culs-de-sac*. Louis de Soissons, 1920. *Ibid.* p. 10.
- Fig. 405, 406 e 407: Diversos *culs-de-sac* em Welwyn, Inglaterra. Louis de Soissons, 1920. LAMAS, *op. cit.* p. 314.
- Fig. 408: *Cul-de-sac* em Radburn, New Jersey, EUA. Clarence Stein e Henry Wright, 1928. OTTONI, *op. cit.* p. 51.
- Fig. 409: Perspectiva de Wythenshawe, Manchester, Inglaterra. Barry Parker. BARNETT, *op. cit.* p. 103.
- Fig. 410: Estudo de vila operária para o Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* apenso – Legislação e Regulamentos, p. XXVII.
- Fig. 411: Propostas de *culs-de-sac* e passagens de pedestres através das quadras, RJ. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 323.
- Fig. 412, 413 e 414: Vários jardins internos e *culs-de-sac* no bairro do Leblon, Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 202.
- Fig. 415: *Culs-de-sac* em Carcavelos, Portugal. Alfred Agache, 1936. SOUZA-LÔBO, *op. cit.* p. 63.
- Fig. 416: Vila Jardim Ypiranga, na Alameda São Boaventura, Niterói – jardins internos às quadras para uso exclusivo dos moradores. Engenheiros do Plano do Porto de Niterói e Obras Anexas, 1927. COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO, *op. cit.* p. 79.
- Fig. 417: Detalhe da planta de Goiânia / GO – *culs-de-sac*. Armando de Godoy, 1936. OTTONI, *op. cit.* p. 28.
- Fig. 418: Planta com proposta de habitação para a classe média no Recife / PE – *superblocks* com praças internas, Atílio Corrêa Lima, 1936. ACKEL, *op. cit.* p. 133.
- PÁGINA 83**
- Fig. 419: Projeto de Melhoramentos dos bairros Lagoa e Leblon, Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 202.
- PÁGINA 85**
- Fig. 420: Sistema de espaços livres para o Departamento da *Seine*, França. Comissão de Extensão de Paris, da qual participaram os professores do *IUUP* Marcel Pöete e Louis Bonnier, 1913. LECLERC, *op. cit.* p. 160.
- Fig. 421: Sistema de espaços livres para a cidade de Paris, França. Eugène Hénard, 1903-1909. HÉNARD, *op. cit.* p. 78-79.
- Fig. 422: Sistema de espaços livres para o Departamento da *Seine*, França. Jean Claude Forestier, 1924. LECLERC, *op. cit.* p. 158.
- Fig. 423: Sistema de espaços livres para Niterói, Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 72.

Fig. 424: Sistema de espaços livres para a Cidade do Rio de Janeiro, com suas áreas de abrangência. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 206.

Fig. 425: Sistema de espaços livres do Plano de Filadélfia, EUA, ligados entre si por avenidas diagonais. Jacques Gréber, 1919. MAIA, *op. cit.* p. 88.

Capítulo 4

PÁGINA 88

Fig. 426: Vista aérea de Canberra, Austrália. Perspectiva aquarelada elaborada para o Concurso Internacional da Nova Capital Federal da Austrália. Alfred Agache, 1912. DETHIER, *op. cit.* p. 166.

PÁGINA 96

Fig. 427: Planta da Baía do Rio de Janeiro (Coleção da Biblioteca Nacional). AGACHE, *op. cit.* p. 53.

Fig. 428: Panorama da cidade do Rio de Janeiro, desenho de Desmond, 1854 (Coleção da Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 64.

Fig. 429: Botafogo, o Corcovado. Desenho de Maurice Rugendas, 1835 (Coleção Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 49.

Fig. 430: Panorama da Cidade do Rio de Janeiro em 1854. (Coleção da Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 67.

Fig. 431: O Príncipe Regente D. João VI passa em revista a guarnição do Rio de Janeiro. (Coleção do Museu Histórico Nacional). *Ibid.* p. 63.

Fig. 432: Panorama da Cidade do Rio de Janeiro em 1854. (Coleção da Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 61.

Fig. 433: Festa veneziana em honra de D. João VI. (Coleção Museu Histórico). *Ibid.* p. 60.

Fig. 434: Glória. Desenho de Moreau, 1845 (Coleção da Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 50.

Fig. 435: Arcos da Carioca e Lagoa do Boqueirão, vistos da Lapa, na época da Colônia. Óleo atribuído a Leandro Joaquim, fim do séc. XVIII. (Coleção do Museu Histórico). *Ibid.* p. 56.

Fig. 436: A Lapa, a Rua do Ouvidor. Desenho de Moreau, 1845 (Coleção da Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 59.

Fig. 437: Largo da Misericórdia. Desenho de Moreau, 1845 (Coleção da Biblioteca Nacional). *Ibid.* p. 57.

PÁGINA 97

Fig. 438: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa A: *Contorno geográfico antes da formação geológica da parte plana da cidade.* *Ibid.* p. 78.

Fig. 439: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa B: *Contorno geográfico na época da fundação da cidade (1567).* *Ibid.* p. 79.

Fig. 440: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa C: *A cidade desce para a parte plana.* *Ibid.* p. 80.

Fig. 441: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa D: *A cidade definitivamente estabelecida na planície (1700).* *Ibid.* p. 81.

Fig. 442: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa E: *Primeira expansão para Oeste (1770).* *Ibid.* p. 82.

Fig. 443: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa F: *Continuação da expansão para Oeste (1808).* *Ibid.* p. 83.

Fig. 444: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa G: *Saneamento e modernização da cidade colonial por Pereira Passos e Paulo de Frontin (1904-1906).* *Ibid.* p. 85.

Fig. 445: Série de mapas históricos mostrando a evolução histórica da cidade do Rio de Janeiro. Mapa H: *A cidade desenvolvendo-se para os vales (1920).* *Ibid.* p. 87.

PÁGINA 98

Fig. 446: Planta da Cidade de Niterói em 1833, com as primeiras vias. LIMA, *op. cit.* p. 29.

Fig. 447: Planta com a evolução do contorno do terreno da cidade de Niterói em três etapas diferentes. *Ibid.* p. 11.

Fig. 448: Planta com a situação geográfica da cidade de Niterói em relação ao Rio de Janeiro. *Ibid.* p. 86.

Fig. 449: Planta com os municípios do Rio de Janeiro e Niterói. *Ibid.* p. 33.

Fig. 450: Colagem de fotos aéreas do Serviço Geográfico do Exército Brasileiro, mostrando o município de Niterói. *Ibid.* p. 10.

Fig. 451: Planta com a intensidade do movimento de bondes na cidade de Niterói. *Ibid.* p. 92.

Fig. 452: Planta com os meios de transportes entre as cidades de Niterói e Rio de Janeiro. *Ibid.* p. 82.

PÁGINA 99

Fig. 453: Gráfico com dados demográficos da população de Niterói: comparação entre as curvas de natalidade, mortalidade e *índice vital.* *Ibid.* p. 17.

Fig. 454: Gráfico com dados demográficos da população de Niterói: principais doenças. *Ibid.* p. 18.

Fig. 455: Gráfico com dados demográficos da população de Niterói: aumento da população – 1890-1929. *Ibid.* p. 14.

- Fig. 456: Gráfico com dados demográficos da população de Niterói: comparação entre as curvas de crescimento populacional e de habitação. *Ibid.* p. 63.
- Fig. 457: Gráfico com a curva de crescimento populacional da cidade do Rio de Janeiro – 1585-1926. AGACHE, *op. cit.* p. 96.
- Fig. 458 e 459: Gráficos com o crescimento demográfico de seis capitais no mundo – 1750-1930. *Ibid.* p. 101.
- PÁGINA 100**
Fig. 460: Corte transversal do túnel ligando o Calabouço e o Gragoatá, com o mesmo sistema de aeração utilizado no túnel entre Nova Iorque e Nova Jersey, EUA. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA. *op. cit.* p. 33.
- PÁGINA 101**
Fig. 461: Planta de Zoneamento para a cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 219 e p. 220.
- PÁGINA 102**
Fig. 462: Planta de Zoneamento existente na cidade de Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA. *op. cit.* p. 58.
Fig. 463: Planta de Zoneamento proposto para a cidade de Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930. *Ibid.* p. 77.
- PÁGINA 104**
Fig. 464: Planta com a organização provisória do distrito bancário. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 171.
Fig. 465: Planta do estado encontrado por Agache nos loteamentos de um quarteirão no distrito bancário. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 172.
Fig. 466: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito bancário – planta do pavimento-tipo. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 175.
Fig. 467: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito bancário – planta do térreo. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 173.
Fig. 468: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito bancário – planta do subsolo (garagem). Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 174.
Fig. 469: Proposta de um edifício segundo os novos regulamentos para o distrito bancário – perspectiva axonométrica. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 176.
- PÁGINA 105**
Fig. 470: Detalhe da perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – Convento de Santo Antônio, Largo da Carioca. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
Fig. 471: Detalhe da perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – reurbanização do entorno do Aqueduto da Carioca. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
- Fig. 472: Detalhe da perspectiva aérea do *Centro Monumental e dos Bairros de Intercâmbio e de Negócios* do Rio de Janeiro – grande praça quadrada no Distrito de Santo Antônio. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 158 e p. 159.
- PÁGINA 107**
Fig. 473: Sistema concêntrico de urbanização, usado tradicionalmente na Europa. Eberstadt, Möhring e Petersen, 1910. Reproduzido por Prestes Maia. MAIA, *op. cit.* p. 124.
Fig. 474: Sistema radial de urbanização proposto por Eberstadt, Möhring e Petersen, 1910. Reproduzido por Prestes Maia. *Ibid.* p. 124.
- PÁGINA 109**
Fig. 475: Detalhe da Planta de Zoneamento para a Cidade do Rio de Janeiro – Morros de São João, da Saudade (Copacabana) e da Babilônia (Leme) seriam ocupados por residência de baixa densidade em suas vertentes para o oceano. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 219 e p. 220.
- PÁGINA 110**
Fig. 476: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – estrada contornando as praias de Charitas, Jurujuba e Imbuí para chegar à *Cidade Jardim de Piratininga*. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7.
- PÁGINA 112**
Fig. 477: Vista de uma favela no Rio de Janeiro. Plano Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 70.
- PÁGINA 113**
Fig. 478: Elevação lateral dos Jardins do Calabouço. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 210.
Fig. 479: Planta-baixa dos Jardins do Calabouço. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 207.
Fig. 480: Perspectiva dos Jardins do Calabouço. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 208.
- PÁGINA 114**
Fig. 481: Perspectiva aquarelada dos Jardins do Calabouço, com a Baía de Guanabara e Niterói ao fundo. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 208 e p. 209.
- PÁGINA 115**
Fig. 482: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – Estádio Esportivo Municipal no Bairro de São Francisco. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7.
- PÁGINA 117**
Fig. 483: Planta com estudo esquemático de transportes rápidos para a cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 152.

PÁGINA 118

Fig. 484: Centro cívico federal, em torno da *Praça Monumental da Entrada do Brasil* (vista noturna). Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 214,215.

PÁGINA 119

Fig. 485: Largo do Carmo, atual Praça XV de Novembro. Jean-Baptiste Debret, 1834-1839. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 13.

PÁGINA 120

Fig. 486: Praça D. Pedro II, sede do governo estadual de Niterói. Foto do autor, 2000.

Fig. 487: Detalhe do edifício da Prefeitura Municipal de Niterói. Foto: Mariangela Accetta, 2001.

PÁGINA 121

Fig. 488: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – centro cívico federal, *Portal do Brasil*. Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

Fig. 489: Planta do centro cívico estadual – *portal de Niterói*. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 62.

Fig. 490: Detalhe da planta da Esplanada do Castelo e Ponta do Calabouço – centro comercial do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 168 e p. 169.

Fig. 491: Planta do centro comercial de Niterói, Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 45.

Fig. 492: Planta da Cidade Universitária da Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 195.

Fig. 493: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – Centro Universitário do Cubango. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7.

Fig. 494: Planta do bairro industrial do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 184.

Fig. 495: Detalhe da Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói – bairro industrial com o novo porto. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7.

PÁGINA 122

Fig. 496: Planta da Esplanada do Castelo e Ponta do Calabouço – centro comercial do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 168 e p. 169.

PÁGINA 123

Fig. 497: Monumento comemorativo da fundação da cidade do Rio de Janeiro – dedicado a Estácio de Sá -, que seria construído na projeção vertical do marco zero de ocupação do Morro do Castelo. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 217.

PÁGINA 125

Fig. 498: Detalhe da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – *Boulevard Circular*. Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

PÁGINA 127

Fig. 499: Planta de *Reorganização dos Meios de Transporte*. Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 153 e p. 154.

PÁGINA 128

Fig. 500: Barca Especuladora – uma das três embarcações que inauguraram o serviço de travessia da Baía de Guanabara em 1835. WEHRS, 1984, p. 234.

PÁGINA 130

Fig. 501: Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro. Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200. (Sobre esta planta foram feitas análises gráficas pelo autor, 2002).

PÁGINA 131

Fig. 502: Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op. cit.* p. 7. (Sobre esta planta foram feitas análises gráficas pelo autor, 2002).

PÁGINA 132

Fig. 503: Assembléia Legislativa, Praça da República, centro, Niterói. Foto do autor, 2001.

Fig. 504: Palácio da Justiça, Praça da República, centro, Niterói. Foto do autor, 2001.

Fig. 505: Secretaria de Segurança Pública, Praça da República, centro, Niterói. Foto do autor, 2001.

Fig. 506: Escola Normal – Liceu Nilo Peçanha, Praça da República, centro, Niterói. Foto do autor, 2001.

Fig. 507: Palácio do Ingá, Rua Presidente Pedreira, Ingá, Niterói. Foto do autor, 2001.

Fig. 508: Biblioteca Municipal, Praça da República, centro, Niterói. Foto do autor, 2001.

PÁGINA 134

Fig. 509 e 510: Diferentes recortes da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – localização dos bens preservados por Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

PÁGINA 135

Fig. 511 e 512: Diferentes recortes da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – localização dos bens preservados por Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

PÁGINA 136

Fig. 513 a 516: Diferentes recortes da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – localização dos bens preservados por Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

PÁGINA 137

Fig. 517 a 520: Diferentes recortes da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – localização dos bens preservados por Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.

PÁGINA 138

- Fig. 521: Fortaleza de São João, Urca, RJ. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 95.
- Fig. 522: Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Glória, RJ. José Cardoso Ramalho, 1714-1739. *Ibid.* p. 86.
- Fig. 523: Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, Largo da Lapa, RJ. José Fernandes Alpoim, 1751. *Ibid.* p. 82.
- Fig. 524: Igreja e Convento de Santa Teresa, Santa Teresa, RJ. José Fernandes Alpoim, 1750. *Ibid.* p. 84.
- Fig. 525: Arcos da Lapa, Lapa, José Fernandes Alpoim, 1750. *Ibid.* p. 83.
- Fig. 526: Palácio Monroe, Praça Floriano, centro, RJ (demolido em 1976). Francisco Marcelino de Souza Aguiar, 1904-1906. *Id.* 2000c, p. 132.
- Fig. 527: Palácio Pedro Ernesto – Câmara de Vereadores, Praça Floriano, centro, RJ. Archimedes Memória e Francisque Cuchet, 1920. *Ibid.* p. 35.
- Fig. 528: Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Praça Floriano, centro, RJ. Francisco de Oliveira Passos, projeto de 1904. *Ibid.* p. 31.
- Fig. 529: Theatro Phoenix, Av. Alm. Barroso, centro, RJ (demolido). GERSON, *op. cit.* il. 26.
- Fig. 530: Escola Nacional de Belas Artes, Av. Rio Branco, centro, RJ (atual Museu Nacional de Belas Artes). Adolfo Morales de los Rios, 1908. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 11.
- Fig. 531: Biblioteca Nacional, Av. Rio Branco, centro, RJ. Hector Pépin, 1910. CARVALHO, 1997, p. 104.
- Fig. 532: Supremo Tribunal Federal, Av. Rio Branco, centro, RJ. Adolfo Morales de los Rios, 1909. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 33.
- Fig. 533: Academia Brasileira de Letras, Av. Presidente Wilson, centro, RJ. Viret e Marmorat, 1922, segundo projeto de Jacques-Ange Gabriel. *Ibid.* p. 48.
- Fig. 534: Igreja de Santa Luzia, Rua Santa Luzia, centro, RJ, 1752. *Id.* 2000b, p. 81.
- Fig. 535: Santa Casa de Misericórdia, Rua Santa Luzia, centro, RJ. Domingos Monteiro e Joaquim Cândido Guilhobel, 1840. *Ibid.* p.80.
- Fig. 536: Secretaria de Fazenda, centro / RJ (demolido). AGACHE, *op. cit.* p. 165.
- Fig. 537: Museu Histórico Nacional, Praça Mal. Âncora, centro, RJ. Archimedes Memória e Francisque Cuchet, 1920-1922. CZAJKOWSKI, 2000c, p. 47.
- Fig. 538: Ministério da Agricultura, Praça Ma. Âncora, centro, RJ. Morales de los Rios, 1922 (demolido na década de 1980). *Ibid.* p. 135.
- Fig. 539: Igreja de São José, Av. Presidente Antônio Carlos, centro, RJ. Félix José de Souza e João da Silva Muniz, 1808-1842. *Id.* 2000b, p. 63.
- Fig. 540: Palácio Tiradentes, Av. Presidente Antônio Carlos, centro, RJ. Archimedes Memória e Francisque Cuchet, 1922-1926. *Id.* 2000c, p. 46.
- Fig. 541: Paço Imperial, Praça XV de Novembro, centro, RJ, 1743. *Id.* 2000b, p. 62.
- Fig. 542: Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. Marques dos Santos, 1761. *Ibid.* p. 58.
- Fig. 543: Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. Francisco Xavier de Carvalho, 1755-1770. *Ibid.* p. 59.
- Fig. 544: Arco do Teles, Praça XV de Novembro, centro, RJ. José Fernandes Pinto Alpoim, meados do séc. XVIII. *Ibid.* p. 61.
- Fig. 545: Igreja de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, Rua do Ouvidor, centro, RJ, 1753. *Ibid.* p. 57.
- Fig. 546: Igreja de Santa Cruz dos Militares, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. José Custódio de Sá, 1780-1811. *Ibid.* p. 56.
- Fig. 547: Tribunal Regional Eleitoral, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. Luís Schreiner, 1892. *Id.* 2000c, p. 44.
- Fig. 548: Estação Central dos Correios, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 549: Agência Central do Banco do Brasil, Rua Primeiro de Março, centro, RJ. Joaquim Bethencourt da Silva, 1906. MACHADO, 1994, p. 42.
- Fig. 550: Igreja de Nossa Senhora da Candelária, Praça Pio X, centro, RJ. Francisco João Roscio, 1775-1898. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 53.
- Fig. 551: Igreja e Mosteiro de São Bento, Rua Dom Gerardo, centro, RJ. Francisco Frias de Mesquita e Bernardo de São Bento, 1633, 1670-1690. *Ibid.* p. 47.
- Fig. 552: Armazéns do Porto, Av. Rodrigues Alves, Saúde, RJ. Francisco Bicalho, 1907. *Id.* 2000c, p. 61.
- Fig. 553: Casa de Amortização, Av. Rio Branco, centro, RJ. Gabriel Junqueira, 1904. *Ibid.* p.13.
- Fig. 554: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Rua do Rosário, centro, RJ. José Fernandes Pinto Alpoim, 1735. *Id.* 2000b, p. 52.
- Fig. 555: Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Rua Uruguaiana, centro, RJ, 1708-1737. *Ibid.* p. 68.
- Fig. 556: Igreja de São Francisco de Paula, Largo de São Francisco de Paula, centro / RJ, 1759-1801. *Ibid.* p. 66.

- Fig. 557: Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Largo de São Francisco de Paula, centro, RJ. Pedro José Pézérat, 1811. *Ibid.* p. 67.
- Fig. 558: Real Gabinete Português de Leitura, Rua Luís de Camões, centro, RJ. Rafael de Castro, 1872, 1880-1887. *Id.* 2000c, p. 37.
- Fig. 559: Igreja do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé, Av. Passos, centro, RJ. João da Silva Muniz, 1859. FACÓ, 1997, p. 34.
- Fig. 560: Conservatório de Música, Rua Luís de Camões, centro, RJ. José Alves, 1863. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 70.
- Fig. 561: Antigo Teatro João Caetano, Praça Tiradentes, centro, RJ. GERSON, *op. cit.* il. 30.
- Fig. 562: Convento e Igreja de Santo Antônio, Largo da Carioca, centro, RJ. Francisco dos Santos, 1608-1620. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 64.
- Fig. 563: Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Largo da Carioca, centro, RJ, 1657-1747. *Ibid.* p. 65.
- Fig. 564: Sociedade Brasileira de Belas Artes, Rua do Lavradio, centro, RJ. Foto: Maria Fernanda Marques, 2001.
- Fig. 565: Polícia Central, Rua da Relação, centro, RJ. Heitor de Mello, 1909-1910. CZAJKOWSKI, 2000c, p. 57.
- Fig. 566: Igreja de Santo Antônio dos Pobres, Rua dos Inválidos, centro, RJ, 1811. FACÓ, *op. cit.* p. 39.
- Fig. 567: Quartel Central do Corpo de Bombeiros, Praça da República, centro, RJ. Francisco Marcelino de Souza Aguiar, 1898. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 57.
- Fig. 568: Casa da Moeda do Brasil, Praça da República, centro, RJ. Teodoro Antônio de Oliveira, 1858. *Id.* 2000b, p. 73.
- Fig. 569: Jardim Suspenso do Valongo, Rua Camerino, Saúde, RJ. Luiz Rey, 1906. *Id.* 2000c, p. 62.
- Fig. 570: Forte do Leme, Leme, RJ. CIVITA, 2000, p. 37.
- Fig. 571: Cassino da Urca, Praia da Urca, RJ. Disponível em: <http://www.acphoto.hpg.ig.com.br/rioantigo/urc05.htm>, acessado em 29.01.02.
- Fig. 572: Museu de Ciências da Terra, Av. Pasteur, Urca, RJ, 1909. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p.116.
- Fig. 573: Instituto Benjamin Constant, Av. Pasteur, Urca, RJ. Francisco Bethencourt da Silva, 1872. VALLADARES, *op. cit.* il. 923.
- Fig. 574: Fórum de Ciência e Cultura – Palácio Universitário da UFRJ, Av. Pasteur, Urca, RJ. Domingos José Monteiro, 1842-1852. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 96.
- Fig. 575: Educandário Santa Teresa, Rua Gal. Severiano, Botafogo, RJ. Francisco Bethencourt da Silva, 1873-1877. *Ibid.* p. 97.
- Fig. 576: Igreja Matriz de São João Batista, Rua Voluntários da Pátria, Botafogo, RJ. Adolfo Morales de los Rios, 1873-1900. *Ibid.* p. 98.
- Fig. 577: Igreja da Imaculada Conceição, Praia de Botafogo, RJ. Padre Clavelin, 1888-1892. *Id.* 2000c, p. 109.
- Fig. 578: Caixa d'água no Morro da Viúva, Botafogo, RJ. CARVALHO, *op. cit.* p.31.
- Fig. 579: Palácio Guanabara, Rua Pinheiro Machado, Laranjeiras, RJ. Francisco Marcelino de Souza Aguiar, 1908. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 102.
- Fig. 580: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória, Largo do Machado, Catete, RJ. Julius Friedrich Köller, 1842-1872. *Id.* 2000b, p. 88.
- Fig. 581: Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, Largo do Machado, Catete, RJ. Francisco Bethencourt Silva, 1875. *Id.* 2000c, p. 101.
- Fig. 582: Palácio do Catete, Rua do Catete, RJ. Gustav Waeneldt, 1862. *Ibid.* p. 94.
- Fig. 583: Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, Rua Santo Amaro, Glória, RJ. *Id.* 2000b, p. 85.
- Fig. 584: Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Rua Benjamin Constant, Glória, RJ. Luiz Raphael Vieira Souto, 1890. *Id.* 2000c, p. 91.
- Fig. 585: Templo da Humanidade, Rua Benjamin Constant, Glória, RJ. Auguste Comte e Rufino de Almeida, 1897. *Ibid.* p. 91.
- Fig. 586: Hospital da Cruz Vermelha, Praça da Cruz Vermelha, centro, RJ. Pedro Campofiorito, 1919-1923. *Ibid.* p. 56.
- Fig. 587: I Batalhão da Polícia Militar, Av. Salvador de Sá, Cidade Nova, RJ. Heitor de Mello, 1913. *Ibid.* p. 60.
- Fig. 588: Igreja de Santo Cristo dos Milagres, Praça Santo Cristo, RJ, 1879. FACÓ, *op. cit.* p. 56.
- Fig. 589: Hospital São Francisco, Av. Presidente Vargas, Cidade Nova, RJ, 1877. VALLADARES, *op. cit.* il. 913.
- Fig. 590: Penitenciária Milton Dias Moreira, Rua Frei Caneca, Catumbi, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 591: I Igreja Batista do Rio de Janeiro, Praça Ver. Álvaro Reis, Catumbi, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 592: Hospital da Polícia Militar, Rua Estácio de Sá, Catumbi, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 593: Casa do Bispo, Av. Paulo de Frontin, Rio Comprido, RJ. José Fernandes Pinto Alpoim, meados do séc. XVIII. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 110.
- Fig. 594: Igreja da Medalha Milagrosa, Andaraí, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 595: Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, RJ. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 109.

- Fig. 596: Colégio Militar, Rua São Francisco Xavier, Tijuca, RJ. GARCIA, 2000, p. 24.
- Fig. 597: Igreja de São Francisco Xavier, Rua São Francisco Xavier, Tijuca, RJ. Antônio de Pádua e Castro, 1873. FACÓ, *op. cit.* p. 53.
- Fig. 598: Escola Municipal República Argentina, Boulevard Vinte e Oito de Setembro, Vila Isabel, RJ. CHIAVARI, *op. cit.* p. 155.
- Fig. 599: Forte de Copacabana, Copacabana, RJ. CIVITA, *op. cit.* p. 37.
- Fig. 600: Jockey Clube do Brasil, Praça Santos Dumont, Gávea, RJ. Francisque Cuchet e Archimedes Memória, 1922. CZAJKOWSKI, 2000c, p.119.
- Fig. 601: Solar da Imperatriz (atual Escola Nacional de Botânica Tropical), Rua Pacheco Leão, Jardim Botânico, RJ, 1750. Disponível em: <http://www.jbrj.gov.br/cultura/solar.htm>, acessado em 21.02.02.
- Fig. 602: Hospital da Ordem São José da Penitência, Rua Conde de Bonfim, Usina, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 603: Convento das Carmelitas do Bom Pastor, Rua Bom Pastor, Tijuca, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 604: Batalhão da Polícia do Exército, Rua Barão de Mesquita, Tijuca, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 605: Polícia Militar, Rua Barão de Mesquita, Andaraí, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 606: Fábrica Aliança (atual Supermercado Extra), Rua Maxwell, Vila Isabel, RJ, 1884. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 78.
- Fig. 607: Igreja na Praça Barão de Drummond, Vila Isabel, RJ. Foto do autor, 2002.
- Fig. 608: Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, RJ. Foto: Alan Cristóvão, 2001.
- Fig. 609: Oficinas de Trens, Rua Arquias Cordeiro, Engenho de Dentro, RJ. Foto: Michael Hazan, 2001.
- Fig. 610: Oficina de Pontes, Av. Suburbana, Engenho de Dentro, RJ. Foto: Flavio Castellotti, 2001.
- Fig. 611: Sede do Clube Recreativo Vasco da Gama, Rua Gal. Almérico de Moura, São Cristóvão, RJ. CASTRO, 1994.
- Fig. 612: Hospital Central do Exército, Rua Francisco Manuel, Benfica, RJ. Francisco Marcelino de Souza Aguiar, 1892. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 73.
- Fig. 613: Instituto Oswaldo Cruz, Av. Brasil, Manguinhos, RJ. Luís de Moraes Júnior, 1904-1918. *Ibid.* p. 125.
- PÁGINA 139**
- Fig. 614: Recorte da Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – localização dos bens condenados por Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- Fig. 615: Planta de *Espaços Livres e Reservas Arborizadas* do Rio de Janeiro – articulação mostrando o recorte com a localização dos bens condenados por Agache, 1930. *Ibid.* prancha sem numeração entre p. 199 e p. 200.
- PÁGINA 140**
- Fig. 616: Colégio Militar da Praia Vermelha, Urca, RJ. FERREIRA, 1990, p. 155.
- Fig. 617: Passeio Público, centro, RJ. Auguste Glaziou, 1861. MARX, [19--], p. 14.
- Fig. 618: Escola de Música da UFRJ, Rua do Passeio, Passeio, RJ. Cipriano Lemos, 1919. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 53.
- Fig. 619: Automóvel Clube do Brasil, Rua do Passeio, Passeio, RJ. Manoel de Araújo Porto-Alegre, 1855. *Id.* 2000b, p. 82.
- Fig. 620: Santa Casa de Misericórdia, Rua Santa Luzia, centro, RJ. Domingos Monteiro e Joaquim Cândido Guilhobel, 1840. *Ibid.* p.80.
- Fig. 621: Ladeira da Misericórdia, centro, RJ. GERSON, *op. cit.* ilustração da capa (foto da década de 1910).
- Fig. 622: Serviço de Saúde dos Portos, Praça Mal. Câmara, centro, RJ. Gastão Bahiana, 1922. CZAJKOWSKI, 2000c, p. 47.
- Fig. 623: Mercado Municipal da Praça XV, centro RJ. ARESTIZABAL, [19--], p. 18.
- Fig. 624: Museu da Imagem e do Som, Praça Rui Barbosa, centro, RJ. Silvio Rebecchi e Raphael Rebecchi, 1922. CZAJKOWSKI, *op. cit.* p. 47.
- Fig. 625: Procuradoria Geral do Estado, Rua Dom Manuel, centro, RJ, fim do séc. XIX. *Id.* 2000b, p. 63.
- Fig. 626: Estação das Barcas, Praça XV de Novembro, centro, RJ, 1906-1911. *Id.* 2000c, p. 45.
- Fig. 627: Edifício da Alfândega (atual Casa França-Brasil), Rua Visconde de Itaboraí, centro, RJ. Grandjean de Montigny, 1819. MACHADO, *op. cit.* p. 19.
- Fig. 628: Igreja do Bom Jesus do Calvário, antiga Rua Gal. Câmara, centro, RJ, 1719. LIMA, 1995, p. 42.
- Fig. 629: Igreja de São Domingos, antiga Rua Gal. Câmara, centro, RJ, 1791. GERSON, *op. cit.* il. 32.
- Fig. 630: Igreja de São Pedro dos Clérigos, antiga Rua de São Pedro, centro, RJ. José Cardoso Ramalho, 1773. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 19.
- Fig. 631: Ministério da Guerra, Praça Christiano Ottoni, centro, RJ, 1906-1910. *Id.* 2000c, p. 58.
- Fig. 632: Antiga Prefeitura Municipal, Praça da República, centro, RJ. José de Souza Monteiro, 1876. *Ibid.* p. 135.
- Fig. 633: Praça da República, centro, RJ. Auguste Glaziou, 1873-1880. *Ibid.* p. 58.
- Fig. 634: Estação da Estrada de Ferro de D. Pedro II, Praça da República, centro, RJ. Reconstrução de 1870

(Jorge Radmaker Grunewald), que perdurou até 1936, quando se iniciou sua demolição para dar lugar ao atual edifício. SANSON, 1998, p. 37.

Fig. 635: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, antigo Campo de São Domingos, centro, RJ, 1758.

GERSON, *op. cit.* il. 33.

Fig. 636: Escola Benjamin Constant, Praça Onze de Junho, Cidade Nova, RJ. LIMA, *op. cit.* p. 51.

Fig. 637: Largo do Capim, Cidade Nova, RJ. PARENTE, 1994, p. 53.

Fig. 638: Igreja de São Cristóvão, Praça Padre Sève, São Cristóvão, RJ. Foto do autor, 1996.

Fig. 639: Igreja do Bom Jesus, Ilha do Bom Jesus (Ilha do Fundão), RJ, 1705-1710. CZAJKOWSKI, 2000b, p. 117.

PÁGINA 141

Fig. 640: Detalhe da Planta de Zoneamento para a Cidade do Rio de Janeiro – Lagoa Rodrigo de Freitas, com o aterramento de sua parte mais rasa: a Praia Funda. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 219 e p. 220.

PÁGINA 143

Fig. 641: Avenida Francisco Bicalho, centro, RJ. Inundação em 27 de fevereiro de 1928. *Ibid.* p. 272.

Fig. 642: Praça da Bandeira, Estácio, RJ. Inundação em 27 de fevereiro de 1928. *Ibid.* p. 273.

Fig. 643: Proposta de ligação da Enseada de Botafogo com o mar aberto, através de canal entre o Quadrado da Urca e a Praia Vermelha. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 195.

Fig. 644: Localização dos novos emissários e elevatórias finais para a cidade de Niterói. Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, 1932, p. 100.

Fig. 645: Rede de esgotamento sanitário do Rio de Janeiro, Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 312 e p. 313.

Capítulo 5

PÁGINA 145

Fig. 646: Retrato de Atílio Corrêa Lima. CAVALCANTI, *op. cit.* p. 68.

Fig. 647: Retrato de Donat Alfred Agache. AGACHE, *op. cit.* p. XI.

PÁGINA 148

Fig. 648: Praça Paris, à época de sua inauguração, com a Igreja do Outeiro da Glória ao fundo. *Ibid.* p. 204.

Fig. 649: Planta da proposta de Armando de Godoy para a Praia Funda, Lagoa Rodrigo de Freitas, em 1934. LEME, *op. cit.* Versão em CD-ROM.

Fig. 650: Corte esquemático de edifício na zona central de negócios do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* p. 175.

PÁGINA 149

Fig. 651: Avenida Presidente Getúlio Vargas, com a Igreja de Nossa Senhora da Candelária como ponto focal. TARDIOLI, 1996, p. 35.

Fig. 652: Vista aérea dos Jardins do Largo da Carioca, centro, RJ. Projeto de Burle Marx. Foto: Sílvio Macedo, 1999. Arquivo fotográfico e iconográfico da pesquisa "Paisagem Urbana da Zona Norte do Rio: As Áreas Livres Públicas e seus Arquétipos" – registro SAG-UFRJ 3205 – Coordenação de Vera Regina Tângari. Pesquisadores: Marcos London e Gleice Alcino

PÁGINA 150

Fig. 653: Planta da Cidade do Rio de Janeiro, baseada nas fotografias aéreas de 1928 e publicada somente em 1935. CZAJKOWSKI, 2000a, p. 101.

Fig. 654: Foto aérea do Castelo em 1935. LIMA, 1992, p. 74.

PÁGINA 151

Fig. 655: Praia de Copacabana após o alargamento do calçadão e da faixa de areia. TARDIOLI, *op. cit.* p. 59.

Fig. 656: Praia de Copacabana antes do alargamento do calçadão e da faixa de areia (foto de 1929). PARENTE, *op. cit.* p. 81.

PÁGINA 152

Fig. 657: Perspectiva da Praça do Castelo, centro principal de negócios da cidade do Rio de Janeiro. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op. cit.* prancha sem numeração entre p. 176 e p. 177.

PÁGINA 153

Fig. 658: Perspectiva da Praça do Castelo, com o monumento a Estácio de Sá em primeiro plano. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 177.

Fig. 659: Corte / fachada de edifício na Praça do Castelo. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 212.

Fig. 660: Corte / fachada de edifício na zona comercial. Alfred Agache, 1930. *Ibid.* p. 212.

Fig. 661: Esboço para a Estação de Trens Central do Brasil. Roberto Magno de Carvalho. PINHEIRO, *op. cit.* p. 45.

Fig. 662: Edifício da Estação de Trens Central do Brasil, Praça Cristiano Ottoni, centro, RJ. Roberto Magno de Carvalho, Gèza Heller e Adalberto Szilard, 1937. GUIMARAENS, *op. cit.* p. 34.

Fig. 663: Galerias na Av. Presidente Vargas, centro, RJ. Foto do autor, 2000.

Fig. 664: Ministério da Guerra, Praça Duque de Caxias, centro, RJ. Cristiano Stockler, 1935. CHIAVARI, *op. cit.* p. 171.

Fig. 665: Ministério da Fazenda, Av. Presidente Antônio Carlos, centro, RJ. Luiz de Moura, 1939. CZAJKOWSKI, 2000c, p. 48.

Fig. 666: Edifício-sede do Banco Aliança, Praça Pio X, centro, RJ. Lucio Costa, 1956. *Id.* 2000d, p. 44.

- Fig. 667: Edifício-sede do Banco Boavista, Praça Pio X, centro, RJ. Oscar Niemeyer, 1946. *Ibid.* p. 45.
- Fig. 668: Edifício-sede do IPEG – Instituto do Estado da Guanabara, Av. Presidente Vargas, centro, RJ. Affonso Eduardo Reidy, 1957. *Ibid.* p. 46.
- Fig. 669: Edifício-sede do Tribunal Regional do Trabalho, Av. Presidente Vargas, centro, RJ. Mário Santos Maia, 1936. *Id.* 1997, p. 37.
- Fig. 670: Edifício Antônio Severo, Rua Anfilóbio de Carvalho, centro, RJ. Ramos de Azevedo, 1957. *Id.* 2000d, p. 29.
- Fig. 671: Edifício-sede do Consulado dos Estados Unidos da América, Av. Presidente Wilson, centro, RJ. Harrison Abramovitz, 1952. *Ibid.* p.30.
- Fig. 672: Edifício-sede do IRB – Instituto de Resseguros do Brasil, Av. Mal. Câmara, centro, RJ. *Ibid.* p. 31.
- Fig. 673: Edifício-sede do Jockey Club do Brasil, Av. Presidente Antônio Carlos, centro, RJ. Lucio Costa, 1956. *Ibid.* p. 32.
- Fig. 674: Edifício Novo Mundo, Av. Presidente Wilson, centro, RJ. Ricardo Wriedt, 1934. *Id.* 1997, p. 39.
- Fig. 675: Edifício Mayapan, Av. Alm. Barroso, centro, RJ. Mário Freire, 1940. *Ibid.* p. 36.
- Fig. 676: Edifício Standard, Av. Presidente Wilson, centro, RJ. Robert Prentice, 1935. *Ibid.* p. 40.
- Fig. 677: Edifícios Castelo, Raldia e Nilomex, Av. Nilo Peçanha, centro, RJ. Robert Prentice, 1930. *Ibid.* p. 35.
- Fig. 678: Perspectiva dos edifícios Castelo, Raldia e Nilomex. Robert Prentice, 1930. *Ibid.* p. 35.
- Fig. 679: Quadra à Av. Beira-Mar, centro, RJ. Edifícios Pan América, São Miguel, Beira-Mar e Santa Branca. Arquitetos: Alfredo Baumann, Leonídio Gomes, Annibal de Mello Pinto e Duarte & Cia, respectivamente, 1936. *Ibid.* p. 38.

PÁGINA 154

- Fig. 680: Avenida República do Chile, centro, RJ, com a Catedral Metropolitana. TARDIOLI, *op. cit.* p. 35.

PÁGINA 155

- Fig. 681: Levantamento aerofotogramétrico da parte central do Rio de Janeiro. Instituto de Urbanismo Pereira Passos – IPP / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.

PÁGINA 156

- Fig. 682: Trecho da Planta de *Reorganização dos Meios de Transporte*. Alfred Agache, 1930. AGACHE, *op.cit.* prancha sem numeração entre p. 153 e p. 154.

PÁGINA 157

- Fig. 683: Levantamento aerofotogramétrico da cidade de Niterói. Centro de Informações e Dados Estatísticos

– CIDE / Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

PÁGINA 158

- Fig. 684: Planta Geral de Remodelação da Cidade de Niterói, Atílio Corrêa Lima, 1930. LIMA, *op.cit.* p. 7.

- ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. Attílio Corrêa Lima: Um Urbanista Brasileiro (1930-1943). Dissertação de Mestrado, São Paulo: Universidade Mackenzie, 1996.
- AGACHE, Donat Alfred. Cidade do Rio de Janeiro, Extensão, Remodelação, Embellezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930.
- ARESTIZABAL, Irma. Rio – Guia para uma História Urbana. Rio Art Nouveau, Art Déco. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, [19--].
- BACON, Edmund N. Design of Cities. A Superbly Illustrated Account of the Development of Urban Form, from Ancient Athens to Modern Brasília. London: Thames and Hudson, 1978.
- BARNETT, Jonathan. The Elusive City. Five Centuries of Design, Ambition and Miscalculation. New York: Harper & Row, 1986.
- BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CARVALHO, Fernando de Bulhões et al. O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.
- CASTRO, Victor de. São Cristóvão. Bairro Imperial. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro / FUNARJ, 1994.
- CAVALCANTI, Lauro (org.). Quando o Brasil era Moderno. Guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CHIAVARI, Maria Pace. Rio de Janeiro: Preservação e Modernidade. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- CIVITA, Roberto (ed.). Guia Lazer Quatro Rodas, Rio de Janeiro. São Paulo: Abril, 2000.
- COHEN, Jean-Louis. Les Années 30. L'Architecture et les Arts de l'Espace entre Industrie et Nostalgie. Paris: Éditions du Patrimoine, 1997.
- COMISSÃO CONSTRUCTORA DO PORTO DE NICTHEROY E SANEAMENTO DA ENSEADA DE SÃO LOURENÇO. Lembrança, A Construção do Porto de Nictheroy. Niterói: Typ. d'A Encadernadora S.A., 1927.
- CONRADS, Ulrich (ed.). Programs and Manifestoes on 20th-Century Architecture. Cambridge, MA: The MIT Press, 1990.
- COSTA, Élio da. Attílio Corrêa Lima: Uma Obra Inacabada. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil. Rio de Janeiro: PUC / RJ, 1990.

- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). Do Cosmógrafo ao Satélite – Mapas da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 2000.
- _____. Guia da Arquitetura Art-Déco no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Index, 1997.
- _____. Guia da Arquitetura Colonial, Neoclássica e Romântica no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
- _____. Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
- _____. Guia de Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
- _____. Jorge Machado Moreira. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.
- DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (org.). O Rio de Janeiro de Pereira Passos – Uma Cidade em Questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.
- DETHIER, Jean, GRILLET, Thierry e GUIHEUX, Alain. La Ville. Art et Architecture en Europe, 1870-1993. Paris: Éditions du Centre Georges Pompidou, 1994.
- FACÓ, Annie Dornelles. Guia das Igrejas Históricas da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / IPLANRIO, 1997.
- FERREIRA, Leonel. História do Brasil. São Paulo: Ática, 1990.
- FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GARCIA, Sérgio. Rio de Janeiro – Passado e Presente. Rio de Janeiro: Conexão Cultural, 2000.
- GERSON, Brasil. História das Ruas do Rio e da sua Liderança na História Política do Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- GIEDION, Sigfried. Space, Time and Architecture. The Growth of a New Tradition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- GUIMARAENS, Cêça de (coord.). Luiz Paulo Conde: Un Arquitecto Carioca. Santafé de Bogotá: Escala, 1994.
- HÉNARD, Eugène. Études sur les Transformations de Paris et Autres Écrits sur l'Urbanisme. Paris: l'Équerre, 1982.

- HOWARD, Ebenezer. Cidades Jardins de Amanhã. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- _____. Les Cités-Jardins de Demain. Paris: Sens & Tonka, 1998.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- LECLERC, Bénédicte. Jean Claude Nicolas Forestier, 1861-1930. Du Jardin au Paysage Urbain. Paris: Picardi, 1990.
- LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). Urbanismo no Brasil, 1895-1965. São Paulo: FUPAM / Studio Nobel, 1999.
- LIMA, Atílio Corrêa. Avant Projet d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil. Tese de Doutorado, Paris: Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris, 1932.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Avenida Presidente Vargas: Uma Drástica Cirurgia. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck, et al (org.). Rio de Janeiro, Uma Cidade no Tempo. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1992.
- LORTIE, Andre. Paris s'Exporte. Modèle d'Architecture ou Architectures Modèles. Paris: Éditions du Pavillon de l'Arsenal, 1995.
- MACHADO, José de Paula (ed.). Guia Museus do Rio. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- MAIA, Francisco Prestes. Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida. Produção do Espaço Urbano de Goiânia – Planos e Projetos, 1933-1938. Dissertação de Mestrado, Campinas: PUCCAMP, 1999.
- MARX, Roberto Burle. Rio – Guia para uma História Urbana. Rio Natureza. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, [19--].
- NEUFERT, Ernst. Arte de Projetar em Arquitetura. 9. ed. São Paulo: Gustavo Gilli do Brasil. 1991.
- OTTONI, Dácio A. B. e SZMRECSÁNYI, Maria Irene. Cidades Jardins - A Busca do Equilíbrio Social e Ambiental 1898-1998. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1997.
- PARENTE, José Inácio, MONTE-MÓR, Patrícia (orgs.). Rio de Janeiro – Retratos da Cidade. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.

- PINHEIRO, Cláudia. Catálogo da Exposição IAB 80 Anos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetos do Brasil, 2001.
- REIS, José de O. O Rio de Janeiro e seus Prefeitos. Evolução Urbanística da Cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / RIOTUR, 1977.
- REVISTA DA SEMANA. O Plagio no Urbanismo do Sr. Agache. 22 dez. 1928, p. 32.
- SANSON, Maria Lúcia David et al. O Rio de Janeiro do Fotógrafo Leuzinger, 1860-1870. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- SITTE, Camillo. A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos. São Paulo: Ática, 1992.
- SOUZA-LÔBO, Margarida. Planos de Urbanização à Época de Duarte Pacheco. Tese de Doutorado, DAOTDU/FAUP, Universidade do Porto, 1995.
- TARDIOLI, José Daniel Martins. O Rio Visto do Alto. Rio de Janeiro: J. D. Tardioli, 1996.
- TOY, Maggie (ed.). Architectural Design Profile N° 111. New Towns. London: Academy Group, 1994.
- UNWIN, Raymond. L'Étude Pratique des Plans de Villes. Introduction à l'Art de Dessiner, les Plans d'Aménagement et d'Extension. Paris: L'Equerre, 1981.
- VALLADARES, Clarival do Prado. Rio Neoclássico. Análise Iconográfica do Barroco e Neoclássico Remanentes no Rio de Janeiro. Vol. II. Rio de Janeiro: Bloch, 1978.
- VASQUEZ, Pedro. Fotógrafos Pioneiros no Rio de Janeiro: V. Frond, G. Leuzinger, M. Ferrez, J. Gutierrez. Rio de Janeiro: Dazibao, 1990.
- WEHRS, Carlos. Niterói – Cidade Sorriso. A História de um Lugar. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1984.
- XAVIER, Alberto, BRITTO, Alfredo, NOBRE, Ana Luiza. Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pini, 1991.



LOI

du 14 mars 1919

concernant les plans d'extension et d'aménagement des villes.

Le Sénat et la Chambre des Députés ont adopté,

Le Président de la République promulgue la loi dont la teneur suit :

Article premier. — Toute ville de 10,000 habitants et au-dessus, sans préjudice du plan général d'alignement et de nivellement imposé à toutes les communes par l'article 136, 13°, de la loi du 5 avril 1884, est tenue d'avoir un projet d'aménagement, d'embellissement et d'extension.

Ce projet, qui devra être établi dans un délai maximum de trois ans, à compter de la promulgation de la présente loi, comprend :

1° Un plan qui fixe la direction, la largeur et le caractère des voies à créer ou à modifier, détermine les emplacements, l'étendue et les dispositions des places, squares, jardins publics, terrains de jeux, parcs, espaces libres divers, et indique les réserves boisées ou non à constituer, ainsi que les emplacements destinés à des monuments, édifices et services publics ;

2° Un programme déterminant les servitudes hygiéniques, archéologiques et esthétiques ainsi que toutes les autres conditions y relatives et, en particulier, les espaces libres à réserver, la hauteur des constructions, ainsi que les prévisions concernant la distribution d'eau potable, le réseau d'égouts, l'évacuation et la destination finale des matières usées, et s'il y a lieu, l'assainissement du sol ;

3° Un projet d'arrêté du maire, pris après avis du conseil municipal et réglant les conditions d'application des mesures prévues au plan et au programme.

Les mêmes obligations s'appliquent :

1° A toutes les communes du département de la Seine ;

2° Aux villes de moins de 10,000 habitants et de plus de 5,000 dont la population a augmenté de plus de 10 0/0 dans l'intervalle de deux recensements quinquennaux consécutifs ;

3° Aux stations balnéaires, maritimes, hydrominérales, climatiques, sportives et autres dont la population, quelle qu'en soit l'importance, augmente de 50 0/0 ou plus à certaines époques de l'année ;

4° Aux agglomérations, quelle qu'en soit l'importance, présentant un caractère pittoresque, artistique ou historique, et inscrites sur une liste qui devra être établie par les commissions départementales des sites et monuments naturels instituées par la loi du 21 avril 1906 ;

5° Aux groupes d'habitations et aux lotissements créés ou développés par des associations, des sociétés ou des particuliers.

Art. 2. — Lorsqu'une agglomération, quel que soit le chiffre de sa population, a été totalement ou partiellement détruite, par suite de faits de guerre, d'incendie, de tremblement de terre ou de tout autre cataclysme, la municipalité est tenue de faire établir, dans le délai de trois mois, le plan général d'alignement et de nivellement des parties à reconstruire, prévu par la loi du 5 avril 1884, accompagné d'une étude sommaire du projet d'aménagement, d'embellissement et d'extension prévu à l'article 1^{er} de la présente loi.

Un arrêté du préfet, pris après avis de la

Commission instituée par l'article 4 de la présente loi, décide si l'agglomération rentre dans les conditions prévues au premier alinéa ci-dessus et fixe le point de départ du décal.

Tant que le plan d'alignement et de nivellement n'est pas approuvé, aucune construction, sauf d'abris provisoires, ne peut être effectuée sans autorisation du préfet donnée après avis de la Commission instituée à l'article 4 ci-après.

Art. 3. — Les frais des plans et projets prévus aux articles précédents sont à la charge de l'Etat en ce qui concerne les communes visées à l'article 2 ci-dessus, par dérogation au principe posé par l'article 136, 13°, de la loi municipale du 5 avril 1884.

Il en est de même pour les agglomérations visées au 4° de l'énumération contenue à l'article 1° de la présente loi.

Pour les autres communes, des subventions peuvent être accordées par décision du ministre de l'Intérieur, rendue sur la proposition du préfet du département, sur les crédits inscrits à cet effet au budget du ministère de l'Intérieur et dans une proportion qui sera fixée par un décret rendu en la forme des règlements d'administration publique.

Art. 4. — Il est institué à la préfecture de chaque département, sous la présidence du préfet ou de son représentant, une Commission dite : « Commission départementale d'aménagement et d'extension des villes et villages », composée du Conseil départemental d'hygiène, de la Commission départementale des sites et monuments naturels, du Conseil départemental des bâtiments civils et de quatre maires désignés par le Conseil général.

Cette Commission entend les délégués des sociétés d'architecture, d'art, d'archéologie, d'histoire, d'agriculture, de commerce, d'industrie et de sport et des compagnies de transport du département, ainsi que les maires des villes ou communes intéressées et les représentants des divers services publics de l'Etat qu'elle croit devoir convoquer ou qui demandent à présenter leurs observations.

Elle peut s'adjoindre des rapporteurs qui ont voix délibérative dans les affaires qu'ils rapportent.

Cette Commission groupe tous les documents nécessaires de nature à faciliter aux communes la préparation de leurs projets et à les guider.

Elle donne son avis :

1° Sur les projets établis par les municipalités;

2° Sur les dérogations qui, en raison de difficultés spéciales ou de besoins locaux, peuvent être apportées aux principes posés par la Commission supérieure instituée à l'article 5 ci-après;

3° Sur les servitudes esthétiques ou hygiéniques résultant des projets qui lui sont soumis;

4° Sur toutes les affaires que le préfet juge utile de lui soumettre.

Art. 5. — Il est institué au ministère de l'Intérieur, sous la présidence du ministre ou de son délégué et la vice-présidence du ministre chargé des Régions libérées ou de son délégué, une Commission supérieure d'aménagement, d'embellissement et d'extension des villes, ainsi composée :

Deux sénateurs élus par le Sénat;

Quatre députés élus par la Chambre des Députés;

Deux conseillers d'Etat en service ordinaire désignés par leurs collègues;

Quatre maires dont trois désignés par le ministre de l'Intérieur et un par le ministre chargé des Régions libérées, à raison de deux pour les communes de 20,000 à 50,000 habitants et deux pour les communes au-dessus de 50,000 habitants;

Le directeur de l'Administration départementale et communale au ministère de l'Intérieur;

Le directeur de l'Assistance et de l'Hygiène publiques au ministère de l'Intérieur;

Quatre membres du Conseil supérieur d'hygiène publique, désignés par leurs collègues;

Quatre membres du Conseil supérieur des Beaux-arts désignés par leurs collègues;

Quatre membres du Conseil général des bâtiments civils désignés par leurs collègues;

Quatre membres choisis parmi les urbanistes, architectes et autres personnes particulièrement qualifiées, désignés : deux par le ministre chargé des Régions libérées et deux par le ministre de l'Intérieur.

Elle peut s'adjoindre des rapporteurs qui ont voix délibérative dans les affaires qu'ils rapportent.

Cette Commission est chargée d'établir les règles générales de nature à guider les muni-

cipalités dans l'application de la présente loi et donne son avis sur toutes les questions et tous les projets qui lui sont renvoyés par le ministre de l'Intérieur ou le ministre chargé des Régions libérées, soit d'office, soit sur la demande de la Commission elle-même, par une délibération motivée.

Art. 6. — Lorsque le projet n'intéresse qu'une seule commune, et sauf le cas prévu au cinquième paragraphe de l'article 1^{er} régi par l'article 8 ci-après concernant les groupes d'habitations, le Conseil municipal, sur la proposition du maire, désigne l'homme de l'art ou la société qu'il charge de l'étude et de la confection des plans et projets.

Si, dans le délai de deux mois, à partir de la promulgation de la présente loi, cette désignation n'a pas été faite, le préfet met le Conseil municipal en demeure d'y procéder dans un délai d'un mois, passé lequel il fait lui-même d'office la désignation nécessaire.

Lorsque le plan n'a pas été établi dans les délais prévus aux articles 1^{er} et 2 ci-dessus, le préfet fait procéder d'office à ce travail aux frais de la commune et celle-ci est déchue de son droit aux subventions prévues à l'article 3, paragraphe 3, de la présente loi.

Art. 7. — Dès que le plan, programme et arrêté prévus à l'article 1^{er} ont été établis, ils sont soumis, après avis du bureau d'hygiène et, à son défaut, de la Commission sanitaire de la circonscription :

1° A l'examen du Conseil municipal ;

2° A une enquête dans les conditions de l'ordonnance du 23 août 1835 ;

Et 3° à l'examen de la Commission prévue à l'article 4.

Le Conseil municipal ensuite est appelé à donner son avis définitif

Si le Conseil municipal refuse ou néglige d'examiner le plan, le préfet lui adresse une mise en demeure et lui impartit un délai ne pouvant excéder un mois, passé lequel il examine lui-même le plan.

Il en est de même dans le cas où le Conseil municipal refuse ou néglige de donner son avis définitif

Le préfet transmet le dossier accompagné de son avis motivé au ministre de l'Intérieur qui consulte, s'il le juge utile, la Commission supérieure et les travaux à exécuter par application du plan sont déclarés d'utilité publique par décret en Conseil d'Etat.

Toutefois, lorsqu'il s'agit d'une agglomération rentrant dans les cas prévus par l'article 2 de la présente loi, la déclaration d'utilité publique est prononcée par arrêté du préfet, sur avis conforme de la Commission instituée par l'article 4, sauf en ce qui concerne les agglomérations énumérées à l'article 1^{er} pour lesquelles un décret en Conseil d'Etat est toujours nécessaire.

Art. 8. — Les associations, sociétés ou particuliers qui entreprennent la création ou le développement de groupes d'habitations sont tenus de déposer à la mairie un plan d'aménagement comprenant le raccordement avec les voies publiques et, s'il y a lieu, avec les canalisations d'eau potable et les égouts de la commune.

Dans les vingt jours qui suivent ce dépôt, le plan est soumis à l'examen du bureau d'hygiène ou, à son défaut, de la Commission sanitaire de la circonscription, au Conseil municipal, puis à une enquête dans les formes prescrites par la circulaire du ministre de l'Intérieur du 20 août 1825.

Un mois après une mise en demeure dûment constatée, adressée par le propriétaire au maire et restée sans résultat, le préfet peut prescrire l'enquête.

Le plan est ensuite soumis à la Commission prévue à l'article 4 ci-dessus et approuvé, s'il y a lieu, par arrêté préfectoral.

La décision du préfet doit intervenir dans le mois qui suivra l'enquête. A défaut de décision dans ce délai, le plan est réputé approuvé.

Lorsque le plan est approuvé, aucune construction ne peut être édifiée sans la délivrance, par le maire, d'un permis de construire dans les conditions prévues par l'article 11 de la loi du 15 février 1902.

Art. 9. — Lorsque le projet de reconstruction, d'aménagement, d'embellissement et d'extension est de nature à intéresser plusieurs communes du département, le préfet peut provoquer une étude d'ensemble de ce projet de la part des municipalités intéressées et instituer, même d'office, des conférences intercommunales en vue de la constitution de syndicats de communes, conformément aux prescriptions des articles 116 et 169 de la loi du 5 avril 1884.

Le projet est instruit et déclaré d'utilité publique dans les formes indiquées par les articles 6 et 7 de la présente loi.

Si le plan doit dépasser les limites du

département, il est dressé dans une conférence interdépartementale suivant les dispositions des articles 89, 90 et 91 de la loi du 10 août 1871 et soumis ensuite, dans chaque commune, aux formalités prévues aux articles 6 et 7 de la présente loi.

Il est déclaré d'utilité publique par une loi qui fixera les mesures nécessaires à son application.

Art. 11. — A dater de la publication de l'acte portant déclaration d'utilité publique d'un plan de reconstruction, d'aménagement, d'embellissement et d'extension, ou de l'arrêté préfectoral approuvant les plans relatifs aux groupes d'habitations prévus à l'article 8, les propriétaires de terrains en bordure des voies et places projetées devront se conformer aux règles édictées par la législation sur l'alignement et ne pourront édifier des constructions nouvelles sans avoir obtenu, au préalable, un permis de construire délivré par le maire. Et il ne pourra plus être édifié de constructions nouvelles, en bordure des voies ou places projetées, que suivant les alignements fixés.

A cet effet, aucune construction ne pourra être édifiée sans la délivrance par le maire d'un permis de construire.

La présente loi, délibérée et adoptée par le Sénat et par la Chambre des Députés, sera exécutée comme loi de l'Etat.

Fait à Paris, le 14 mars 1919.

R. POINCARÉ.

Par le Président de la République :

Le ministre de l'Intérieur,

J. PAMS.

Le ministre des Régions libérées,

A. LEBRUN.

*Le ministre de l'Instruction publique
et des Beaux-arts,*

L. LAFFERRE.

*Le ministre des Travaux publics
et des Transports,*

A. CLAVELLE.

